

Revista da Academia Matogrossense de Letras

3000

NOVA SÉRIE - Nº 1
(1991-1992)



CLOVIS DE MELLO

JOÃO ALBERTO N.G. MONTEIRO



JOSE BARNABE DE MESQUITA

* Centenário do
nascimento de
JOSÉ DE MESQUITA

* Posse dos novos
acadêmicos



SATYRO B. DE OLIVEIRA

MOISÉS M. MARTINS JR.



RONALDO DE ARRUDA CASTRO



1991/1992
38

REVISTA DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE
DE LETRAS

ANO: 1991-1992 - Nº 1

SUMÁRIO

3000

Revista
da Academia
Matogrossense
de Letras

**NOVA SÉRIE - N: I
(1991-1992)**

Pulchritudinis studium habentes

CUIABÁ - MT - JULHO DE 1993

SUMÁRIO

- "Verba volant, scripta manent"	7
- Síntese histórica.....	9
- Relação das Cadeiras, com os respectivos patronos e ocupantes.....	15
- Posse do Acadêmico CLÓVIS DE MELLO.....	20
- Posse do Acadêmico JOÃO ALBERTO NOVIS GOMES MONTEIRO.....	35
- Posse do Acadêmico CLÓVIS DE MELLO na Presidência da entidade.....	49
- Posse do Acadêmico SATYRO BENEDICTO DE OLIVEIRA.....	54
- Centenário de nascimento do Acadêmico JOSÉ BARNABÉ DE MESQUITA e posse do Acadêmico RONALDO DE ARRUDA CASTRO.....	68
- Bicentenário da Inconfidência Mineira e posse do Acadêmico MOISÉS MENDES MARTINS JÚNIOR.....	109
- Cavalcanti Proença: anotações para um esboço de biografia	136
- O quinto centenário e a redescoberta de Colombo	139
- Ante a queimada.....	152

ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS

DIRETORIA (1991 - 1993)

Presidente - CLÓVIS DE MELLO; 1º Vice-Presidente - ARCHIMEDES PEREIRA LIMA; 2º Vice-Presidente - PEDRO ROCHA JUCA; Secretário Geral - ADAUTO DIAS DE ALENCAR; Secretário - UBALDO MONTEIRO DA SILVA; Tesoureiro - JOÃO ALBERTO NOVIS GOMES MONTEIRO; 2º Tesoureiro - CLÓVIS PITALUGA DE MOURA; Comissão Editorial - LENINE DE CAMPOS PÓVOAS, JOÃO ANTONIO NETO e RONALDO DE ARRUDA CASTRO; Comissão de Eventos - CLÓVIS PITALUGA DE MOURA, SATYRO BENEDICTO DE OLIVEIRA e MOISÉS MENDES MARTINS JÚNIOR.

Revista da Academia Matogrossense de Letras

*Órgão oficial da Academia
Mato-grossense de Letras*

EXPEDIENTE

Diretor - Clóvis de Mello

Comissão Editorial - Lenine de Campos Póvoas, João Antônio Neto e Ronaldo de Arruda Castro

Editor - Ronaldo de Arruda Castro (DRT nº 112)

Conselho Consultivo - Acadêmicos Adauto Dias de Alencar, Antonio de Arruda, Archimedes Pereira Lima, Benedito Pedro Dorilêo, Benedito Pereira do Nascimento, Benjamin Duarte Monteiro, Bernardo Elias Lahdo, Clóvis Pitaluga de Moura, Corsindio Monteiro da Silva, Demóstenes Martins, Ernesto Pereira Borges, Francisco Leal de Queiróz, Hélio Serejo, Jary Gomes, João Alberto Novis Gomes Monteiro, José Couto Vieira Pontes, José Ferreira de Freitas, Luis Philippe Pereira Leite, Maria Benedita Deschamps Rodrigues, Maria de Arruda Muller, Moisés Mendes Martins Júnior, Natalino Ferreira Mendes, Pedro Cometti, Pedro Rocha Jucá, Raimundo da Conceição Pombo Moreira da Cruz, Satyro Benedicto de Oliveira, Sebastião Carlos Gomes de Carvalho, Tetuliano Amarilha, Ubaldo Monteiro da Silva e Vera Randazzo.

Endereço: Rua Barão de Melgaço, n. 3.869 - Centro - CUIABÁ - MT
CEP 78.000 - Telefone N: 624-6782

Diagramação e revisão: GUATÓ EDITORIAL - Assessoria e Planejamento
Rua Albuquerque Peixoto nº 987 - Verdão - Telefone nº 321-5811 - CUIABÁ - MT

Capa: Ronaldo de Castro

Composição, "past up", impressão e acabamento: GENUS - Indústrias Gráficas e Comércio Ltda
Rua 13 de Maio, nº 171-A - Coxipó - Telefone nº 361-2030 - CUIABÁ-MT

“VERBA VOLANT, SCRIPTA MANENT”⁽¹⁾

A mensagem condensada no provérbio latino estampado em epígrafe dá a dimensão da importância do lançamento, neste mês de julho de 1993, de novo número da *Revista da Academia Matogrossense de Letras*, o primeiro da Nova Série agora inaugurada, abrangendo a cobertura de eventos e a veiculação de algumas produções acadêmicas no biênio 1991-1992.

Depois de oito anos de sepulcral silêncio, em que nenhuma publicação da Casa, no gênero, pôde sair do prelo, retomamos assim as linhas de uma tradição iniciada em 1922, ano de lançamento do primeiro número da revista do antigo Centro Matogrossense de Letras, denominado ao depois Academia Matogrossense de Letras.

Dificuldades de toda ordem, no passado mais recente, com maior força os impedimentos de natureza financeira, não permitiram a circulação regular da revista acadêmica, cuja presença vem sendo esporádica no já pequeno universo editorial matogrossense, reaparecendo aqui e ali, depois de angustiantes intervalos de silêncio absoluto. Entenda-se: sofrendo à falta de recursos próprios, posta destituída dos poderes de Midas, a instituição sempre dependeu - como depende ainda - da generosidade dos poderes públicos, que nem sempre tiveram a sensibilidade de Mecenas no amparo a publicações culturais. Agora, porém, essa deficiência começa a ser superada, em parte, com a nova postura, mais flexível e atenciosa, assumida pelo poder governamental diante das necessidades e solicitações da Academia - a mais representativa entidade cultural de Mato Grosso -, resultando desse novo padrão de relacionamento, por exemplo e entre concessões outras, o lançamento deste número da revista através de convênio entre a Academia e a Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Mato Grosso, com verbas alocadas pelo Fundo Estadual de Educação (FEE), ficando assegurado às bibliotecas da rede de escolas públicas estaduais, em contrapartida, o recebimento de um exemplar desta edição. Pelo que a comunidade acadêmica, reverente, agradece a prestigiosa deferência.

Por outro lado, devido ao acúmulo de matérias e para que se não perca o contato dinâmico com a atualidade, a direção da Academia considerou de bom alvitre entremear a publicação de material recente com a de textos mais antigos, enfileirando uns e outros, separadamente, em cada número da revista a ser lançado. Neste número, *e.g.*, o primeiro da Nova Série, cobre a revista os anos de 1991 e 1992, embora adstrita aos principais acontecimentos, entre estes os da posse, nesse período, de novos acadêmicos, com a divulgação dos pronunciamentos havidos, que, como nos ensina Sêneca nas suas fulgurantes EPÍSTOLAS, *oratio vultus animi est* ⁽²⁾. Também mereceram natural destaque as alocuções proferidas nas comemorações do bicentenário de Tiradentes e do quinentésimo aniversário do descobrimento da América, promovidas pela Academia. Mais não pudemos fazer, à falta de espaço. Mas há muito, muito mais a exigir (e a merecer) publicação.

Neste aspecto, aliás, chega a ser de certa forma reconfortante a abundância de textos literários a divulgar. Material bom e inédito, com efeito, temô-lo para regularizar de vez a circulação da revista, faltando-nos recursos para fazê-lo, o que é lamentável. Mas bem pior seria se, com todos os recursos à disposição, nos faltasse material de qualidade para a empreitada. Aí seria o desespero total, que toda Academia que se preza não pode representar o templo marfínico consagrado à contemplatividade inócua, mas um organismo vivo dedicado à produção e à disseminação dos valores da cultura e do espírito, devolvendo à sociedade - e em dobro - o que dela recebe em termos de estímulo e apoio, num processo simbiótico permanente.

Assim, é com o espírito regozijante que entregamos à intelectualidade este novo número da *Revista da Academia Matogrossense de Letras*, retomando um fazer acadêmico dos mais salutares e abrangentes. E que possamos dizer com o grande Dante Alighieri: *incipit vita nova* ⁽³⁾.

A EDITORIA

(1) - As palavras voam, a escrita fica. Conhecido provérbio latino.

(2) - O discurso é o rosto da alma. Citação de Sêneca, o Filósofo (Lucius Annaeus Seneca). In EPÍSTOLA CXV, 2.

(3) - Começa a vida nova. In VIDA NOVA, de Dante, frase utilizada como epígrafe.

ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS

SÍNTESE HISTÓRICA

Solenemente instalada a 07 de setembro de 1921, no Palácio da Instrução, onde hoje funciona a Fundação de Cultura e Turismo de Mato Grosso, a Academia Mato-grossense de Letras teve seu embrião na casa de JOSÉ DE MESQUITA, à Rua 13 de Junho, nesta Capital.

O próprio JOSÉ DE MESQUITA esclarece:

"No dia 17 de maio de 1921, numa 3ª feira, nos reunimos, LAMARTINE FERREIRA MENDES, JOÃO BARBOSA DE FARIA e EU, e assentamos a fundação de uma sociedade literária, que tomaria o singelo nome de Centro Mato-grossense de Letras e composta de vinte e quatro sócios, dos quais doze fundadores, que escolheriam os demais. Essa reunião se efetivou à noite, em nossa casa, à Rua 13 de Junho, sendo, no dia seguinte, distribuída aos outros nove companheiros da jornada inicial, a seguinte carta...

No dia 23 de maio de 1921, domingo, às 09:00 hs. da manhã, no salão nobre do Palácio da Instrução, fundava-se o Centro, presentes os promotores e convidados, exceto D. AQUINO, então Presidente do Estado, que subscreveu a ata, concorde com as deliberações.

Os fundadores foram: JOSÉ DE MESQUITA, LAMARTINE FERREIRA MENDES, JOÃO BARBOSA DE FARIA, D. AQUINO CORRÊA, ESTEVÃO DE MENDONÇA, JOÃO CUNHA, VIRGÍLIO CORRÊA FILHO, MIGUEL MELO, PHILOGÔNIO CORRÊA, CESÁRIO PRADO, CARLOS BORRALHO e FRANKLIN CASSIANO.

Pelos doze acima nomeados, foram escolhidos os seguintes membros: ANA LUIZA PRADO, ANTONIO FERNANDES, AUGUSTO CAVALCANTI, JOAQUIM GAUDIE DE AQUINO CORRÊA, JOSÉ MAGNO DA SILVA PEREIRA, JOSÉ RAUL VILÁ, LEOVEGILDO DE MELO, MANOEL PAES DE OLIVEIRA, MANOEL XAVIER PAES BARRETO, OTÁVIO CUNHA, PALMIRO PIMENTA e ULISSES CUIABANO.

A sessão solene de instalação do Centro, realizada a 7 de setembro de 1921, foi presidida pelo Chefe do Estado e Presidente de honra da nascente entidade, D. AQUINO CORRÊA, o qual, em brilhante alocução, sugeriu para esta Academia a legenda - "PULCHRITUDINIS STUDIUM HABENTES" - "Cultores da Beleza".

A sua 1ª Diretoria ficou assim constituída:

Presidente: JOSÉ DE MESQUITA

Vice-Presidente: VIRGÍLIO CORRÊA FILHO

1º Secretário: PHILOGÔNIO CORRÊA

2º Secretário: LAMARTINE CORRÊA

Tesoureira: ANA LUIZA PRADO.

Destes foram substituídos os que transferiram sua residência para fora da sede: VIRGÍLIO CORRÊA FILHO, por PALMIRO PIMENTA, LAMARTINE MENDES, por FRANCISCO MENDES, ANA LUIZA, por JOÃO CUNHA, FRANKLIN CASSIANO por ISAC PÓVOAS.

A 07 de setembro de 1932, o Centro se transformou em Academia Mato-grossense de Letras, cujos Estudos, aprovados a 22 de abril do ano seguinte, declararam ser a Academia o mesmo Centro, "ao qual ela substituiu, sucede e continua, conservando a mesma sede e a mesma finalidade".

O número de membros efetivos da Academia permaneceu o mesmo do Centro, até 1940, quando, em virtude da reforma dos Estatutos, para harmonizá-los com os da Federação das Academias de Letras do Brasil, a quem se filiara, foi elevado a 30. Os novos

Estatutos, votados a 28 de agosto desse ano, foram alterados, em 1944, para a elevação a 40 do número de acadêmicos efetivos, fixando-se em 50 o dos correspondentes (01).

Desde a sua fundação, em 1921, a Academia foi presidida pelo eminente Desembargador JOSÉ DE MESQUITA, até o dia 22 de junho de 1961, data do seu falecimento. Durante esses 40 anos, viveu a Academia um período de fastígio e de extraordinária vitalidade.

O desaparecimento do grande Presidente JOSÉ DE MESQUITA - "coração e alma da nossa Academia", como o chamou o confrade LENINE DE CAMPOS PÓVOAS, bem como o falecimento de seus mais diretos colaboradores na Casa Barão de Melgaço (PHILOGÔNIO CORRÊA, VIRGÍLIO CORRÊA FILHO, ESTEVÃO DE MENDONÇA, FRANKLIN CASSIANO, ISÁC PÓVOAS e NILO PÓVOAS), abalou profundamente a vida da Academia, a qual se viu como que num vácuo.

Foi então eleito para a Presidência o ilustre acadêmico ANTONIO DE ARRUDA, que apenas por breve tempo exerceu o encargo, uma vez que transferiu sua residência para o Rio de Janeiro; sucedeu-o o acadêmico GERVÁSIO LEITE, acometido, logo depois, por uma grave enfermidade que o levou, também, para a antiga Capital Federal, em tratamento de saúde; o acadêmico WANIR DELFINO CÉSAR, que o sucedeu, veio a falecer pouco tempo depois, vítima de pertinaz moléstia.

Ocorreu, pois, um período de grande instabilidade para a vida da Academia. Várias vezes, nesses intervalos entre os Presidentes, respondiam pela direção da Casa os acadêmicos FRANCISCO ALEXANDRE FERREIRA MENDES, Vice-Presidente, e RUBENS DE MENDONÇA, Secretário.

Em 1981, assumiu a Presidência da Academia o eminente confrade LENINE DE CAMPOS PÓVOAS, que realizou excelente administração, ao longo de um decênio, até 1991, quando recuperou a Biblioteca da Casa Barão de Melgaço; realizou muitas obras de reparo e conservação do edifício-sede; reeditou as obras completas de D. AQUINO, sob a supervisão do acadêmico CORSÍNDIO MONTEIRO DA SILVA; patrocinou o lançamento de livros de autores mato-grossenses; reeditou obras de JOSÉ DE MESQUITA - "Genealogia Mato-grossense"; ministrou cursos de História de Mato Grosso; promoveu a reforma dos Estatutos da Academia, devidamente registrados no Cartório de Títulos e Documentos da Comarca da Capital.

Durante a Presidência de JOSÉ DE MESQUITA foram publicadas as seguintes Revistas:

Do Centro Mato-grossense de Letras:

1922 a 1932 - Tomos I a XXII

1933 a 1959 - Tomos I a LII.

Em 1961, foi editado um volume - Tomos LIII-LIV, dedicado à memória de JOSÉ DE MESQUITA.

Nos anos de 1962 e 1963, sob a Presidência do acadêmico ANTONIO DE ARRUDA, foram editados os Tomos LV e LVI.

Na gestão do Presidente LENINE DE CAMPOS PÓVOAS foram editados dois números da Revista, em 1982 e 1985.

O estudo da história da literatura mato-grossense passa necessariamente pelas Revistas da Academia.

No dia 29 de novembro de 1991, o acadêmico CLÓVIS DE MELLO, ocupante da Cadeira nº 35, foi eleito e empossado Presidente da Academia Mato-grossense de Letras.

A assunção solene do cargo deu-se a 14 de dezembro de 1991, por ocasião da posse do acadêmico SATYRO BENEDICTO DE OLIVEIRA na cadeira nº 02, cujo Patrono é JOAQUIM DA COSTA SIQUEIRA e último ocupante, GERVÁSIO LEITE. A recepção ao novo confrade foi produzida pelo acadêmico LENINE DE CAMPOS PÓVOAS, titular da Cadeira nº 33.

Em 1992, dois magnos acontecimentos foram comemorados em sessões solenes da Academia:

- 10/03/92 - Centenário de nascimento do Presidente JOSÉ BARNABÉ DE MESQUITA, quando o acadêmico RONALDO DE ARRUDA CASTRO tomou posse na Cadeira nº 12. Na ocasião, a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos lançou a marca postal comemorativa do centenário do nosso fundador; lançada pela Academia a reedição de obras de MESQUITA, sob o título "Genealogia Mato-grossense", em cada exemplar foi aposto o carimbo postal. A respeito da vida e obra de MESQUITA dissertou a acadêmica VERA RANDAZZO, titular da Cátedra nº 19. O acadêmico ARCHIMEDES PEREIRA LIMA, 1º Vice-Presidente, recebeu o novo consócio, poeta RONALDO DE CASTRO.
- 21/04/92 - Bicentenário de Tiradentes e posse do acadêmico MOISÉS MENDES MARTINS JÚNIOR na Cadeira nº 08. A respeito da Inconfidência Mineira falaram os acadêmicos JOSÉ FERREIRA DE FREITAS e SATYRO BENEDICTO DE OLIVEIRA. O novel confrade foi recepcionado pelo acadêmico CLÓVIS PITALUGA DE MOURA, titular da Cadeira nº 5.

No dia 03 de setembro de 1992, o acadêmico JOÃO ALBERTO NOVIS GOMES MONTEIRO, titular da Cátedra nº 34, lançou a biografia de seu pai - Deodato Gomes Monteiro. A obra tem o sugestivo título "O Boateiro e sua Janela Mágica" e foi lançada em sessão solene da Academia. O produto da venda desta obra será revertido em favor da Casa Barão de Melgaço.

O lançamento das obras "Genealogia Mato-grossense" e "O Boateiro e sua Janela Mágica" deveu-se ao patrocínio da Federação das Indústrias do Estado de Mato Grosso - FIEMT, e da TELEMAT, respectivamente.

A 18 de dezembro de 1992, com a presença do Governador Jayme Veríssimo de Campos, a Academia Mato-grossense de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso patrocinaram o lançamento de importante obra - "Estudo Bibliográfico da História, Geografia e Etnologia de Mato Grosso" - de autoria do historiador PAULO PITALUGA COSTA E SILVA, membro efetivo do IHGMT.

A Diretoria da Casa Barão de Melgaço, para o biênio 1991/1993, está assim constituída:

- Presidente: — CLÓVIS DE MELLO
- 1º Vice-Presidente: — ARCHIMEDES PEREIRA LIMA
- 2º Vice-Presidente: — PEDRO ROCHA JUCÁ
- Secretário-Geral: — ADAUTO DIAS DE ALENCAR
- Secretário: — UBALDO MONTEIRO DA SILVA
- Tesoureiro: — JOÃO ALBERTO NOVIS GOMES MONTEIRO
- 2º Tesoureiro: — CLÓVIS PITALUGA DE MOURA
- Comissão de Eventos: — CLÓVIS PITALUGA DE MOURA,
SATYRO BENEDICTO DE OLIVEIRA e
MOISÉS MENDES MARTINS JUNIOR
- Comissão Editorial: — LENINE DE CAMPOS PÓVOAS,
JOÃO ANTONIO NETO e
RONALDO DE ARRUDA CASTRO.

— A Casa Barão de Melgaço —

O Centro Mato-grossense de Letras e o Instituto Histórico de Mato Grosso, este fundado a 08 de abril de 1919, ocuparam, durante alguns anos (07/09/24 a 14/06/29), uma das salas da Diretoria de Instrução, à Praça Ipiranga (atual IOMAT).

A primeira sede do Centro foi no Palácio da Instrução, onde funcionava o Liceu Cuibano, sob a direção do emérito Prof. PHILOGÔNIO CORRÊA.

A 14 de janeiro de 1926, o Dr. Estevão Alves Corrêa, então Presidente do Estado, acolhendo uma grande representação popular, tendo à frente o historiador ESTEVÃO DE MENDONÇA, decretou a desapropriação do prédio nº 46, à Rua Barão de Melgaço,

para "manter o culto cívico e a memória intemerata do grande Leverger, que nela vivera, e morrera", segundo reza o citado Decreto. O imóvel fora adquirido pelo Almirante Augusto Leverger em 1842.

O pagamento do imóvel expropriado foi feito à neta de Leverger, D. Catarina Leverger Corrêa. Era intenção do Governo instalar, nesse prédio, o Instituto e o Centro.

Todavia, o imóvel não foi entregue aos seus destinatários. Obrigados à entrega da sala que ocupavam na Diretoria de Instrução, o Instituto e o Centro obtiveram abrigo no Seminário Arquiepiscopal, sob a proteção de D. AQUINO.

A 23 de novembro de 1930, centenário da chegada a Cuiabá de Augusto Leverger, o Coronel Antonio Menna Gonçalves, Interventor Federal, assinou, em uma das salas do edifício, o Decreto nº 1, referendado por VIRGÍLIO ALVES CORRÊA FILHO, seu Secretário Geral, fazendo solene entrega da "Casa Barão de Melgaço" aos donatários. A Escritura de Doação foi lavrada a 15 de abril de 1931, no Segundo Tabelionato da Comarca da Capital, do Tabelião João Pereira Leite, Livro nº 143 - fls. 96-v a 97 e v., subscrita pelo Interventor Federal, Antonino Menna Gonçalves, representando o Estado, e por D. FRANCISCO DE AQUINO CORRÊA e JOSÉ BARNABÉ DE MESQUITA, como representantes do Instituto Histórico e do Centro Mato-grossense de Letras, respectivamente.

Reza a escritura:

"... pelo Excellentíssimo Senhor Interventor Federal Coronel Antonino Menna Gonçalves, me foi dito que, sendo o Governo do Estado de Matto-Grosso, por Decreto nº hum, de vinte e treis de novembro de mil novecentos e trinta, commemorando o primeiro centenário da chegada a esta cidade do mais tarde Almirante Augusto Leverger, Barão de Melgaço, destinado a casa em que sempre residiu e onde falleceu esse egregio bretão cuiabanizado, para sede do "Instituto Histórico de Matto-Grosso" e do "Centro Matto-Grossense de Letras", sodalícios que mantêm o culto cívico como parte essencial do seu programa, tendo o Barão de Melgaço, como um dos seus patronos; por esta escriptura, como representante do Estado de Matto-Grosso, e em virtude do disposto no artigo segundo do citado Decreto de 23 de Novembro de 1930, fazia doação às ditas associações do referido prédio, situado a rua Barão de Melgaço nº 177, esquina da Travessa Voluntários da Pátria, transferindo-lhes o dominio, posse, direito e acção que o Estado de Matto-Grosso tenha sobre o mesmo prédio, ficando estabelecido que elle voltará ao Estado de Matto-Grosso, de plena propriedade, caso desapareçam aquellas sociedades, nos termos do artigo 1174 do Código Civil Brasileiro. E, pelos Excelentísimos Senhores Arcebispo Don Francisco de Aquino Corrêa e Desembargador José Barnabé de Mesquita, em presença das mesmas testemunhas, me foi dito que aceitavam a presente doação e todos os seus termos..."

O imóvel que constitui a Casa Barão de Melgaço passou por várias modificações:

- a 1ª ocorreu em 1926, no Governo Mário Corrêa, que, como informa ESTEVÃO DE MENDONÇA, fundador da Cadeira Barão de Melgaço, "fez descer a picareta sobre as paredes, numa apressada adaptação com destino a duas Secretarias de Estado" (Rev. da AML, pág. 14 - Bibliografia, 01);
- a 2ª, em 1935, no Governo Fenelon Muller, quando da construção do Salão Nobre, inaugurado a 07/09/35;
- a 3ª, em 1936, quando ruiu parte do teto e foi reconstruído (Governo Mário Corrêa), o que resultou numa elevação de 1,50m na altura do Salão Nobre (17 de março de 1936);
- a 4ª, em 1959, no Governo João Ponce de Arruda;
- a 5ª, em 1980, ampla reforma no Governo Frederico Campos.

A instalação solene do Centro Mato-grossense de Letras na sua sede definitiva - Casa Barão de Melgaço - que é, também, a sede do Instituto Histórico e Geográfico

de Mato Grosso, - deu-se a 24 de junho de 1931. Ambas as entidades coirmãs permanecem aqui sediadas até a presente data.

O Centro passou a denominar-se Academia Mato-grossense de Letras, em virtude de proposta de 15/08/32, subscrita por 19 membros do primitivo Centro e aprovada unanimemente.

Parte do imóvel da Casa Barão de Melgaço, que faz limite com o próprio do Ministério da Educação, onde funcionou a Faculdade Federal de Direito de Mato Grosso e, posteriormente, a Secretaria de Educação e Cultura, foi ocupada, por muitos anos, por órgãos da SEC.

Em setembro de 1992, o Secretário de Educação determinou a devolução à Casa Barão de Melgaço da parte do imóvel pertencente às entidades culturais, com a construção aí existente. Obras de adaptação, com recursos próprios da Academia, foram realizadas para a instalação da Sala da Diretoria e aproveitamento de uma copa, invertendo-se a posição das portas e janelas, que passaram para o lado interno do pátio existente ao longo do Salão Nobre (uma porta e duas janelas; uma janela basculante abre-se para o pátio interno que tem frente para a Rua Barão de Melgaço). A fachada do imóvel recebeu nova pintura, em março de 1992, objetivando manter-se a cor original. Os recursos para este serviço foram doados pelo Banco do Estado de Mato Grosso S.A.

Cuiabá, dezembro de 1992

CLÓVIS DE MELLO
Pres. da AML

ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS

RELAÇÃO DAS CADEIRAS, COM OS RESPECTIVOS PATRONOS E OCUPANTES

CADEIRA Nº 1 - Patrono: José Barbosa de Sá
1º Ocupante: Manoel Paes de Oliveira
2º Ocupante: Leônidas Antero de Matos
3º Ocupante: Benjamin Duarte Monteiro.

CADEIRA Nº 2 - Patrono: Joaquim da Costa Siqueira
1º Ocupante: Gervásio Leite
2º Ocupante: Satyro Benedicto de Oliveira

CADEIRA Nº 3 - Patrono: Ricardo Franco de Almeida Serra
1º Ocupante: Miguel Carmo de Oliveira Melo
2º Ocupante: Lécio Gomes de Souza
(Vaga)

CADEIRA Nº 4 - Patrono: Pe. José Manoel de Siqueira
1º Ocupante: Dom Francisco de Aquino Corrêa
2º Ocupante: Pe. Raimundo da Conceição Pombo Moreira da Cruz

CADEIRA Nº 5 - Patrono: Antônio Pires da Silva Pontes
1º Ocupante: Arlindo de Andrade
2º Ocupante: Francisco Ayres
3º Ocupante: Clóvis Pitaluga de Moura

CADEIRA Nº 6 - Patrono: Francisco José Lacerda de Almeida
1º Ocupante: Cecílio Rocha
2º Ocupante: Ernesto Pereira Borges

CADEIRA Nº 7 - Patrono: Cônego José da Silva Guimarães
1º Ocupante: D. Maria de Arruda Müller

CADEIRA Nº 8 - Patrono: Luis D'Alincourt
1º Ocupante: Antônio Fernandes de Souza
2º Ocupante: Luis Felipe Sabóia Ribeiro
3º Ocupante: Antônio Lopes Lins
4º Ocupante: Moisés Mendes Martins Júnior

CADEIRA Nº 9 - Patrono: Dom José Antonio dos Reis
1º Ocupante: Rubens de Mendonça
2º Ocupante: Octayde Jorge da Silva
(Vaga)

CADEIRA Nº 10 - Patrono: Prudêncio Giraldes Tavares da Veiga Cabral
1º Ocupante: Palmiro Pimenta
2º Ocupante: Corsíndio Monteiro da Silva

CADEIRA Nº 11 - Patrono: Barão de Melgaço
1º Ocupante: Estevão de Mendonça
2º Ocupante: Antônio de Arruda

CADEIRA Nº 12 - Patrono: Antônio Cláudio Soído
1º Ocupante: Gabriel Vandoni de Barros
2º Ocupante: Ronaldo de Arruda Castro

CADEIRA Nº 13 - Patrono: Antônio Corrêa do Couto
1º Ocupante: Archimedes Pereira Lima

CADEIRA Nº 14 - Patrono: Padre Ernesto Camilo Barreto

1º Ocupante: Leovegildo Martins de Melo

2º Ocupante: Nilo Póvoas

3º Ocupante: Hélio Jacob

(Vaga)

CADEIRA Nº 15 - Patrono: Joaquim Mendes Malheiros

1º Ocupante: Augusto Cavalcanti de Melo

2º Ocupante: Francisco Alexandre Ferreira Mendes

3º Ocupante: Natalino Ferreira Mendes

CADEIRA Nº 16 - Patrono: Antônio Augusto Ramiro de Carvalho

1º Ocupante: Franklin Cassiano da Silva

2º Ocupante: Padre Wanir Delfino César

3º Ocupante: Joaquim Justino Alves Bastos

(Vaga)

CADEIRA Nº 17 - Patrono: João Severiano da Fonseca

1º Ocupante: Carlos Gomes Borralho

2º Ocupante: Humberto Marcílio Reinaldo

3º Ocupante: Frederico Augusto Rondon

4º Ocupante: Padre Pedro Cometti

CADEIRA Nº 18 - Patrono: Francisco Antonio Pimenta Bueno

1º Ocupante: José Magno da Silva Pereira

2º Ocupante: Alírio de Figueiredo

3º Ocupante: Francisco do Amaral Militão

4º Ocupante: Hélio Serejo

CADEIRA Nº 19 - Patrono: José Vieira Couto de Magalhães

1º Ocupante: José de Mesquita

2º Ocupante: Vera Randazzo

CADEIRA Nº 20 - Patrono: José Estevão Corrêa

1º Ocupante: Filogônio de Paula Corrêa

2º Ocupante: José Adolfo Lima Avelino

3º Ocupante: Domingos Sávio Brandão de Lima

4º Ocupante: Benedito Pereira do Nascimento

CADEIRA Nº 21 - Patrono: Manoel Corsino Peixoto do Amarante

1º Ocupante: Luis-Philippe Pereira Leite

CADEIRA Nº 22 - Patrono: Visconde de Taunay

1º Ocupante: João Barbosa de Faria

2º Ocupante: Carlos de Castro Brasil

3º Ocupante: Pedro Rocha Jucá

CADEIRA Nº 23 - Patrono: Antônio Gonçalves de Carvalho

1º Ocupante: Raimundo Maranhão Aires

2º Ocupante: Agenor Ferreira Leão

3º Ocupante: Tertuliano Amarilha

CADEIRA Nº 24 - Patrono: Aquilino Leite do Amaral Coutinho

1º Ocupante: Ovídio de Paula Corrêa

2º Ocupante: Francisco Bianco Filho

3º Ocupante: Jary Gomes

CADEIRA Nº 25 - Patrono: Amâncio Pulchério de França

1º Ocupante: José Raul Vilá

2º Ocupante: João Antônio Neto

CADEIRA Nº 26 - Patrono: Joaquim Duarte Murtinho

1º Ocupante: Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa

2º Ocupante: Oscarino Ramos
3º Ocupante: Benedito Pedro Dorilêo

CADEIRA Nº 27 - Patrono: José Barnabé de Mesquita (Senior)

1º Ocupante: Ana Luiza Prado Bastos
2º Ocupante: Ubaldo Monteiro da Silva

CADEIRA Nº 28 - Patrono: Caetano Manoel de Faria e Albuquerque

1º Ocupante: Severino Ramos de Queiróz
2º Ocupante: Ulisses Serra
3º Ocupante: Demósthene Martins

CADEIRA Nº 29 - Patrono: Antônio Corrêa da Costa

1º Ocupante: Virgílio Corrêa Filho
2º Ocupante: Virgílio Alves Corrêa Neto
(Vaga)

CADEIRA Nº 30 - Patrono: Manoel Espiridião da Costa Marques

1º Ocupante: Otávio Cunha Cavalcanti
2º Ocupante: Francisco Leal de Queiróz

CADEIRA Nº 31 - Patrono: José Delfino da Silva

1º Ocupante: Lamartine Ferreira Mendes
2º Ocupante: Adauto Dias de Alencar

CADEIRA Nº 32 - Patrono: Francisco Catarino Teixeira de Brito

1º Ocupante: Isac Póvoas
2º Ocupante: José Ferreira de Freitas

CADEIRA Nº 33 - Patrono: Mariano Ramos

1º Ocupante: Nicolau Fragelli
2º Ocupante: Lenine de Campos Póvoas

CADEIRA Nº 34 - Patrono: José Tomás de Almeida Serra

1º Ocupante: Olegário Moreira de Barros
2º Ocupante: João Moreira de Barros
3º Ocupante: João Alberto Novis Gomes Monteiro

CADEIRA Nº 35 - Patrono: Joaquim Pereira Ferreira Mendes

1º Ocupante: José Jaime Ferreira de Vasconcelos
2º Ocupante: João Vilasboas
3º Ocupante: Newton Alfredo de Aguiar
4º Ocupante: Clóvis de Mello

CADEIRA Nº 36 - Patrono: Pedro Trouy

1º Ocupante: Luis Feitosa Rodrigues
2º Ocupante: José Couto Vieira Pontes

CADEIRA Nº 37 - Patrono: Antônio Vieira de Almeida

1º Ocupante: Cesário da Silva Prado
2º Ocupante: Bernardo Elias Lahdo

CADEIRA Nº 38 - Patrono: Frederico Augusto Prado de Oliveira

1º Ocupante: João Cunha
2º Ocupante: Amarilio Novis
3º Ocupante: Ciro Furtado Sodré
4º Ocupante: Benedito Sant'Ana da Silva Freire
(Vaga)

CADEIRA Nº 39 - Patrono: Antônio Tolentino de Almeida

1º Ocupante: Antônio Cesário de Figueiredo Neto
2º Ocupante: Maria Benedita Deschamps Rodrigues

CADEIRA Nº 40 - Patrono: Padre Armindo Maria de Oliveira

1º Ocupante: Rosário Congro

2º Ocupante: Hugo Pereira do Vale

3º Ocupante: Sebastião Carlos Gomes de Carvalho.

ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS

CADEIRA Nº 35

Patrono: JOAQUIM FERREIRA FERREIRA MENDES

Posse do Acadêmico
CLOVIS DE MELLO

CADEIRA Nº 35 - Patrono: Joaquim Pereira Ferreira Mendes
1. Presidente: Antônio Casaró de Paula
2. Presidente: João Pereira de Vals
3. Presidente: Benedita Maria Benedita de Deus

ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS

CADEIRA Nº 35

Patrono: JOAQUIM PEREIRA FERREIRA MENDES

**Posse do Acadêmico
CLÓVIS DE MELLO**

*(Discurso de recepção do Acadêmico BENE-
DITO SANT'ANA DA SILVA FREIRE ao Acadê-
mico CLÓVIS DE MELLO, lido na sessão solene
de posse pelo Acadêmico JOÃO ANTONIO NE-
TO, em 21/04/1991).*

NOBRES ACADÊMICOS,
MEUS SENHORES,
MINHAS SENHORAS:

Repito, com outros amigos: - Recebo os golpes que a vida me adivinha capaz de suportá-los e, no contra-espelho, me ponho em posição de aluno olhando-me nas lições dos golpes...

Pois, hoje, às dores ardidadas que nos povoam de ausências queridas, vem somar a falta que nos faz a alma gêmea do juris-filósofo e poeta introspectivo que o destino nos deu, ao CLÓVIS, ao João Antônio, a mim e a uns poucos unguídos pela solaridade de seu espírito humanista.

Está ausente o querido amigo comum e suas qualidades espirituais que tanto nos identificavam, até nos defeitos de livres pensadores e escravos das Liberdades Democráticas.

Está ausente Renato de Arruda Pimenta, quando CLÓVIS DE MELLO assume, sob todos os títulos de justiça, a sua Academia Mato-grossense de Letras, na cadeira nº 35, cujo patrono, Joaquim Pereira Ferreira Mendes, teve como sucessores José Jayme Ferreira de Vasconcelos, João Villas Boas e o poeta muito amado Newton Alfredo de Aguiar, seu último precedente.

- Que direi, agora, Sra. Wilma Teixeira de Mello?

- Que lhes posso falar mais, Clóvis Mário - Auxiliadora?

E a vocês, Walter Luiz e Silbene! Que mágica palavra posso ofertar, em papel selofane, à semelhança ainda de ovinho da Páscoa, mas como torrãozinho de açúcar, raspado do tacho-coração-gratificado do Vovô CLÓVIS, para a querida netinha, Michelle?

Sim, só me acode dizer, como encerrando esta oração de recepção: Bem-vindo seja, novel Acadêmico CLÓVIS DE MELLO, à Casa Barão de Melgaço, que há muito o esperava para seu próprio gáudio, pelas excelências que exornam sua personalidade de intelectual, aplaudido aqui e alhures.

Entretanto, nobres confrades,

Ilustrada Assistência...

"As origens de todo ato são complexas, e talvez especialmente as do ato de escrever: mesmo assim, essa relação intrincada é tão atraente para os exploradores quanto os Picos F.6 para os alpinistas", - como nos observa Herminingway.

Eis, meus senhores, minhas senhoras, o núcleo conceitual e crítico, adotado pela Academia Mato-grossense de Letras, ao eleger para o colégio de produtores culturais,

seus expoentes, que darão continuidade ao legado que recebemos e temos de enriquecer, silenciosamente.

Nô-lo diz a Casa Barão de Melgaço:

- escolho homens íntegros que sobem a correnteza até a nascente, e cedo lançam o anzol ao lado da pedra porejante -, adotando a lição de Hauden.

Homem de conversa brilhante, que ao salão preferiu o vôo solitário do Espírito.

Eis o refúgio onde se põe o criador de objetos estéticos: o vôo solitário do Espírito.

Referi-me ao criador de objetos estéticos, a exemplo da nova Ordem do Dia, à mesa das discussões dialéticas da modernidade. Com rara desenvoltura estilística, CLÓVIS DE MELLO percorre os gêneros literários de sua eleição: literatura oral, jurídica, documental; um ensaísta dos lampejos divinos nos plenários tradicionais de convivência sabática, com nossos colegas professores, jornalistas, políticos, advogados, outros profissionais liberais e os boêmios estatutários, prelecionando a cultura viva, borbulhante na alma do nosso povo.

Mas, é exatamente nesta hora grave de busca de rumos para a realidade sócio-político-cultural do nosso País, que nos chega o confrade CLÓVIS DE MELLO. Exatamente quando, recentemente, realizou-se um concurso para faxineiro na cidade de São Paulo, ao qual concorreu a esmagadora maioria de profissionais de nível universitário. Nada contra. Nenhum "copsis diminutio" contra tão essencial categoria de faxineiros. Mas, agride acreditar que o ensino nacional se desqualifica, a tal ponto de se nivelar pelas canelas escriturais...

Tenho refletido, nesta licença sabática que a vida está me impondo, sobre a fragilidade da segurança do sistema de vida desta selva humana e suas redomas-de-fumê e concreto-propendido, quando um aguaceiro de uma semana isola a vida nacional do coração mais operoso do País, amarrado que está à asfixia centralista de seus negócios financeiros e políticos, esquecendo-se, porém, que impermeabilizaram o sub-solo sensitivo da Paulicéia Desvairada do Mestre Mário de Andrade.

No livro que aborda partes de minhas reflexões sobre temas dessa gravidade cultural, tenho advertido para que se dê outro tratamento técnico à impermeabilização do solo cuiabano, pois o exemplo é ali mesmo, em Belo Horizonte, Rio e São Paulo, a atestar a própria insânia dos cientistas sociais de plantão.

Observa-se uma azáfama de atividades culturais a explodir talentos nas artes cênicas, plásticas, da palavra, como a dizer que só pela destinação histórica, escoimado o caipirismo que a preside, em grande parte. A visão alongada para se compreender a nova Ordem do Dia, posto no quadro das discussões dialéticas da Modernidade.

Vem, Vossa Excelência, Acadêmico CLÓVIS DE MELLO, nesta noite, "sentar praça" na Casa das Letras de Mato Grosso; o faz como "simples recruta", porém medalhado de lauréis que as tribunas-a-céu-aberto, a cátedra universitária, a cátedra judicante, a cátedra postulatória, a tribuna do conferencista, e a explosão de sua inteligência e cultura salpicam todos que o escutam, embevecidos.

Por isso, ecumênicos que somos, estamos atentos ao grave fenômeno que se vulgariza nos dias de hoje:

"Na perda da identidade ética, o homem moderno está mais solto para liberar sua violência contida".

Vem, Vossa Excelência, repito, confrade CLÓVIS DE MELLO, nesta noite, sentar praça na Casa das Letras de Mato Grosso, até com ares de soldado recruta... E é no momento sócio-político quando mais se aguça o desafio histórico para Cuiabá, que é o de ser entreposto fornecedor de produtos culturais também às ridentes e sofridas comunidades que consolidam o Brasil ao Norte Mato-grossense, e tão carentes de serviços essenciais básicos, sobretudo na área da Educação e Cultura integradas. É o ponteiro da História

dizendo que só do chão das experiências cuiabanas se chegará à Amazônia decisiva, pois, do molhado para o molhado é emendação d'água, dá erro...

Esse é o desafio que a destinação se nos impõe, porque, Cuiabá, caminhando para seu terceiro século de existência, viveu, conviveu e sobreviveu à luz da filosofia do abandono, por parte do Poder Central, por mais de dois séculos, mas construindo um monumento essencialmente brasílico, possibilitou estratificar o processo civilizatório que, hoje, é assimilado e enriquecido pelos contingentes de irmãos brasileiros, que vieram somar **o jabá, o charque, o tutu à mineira, a feijoada carioca, o picadinho à paulista, a carne frescal, o ensopado goiano, frutos do mar, o terrine e o charuto de parreira, a lasanha verde, a bacalhoadá à Gomes de Sá, a chipa, o nosso churrasco nacional**, em ótima convivência palativa com nossos **escaldado, revirado, maria-isabel, francisquito, biscoito de queijo e nossa rapadura-cera** dando o paladar inconfundível da **jacuba cuiabana**, no forno-fogão da unidade nacional.

Eis, aí, nobre confrade, **CLÓVIS DE MELLO**, sua mochila de "trastes", "trechos" e pepitas de ouro de nossa herança ancestral, fincada no poeirão de ferro da Rua Nova, hoje, Dom Aquino Corrêa, no sacerdócio escolar da família Figueiredo: professor Agostinho, Benedito, João Crisóstomo, a meiga professora Guilhermina. Camilo Alfaiate, ao pio comando do poeta de **Terra Natal**, membro da Academia Brasileira de Letras. E mestre Félix, Sebastião Ramos, Nhozinho Bastos, Claro Padeiro, Tuca, Manoel Ourives, Maneco Canavarros, João Bem Dias de Moura e Capitão Valentim, erguendo o mastro, ao ritual dos sete passos, no festão de São João Batista... E que sorriso alegre do sertanista Renato Spinelli, tribunando sertões, com seu irmão Deputado Mário Spinelli!

Rua Nova, do Acadêmico **CLÓVIS DE MELLO**, e especialmente, o Colégio Salesiano São Gonçalo, jóia, régua, raspador e grude de nossa tradição de ensinar, sob a guarda do Seminário e da Casa Paroquial, em frente da Santa Casa de Misericórdia de Cuiabá!

Nobres Autoridades,
Meus Senhores,
Minhas Senhoras,

"O povo brasileiro é uma nação em busca de si mesmo, na sua incompleta gestação étnica e de cultura"... é necessário vertebrar o Brasil; cultura é questão de crença nos seus valores, há muito assim o mostrou e demonstrou Max Weber. A ela pertencem consciência de destino e senso de missão para cumpri-la".

Falou a Academia Mato-grossense de Letras.

De São Paulo para Cuiabá, 19/04/91.

BENEDITO SANT'ANA DA SILVA FREIRE

ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS

CADEIRA Nº 35

Acadêmico CLÓVIS DE MELLO DISCURSO DE POSSE

Senhores Acadêmicos:

"Pulchritudinis studium habentes"

Vós sois os estudiosos da Beleza

Com profundo respeito, possuído da mais intensa emoção, penetro na "Casa Barão de Melgaço", sodalício mais augusto da Cultura Mato-grossense, para tomar assento na Cadeira n.º 35 da Academia Mato-grossense de Letras, que tem, como Patrono, JOAQUIM PEREIRA FERREIRA MENDES e teve, como ocupantes, pela ordem de precedência, JOSÉ JAYME FERREIRA DE VASCONCELLOS, JOÃO VILLASBOAS (cujo centenário hoje comemoramos) e NEWTON ALFREDO DE AGUIAR, meu predecessor imediato.

Exmo. Sr. Dr. LENINE DE CAMPOS PÓVOAS, DD. Presidente da Academia Mato-grossense de Letras;

Exmo. Sr. Dr. LUIS-PHILIPPE PEREIRA LEITE, DD. Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso:

Digníssimas Autoridades:

Ilustres Confrades:

Senhoras e Senhores:

Mais auspiciosa não poderia ser a data de hoje para o meu ingresso na Academia Mato-grossense de Letras, porque assinala o centenário de JOÃO VILLASBOAS, um dos meus ilustres predecessores, e o dia consagrado a Tiradentes, Patrono da Nação Brasileira.

Ao tomar posse da Cadeira n.º 35, da Academia Mato-grossense de Letras, devo, em primeiro lugar, agradecer a magnanimidade dos meus ilustres confrades, a cuja frente destaco as personalidades de nosso Presidente, Dr. LENINE DE CAMPOS PÓVOAS, e do Dr. LUIS-PHILIPPE PEREIRA LEITE, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, amigos diletos que incentivaram minha presença na "Casa Barão de Melgaço" e, pois, os maiores responsáveis pela honra desta consagração acadêmica.

Nesta hora de tão grande enlevo espiritual, o meu espírito volta-se para a Escola Modelo Barão de Melgaço, para o Colégio Salesiano e para o Liceu Cuiabano, cujos mestres moldaram a minha inteligência e o meu caráter, e mantiveram acesa a chama da Honra, da Liberdade e da Justiça.

Volto os olhos estremecidos pela saudade para o meu avô, Mestre Félix Benedicto de Miranda, Professor dos grandes vultos da história e das letras mato-grossenses; bem como para meu pai, Virgílio Corrêa de Mello, advogado provisionado que labutou nas lides forenses por quase meio século e foi, durante quarenta anos, funcionário público estadual

Sob a direção carinhosa e cativante da querida Professora Alina do Nascimento Tocantins, fiz o Curso Primário na Escola Modelo Barão de Melgaço, tendo sido aluno de Nélia Ponce Dewusky, Célia Nunes de Figueiredo, Maria Luiza Pimenta e Tereza Lobo de Queiroz,

todas elas personalidades do mais alto valor moral e espiritual, amantes das letras e profundamente devotadas ao ensino e à cultura.

Nesta noite de luzes, reverencio, carinhosamente, estas grandes mestras, nomes tutelares que honraram, ontem e honram, hoje e sempre, o Ensino Público em Mato Grosso.

No dia 06 de setembro de 1941, na Praça Alencastro, em frente ao antigo Palácio do Governo, na "Parada da Juventude", como Orador Oficial da Escola Modelo Barão de Melgaço, proferi oração alusiva à Semana da Pátria, perante as altas autoridades do Estado, tendo à frente o Interventor Federal, Bacharel Júlio Muller, e a 1ª Dama, a Exma. Sra. D. MARIA DE ARRUDA MULLER. Júlio Muller, em sinal de estímulo ao orador-mirim, introduziu-o ao interior do Palácio e presenteou-o com uma caneta marchetada de ouro, a mesma que usei durante todo o meu Curso Superior.

Reverencio, aqui e agora, a figura inolvidável de Júlio Muller, na pessoa da veneranda senhora, D. MARIA DE ARRUDA MULLER - a educadora, a poetisa de Mato Grosso e uma das primeiras mulheres, no Brasil, a ocupar uma poltrona acadêmica - a Cadeira nº 7 deste augusto sodalício, da qual tomou posse em 1931.

Devo acrescentar que aquele fato, ocorrido em 1941, foi registrado no Jornal "O Estado de Mato Grosso" pelo jornalista Acadêmico ARCHIMEDES PEREIRA LIMA, amigo dileto e ilustre confrade.

O encontro do menino com o Interventor Federal e as altas autoridades do Estado foi captado pela câmera de Lázaro Papazian, o querido Foto Cháu, o 1º repórter fotográfico de Mato Grosso, o grande cuiabano, cujo recente passamento comoveu profundamente a sociedade cuiabana.

Ambos, ao longo do tempo, acompanharam, com desvelo paternal, a trajetória da vida do novel acadêmico que hoje se empossa neste Silogeu.

No Colégio Salesiano, deparei-me com as figuras exponenciais de Nelson Pombo e RAIMUNDO POMBO, WANIR DELFINO CESAR e PEDRO COMETTI, sacerdotes possuidores da mais alta cultura: WANIR DELFINO CESAR, de saudosa memória, foi Presidente desta Academia; RAIMUNDO POMBO e PEDRO COMETTI são ocupantes das Cadeiras nºs 4 e 17, respectivamente.

No "Liceu Cuiabano" tive o privilégio de ser aluno de ULISSES CUIABANO, DUNGA RODRIGUES e NILO PÓVOAS, imortalizados por esta CASA, pela grandiosidade de seus talentos e de sua imensa cultura.

Ali, no Liceu Cuiabano, aprendi a admirar a figura do Professor ANTONIO CESÁRIO DE FIGUEIREDO NETO, a cujas preleções assisti. Membros deste sodalício, os Professores CESÁRIO NETO e NILO PÓVOAS são reconhecidos mestres de linguística e ocupam posição de relevo na filologia nacional. O Prof. NILO PÓVOAS fez, ainda, a minha preparação para ingresso na então Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, ministrando, em sua própria casa, aulas de Português e Literatura.

Com este embasamento, cursei a Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, hoje integrante da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, de cujo Quadro Docente faziam parte, entre outros, os Professores Homero Pires, Mattos Peixoto, Roberto Lyra, Benjamin de Moraes, Gastão de Macedo, Adamastor Lima, Joaquim Pimenta, Hélio Gomes, Caio Tácito e o inolvidável Ministro Ary de Azevedo Franco, nosso Diretor e Paraninfo da minha Turma de Bacharelandos de 1955.

Um quarto de século mais tarde, na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, sob o patrocínio da Universidade Federal de Mato Grosso, iria defrontar-me com Mestres da estirpe de Miguel Reale, Renato Czenas e Aloysio Ferraz Pereira, no campo da Filosofia do Direito; Ruy Barbosa Nogueira, Hamilton Dias de Souza e Paulo Cabral Nogueira, na seara do Direito Tributário; Manoel Gonçalves Ferreira Filho, na área do Direito Constitucional Comparado; e o pranteado Prof. Fernando Pereira Soderó, no âmbito do Direito Agrário.

Juiz Federal na Seção Judiciária do Estado de Mato Grosso e, posteriormente, Juiz Federal Titular da 9ª Vara Federal na Seção Judiciária de São Paulo, convivi com grandes juristas que, hoje, honram os Tribunais Federais e os Tribunais Superiores da República.

Destaco, nesta oportunidade, o nome do Doutor Mário Figueiredo Ferreira Mendes, colega de judicatura na Seção Judiciária Federal em Mato Grosso, filho do nosso querido amigo e confrade, o historiador Professor FRANCISCO ALEXANDRE FERREIRA MENDES e neto de JOAQUIM PEREIRA FERREIRA MENDES, justamente o egrégio Patrono da Cadeira nº 35, da qual tive a honra de tomar posse. Doutor Mário Mendes é Juiz do Tribunal Regional Federal da 1ª Região, com sede em Brasília, e na sua ilustre pessoa reverencio a memória do meu Patrono, Desembargador JOAQUIM PEREIRA FERREIRA MENDES.

Senhores Acadêmicos:

Regozijo-me por ter a felicidade de suceder a um poeta. Trata-se de NEWTON ALFREDO DE AGUIAR: jornalista, cronista, contista, trovador e poeta, mas, sobretudo o radialista, cuja invulgar criatividade na produção de novelas e programas radiofônicos o transformou em figura indispensável da Rádio "A Voz D'Oeste", ao tempo do saudoso Roberto Jacques Brunini.

NEWTON ALFREDO DE AGUIAR nasceu em Cuiabá, a 18 de junho de 1.923 e faleceu, nesta Capital, em 08/04/87, filho do Dr. Júlio Ferreira de Aguiar e de D. Alice Vieira de Aguiar, era casado com a querida Professora Stella Maria de Campos Aguiar. Seus estudos, primário e secundário, foram realizados no Rio de Janeiro, onde se diplomou, também, em Taquigrafia.

Publicou: "Sonata ao Luar" (radioteatro); "Miosótis" (trovas); "Rosas e Ternura para o Berço de Rondon" (Documentário dos I Jogos Florais de Cuiabá); "Rua do Tempo" (poemas modernos). Sua peça teatral "Os Maus Também Choram" foi encenada nesta Capital. Foi Professor do Colégio Estadual de Mato Grosso, Taquigrafo e Redator de Debates da Câmara Municipal de Cuiabá, que lhe outorgou o Diploma da "Ordem do Mérito Legislativo". Pertenceu a várias Entidades Culturais do País e do exterior; recebeu diversas condecorações, inclusive Diploma do Instituto de Cultura Americana, da República Argentina.

Amigo dileto, NEWTON ALFREDO a todos tratava com distinção e fidalguia. Possuidor de rara sensibilidade artística, NEWTON ALFREDO nasceu poeta.

De "Miosótis", edição de 1968, Gráfica Auriverde Ltda., destaco estas trovas:

48

"A saudade fere a gente...
fere a gente, devagar...
E à medida que ela fere,
mais faz a gente sonhar!

49

"Na vida, a minha fortuna
usa saia e é bem singela...
Tem olhos da cor da noite,
é santa e se chama Stella.

54

"As trovas que eu te componho
são luzes pelo caminho...
pedaço deste meu sonho
e filhas do meu carinho".

Em "PREVISÃO", poema dedicado a Pablo Neruda, constante de sua obra "Rua do Tempo", 1978, Edição da Fundação Cultural de Mato Grosso, pág. 49, assim versejou o poeta:

Degolarei todos os ídolos de barro
e apontarei aos homens um novo caminho.
Novos mercadores se formarão
e novas caravanas renovarão a história dos séculos.
Os mares - que serão outros -
anularão divisas.
E os homens fortes, rígidos,
serão os donos de seus barcos,
numa Terra em que viverão como irmãos.
Um novo arco-iris marcará a gênese de uma nova aurora
depois do dilúvio.
Eu inventarei uma nova história para outros Reis Magos
e um novo Sermão da Montanha
reconstruirá cérebro, corpo, alma e cidades.
Os meus dedos de aço dedilharão novas sinfonias
para os meninos-aprendizes.
Do coração da terra brotarão sorrisos
e novas luzes formarão uma outra Noite."

Sempre tive a maior admiração pelos poetas e pelos sonhadores. São eles os visionários do futuro, os gênios que fazem como que a ligação entre "o que se vê e o que não se vê" e entre "o que se conhece hoje e aquilo que se conhecerá um dia".

Em sua pequena obra-prima "Como um Homem Pensa", afirma James Allen":

"Os sonhos são as sementes da realidade."

"Sonhe com sublimes sonhos e, como sonhar, assim você será."

"Os sonhadores são os salvadores do mundo. Como o mundo invisível mantém o mundo visível, o homem, através de todas as suas experiências, pecados e vocações sórdidas, também é alimentado por belas visões dos sonhadores solitários. A humanidade não pode esquecer seus sonhadores; não pode deixar seus ideais murcharem e morrerem; os sonhadores fazem a humanidade sobreviver e a humanidade os tem como as "realidades" que um dia há de ver e conhecer. Os compositores, pintores, poetas, profetas e sábios são esses os construtores do mundo, os arquitetos do céu. O mundo é belo porque eles existem. Sem eles, a humanidade laboriosa morreria."

Ilustres Confrades:

Trago à lembrança do seletor auditório a figura exponencial de JOÃO VILLASBOAS, 2º ocupante da Cadeira nº 35.

O Presidente da Casa Barão de Melgaço, Dr. LENINE DE CAMPOS PÓVOAS, na apresentação dos poemas, reunidos sob o título de "A Canção da Minha Dor", de autoria de JOÃO VILLASBOAS, cujo centenário hoje festejamos, traçou, em síntese lapidar, o perfil do ilustre homenageado:

"Inteligência brilhantíssima, cultura aprimorada, talento invulgar, João Villasboas dedicou toda a sua vida à política e às lides do Direito, tendo exercido os mandatos de Deputado Estadual, Deputado Federal e Senador da República, além de muitos outros cargos de alto destaque nas administrações do Estado e do País.

"No Senado, onde mais tempo permaneceu, representou, com brilho excepcional, o seu Estado Natal, tornando-se, pela sua cultura jurídica, pelo vasto conhecimento especializado de Direito Eleitoral e pelo seu devotamento aos interesses de Mato Grosso e do Brasil, figura expressiva da Câmara Alta da República, o que o levou a representar o Congresso Nacional, em inúmeras oportunidades, em memoráveis conclaves internacionais.

"Orgulho dos juristas matogrossenses, com várias obras de Direito publicadas, João Villasboas notabilizou-se também, mercê do seu talento literário, como um de nossos mais inspirados poetas".

Da obra "A Canção da Minha Dor", 1.979, Edição da Fundação Cultural de Mato Grosso, extraio estas magníficas estrofes:

III

"Tua ausência
meu amor,
foi a enxada brutal
com que o coveiro estúpido e boçal
da atroz fatalidade,
na frieza da sua inconsciência
abriu dentro em meu peito a sepultura,
onde inhumou, envolto na amargura,
todo o meu sonho de felicidade.

IV

"Eu oiço em toda a parte os hinos da alegria
- e só dentro em meu peito os uivos da agonia.
A natureza canta a glória de viver.
- e meu coração pede o gozo de morrer.
Amor anda aos casais beijando-se na rua
- e eu curto a solidão feroz da ausência tua.

V

"Lá fora
o dia nasce engrinaldado em rosas...
música de luz na palidez da aurora,
carícias de mulher na brisa perfumosa,
arruidos de beijos
no rugir do mar,
estuo de desejos
no alarido infernal das aves a cantar.

.....
E, assim, durante o dia,
a vida crepita
e a alegria
por toda a parte altissona palpita.

VI

"A noite desce...
No céu a lua cheia resplandece
em meio das estrelas cintilantes,
com a brancura de uma euracístia
num ostensório feito de diamantes...
E no espelho polido da baía,
mirando-satisfeita,
põe um lençol de prata liquefeita.
Uma orgia de luz invade as ruas...
Os auto-falantes gritam...
E os cinemas regorgitam
de melindrosas seminuas.

.....
E, por toda a noite em fora,
o anseio do prazer sacode as vidas
na lascívia dos jazz febricitantes,
que, até o vir da aurora,
une os corpos suados dos amantes
na volúpia das danças repetidas.

VII

"Só aqui reina a tristeza...
Nesta casa, hoje vazia
da tua beleza
e da tua mocidade,
o tédio fez a sua moradia
ao lado da saudade".

"A poesia é o amor sob a forma de conhecimento", como escreveu Benedicto Ferri de Barros. "O poeta", prossegue o ilustre autor, "é um tradutor cósmico, um poliglota universal, um intérprete do "verbo" que se acha na origem, na essência e na relação de todas as coisas. É nesse sentido que como linguagem a poesia transcende todas as outras, como conhecimento supera a ciência e como obra se sobrepõe às artes".

"Heidegger considera que na compreensão do universo só a filosofia e a poesia se emparelham em poder espiritual".

A 30 de junho de 1983, ao cumprir o encargo que me foi conferido pela Ordem dos Advogados do Brasil, seccional de Mato Grosso, de saudar o Dr. JOÃO VILLASBOAS, por ocasião do cinquentenário daquela entidade, por ser ele o primeiro advogado inscrito em seus Quadros, tive a oportunidade de proferir as seguintes palavras:

"JOÃO VILLASBOAS, ilustre filho da querida Cáceres, exerceu por mais de quatorze anos a liderança da bancada oposicionista do Senado da República. Parlamentar, de 1927 a 1963, exerceu duas vezes o mandato de Deputado Federal e, por três vezes, foi eleito Senador da República, numa longa e intensa vida parlamentar, durante a qual sempre defendeu as grandes causas de Mato Grosso e da comunidade nacional. Bacharel em Direito pela Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais, do então Distrito Federal, Turma de 1914, exerceu em nosso Estado diferentes funções públicas, tais como: Diretor da Imprensa Oficial, Delegado de Polícia da Capital, Chefe de Polícia do Estado e Procurador Geral do Estado. Jornalista de escol, colaborou em numerosos órgãos da imprensa e fundou seu próprio jornal, em cuja direção enfrentou as mais violentas lutas político-partidárias, indo até a Revolução Armada, o que lhe acarretou o exílio na República da Bolívia. Advogado dos mais brilhantes, conquistou JOÃO VILLASBOAS posição de destaque na cultura jurídica nacional, havendo publicado obra singular, única no gênero, sobre Hipoteca Naval. No âmbito da administração federal, exerceu altas funções, como a de membro do Conselho Superior da Justiça do Trabalho, Conselheiro e Presidente do Conselho Superior das Caixas Econômicas Federais. Jurista, parlamentar, jornalista, orador e poeta, é membro da Academia Mato-grossense de Letras e Presidente de Honra do Centro de Estudos e Atividades Artísticas. Este, em rápidas pinceladas, o perfil do eminente homem público que a OAB-MT tem a honra de homenagear como o primeiro advogado inscrito em seus Quadros".

JOÃO VILLASBOAS era casado com a Exma. Sra. Dra. Isabel Santiago de Carvalho Villasboas, cuja presença nesta solenidade muito nos honra e envaidece. JOÃO VILLASBOAS faleceu, no Rio de Janeiro, a 03 de maio de 1985.

Exmas. Senhoras e Senhores:

Senhores Acadêmicos:

Permita a vossa benevolência que coloque diante de vós o espírito de escol de JOSÉ JAYME FERREIRA DE VASCONCELOS, 1º ocupante da Cadeira nº 35. Em nome desta Academia, em 20 de janeiro de 1945, dele disse o nosso confrade, o Historiador FRANCISCO ALEXANDRE FERREIRA MENDES:

"Nasceu o Sr. JAYME DE VASCONCELLOS, no Distrito Federal a 10 de fevereiro de 1.888, sendo seus pais o engenheiro português Dr. Antônio Ferreira de Vasconcellos e D. Maria Teresa de Mendonça Barreto Meneses de Vasconcellos. Formou-se em Direito pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de

Janeiro, em 1916, dedicando-se desde então à advocacia. A imprensa foi sempre a sua arma de ação, tendo colaborado em quase todos os jornais do Rio de Janeiro, destacando-se "O País", em que firmou sua carreira política.

"Vindo para Mato Grosso a convite do Interventor Camilo Soares, fixou residência em Campo Grande para onde fora então, nomeado Promotor Público. De 1923 a 1926 e de 1929 a 1930, representou Mato Grosso na Assembléia Legislativa do Estado, marcando a sua atuação com caracteres cintilantes do seu talento e da sua cultura. A sua obra em prol da prosperidade pátria, está para sempre assinalada nas condecorações que ornamentam as suas brilhantes conquistas e que constituem por certo, verdadeiro padrão de glória e estímulo, tais como as palmas acadêmicas e o título "Oficier de l'Instrution Publique", com que o agraciou o governo da França; a Cruz de Cavaleiro da "Ordem de Isabel, a Católica", concedida pela Espanha; a Cruz e Diploma de "Cav. Ufficiale" da "Real Ordem da Coroa d'Italia", a comenda de 1º Oficial da "Ordem Nacional del Mérito", concedida pela República do Paraguai.

"Quem assim credenciado transpõe os umbrais desta casa, há de prosseguir na obra glorificadora da imortalidade, dignificando os sublimes feitos pátrios e honrando a clâmide que a Academia Mato-grossense de Letras deposita sobre seus ombros".

O Prof. FRANCISCO MENDES, ilustre filho do nosso Patrono, Des. FERREIRA MENDES, em outra passagem de sua saudação a JAYME DE VASCONCELLOS, acrescentou:

"O gênio não se define e a glória é recompensa aos serviços relevantes prestados à humanidade, à pátria, às ciências e às letras. A Academia Matogrossense de Letras já glorificou a justiça neste preito de alta magnitude. E sendo ela a força da inteligência, o ninho da cultura em cujo seio agasalhante o Estado deposita com fé, todas as esperanças do seu futuro, da sua grandeza, esta consagração basta para evidenciar a nobreza moral, a gratidão sublime dos homens do presente, que respeitam e cultuam a probidade e o caráter, a dignidade e o saber dos "varões ilustres que a terra sublimaram".

O Acadêmico JAYME DE VASCONCELLOS, autor de numerosas obras jurídicas, era Presidente da Associação Mato-grossense de Imprensa, Membro dos Institutos Históricos de Mato Grosso, de Minas Gerais, do Ceará, do Maranhão e de São Paulo, bem como Professor da Faculdade de Direito de Mato Grosso.

Ao referir-se à personalidade do seu egrégio patrono, JAYME DE VASCONCELLOS proferiu estas palavras imorredouras:

"Considero para mim, como um verdadeiro prêmio aos meus continuados esforços, como advogado e como jornalista, em prol do prestígio da justiça e do irrestrito acatamento aos magistrados, a honra de vir ocupar, nesta Academia, a cadeira que tem como Patrono o saudoso Desembargador JOAQUIM PEREIRA FERREIRA MENDES, que durante 30 anos enobreceu a toga de Juiz, tendo durante vários anos dignificado a curul de presidente do Tribunal de Apelação de Mato Grosso.

"Os meus trabalhos, na imprensa ou no livro, sempre e invariavelmente refletiram o meu alto respeito por esses sacerdotes do Bem e da Equidade, que são os juizes, a cujo saber e integridade está confiada a nobre tarefa de fazer respeitar os direitos dos fracos e dos oprimidos, obrigando os fortes, os potentados a se curvarem ante a serena majestade da Lei, fazendo com que as normas abstratas do Direito se alteiem muito acima dos ódios personalistas e das ambições subalternas e interesseiras.

"Assim, - já o disse algures - "homenagear-se a Justiça, é render homenagem à própria Ordem, à própria Segurança, à própria Soberania Nacional, em uma palavra, à própria nacionalidade, que na Justiça tem a pedra angular em que se ergue o majestoso edifício social".

"O patrono da nossa cadeira, esse ilustre mato-grossense que foi o Desembargador FERREIRA MENDES, representa, para a Justiça mato-grossense, um

verdadeiro expoente de alto critério, de sólida cultura, e inatacável probidade. E a sua vida privada foi igualmente um modelo de virtudes, que vêm sendo continuadas por seus dignos descendentes, notadamente os nossos confrades Dr. LAMARTINE FERREIRA MENDES e Professor FRANCISCO FERREIRA MENDES.

"A personalidade do Desembargador FERREIRA MENDES, malgrado a sua modestia, o seu retraimento, o seu quase horror à publicidade em torno do seu incessante e fecundo labor em prol dos interesses do Estado - já como Secretário da Justiça no Governo do saudoso Presidente Joaquim Augusto da Costa Marques, já como íntegro e culto magistrado, na primeira como na superior instância - destaca-se, na história dos primeiros anos da República em Mato Grosso, num relevo incisivo, a que o perpassar dos anos dá maior nitidez, como sucede com a pátina dos tempos nos velhos bronzes romanos".

Eis, Senhoras e Senhores, como a Cátedra acadêmica que, hoje, passo a ocupar se entrelaça com a Lei, o Direito, a Liberdade e a Justiça.

Estou profundamente envolvido na seara do Direito, como advogado, magistrado e professor universitário, ao longo de quase quatro décadas.

De 1961 a 1963, tive a honra de ser professor das primeiras turmas da então nascente Faculdade de Direito, 1ª Escola de Ensino Superior de nosso Estado, embrião da Universidade e que tem dado a Mato Grosso e ao Brasil uma plêiade de profissionais do mais alto padrão moral e intelectual.

Ao longo de 25 anos de ensino no magistério superior, dei à mocidade estudiosa de nossa terra o calor e o entusiasmo da minha juventude, a experiência e a reflexão da minha maturidade.

Na Faculdade de Direito e na Universidade, coloquei-me ao lado de Alcedino Pedroso da Silva, Benedito Vaz de Figueiredo, Mário Figueiredo Ferreira Mendes, José Jayme Ferreira de Vasconcellos, Benjamin Duarte Monteiro, Flávio Varejão Congro, João da Cunha Cavalcanti, Francisco de Arruda Lobo Filho e Francisco de Arruda Lobo Neto, Benedito Aécio Moreira da Silva, Penn de Moraes Gomes, Antônio de Arruda, Lenine de Campos Póvoas, Domingos Sávio Brandão de Lima, Hélio Jacob, José Vidal, Gervásio Leite, João Antônio Neto, Renato de Arruda Pimenta, José Paes Bicudo, Benedito Sant'Ana da Silva Freire, João Luiz da Fonseca e Luiz Vidal da Fonseca, mestres ilustres que firmaram a reputação da Faculdade Federal de Direito de Mato Grosso, e que tudo fizeram, para a criação de um verdadeiro espírito universitário, cômicos de que a tarefa cultural da Universidade, como centro irradiador de cultura, é "a integração do indivíduo na comunidade, em seus valores coletivos, mas de tal forma que cada membro da família universitária não seja um destinatário, mas um protagonista do processo dos sentimentos e das idéias".

É o meu mestre, o eminente jusfilósofo Miguel Reale, quem reafirma:

"Não vacilo em declarar que a cultura universitária é democrática quanto aos fins a atingir e aos meios de ação pedagógica, mas não quanto à estrutura de seus ordenamentos, o numérico prevalecendo sobre o qualitativo".

A "convivência ordenada" de uma Universidade deve alicerçar-se nos "valores de excelência".

Os mesmos "valores de excelência", valem para enfrentar os problemas do Poder Judiciário e para resgatar o prestígio da Justiça.

"A Justiça", dizia Bossuet, é o bem sagrado da Sociedade".

Ruy Barbosa assinalou com a eloquência de seu verbo:

"Não há nada mais relevante para a vida social que a formação do sentimento da Justiça, e este resultado é, na sua maior parte, uma função da cultura jurídica".

Há quase um século, em 1896, perante o Senado da República, a "Águia de Haia", produziu este formoso "CREDO":

"CREIO na liberdade onipotente criadora das nações robustas;
CREIO na lei emanação dela, o seu órgão capital, a primeira de suas necessidades;
CREIO que, neste regime, não há poderes soberanos, e soberano é só o Direito, interpretado pelos Tribunais;
CREIO que a própria soberania popular necessita de limites. E que esses limites vêm a ser as suas constituições por ela mesma criadas, nas suas horas de inspiração jurídica, em garantia contra seus impulsos de paixão desordenada;
CREIO que a República decai, porque se deixou estragar confiando-se ao regime da força;
CREIO que a Federação perecerá, se continuar a não saber acatar e elevar a Justiça:

Porque da Justiça nasce a confiança;

Da confiança a tranquilidade;
Da tranquilidade o trabalho;
Do trabalho a produção;
Da produção o crédito;
Do crédito a opulência;
Da opulência a responsabilidade; a duração; o valor;

CREIO no governo do povo pelo povo;

CREIO, porém, que o governo do povo pelo povo tem a base da sua legitimidade na cultura da inteligência nacional pelo desenvolvimento nacional do ensino, para o qual as maiores liberdades do Tesouro constituirão sempre o mais reprodutivo emprego da riqueza pública;
CREIO na tribuna sem fúria e na imprensa sem restrições, porque CREIO no poder da razão e da verdade;
CREIO na moderação e na tolerância, no progresso e na tradição, no respeito e na disciplina, na impotência fatal dos incompetentes e no valor insuperável das capacidades".

Exmas. Sras. e Senhores:

Imensa é a minha satisfação de ser recepcionado nesta Academia pelo jurista e poeta **BENEDITO SANT'ANA DA SILVA FREIRE**. Mais do que ao jurista, apelei para a benevolência do amigo e a sensibilidade do poeta, para justificar a minha presença na Casa Barão de Melgaço, onde pontificaram tantos vultos da intelectualidade nacional, como **DOM AQUINO** e **JOSÉ DE MESQUITA**.

Em 1921, **DOM FRANCISCO DE AQUINO CORRÊA**, então Presidente do Estado, ao inaugurar o Centro Mato-grossense de Letras, posteriormente transformado, em 1932, na Academia Mato-grossense de Letras, fez inscrever em seu pórtico, sob o simbolismo de uma rosa, um dos símbolos heráldicos da beleza, esta legenda sagrada:

"PULCHRITUDINIS STUDIUM HABENTES"

"ESTUDIOSOS DA BELEZA"

Eu traduzirei a legenda admirável com uma dedicatória com que me presenteou o poeta **SILVA FREIRE**:

"Lavar
a palavra
até fazer-se
Fala."

Sob o lema que lhe sugeriu Rondon:

"Servir o Brasil, porém,
dentro de Mato Grosso".

SILVA FREIRE realizou uma das aspirações de DOM AQUINO de "lançar as bases da literatura regional", porque soube sentir e exprimir o sentido do "tecido telúrico da cultura da cuiabania", na arte insuperável de codificar o multi-temário que vivifica a vivência da gente mato-grossense.

Lembra o Prof. Célio da Cunha, numa análise crítica da obra de SILVA FREIRE, que ele é

"Sobretudo um poeta que está sabendo interpretar de uma maneira precisa e poética a terra e a gente de Mato Grosso".

"Sua principal virtude é a de compreender em profundidade as tradições desta terra mato-grossense, o seu momento histórico e sua projeção para o futuro, encontrando, e isto não é tarefa fácil, formas de expressão que sintetizam formidavelmente as necessidades sentidas e não sentidas do homem mato-grossense".

E sintetiza:

"Quanto mais regional for o escritor, tanto mais universal será."

Em sua posse, ao falar do "poema Telúrico da **cuiabania**" SILVA FREIRE pôde exclamar

- A vida inteira eu tenho me oferecido a Você, -
Pátria do meu coração".

Antes de encerrar, dou a palavra ao nosso confrade JOÃO ANTONIO NETO, na recepção que fez ao Acadêmico SILVA FREIRE:

"A poesia é necessária. É preciso, ao menos, que se emoldurem com seus festões, os olhos doloridos da caminhada ingente. É preciso que ela nos deixe, quer seja, o tênue rastro da sua passagem, para que não nos sintamos sós, nesta selva selvagem, onde há mais proscritos do que comunheiros, para o ágape eucarístico da fraternidade e do amor.

A poesia é necessária, sim, para que a vida não se estorrique e se pulverize, como o ludíbrio cósmico de um sonho frustrado. Se ela um dia for o réquiem final das almas, será também a última flor a se abrir na solidão da última estrela. E será a sentinela da Eternidade."

Senhores Acadêmicos:

Vou terminar. Peço permissão para tomar assento no meio de vós - estudiosos da beleza, guardiães da cultura e das tradições da gente mato-grossense.

Faço-o sob a invocação irreprimível do santo nome de Deus - A Suprema Inteligência - fonte eterna da Beleza e da Sabedoria, da Justiça e do Amor.

Permiti-me, finalmente, Senhores Acadêmicos, que os louros desta consagração eu os oferte, como um ramalhete de flores, à minha querida esposa, Wilma Teixeira de Mello, aos nossos filhos Auxiliadora, Clóvis Mário, Walter Luiz, Silbene, à nossa neta Michelle e ao neto que vai nascer.

Cuiabá, 21 de abril de 1991

CLÓVIS DE MELLO

ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS

CADEIRA Nº 34

Patrono: JOSÉ TOMÁS DE ALMEIDA SERRA

**Posse do Acadêmico
JOÃO ALBERTO NOVIS
GOMES MONTEIRO**

(Palavras de abertura da sessão solene de posse, realizada a 5 de maio de 1991, proferidas pelo presidente da entidade, Acadêmico LENINE DE CAMPOS PÓVOAS).

Ainda ecoam neste recinto as calorosas palmas com que a grande platéia da inesquecível sessão solene do dia 21 de abril passado saudou a posse do Acadêmico Clóvis de Mello neste sodalício e novamente a culta sociedade cuiabana aqui se reúne para manifestar o prestígio do seu apoio ao ingresso na Casa de Melgaço de outra figura da nossa intelectualidade, o Dr. João Alberto Novis Gomes Monteiro.

A minha observação tem revelado que há, por parte de algumas pessoas, uma distorção ótica ao encarar a finalidade das Academias e os requisitos daqueles que devem integrá-las.

Há quem suponha que a essas entidades devessem pertencer somente os poetas ou os que tenham produzido romances ou outros trabalhos de cunho estritamente literário.

Ao conferir ao Centro Mato-grossense de Letras, nome com o qual nasceu esta Academia, o seu **ex-libris**, o eminente Dom Aquino Corrêa resumiu, nesta legenda, o seu elevado objetivo: "PULCHRITUDINIS STUDIUM HABENTES": estudiosos do belo.

Dessa forma o nosso ilustre fundador traçou o rumo a ser seguido pela entidade, de cultivar o belo; a beleza da forma através da pureza do vernáculo e a beleza da matéria, na qual se deve dar destaque aos temas da terra natal.

E assim concluiu o seu inesquecível discurso de instalação desta Academia:

- "Nisto é que o Centro deve mostrar-se verdadeiramente matogrossense. Lançar as bases da literatura regional, eis a grande finalidade que deve imprimir cunho característico ao programa de sua atividade".

E a Academia, em que se transformou o antigo Centro Mato-grossense de Letras, tem permanecido fiel, nos seus 70 anos de existência, ao roteiro que lhe foi traçado pelo grande Arcebispo.

Intelectuais e escritores das mais diversas ocupações profissionais por aqui passaram e ainda aqui se encontram, como estudiosos do belo.

Nesta casa tomaram assento **juristas** como José de Mesquita, Olegário Moreira de Barros, Amarílio Novis, Oscarino Ramos, Otávio Cunha Cavalcanti, Gabriel Vandoni de Barros, José Couto Vieira Pontes, Corsíndio Monteiro da Silva, João Antonio Neto, Silva Freire, Domingos Sávio Brandão Lima, Gervásio Leite, João Villasboas, João Moreira de Barros e Clóvis de Mello, o mais novo; **militares**, como Firmo José Rodrigues, Joaquim Justino Alves Bastos, Frederico Augusto Rondon, Lécio Gomes de Sousa, Cyro Furtado Sodré, Othayde Jorge da Silva, Ubaldo Monteiro da Silva; **religiosos** como Dom Aquino Corrêa, Padre Raimundo Pombo e Padre Wanir Delfino César; **engenheiros** como Virgílio Corrêa Filho, João Barbosa de Faria, Miguel Carmo de Oliveira Melo; **historiadores** como Estevão de Mendonça, Rubens de Mendonça e Vera Randazzo; **professores** como Leovegildo de Melo, Philogônio Corrêa, Isac Póvoas, Nilo Póvoas, Franklin Cassiano da Silva, Antonio Cesário de Figueiredo Neto, Maria de Arruda Muller, Maria Benedita Deschamps Rodrigues; **jornalistas** como Archimedes Pereira Lima, Demósthene Martins, Rosário Congro, Castro Brasil, Pedro Rocha Jucá; autores de literatura regional como Hélio Serejo e Tertuliano Amarilha.

Os **médicos** também constituem uma tradição na Casa Barão de Melgaço.

Dos discípulos de Hipócrates muitos já ocuparam e ainda ocupam Cadeiras neste cenáculo: Lécio Gomes de Sousa, Cyro Furtado Sodré, ambos **doublés** de militares e de médicos, Francisco Ayres, Jary Gomes, Humberto Marcílio Reynaldo, Nicolau Fragelli, Virgílio Alves Corrêa Neto, Clóvis Pitaluga de Moura.

Toda essa plêiade de brilhantes intelectuais constitui um orgulho para esta casa e um patrimônio inestimável da cultura matogrossense.

A ela vem agora juntar-se o Dr. João Alberto Novis Gomes Monteiro.

Descendente de ramos familiares tradicionais da história de Mato Grosso, o ilustre médico exerceu, por muitos anos e com destacado brilho, sua profissão em Corumbá, retornando, depois que se considerou aposentado, por motivos de saúde, para Cuiabá, sua terra natal.

Tendo realizado, na área da medicina, nada menos de dez cursos de extensão universitária; tendo logrado, no Rio de Janeiro, aprovações em três concursos da sua seara profissional; tendo exercido, na antiga Capital Federal e em Corumbá, inúmeros cargos e funções dentro da nobre profissão que abraçou, o Dr. João Alberto Novis Gomes Monteiro publicou trabalhos focalizando assuntos de sua especialidade médica.

Interessado nos grandes temas nacionais, frequentou um dos cursos da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra.

Em meio à sua agitada vida profissional, o nosso recipiendário desta noite ainda encontrava tempo para os seus devaneios poéticos, escrevendo trovas com as quais recebeu homenagens nos "I Jogos Florais de Cuiabá" e com as quais participou, também, do Concurso de Trovas da Sociedade Brasileira de Trovadores, realizado em Corumbá, em 1971.

Compositor de letras para músicas carnavalescas, com elas conquistou prêmios de 1º e 2º lugares no "I Festival de Músicas Carnavalescas" da Rede Matogrossense de Televisão, em 1983.

João Alberto explorou também o nosso folclore, produzindo letras para músicas sertanejas.

Jornalista, tem colaborado para nossos órgãos de imprensa, focalizando temas de nossa história e escrevendo contos.

Nesta mesma solenidade lança o novo confrade um livro de crônicas intitulado "Ouvindo Cachoeiras".

Senhor Doutor João Alberto Novis Gomes Monteiro:

Neste Dia de Rondon, glória de Mato Grosso e da nacionalidade, a Casa de Melgaço o recebe com imenso júbilo.

De sua colaboração muito espera a nossa veneranda Academia. Para tanto sobejam-lhe inteligência, cultura, amor à terra natal e disposição para o trabalho.

Sua responsabilidade torna-se maior quando vem suceder, na Cadeira nº 34, a dois brilhantes juristas e homens de letras, Olegário Moreira de Barros e João Moreira de Barros.

Estamos certos de que sua contribuição nos será extremamente valiosa.

Está aberta a sessão.

Cuiabá, 05 de maio de 1991

LENINE DE CAMPOS PÓVOAS

ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS

CADEIRA Nº 34

**Posse do Acadêmico
JOÃO ALBERTO NOVIS
GOMES MONTEIRO**

Os mestres da
dos discípulos de
concedido Leon Gomes
de medicina Francisco
Virgílio Alves Gomes

(Discurso de recepção ao Acadêmico JOÃO ALBERTO NOVIS GOMES MONTEIRO, proferido pelo Acadêmico CLÓVIS PITALUGA DE MOURA, na sessão solene de posse realizada em 05/05/1991).

Tenho sido eu premiado, farta e generosamente, em várias oportunidades.

O prêmio de hoje, consenso desta Augusta Casa, é a outorga honrosa para saudar eu, em nome de meus pares, seu novo IMORTAL, consagrado homem público matogrossense, Dr. JOÃO ALBERTO NOVIS GOMES MONTEIRO, neste dia de festas para aqueles que vivem a Academia Matogrossense de Letras, que a fazem cada vez mais prestigiada, que a projetam para além de suas venerandas paredes.

Festas, também, para a sociedade cuiabana e matogrossense, valorizada numérica e qualitativamente pelo advindo daqueles que, oriundos de diferentes origens espaciais, vêm somando ao nosso os seus valiosos esforços para o progresso e desenvolvimento deste abençoado chão que as botas de Rondon, cujo vulto insigne invoco, com profundo respeito, neste dia 05 de maio consagrado à sua memória, inculcaram as marcas imperecíveis do pioneirismo que pressupõem bravura, intrepidez, desprendimento... lições inesquecíveis que nos tornaram, a nós cuiabanos, bravos, intrépidos, desprendidos guardiões deste oeste brasileiro remoto e ignoto, cujo potencial de riquezas jamais foi cabalmente avaliado.

Festivamente, a sociedade cuiabana e matogrossense, hoje, como sempre o faz, acode ao convite desta Casa, acotovela-se em nossos exíguos espaços físicos, enfeitada, como se está vendo, esta platéia de escol, que sumariza a cultura, a nobreza, o timbre do humanismo ancestral que marcou nestas plagas o povo que aqui moureja.

"Cuiabá, cidade heróica das bandeiras, rica de mais de 200 anos de lutas e de sacrifícios, transformada pelo trabalho de seus filhos em adiantado centro de cultura e de progresso", na proclamação que deveria ser por nós jamais esquecida, do imortal líder Getúlio Vargas.

EXCELSAS AUTORIDADES:

Meus ilustres confrades:

Seleta e respeitável platéia:

Acolho com profunda e meditada humildade esta responsabilidade que vem para sobre os ombros, cujo cumprimento procurarei exercitar com deligência necessária para não quedarem minhas pobres palavras laudatórias e de estímulo ao novo IMORTAL, muito aquém das virtudes pessoais do nosso insigne recipiendário.

DR. JOÃO ALBERTO NOVIS GOMES MONTEIRO:

Esta casa já era sua de há muito tempo. Nós esperávamos soar o momento acalentado para colhermos o fruto sazornado.

No meu próprio discurso de posse nesta Academia, que lhe dei a ler, falava eu do sobressalto com que procurei entender o sentido da IMORTALIDADE que me estava sendo inculcada. Procurei fazê-lo, autodidaticamente; depois aprendi de Will Durant que "a sabedoria mostra que a decomposição é parcial, atinge vidas, não atinge a VIDA". Morrer não é o fim para nós, que aqui somos IMORTALIZADOS, porque nossas idéias não morrerão com nossas mortes.

Você está vindo a nós, porque traz no sangue a força dos valores humanísticos dos Gomes Monteiro de seu venerando pai Deodato Gomes Monteiro.

Pioneiro da telecomunicação nestes rincões remotos do Oeste brasileiro, quando a notícia do acontecido tardaria a chegar e a propagar-se pelos meios convencionais, Deodato era acionado ou espontaneamente oferecia-se para conjurar o isolamento físico de Cuiabá. Seu Augusto Pai, João Alberto, encurtava as distâncias com aparelhagem cuja manutenção, recuperação e adaptação requeria criatividade e talento artesanal, que lhe sobravam. Herdou você dele a vocação pela comunicação, embora outros instrumentos tenham sido sua opção.

No rumo da ancestralidade, encontro Amarílio Novis, que pontificou nesta Casa pela elegância do seu discurso, pela riqueza espiritual, que aduzia aos seus depoimentos formais ou informais, modulados quase sempre por fina ironia, desconcertantes e espirituosos trocadilhos. Tive oportunidades repetidas de encantar-me em ouvindo-o.

Os Novis da Bahia destacaram-se como profissionais competentes, escritores e tribunos de fulgurante talento.

Eu e minha mulher fomos vê-los, Pai e Filho, como Titular e Assistente, respectivamente, da Cadeira de Fisiologia da consagrada Faculdade de Medicina da Bahia, quando foi-nos dado testemunhar o prestígio do Mestre a pressagiar o futuro brilhante do filho. Este, Aristides, homônimo do Pai, vi-o, posteriormente, cercado do respeito e admiração de seus companheiros, através de memoráveis depoimentos de inspiração e informação rotária.

Guardo, dele, belo e erudito discurso sobre "A Dignidade de Rotary". Está no sangue, pois, esse seu desvelado amor às letras, seu culto ao Belo, seu respeito às tradições e sua força comunicativa. Significativo de seu perfil pessoal de humanista, tem sido a insistência e tenacidade com que trata você das cousas de sua amada terra cuiabana.

Os meios de comunicação têm divulgado sua considerável produção literária, enquanto que muita coisa valiosa jaz inédita. São contos que cantam e cantos que contam enredos encantados de seu universo sinatrópico, onde construiu você, para exercício de sua forte vocação humanística, o palco engalanado de seu desvelado culto ao Bom e ao Belo.

No seu esforço mental de contar e lembrar gentes, cousas, saudades... saudades de um tempo longínquo que procura você trazer para a contemporaneidade, vislumbra-se um compromisso íntimo de recontar histórias esquecidas e reviver costumes abandonados. Ao ler seus textos de imensa força espiritual e de extrema emotividade, pareceu-me que você ouviu e entendeu o poeta em "O vôo", de Menotti del Pichia: "Esgota como um pássaro as canções que tens na garganta/ talvez elas adormeçam as feras que pretendem devorar o pássaro".

Ah! como estamos cercados de feras, fauces hiantes, sedentas do sangue de nossa história, de nossa exuberante riqueza material e humana.

Se o bucolismo gostoso e convivente jamais voltará, salvemos, ao menos, nossas tradições e nossos costumes sob ameaça.

Você, João Alberto, há de continuar a ser um desses guerreiros pacíficos, nessa luta e nesse empenho de resgate cultural de nosso Estado e de nossa ETERNA CAPITAL.

Hoje, em seus punhos fortes e destemidos, outras armas que a convivência sob égide da IMORTALIDADE propicia.

Como Pantaneiro, crioulo dos exuberantes vales do Cuiabá e do São Lourenço, onde estão enterrados os cordões umbilicais meus e de meus irmãos, e que continuo a visitar ano a ano, à busca de minhas próprias origens, do meu berço, os seus versos que a parceria artística interpretou musicando e cantando o esplendor e a exuberância daquelas paragens de beleza e encantamento, em contraste com o abandono do heróico Homem do Pantanal, mexeram comigo. "Lamento Pantaneiro", laureado e premiado em concurso, pela sua singeleza e lirismo constitui-se em peça literária folclórica, de valor histórico-cultural relevante.

SENHORES E SENHORAS;
MEUS PREZADOS CONFRADES:

Pela vivência pessoal com a arte hipocrática que consagrou este novo IMORTAL por mais de trinta anos de extrema dedicação com responsabilidade exemplar, tomo como certo que o exercício da medicina modulou seu caráter, retemperou seu espírito, deu-lhe uma visão mais ampla do mundo e do Homem, inspirando-o, assim, para a prática de uma medicina verdadeiramente voltada para o bem estar integral da criatura maior de Deus, postura humanística que, desgraçadamente, vem se apagando no perfil profissional gráfico de muitos daqueles que praticam hoje a arte de curar, que já foi, outrora, um verdadeiro apostolado. Profundamente lamentável e inquietante que assim esteja sendo, porque curar, aliviar e consolar, está sendo colocado cada vez mais longe dos Deuses e mais perto dos homens, como entreviu com profunda acuidade nosso inesquecível confrade Octayde Jorge da Silva em generosa mensagem a mim dirigida.

Vislumbro no nosso novo confrade perspectivas animadoras de expansão de sua vocação literária. Sinto que tem ele muito a dar de sua mente arejada e de sua alma inquieta e criativa, para o prestígio da literatura cuiabana e matogrossense. Este galardão conquistado hoje terá efeito catalítico sobre suas atividades literárias. Quem viver verá!

Escrevendo e falando, mostra-se o Dr. João Alberto Novis Gomes Monteiro um homem simples e sincero, que gosta da vida e cultua a beleza da natureza como obra de Deus, "Omnia Natura de Deo loquitor".

Lendo-se-o, adivinha-se o novo IMORTAL sabe entender as mensagens do ciclo das brisas suaves e o farfalhar sutil das folhas beijadas, docemente, do murmúrio das águas pequenas a cantar entre os seixos, como o estrepitoso fragor daquelas maiores, rolando, ruidosas, entre as pedras ou saltando, apoleoticamente, em busca de outro leito. Estou sabendo que ele é assim, porque no seu diálogo com os Deuses da poesia tem ele confessado sentir o aroma das flores do Assa-Peixe e o cheiro da terra molhada pela chuva recente.

Entrevê-se que será ele capaz de "ouvir e entender estrelas" e de interpretar o sentido de integração da Natureza, suas vozes e sua musicalidade de mil instrumentos, louvando o Criador, assim como a quietude, a abstração... o silêncio grandiloquente que nos invoca o grande pensador, biólogo e pesquisador Darwin, quando, tendo visitado a Mata Atlântica em 1832, assim escreve: "No recesso íntimo das matas, a criatura sente-se como impregnada do silêncio universal...".

Assim estou vendo, sentindo e interpretando este novo IMORTAL da Academia Matogrossense de Letras. Assim o recebo para nosso convívio, em nome de meus iluminados confrades.

Esta Casa já era sua, Dr. JOÃO ALBERTO NOVIS GOMES MONTEIRO.

Nós apenas lhe entreabrimos hoje estas portas venerandas para seu reencontro festivo conosco e consigo mesmo, sob o pátio soberano da Casa de Dom Aquino Corrêa.

Bem-vindo, pois, em nome de nossos confrades.

Cuiabá, MT - 05 de maio de 1991.

CLÓVIS PITALUGA DE MOURA

ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS

CADEIRA Nº 34

Acadêmico
JOÃO ALBERTO NOVIS
GOMES MONTEIRO

DISCURSO DE POSSE

Ilmo Sr. Dr. Lenine de Campos Póvoas,
D.D. Presidente da Academia Matogrossense de Letras
Exmas. Autoridades Cívicas, Militares e Eclesiásticas
Minhas senhoras
Meus senhores

Quando eu operava, antes de uma cirurgia incomum e de grande vulto... eu me preocupava... estudava, lia diversas técnicas e ficava tenso... até o momento do ato cirúrgico. Quando calçava as minhas luvas e entrava em campo, eu me transfigurava; descia sobre mim uma calma benfazeja, que me dava tranquilidade e segurança. Curiosamente, o mesmo me ocorre agora ao assumir esta coisa, para mim, desconhecida, que é uma tribuna.

Perdoem-me se a minha profissão não me fez orador para empolgar, coletivamente, tão seleta platéia.

Se eu tivesse sido um homem das leis, um mestre ou um político, habituado a falar em amplos ambientes, a numerosas assistências, deleitando os ouvintes e colhendo vibrantes aplausos, talvez me fosse mais fácil satisfazer-vos, no momento.

Mas... a minha atividade de médico, que exerci por três décadas e meia; ensinou-me a só falar individualmente, com pessoas no estado supersensível que embota os sentidos, com a alma aflorando pela emoção gerada, seja pela alegria de um nascimento ansiosamente aguardado, seja pela agradecida satisfação de uma difícil cura, pelo desespero de uma dor, pela angústia de um fim iminente ou pela tristeza de uma irreparável perda.

Portanto, a minha opção nesta hora, será falar-vos como se me dirigisse particularmente a cada um de vós.

Minha amiga, meu amigo... dê-me vossa mão... vinde comigo a uma viagem pelo histórico da Cadeira nº 34, desde a fundação desta Academia; visitemos seu patrono, seus ocupantes anteriores, vasculhemos a alma do seu titular atual, este que vos fala; e, de volta, uma breve passada pela personalidade do meu introdutor nesta Casa.

Apresemos-nos, pois, a distância é longa e exíguo é o tempo que nos concederam para percorrê-la.

A CADEIRA Nº 34 DA ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS

BREVE HISTÓRICO

A sete de setembro de 1.921, no Palácio da Instrução, nesta cidade, por iniciativa de D. Aquino Corrêa, foi fundado o Centro Matogrossense de Letras, que teve como primeiros sócios: o próprio D. Aquino, Antonio Fernandes de Souza, Estevão de Mendonça, Carlos Gomes Borralho, José de Mesquita, Filogônio de Paula Corrêa, José Raul Vilá, Virgílio Corrêa Filho, Otávio Cunha Cavalcanti, Lamartine Ferreira Mendes e Cesário da Silva Prado.

A 15 de agosto de 1.932, passou o Centro Matogrossense de Letras a denominar-se Academia Matogrossense de Letras, que teve aumentado, para trinta, o número de sócios. Por essa ocasião já contava em seus quadros, além dos fundadores, com os nomes de: Palmiro Pimenta, Maria de Arruda Muller, Francisco Alexandre Ferreira Mendes, Isac Póvoas, Nilo Póvoas, Oscarino Ramos, João Cunha, Franklin Cassiano da Silva e Olegário Moreira de Barros. A instalação da Academia se deu a sete de setembro do mesmo ano.

Em 1.945, para enquadrá-la nas normas da Federação das Academias de Letras do Brasil, o número de membros efetivos foi aumentado para quarenta.

Estes eméritos e insuspeitáveis, primeiros membros, da nossa Academia, são uma clara amostra do quilate cultural dos sócios que, ao elevarem o número de cadeiras para quarenta, escolheram para patrono de uma delas, a de número 34, um jovem falecido havia quase meio século.

O PATRONO

Estava assim consagrada a obra que este quase-menino produziu em sua curta existência. Lamentavelmente, devido a razões que deveremos doravante evitar, nada consegui encontrar das suas produções literárias; nada relativo a elas ficou registrado, e, para conhecimento de alguns dos seus dados pessoais, socorri-me nas "Datas Matogrossenses" de Estevão de Mendonça: "30 de março de 1.889 - Falece em Cuiabá, José Thomaz de Almeida Serra. Filho de Ricardo Franco de Almeida Serra e de d. Custódia Augusta de Almeida Serra, nasceu nesta capital a 7 de março de 1.866, tendo feito os seus estudos no Seminário Episcopal, que frequentava, no intento de seguir a carreira eclesiástica, da qual veio a desviar-se, assentando praça no Exército. Passando depois a exercer função pública, por haver deixado as fileiras, faleceu no exercício do cargo de escrivão dos feitos da Fazenda. Era um espírito educado, e colaborou com brilho em diversos jornais desta capital, na "A Situação".

Lenine Póvoas, em sua "História da Cultura Matogrossense", cataloga José Thomaz de Almeida Serra como um dos nossos primeiros românticos e diz que "a sua poesia mostrava-se impregnada do lirismo de Alvares de Azevedo".

Adauto de Alencar, incansável pesquisador e excelente genealogista - a par dos seus grandes dotes literários, informa-me que José Thomaz era bisneto do Ricardo Franco, grande figura da nossa história e, também, patrono da Cadeira nº 3, desta Academia.

PRIMEIRO TITULAR

O primeiro a ocupar a Cadeira 34 foi o advogado, jornalista e orador Olegário Moreira de Barros, nascido em Corumbá, a 6 de março de 1890 e falecido, na mesma cidade, a 6 de janeiro de 1.969. Foi, ele, bacharel em ciências jurídicas e sociais, formado pela Faculdade de Direito de São Paulo. Como advogado e como homem dedicado às causas públicas, exerceu os cargos de Delegado e Chefe de Polícia do Estado, Consultor Jurídico, Procurador Geral, Juiz de Direito, Secretário Geral do Estado, Desembargador e presidente do Tribunal de Justiça, tendo sido nesta qualidade, com a queda da ditadura Vargas, nomeado Interventor Federal de Mato Grosso; Estado que foi, por ele, governado de 8 de novembro de 1.945 a 8 de julho de 1.946.

Como jornalista foi Diretor da Imprensa Oficial e colaborador dos jornais: "O Debate", "O Cruzeiro", "O Republicano", "Correio do Estado", "O Democrata", "O Constitucionalista", "O Evolucionista", todos de Cuiabá; e, "Diário de Corumbá", "A Tribuna" e "A Cidade de Corumbá", desta cidade. Sua colaboração também se fez presente nas revistas: "Mato-Grosso", da Academia Mato-grossense de Letras, e "A Violeta", ambas de Cuiabá.

Figura humana simples, querida e respeitada por todos do seu convívio, o dr. Olegário poderá ser citado, também, como um dos maiores oradores matogrossenses da sua época e um grande incentivador das letras.

SEGUNDO TITULAR

João Moreira de Barros - advogado, escritor, jornalista e conselheiro do Tribunal de Contas do Estado; foi o sucessor de Olegário de Barros na Cadeira que ora me é destinada.

Nascido em Cuiabá a 3 de março de 1.914 e, tragicamente, falecido a 11 de abril de 1.987 em uma rodovia de Mato Grosso do Sul, deixou-nos, o dr. João Moreira, as seguintes obras: "Ministério Público e Justiça de Contas", de 1.965; "Orçamento - Sua Execução e Fiscalização", de 1.970, "Tribunal de Contas e Fiscalização Orçamentária e Financeira dos Municípios", de 1.972, "O Lado Pitoresco das Eleições", de 1.973, "Alguns Aspectos da Revolução de 64 Vistos de um Canto de Jornal", de 1.973, "Cuiabá e seu Passado", de 1.982 e "Cuiabá de Hoje", de 1.984. Dono de uma redação simples e agradável, sempre que possível bem humorada, suas obras literárias prendem e divertem os leitores.

O EMPOSSADO - TERCEIRO TITULAR

Senhores, vejo-me hoje elevado à condição de terceiro ocupante desta Cadeira sem encontrar, em mim, merecimento que o justifique a não ser a arguição de equidade pelo fato de que, como eu, tanto o seu patrono como os titulares anteriores, terem nascido no mês de março.

Quando a 25 de fevereiro passado, fui procurado pelo presidente desta Casa, dando-me a notícia da minha eleição para esta honrosa posição, disse a ele que a satisfação que eu sentia, no momento, só seria comparável à alegria de alguém, ao receber a promessa de casamento de uma criatura amada. Hoje, tenho a felicidade de ver consumada esta união que, mais do que num casamento onde prometemos amor e fidelidade por toda a vida terrena, deverá ser para a eternidade. Sim, pois, as Academias existem para que os seus eleitos e as suas obras, nunca sejam esquecidas, mesmo depois da total extinção

física, a exemplo do nosso patrono, José Thomaz de Almeida Serra que, embora tendo vivido apenas 23 anos, hoje, passado mais de um século do seu falecimento, está sendo lembrado por nós.

Desde quando alcança a minha memória e compreensão das coisas, sempre admirei e respeitei esta Casa, talvez pela semelhança de qualquer fator genético com alguns dos mais ilustres membros que ela abrigou. Assim, a minha herança materna do nome Novis, inclui o mesmo Gaudie-Ley de que provém Dom Aquino e Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa, do mesmo Almeida Borralho de que provém Antonio Tolentino de Almeida, do mesmo Alves Corrêa de que provém Virgílio Corrêa Filho e do mesmo Novis de Amarílio Novis; o Gomes Monteiro, herdado do meu pai, tem uma parte originada no mesmo Corrêa da Costa do patrono da Cadeira 29 (Antonio Corrêa da Costa). Realmente, todos os nascidos antigamente, neste caldeirão de isolamento que era Cuiabá, são muito ligados a esta Casa.

A par disto, considero grande distinção ombrear-me com os expoentes máximos das nossas letras, que hoje integram esta sociedade; notadamente as veneráveis pessoas de Luis-Philippe Pereira Leite, d. Maria de Arruda Muller, Archimedes Pereira Lima e Benjamin Duarte Monteiro, os primeiros ocupantes das suas respectivas Cadeiras e objetos da minha admiração e respeito, de longa data.

Considero este momento glorioso, que os caros confrades me proporcionam, como uma dádiva divina para compensar, e por isto dou por quitados, todos os momentos de infortúnio e sofrimento que, porventura, tive em uma vida plena de desafios.

Nascido fisicamente fraco, fui logo brindado, por ilustre médico, com um prognóstico desfavorável que me concedia, no máximo, sete anos de vida. Para alegria dos meus pais, desmoralizei esta previsão, dando um atestado de eficiência ao amor e carinhosos cuidados recebidos em casa. Talvez, pela dura realidade deste primeiro desafio, à guisa de compensação, eu tenha me formado como um grande sonhador. E, quem sabe, se foi por me ter sentido aquém dos padrões da normalidade somática, que me tornei um inveterado cultor do belo, procurando apreender a beleza em todas as suas manifestações?

Ao decidir por uma carreira, optei pela medicina, profissão comum na família materna, havia mais de um século. Eis-me, então, enfrentando uma vida de tensões, estafante trabalho e inevitáveis fracassos; mas, compensada pela maior satisfação que um ser humano pode sentir e reservada apenas aos que se dedicam ao atendimento médico: a consciência de ter sido o instrumento de salvação da vida de um semelhante.

Desde a juventude, e mesmo durante um exercício profissional extremamente absorvente, sempre achei tempo e prazer para exteriorizar o que me ia na alma: numa discreta participação num "Floral"... alguma desinteressada parceria numa composição musical... e, até em quadras e poemas, despreziosos e imperfeitos, sonolentemente escritos em Livros de Ocorrências de maternidade.

Considero que, na minha relação com a medicina, trabalhando como profissional, obtive um sucesso incomum; e, como todo o sucesso cobra o seu preço, já aos 49 anos, volto à condição de paciente recebendo pontes, sendo operado e reoperado por diversas ocasiões, até que adotei a posição equidistante, entre médico e paciente, com algumas pequenas concessões para ambos os lados, quando julgo necessário.

Pelo incentivo do dr. Luis-Philippe Pereira Leite, nosso maior vivente no campo das letras e da história, e pela colaboração com o movimento denominado "Muxirum Cuiabano", que divulgou algumas das minhas composições na imprensa local, num insofismável atestado de cumprimento das suas finalidades, houve, perante os olhos dos que aqui vivem, a minha emersão como amante das letras. Porém, não me vejo com méritos para ser intitulado escritor, a não ser que sejam sintomas desta qualidade, o prazer que sinto em escrever, externando os meus sentimentos e pensamentos, numa ânsia enorme de me fazer compreender, de entrar em sintonia com a alma dos que me lêem; e, desejar que estas elaborações da minha mente, a exemplo da luz das estrelas distantes, continuem vivas muito tempo depois de extinta a fonte que as gerou. Não me atribuo, com justiça, o título de poeta, a não ser que sejam indícios, para esta qualificação, saber sentir a alegria das plantas em manhã úmida após noite chuvosa; saber achar algo de positivo ou belo, constituindo fonte de inspiração, até nos momentos sofridos ou em coisas daninhas, como descobrir o doce aroma de mel exalado pelas flores do "Assa-peixe" que pragueja um pasto; e, quando em relaxamento ao embalo de uma cachoeira, sentir o coração docemente oprimido por uma saudade indefinida... saudade de momentos não vividos... saudade de sonhos suavemente acalentados e sempre impossíveis de se tornarem realidade!...

Por limitação de memória ou incapacidade de assimilação, julgo-me em dificuldades com a linguagem, apesar de ter tido como professores, os melhores mestres que poderia

almejar, como: Nilo Póvoas, Cesário Neto e Guilhermina Figueiredo. Esta limitação só não me constrange por ser, atualmente, falha comum à maioria dos brasileiros; exigindo uma, já anunciada, reforma para o estabelecimento de novas regras que deverão reger a Língua Portuguesa. Contudo, procuro escrever para ser entendido. Jamais recorri a dicionários para redigir e, neles, encontro utilidade, apenas para a leitura de rebuscados textos alheios. A linguagem, lida ou ouvida, não terá valor algum se não for entendida, mesmo se usada em um hino, decreto ou sermão. A própria Igreja Católica, abandonou as missas em latim, para que elas fossem melhor compreendidas pelos fiéis.

Entendo que devemos escrever da forma mais fácil e atrativa possível, numa tentativa de conservar o mínimo de interesse, que sobrou, pela leitura, depois da invasão, pela televisão, dos lares e demais ambientes em que, hoje, vivemos.

Este dia se torna, para mim, mais festivo por se comemorar, hoje, a data de nascimento de Cândido Mariano da Silva Rondon, um dos maiores vultos da história pátria e orgulho de nosso estado, sua terra natal. Isto me traz, também, à lembrança, que Rondon sempre nos foi apresentado como um poço inesgotável de grandes feitos e virtudes, mas, sério, distante, pairando em nível superior, apesar de sabermos ter sido, ele, uma criatura simples, humana e de agradável convívio. Fica, pois, um apelo aos nossos escritores para que, ao elaborarem uma biografia, sejam tão cronistas quanto historiadores, para o bem da imagem dos seus biografados.

Senhoras e senhores, caros confrades: vivemos uma fase de grande transformação, fruto do acelerado desenvolvimento trazido por irmãos oriundos de outras paragens, com culturas, hábitos e costumes diferentes. Estamos numa encruzilhada: ou lutamos, agora, para preservar o que ainda resta do modo de vida que recebemos dos nossos antepassados; ou perecerão, dentro em breve, a nossa memória e as nossas tradições.

Entendo por preservação de cultura, a formação de uma memória e não, em nome desta cultura, manter uma população no atraso e desconforto, em descompasso com o progresso. Querer preservar vergonhosas cenas de crianças morrendo desidratadas enquanto um grotesco pajé sopra-lhes nauseabunda fumaça nas ventas, é tão humano como desejar a volta dos circos romanos com desigual entrevero entre cristãos desarmados e leões famintos. A preservação que concebo, pode ser bem e eficientemente feita pelos cronistas, contistas e romancistas, que relatam o dia-a-dia comum. Cabe-nos, a responsabilidade de incentivar produções, neste sentido.

Igual responsabilidade nos cabe, também, com relação à, hoje, tão alardeada ecologia. Por preservação da natureza, entendo a conservação da beleza exuberante da nossa fauna, flora e ambiente; sem destruição indiscriminada em nome da produção, mas também, sem deixar, em nome da ecologia, imensas áreas intocadas e totalmente improdutivas para alimento da cobiça dos povos dos desertos, das neves e das áridas regiões vulcânicas.

Senhores, já escrevi em uma crônica que, para indivíduos normais, a felicidade plena e duradoura, não existe nesta vida; e, o máximo que se consegue são momentos felizes, mais frequentes e demorados para os mais afortunados. Como seria possível o gozo de uma felicidade plena e constante, sabendo que à nossa volta continua a existir tanta limitação, infelicidade e carência?

Considero utópica a completa igualdade social e, se existisse, desestimulante, recessiva e até mortal; mas, condeno, veementemente, o enorme desnível de salários existentes entre nós. Acho desumano o trabalho de alguém, por mais qualificado que se apresente, valer até duzentas vezes mais que o trabalho de um dito semelhante, por mais humilde que seja. Sabe-se a imoralidade, a justificativa deste absurdo, como maneira de se prevenir a corrupção no exercício da privilegiada função.

Considero que todos os problemas do nosso rico país, só poderão ser resolvidos com a restauração da moral e, consequentemente, do respeito em todos os níveis e setores da administração pública.

Por admiração e respeito às mulheres, às quais dediquei toda a minha vida de médico, acho injusta e perversa a apregoada igualdade dos sexos; pois, homem e mulher, são anatômica e fisiologicamente diferentes e as consequências da excessiva liberalidade, serão sempre muito mais danosas para elas.

Acredito no retorno da valorização da família, como célula básica da sociedade.

Creio em Deus e sinto que, apesar da desorientação de alguns prelados e sacerdotes modernos, a Igreja Católica Romana, ainda responde mais aos meus anseios de religiosidade.

Acredito no ensino básico, como o de outrora, ministrado por professores que, encontrando no seu trabalho a possibilidade de uma vida digna, se façam respeitados e admirados pelos seus alunos.

Creio num ensino profissional transmitido por verdadeiros mestres, que tenham adquirido seus conhecimentos, não só em teorias alheias mas, também, em consagrado exercício da atividade que ensinam.

Considero que, quem tem por profissão transmitir conhecimentos, para ser valorizado, deve ser independente perante os alunos, sem ter a necessidade de captar-lhes a simpatia para galgar posições pelos seus votos.

Acredito na democracia, no livre pensamento, na liberdade de expressão sem desmerecimento do respeito ao próximo, na livre iniciativa e livre concorrência, como pontos cardeais para a orientação da nossa sociedade.

Acho indispensável e urgente que a medicina se faça, cada vez mais, preventiva; mas em atendimentos curativos, sou a favor da mais ampla livre-escolha preservando o indispensável bom relacionamento médico-paciente.

Senhor presidente, senhores membros, da Academia Mato-grossense de Letras, assim é, e assim pensa, este vosso mais novo e humilde confrade, eleito para ocupar a Cadeira nº 34; e, se eu não puder honrá-la no campo das artes literárias, por falta de dotes culturais ou intelectuais, que o faça, ao menos, como exemplo de vida. Por isto, peço-vos permissão para que, simbolicamente, hoje estejam comigo nesta Casa: - todas as crianças fracas, desenganadas, para que elas, como eu, aceitem o desafio de prognósticos sombrios, amem a vida sabendo que, a meu exemplo, um dia ainda poderão se ver alçadas, prazerosamente, a estas alturas; - todos os colegas, médicos, que vivem com intensidade e dedicação as agruras da profissão, para que, como eu, reservem sempre, um minuto que seja, do seu precioso tempo, para a percepção das coisas da alma e da natureza sabendo que, a meu exemplo, isto poderá, num futuro, trazer-lhes a enorme alegria que hoje experimento; e, também - todos os safenados e enfartados que, como eu, já sentiram a iminência do fim, para que compreendam ser Deus o único dono da chama da nossa vida, e, se hoje sofrem um momento adverso, poderá, Ele, prorrogar-lhes ainda a existência para gozarem uma hora feliz como a que vivo agora.

Meus amigos:

Interrompamos um pouco a nossa viagem, para exaltar a Justiça Divina.

Sim, como Deus é justo!... Se Ele chamou para si o nosso patrono, tão jovem ainda, sem ter tido a oportunidade de se unir a uma companheira pelos laços sagrados do matrimônio, compensou mais tarde, a nossa Cadeira nº 34, levando a ela apenas homens que tiveram admiráveis esposas.

Real satisfação sinto, neste momento, ao constatar entre nós as honrosas e gratas presenças de D. Nilza Verlangiere, inseparável companheira, de muitos anos, do fundador desta Cadeira, Olegário Moreira de Barros; e D. Haydée de Barros que, com o meu antecessor, repartiu um longo e feliz matrimônio.

D. Nilza e D. Haydée, vossas presenças, aqui, nesta hora, é um inequívoco atestado de que Olegário de Barros e João Moreira são duplamente imortais: imortais por terem ocupado com tanto brilho um lugar efetivo nesta Casa e imortais, ainda, consagrados por Vs. Ss. com a mais sublime das imortalidades, qual seja a imortalidade nascida do amor que gerou esta saudade imorredoura que hoje demonstrais com vossos comparecimentos a esta solenidade, inspirando-me a sentir, agora, vivas entre nós, as presenças ilustres dos meus antecessores, que foram vossos venturosos esposos.

Meus eternos agradecimentos às senhoras, que tornaram ainda mais bela esta minha noite festiva.

Retomemos a nossa viagem.

Meu confrade, meu colega, meu conterrâneo e meu amigo Clóvis Pitaluga de Moura. A sua escolha para receber-me nesta Augusta Casa, para mim, se reveste de especial significado pelo tanto que nos podemos avaliar, em razão do quanto temos em comum. Embora em épocas separadas por quase duas décadas, tivemos a mesma formação: nascemos em lares humildes, de famílias antigas e honradas; estudamos na mesma Escola Modelo Barão de Melgaço e no mesmo Liceu Cuiabano; buscamos, na mesma cidade, o Rio de Janeiro, a nossa formação profissional; por amor à terra, retornamos ao nosso Mato Grosso, apesar de situações vantajosas nos acenarem, na então capital federal, também, por amor, nos casamos e construímos nossas famílias sobre este alicerce; exercemos a nossa profissão com dedicação, humanidade e responsabilidade; e, hoje, já quando o avançar dos anos apaga a diferença de idades, encontramos-nos aqui, emparelhando-nos, orgulhosa e humildemente, com as maiores expressões da cultura da nossa terra.

Mas, se trilhamos caminhos paralelos, não tenho a mínima pretensão de querer nivelar-me a você; se fomos iguais em direção e sentido, não o fomos no tamanho; você, merecidamente, sempre pairou mais alto. Você foi um médico da Capital enquanto, eu, deixando

uma tradição familiar de quase cem anos, na medicina cuiabana, fui ser um médico de interior, numa cidade cuja população, espontânea e informalmente, acolheu-me como um filho da terra.

Seu amor ao torrão natal é que lhe fez um dos mais valorosos e intransigentes defensores da sua natureza.

Sua sensibilidade às maravilhas das nossas paisagens e às expressões do sentimento humano, é que o fez um grande pensador... um poeta.

É do respeito pela vida humana que provém o seu conceito de imortalidade, tão bem definido em seu discurso de posse, quando aqui foi recebido.

Por ser coerente, leal e honesto, é que você tanto sofre, quando diante de uma ingratidão ou deslealdade.

Suas obras literárias?... Além do que você tem escrito, em jornais e revistas; além das suas inúmeras conferências e entrevistas; além do que há guardado em seus arquivos e, por excesso de humildade, não divulgado; sua produção literária vem desde a década de trinta, quando, como Monitor Acadêmico, você transmitia conhecimentos aos seus próprios colegas, e, mais tarde, já como professor, em aulas atentamente assistidas e avidamente anotadas por seus alunos, em cursos isolados ou na Universidade.

Mas, conversando com você, percebe-se o quanto de valioso ainda se encontra encerrado em seu cérebro; o quanto você tem guardado, de poesia, filosofia, recordação e sabedoria; e que deveria ser publicado, para o conhecimento dos seus contemporâneos e dos seus pósteros.

Clóvis, desde que aqui tomamos assento em nossas Cadeiras, tudo de útil ou belo, que for elaborado pela nossa mente, não mais nos pertence; é patrimônio da sociedade em que vivemos e, portanto, deve ser trazido a ela. Julgo que temos esta responsabilidade.

Obrigado pela recepção que, feita por você, se torna para mim, descontraída e fraterna.

Meus caros confrades, ao receber de vós, hoje, esta honraria, acho-me em condições de prestar contas aos meus antepassados, que me legaram um nome distinto e honrado, estive à altura do legado doravante, caberá aos meus filhos e seus descendentes a tarefa de mantê-lo elevado; que Deus os ajude neste mister.

Meu reconhecimento especial à minha esposa e demais familiares, que toleram o meu atraso a uma reunião ou a uma refeição, quando me encontro recluso, escrevendo; e, pacientemente me ouvem, quando ressurjo, lendo o que escrevi.

Um particular agradecimento a quem, porventura, tenha se emocionado com as minhas palavras, embora guardando para si, o riso ou a lágrima manifestantes dessa emoção; pois, para quem se dedica à arte, em qualquer das suas formas, a maior satisfação consiste em saber que foi compreendido... soube dar o recado da sua alma.

ÚLTIMAS PALAVRAS:

Senhoras e senhores, um antigo dito, já tornado popular, estabelece que, para um homem se considerar realizado, tem que preencher três condições: criar um filho, plantar uma árvore e escrever um livro. A primeira condição, encontrei tanta satisfação em preenchê-la, que sérias providências foram tomadas para que eu não exagerasse no número de filhos criados. A segunda, embora já um pouco trabalhosa, também preenchi com sobeja folga, plantei muitas árvores. E, a terceira, hoje, em benefício de entidades filantrópicas e culturais, dou por preenchida, quando vos apresento um livro da minha autoria reclamando a tolerância e compreensão de todos que venham a lê-lo, uma vez que a regra não estabelece o valor ou qualidade do livro a ser escrito.

Assim, preencho as condições... dou-me por realizado.

Minha amiga... meu amigo... aqui chegamos da nossa viagem!

Muito obrigado pela agradável companhia.

Cuiabá, 05 de maio de 1991

JOÃO ALBERTO NOVIS GOMES MONTEIRO

ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS

POSSE DO ACADÊMICO

CLÓVIS DE MELLO

NA PRESIDÊNCIA DA ENTIDADE

(Discurso de posse do Acadêmico CLÓVIS DE MELLO na Presidência da Academia Mato-grossense de Letras, em cerimônia conjugada à de empossamento do Acadêmico SATYRO BENEDICTO DE OLIVEIRA na Cadeira n.º 02 da instituição).

Ao assumir a Presidência da Academia Mato-grossense de Letras, em virtude do mandato que me foi outorgado pela confiança e generosidade de meus ilustres confrades, sinto sobre meus ombros o peso da responsabilidade de substituir o Presidente LENINE DE CAMPOS PÓVOAS, que dirigiu os destinos deste sodalício durante a década de 1981/1991.

Sei que árdua e espinhosa é a tarefa de suceder o Acadêmico LENINE DE CAMPOS PÓVOAS, o qual, nos últimos dez anos, emprestou à "Casa Barão de Melgaço" o brilho de sua lúcida inteligência e de sua admirável cultura, num trabalho profícuo, com sacrifício pessoal e de sua família, em prol da cultura mato-grossense.

Sinto que às honras deste galardão de Presidente da Academia Mato-grossense de Letras se sobrepõem as dificuldades dos encargos próprios das entidades culturais do nosso Estado e do nosso País.

A colaboração fraterna dos membros da novel Diretoria e de todos os Senhores Acadêmicos é imprescindível para que a Presidência possa levar a cabo a missão que lhe foi confiada. Em verdade, o culto das letras, da história e das nossas tradições é tarefa de todos e de cada um de nós, na defesa intransigente do patrimônio cultural de Mato Grosso.

A Academia Mato-grossense de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso são entidades co-irmãs, guardiães intransigentes da História e das Letras mato-grossenses. Aliás, o Instituto, fundado por ocasião do bicentenário de Cuiabá, é mais antigo que a própria Academia.

No dia 12 de dezembro corrente, tivemos o feliz ensejo de prestar as homenagens da Academia ao nosso confrade Acadêmico LUIS PHILIPPE PEREIRA LEITE, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, pela passagem de sua data natalícia, na comemoração do seu 75.º aniversário.

O Acadêmico LUIS PHILIPPE PEREIRA LEITE é uma personalidade invulgar das letras mato-grossenses, que se projeta, a nível nacional, e é Membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Incentivador da cultura, descobridor de talentos, pesquisador de nossa História, o Acadêmico LUIS PHILIPPE PEREIRA LEITE, juntamente com a Diretoria e demais membros do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, continuará prestando à Academia a mesma estreita colaboração que manteve com o nosso confrade Acadêmico LENINE DE CAMPOS PÓVOAS.

Aos Acadêmicos LUIS PHILIPPE PEREIRA LEITE e LENINE DE CAMPOS PÓVOAS expressamos os nossos sentimentos de admiração e de respeito, de amizade e da mais profunda gratidão, porque eles transformaram em trabalho fecundo, em prol da cultura da terra e da gente mato-grossense, o lema que DOM FRANCISCO DE AQUINO CORRÊA insculpiu nos pórticos do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso:

"PRO PATRIA COGNITA
ATQUE IMMORTALI",

para tornar a Pátria "conhecida e imortal".

Registro com a maior satisfação a composição da Diretoria da "Casa Barão de Melgaço":

1º Vice-Presidente - ARCHIMEDES PEREIRA LIMA
2º Vice-Presidente - PEDRO ROCHA JUCÁ
Secretário-Geral - ADAUTO DIAS DE ALENCAR
Secretário - UBALDO MONTEIRO DA SILVA
Tesoureiros - JOÃO ALBERTO NOVIS GOMES MONTEIRO e
CLÓVIS PITALUGA DE MOURA.

Desejo agradecer a todos os Acadêmicos integrantes do corpo diretivo deste sodalício, especialmente ao nosso confrade ARCHIMEDES PEREIRA LIMA, cuja permanência na 1º Vice-Presidência é a maior garantia do êxito de nossa administração.

Digníssimas Autoridades:
Senhores Acadêmicos:
Senhoras e Senhores:

Nesta noite de êxtase intelectual, a Academia Mato-grossense de Letras abre suas portas para recepcionar, com especial carinho, seu mais novo Membro, o Acadêmico SATYRO BENEDICTO DE OLIVEIRA, que será saudado, em nome deste soligeu, pelo Acadêmico LENINE DE CAMPOS PÓVOAS.

Além da posse do novel Acadêmico, esta sessão solene tem a finalidade de evocar dois eventos da máxima importância para a vida cultural de nosso Estado:

Em 1º lugar, destaco o 70º aniversário de fundação desta Academia.

O outro evento é comemorativo do centenário do emérito Professor NILO PÓVOAS, figura ímpar do ensino em Mato Grosso, Membro da Academia Mato-grossense de Letras, cujo filho, Acadêmico LENINE DE CAMPOS PÓVOAS, nos brinda com a biografia de seu pai, sob o título

"NILO PÓVOAS, UM MESTRE",

revelando as diferentes facetas de sua excelsa personalidade.

O centenário de NILO PÓVOAS fala muito de perto ao meu coração, porque ele, além de meu professor no Liceu Cuiabano, empenhou-se em preparar-me para prestar exames Vestibulares na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, ministrando-nos, em sua própria casa, aulas de Português e Literatura.

O Centro Mato-grossense de Letras, fundado em 07 de setembro de 1.931, sob os auspícios do então Presidente do Estado, Dom FRANCISCO DE AQUINO CORRÊA, fundador da Cadeira nº 4 e Presidente de Honra da Academia Mato-grossense de Letras, é a instituição cultural mais representativa e mais antiga do Estado de Mato Grosso.

Volta-se, pois, o meu espírito para os nomes tutelares dos fundadores desta Academia:

JOSÉ DE MESQUITA;
LAMARTINE FERREIRA MENDES;
JOÃO BARBOSA DE FARIA;
DOM FRANCISCO DE AQUINO CORRÊA;
ESTEVÃO DE MENDONÇA;
VIRGÍLIO CORRÊA FILHO;
OTÁVIO CUNHA CAVALCANTI;
ANTÔNIO FERNANDES DE SOUZA;
CARLOS GOMES BORRALHO;

FILOGÔNIO DE PAULA CORRÊA;
CESÁRIO DA SILVA PRADO;
JOSÉ RAUL VILÁ

Destaco, nesta hora, o nome de JOSÉ DE MESQUITA, em cuja casa nasceu o antigo Centro de Letras, embrião da Academia Mato-grossense de Letras. JOSÉ DE MESQUITA é, pois, o fundador desta Academia e a presidiu durante quarenta anos, desde a sua fundação, em 1921, até a data do seu falecimento, em 22 de junho de 1961.

No dia 10 de março de 1992, a Academia Mato-grossense de Letras vai comemorar o centenário de nascimento de JOSÉ DE MESQUITA, com a posse do poeta RONALDO DE CASTRO, sobrinho do grande varão mato-grossense e que vai ocupar a Cadeira n.º 12, que pertenceu a GABRIEL VANDONI DE BARROS. Na mesma ocasião, com prefácio de seu afilhado, o Acadêmico LENINE DE CAMPOS PÓVOAS, será lançada a reedição de obras de JOSÉ DE MESQUITA, cujos direitos autorais foram cedidos a esta Academia pelo seu filho, Dr. FERNANDO DE MESQUITA, nosso dileto amigo.

Pretendemos reeditar outras obras de JOSÉ DE MESQUITA: contos, poesias, romances, ensaios, biografias, discursos e crônicas, além de trabalhos inéditos, frutos de uma infatigável atividade intelectual, ao longo de mais de meio século. Vamos nos empenhar, também, para reiniciar a publicação da Revista da Academia.

Prezados confrades:
Senhoras e Senhores:

O braço da ceifadora inexorável arrancou do nosso convívio algumas das figuras mais representativas do universo cultural do nosso Estado.

Encontram-se vagas as Cadeiras n.ºs 09 e 14, que foram ocupadas, respectivamente, pelos Acadêmicos Octayde Jorge da Silva e Hélio Jacob.

Com o falecimento dos Acadêmicos ANTONIO LOPES LINS, JOAQUIM JUSTINO ALVES BASTOS, JOÃO MOREIRA DE BARROS e BENEDITO SANT'ANA DA SILVA FREIRE, ficaram vagas as Cadeiras n.ºs 08, 16, 34 e 38, respectivamente.

A eles, que honraram as tradições da "Casa Barão de Melgaço", a nossa imorredoura saudade.

O Acadêmico SILVA FREIRE, falecido em 11 de agosto último, foi velado no Salão Nobre desta Academia, que lhe tributou as homenagens acadêmicas pela palavra comovida e eloquente do nosso confrade SEBASTIÃO CARLOS GOMES DE CARVALHO.

A morte de tantos homens ilustres, que iluminaram com sua presença este sodalício, impõe sobre nós, Acadêmicos, uma redobrada vigilância, para que possamos trazer para esta Casa os nomes mais expressivos da cultura mato-grossense.

A propósito, relembro os Acadêmicos OCTAYDE JORGE DA SILVA e BENEDITO SANT'ANA DA SILVA FREIRE. O 1.º, historiador, cronista e educador, deixa para Mato Grosso e para a Academia uma obra imperecível. O poeta SILVA FREIRE, personalidade plural, deixa entre nós um espaço difícil de ser preenchido.

Ilustres Acadêmicos:
Seleto Auditório:

Recebo das mãos do nosso querido amigo e confrade LENINE DE CAMPOS PÓVOAS a Presidência da "Casa Barão de Melgaço" e assumo perante este sodalício e a comunidade mato-grossense o compromisso de tudo fazer, com a direta participação dos ilustre confrades, para manter bem alto o prestígio desta instituição cultural.

A cultura é a obra imperecível das Nações; é, na expressão de SIMMEL, a "provisão de espiritualidade objetivada pela espécie humana no decurso da História".

Esta "provisão de espiritualidade" é constituída, sobretudo, dos valores que dão sentido e significado à vida humana.

A alma de um povo se representa pela sua forma peculiar de cultura e pela sua continuidade histórica.

Um povo sem história é como um homem sem memória.

O Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, ao longo de seus 72 anos de fundação, e a Academia Mato-grossense de Letras, na comemoração do seu 70º aniversário, vêm cumprindo, fielmente, os propósitos que ditaram sua criação.

Quando outros valores se esboroam no seio da sociedade, mais e mais se alteiam estas duas grandes instituições, guardiães da História e da Cultura da terra e da gente mato-grossenses.

O que me seduz e encanta nestas duas Instituições é a auréola de idealismo que envolve cada um de seus ilustres Membros, cujo civismo e cujo patriotismo, a serviço de Mato Grosso e do Brasil, servem de exemplo para as novas gerações.

Para comemorar eventos tão significativos - o centenário de NILO PÓVOAS e o 70º ano de fundação desta Academia -, nada melhor que a realização desta sessão solene de posse do Acadêmico SATYRO BENEDICTO DE OLIVEIRA, que sucede uma das mais expressivas inteligências de Mato Grosso, nosso pranteado confrade GERVÁSIO LEITE.

Acadêmico SATYRO BENEDICTO DE OLIVEIRA - Seja bem-vindo!

Cuiabá, 14 de dezembro de 1991.

CLÓVIS DE MELLO

ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS

CADEIRA Nº 02

Patrono: JOAQUIM DA COSTA SIQUEIRA

**Posse do Acadêmico
SATYRO BENEDICTO
DE OLIVEIRA**

(Discurso de recepção ao Acadêmico SATYRO BENEDICTO DE OLIVEIRA, que tomou posse na Cadeira nº 02 da Academia Mato-grossense de Letras, proferido pelo Acadêmico LENINE DE CAMPOS PÓVOAS, que fez na oportunidade o lançamento oficial da obra biográfica de sua autoria NILO PÓVOAS - UM MESTRE, em homenagem ao centenário de nascimento do insigne professor).

A Academia Matogrossense de Letras engalana-se hoje para recebê-lo como pessoa que, integrada há tantos anos ao nosso meio social, identificou-se com a nossa vida cultural e tem dado mostras de que elegeu Mato Grosso como sua terra, onde pretende viver para sempre e oferecer-lhe os frutos do seu trabalho, da sua inteligência e a contribuição da sua cultura.

Se a finalidade precípua deste sodalício é, como o proclamam os seus estatutos, "o culto do idioma nacional e das literaturas nacional e estadual" e o "estudo dos problemas de interesse cultural que preocupam o mundo contemporâneo", acertada foi a vossa escolha, pois sobejam na vossa pessoa condições para ajudar-nos a atingir tal **desideratum**.

A eleição de um mineiro para preencher a Cadeira nº 2, que teve como seu primeiro e último ocupante o jurista Gersávio Leite, uma das mais fulgurantes cintilações do talento cuiabano, demonstram, mais uma vez, que somos um povo hospitaleiro, imune à xenofobia e ao bairrismo inconsequente, um povo para o qual a cultura não tem fronteiras e deve ser exaltada qualquer que seja a sua pátria.

Aliás, mineiros não constituem novidade nesta Casa, uma vez que uma das Cadeiras desta Academia, a de número 19, que teve como fundador o saudoso José de Mesquita e hoje é ocupada pela escritora Vera Randazzo, tem como patrono o mineiro de Diamantina, José Vieira Couto de Magalhães, figura de projeção nacional, tão ligado a Mato Grosso que o governou num dos períodos mais angustiosos de sua história.

Mineiro de Bicas foi também o jurista Francisco Bianco Filho, profundo conhecedor do Direito Eleitoral, jornalista, romancista, orador brilhante, que honrou esta Casa ocupando a Cadeira nº 24, hoje pertencente a Jary Gomes.

O histórico de vossa formação cultural, senhor Dr. Satyro Benedicto de Oliveira, constitui uma recomendação da vossa personalidade.

Fazendo o curso médio, outrora chamado de humanidades, em três colégios religiosos (O Diocesano, de Uberaba; o Salesiano Santa Rosa, de Niterói, e o Santo Inácio da antiga Capital Federal), fostes ainda realizar o curso de Direito na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Bem sabemos que essas instituições de ensino permanecem fiéis, há mais de 400 anos, aos mesmos ideais e aos mesmos princípios com que Anchieta fundou a escola do Pátio do Colégio, em São Paulo, e com que os religiosos mantiveram, por longas décadas, o famoso Caraça em Minas Gerais.

A educação nelas ministrada aos jovens e a conduta dos que as frequentaram, na estrada da vida, comprovam a verdade contida na legenda que se encontrava inscrita no portão principal do Colégio Salesiano São Gonçalo, nesta Capital:

- "Segue o homem o caminho em que entrou e dele não se afastará até à morte".

Essa rígida e eficiente formação escolar por certo inculcou no jovem mineiro o amor aos estudos e a vocação pela produção intelectual, que constituem, para esta Academia, a seiva de que ela se nutre.

Pouco ou nenhum significado teria o ingresso, nesta confraria, de homens já desinteressados do trabalho intelectual e dispostos apenas ao isolamento e ao repouso na chamada "Torre de Marfim" da imortalidade acadêmica, carregando um título que apenas serviria para alimentar-lhes a tola vaidade pessoal.

Durante os anos em que perlustrastes os bancos universitários, novel Acadêmico, já revelastes a vossa tendência para as atividades políticas, integrando os centros estudantis e os Conselhos Metropolitano e Nacional dos Estudantes, da União Metropolitana dos Estudantes e da União Nacional dos Estudantes e, mais tarde, exercendo a Presidência do Centro Acadêmico Eduardo Lustosa.

Interessado na elevação do nível cultural do estudantado da PUC, promovestes debates e conferências, com professores, juristas e políticos, levando àquela Universidade nomes consagrados no cenário nacional como Francisco Campos, Roberto Lyra, Hélio Tornaghi, João Neves da Fontoura, Prado Kelly, Temístocles Cavalcanti, Afonso Arinos, Pedro Calmon, Aliomar Baleeiro, Haroldo Valadão, Orozimbo Nonato, Sobral Pinto, Raul Pilla, Tancredo Neves.

Afeito à luta da imprensa, além da colaboração prestada a vários periódicos, exercestes, ainda, a direção do jornal "AÇÃO".

Ainda nessa fase da juventude manifestou-se a vossa inata vocação para a oratória. Os sucessos nas tribunas acadêmicas levaram-no a vencer o concurso nacional de oratória promovido pela UNE, no Rio de Janeiro, em virtude do qual vos tornastes orador oficial da Diretoria dessa entidade e orador oficial perante vários congressos universitários cariocas e nacionais.

Cumprindo o primeiro estágio de sua vida profissional, no Rio de Janeiro, retornou o Dr. Satyro a Minas Gerais, à acolhedora Uberaba, sua terra natal, para ali estabelecer a base de suas atividades.

Conhecido desde logo nos pretórios das cidades daquela região, pelos seus sucessos na advocacia cível, trabalhista e criminal, notadamente por suas atuações nas tribunas do Júri, que consagram o bom advogado, fácil foi ao nosso recipiendário de hoje atingir a docência na Faculdade de Direito do Triângulo Mineiro e na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras "Santo Tomás de Aquino", ambas na sua hospitaleira cidade natal.

Pelo seu renome profissional viu-se logo alçado à Presidência da Sub-Seção da Ordem dos Advogados do Brasil de Minas Gerais.

Admirado pelos seus dotes de orador inspirado, o nosso recipiendário era logo convocado para saudar, representando a cultura uberabense, a visitantes ilustres. Foi assim que Satyro fora escolhido para saudar, em nome dos cultores das letras jurídicas daquele recanto de Minas, dois grandes mestres, de renome internacional, que visitaram aquela terra: os professores Nelson Hungria, o sumo mestre do Direito Penal, e Francisco Clementino de San Thiago Dantas, o "primus inter pares" do Direito Civil, que ali compareceram para proferirem conferências na Faculdade de Direito do Triângulo Mineiro.

O mesmo aconteceu quando da recepção ao grande jurista Darcy Bessone de Oliveira Andrade, para lançamento do livro "O MUNDO, O BRASIL, O HOMÉM", no Jockey Clube de Uberaba.

O jornalismo e a cátedra são portas que quase sempre levam à seara das lutas políticas.

Seria fácil prever-se que logo o estudante, que se envolvera na política estudantil, se deixaria enredar pelas tentações dos prêmios cívicos.

Foi assim que, em 1959, assumia Satyro Benedicto de Oliveira o seu primeiro mandato de Vereador na Câmara Municipal de Uberaba, à qual foi reconduzido para outro mandato que se estenderia de 1963 a 1967.

Alçado à Presidência do legislativo de sua terra, depois de ter exercido a liderança de sua bancada, foi dele a voz através da qual a Câmara Municipal daquela cidade ofertou ao Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira o título de Cidadão Uberabense, ao ensejo das comemorações da inauguração de Brasília.

Com o coração sempre voltado para as raízes de sua formação moral e intelectual, foi ele Diretor e Orador Oficial da Associação dos Ex-Alunos Maristas; foi Orador Oficial dos Leigos da Arquidiocese de Uberaba e advogado da benemérita e filantrópica Sociedade das Damas Vicentinas de Uberaba, entidade da qual foi fundadora e Presidente a senhora sua mãe, Dona Haydée Lage de Oliveira.

Autor de muitos discursos, palestras e artigos publicados na imprensa regional, colaborou, também, na Revista da Academia de Letras do Triângulo Mineiro, tendo sido o orador do evento com que essa entidade lançou o livro "UBERABA, FATOS E HOMENS", de autoria do Coronel Antônio Borges Sampaio, no qual um dos biografados foi o Barão da Ponte Alta, seu ilustre ancestral.

Na década de 70 as seduções de Mato Grosso atraíram o mineiro Satyro, que aportou a Cuiabá em janeiro de 1973, com ânimo definitivo.

Enfrentou, logo de chegada, um duro concurso público de provas e títulos para Promotor

de Justiça, tendo conquistado o honrosíssimo 1º lugar, o que mais uma vez comprovou a alta capacidade profissional do nosso recipiendário desta noite.

A seriedade, o interesse e a eficiência com que sempre se houve em todas as tarefas que lhe foram confiadas, levaram o Governo estadual a convocá-lo para exercer as funções de assessor especial para assuntos parlamentares do Governador do Estado, no período de 1976 a 1978, tendo sido designado para participar do 2º Congresso Brasileiro de Direito Administrativo, realizado no Rio de Janeiro.

Retornando à militância no Ministério Público, nosso novo confrade alcançou várias promoções na sua brilhante carreira, sendo finalmente promovido, por merecimento, ao cargo de Procurador de Justiça.

Sua vocação para o magistério levou-o a exercer, como fundador, a Cadeira de Direito Agrário do Departamento de Direito da Universidade Federal de Mato Grosso.

Atendendo a convite da Associação Matogrossense do Ministério Público, lecionou Direito Penal em cursos intensivos de preparação de advogados candidatos ao ingresso no Ministério Público, na Magistratura e na Procuradoria do Estado.

Também como convidado, ministrou aulas de Direito Penal na Escola Superior da Magistratura, mantida pelo Tribunal de Justiça do Estado, dirigida pelo nosso eminente confrade João Antonio Neto.

Integrado na sociabilidade cuiabana, que é a característica marcante da nossa gente, com um ano e meio de convivência com a cuiabanidade já era admitido como sócio do Rotary Clube de Cuiabá, que presidiria no ano rotário 1985/86.

Logo sua simpatia pessoal e sua competência profissional levaram-no para as funções de Consultor Jurídico e Orador Oficial do Círculo Militar de Cuiabá.

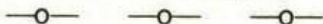
Em 1985 era agraciado com o título de Cidadão Honorário de Jaciara e em 1987 recebia o honroso diploma de Colaborador Emérito do Exército Nacional, concedido pelo Comando Militar do Oeste.

Conferencista de primeira linha, em abril de 1990 pronunciava palestras nas comemorações da Conjuração Mineira, patrocinadas pelo Comando da Polícia Militar de Mato Grosso, sobre o tema "VIDA GLORIOSA E SUPREMO IDEAL DO ALFERES TIRADENTES, PROTOMÁRTIR DA INDEPENDÊNCIA".

No mesmo ano, durante o I Encontro Jurídico da UNIC, proferia conferência sobre o tema "DIREITO PENAL E CONSTITUIÇÃO".

No corrente 1991 pronunciava palestra no Rotary Clube de Cuiabá acerca dos "ASPECTOS JURÍDICOS MÚLTIPLOS DO CÓDIGO DE DEFESA DO CONSUMIDOR".

O que aí resumimos, de sua vida intelectual, constitui cabedal suficiente para assegurar ao Dr. Satyro o ingresso na Casa de José de Mesquita.



Há tempos tenho observado que reina por aí, na opinião de alguns, uma idéia de que nas Academias só deveriam entrar literatos, como tais entendidos romancistas ou poetas e que tenham dezenas de obras publicadas.

Essa não é, no meu entender, uma visão correta do fato.

As Academias - a não ser o caso de algumas expressas exceções - não se denominam "Academias de Literatura", mas sim de "Letras", o que nos revela que devam acolher poetas, prosadores, literatos de todos os matizes, inclusive os que se ocupam da literatura jurídica ou médica, todos os que lavram a seara das letras, todos os que, enfim, convivem no mundo da intelectualidade.

Outro não foi o entendimento dos franceses ao darem ao seu mais alto cenáculo de cultura o simples e abrangente título de "ACADEMIA FRANCESA", sem qualquer restritivo.

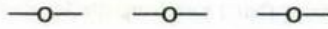
Também não comungo da idéia de que se deva exigir do candidato ao ingresso nas Academias a apresentação de dezenas de obras publicadas como prova de sua capacidade intelectual.

Num país como o nosso, no qual publicar um livro é um ato de coragem, reservado quase sempre aos que possuem recursos financeiros, e num país de cerca de 150 milhões de habitantes que só possui 600 livrarias, no qual, portanto, quase ninguém lê, acho absurdo cobrar-se de alguém tal prova.

Ressalte-se, ainda, que nem sempre a edição de um livro comprova a cultura de quem o escreveu. Muitos existem, por aí, que melhor seria nunca tivessem sido escritos.

A vingar esse critério, nesta Casa não teriam ingressado, na época em que aqui ingressaram, Dom Aquino Corrêa, José de Mesquita, Virgílio Corrêa Filho, nem Luis Philippe Pereira Leite, que produziu a maior parte de sua extraordinária obra depois que aqui entrou e depois de cego.

A vingar esse critério não deveríamos reconhecer em Gregório de Mattos Guerra um dos fundadores da literatura nacional, nem em Frei Francisco de Mont'Alverne um dos maiores oradores que passaram pelas tribunas sacras ou profanas, no Brasil, em todos os tempos.



A vossa responsabilidade, Sr. Dr. Satyro, é muito grande, nesta Academia. Viestes ocupar a Cadeira que pertenceu a Gervásio Leite, uma das jóias mais cintilantes da cultura matogrossense.

Foi ele uma dessas figuras singulares de que tanto se orgulha a nossa história, que se ergueram, sozinhas, da planície em que nasceram e que subiram, pelo seu valor intrínseco, aos píncaros da glória do reconhecimento público.

Advogado brilhante, poeta inspirado, orador dos mais festejados de nossa terra, Gervásio Leite atingiu a magistratura de nosso Estado, sendo aposentado como Desembargador.

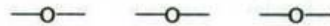
Tive a honra de com ele conviver nesta Academia, na Universidade Federal de Mato Grosso e na Assembléia Constituinte Estadual de 1947, podendo assim avaliar, bem de perto, o arsenal da sua inteligência e da sua cultura.

Nesta casa foi Gervásio Leite uma das figuras mais notáveis e para comprová-lo aí estão seus discursos e produções literárias nos Anais da Academia e do Instituto Histórico.

Na Universidade, onde se revelou mestre do mais alto gabarito, foi, também, uma das "cabeças pensantes" da sua organização.

Na Constituinte de 1947, que tantas recordações deixou nos antigos cuiabanos, que ainda hoje vivem usufruindo o privilégio de poderem confrontar tempos e homens, foi a sua inteligência um dos faróis que iluminaram os rumos daquele Parlamento, num dos momentos mais lúcidos da nossa vida democrática.

Estou certo de que o Dr. Satyro saberá honrar as tradições da Cadeira nº 2. Jurista, orador e legislador, que também o foi, o novel confrade há de seguir a rota de seu antecessor.



O solar do Barão de Melgaço também é vosso, Sr. Acadêmico Satyro Benedicto de Oliveira.

Transpondo os seus umbrais respirareis o ar embalsamado do perfume do nosso passado e das flores das vitórias dos que o enaltecera nas lutas do espírito.

Aqui, à medida que vos aprofundardes nas pesquisas de nossa bela literatura e de nossa brilhante história, por certo mais vos orgulhareis da terra que elegeu como vossa, como aconteceu a muitos filhos de outras terras que a adotaram, que a amaram e que se tornaram numes tutelares desta Casa.

O vosso ingresso nesta Academia, por feliz coincidência, ocorre quando ela completa sete décadas de existência e quando comemoramos os cem anos de nascimento de um de seus mais ilustres membros, o professor Nilo Póvoas.

Coincide também a vossa recepção neste sodalício com a ascensão, à Presidência, do ilustre Acadêmico Clóvis de Mello, personalidade talhada para a investidura, fato que comprova a consciência que têm os mais antigos membros desta Casa da necessidade de transferir a sua direção às gerações mais jovens, para assegurar a sua perenidade.

Saudamos, na brilhante marca dos seus 70 anos, a glória dos que a fundaram: Dom Aquino Corrêa, José de Mesquita, Estevão de Mendonça, Antonio Fernandes de Souza, Carlos Gomes Borralho, Philogônio de Paula Corrêa, José Raul Villá, Virgílio Corrêa Filho, Otávio Cunha Cavalcanti, Lamartine Ferreira Mendes e Cesário da Silva Prado.

Saudamos, no centenário do nascimento do mestre Nilo Póvoas, a glória de um homem que enobreceu a profissão que abraçou, que a dignificou em todos os instantes de sua vida, que amou a cultura e que foi, por tudo isso, um dos motivos de orgulho desta Academia, na sua já longa e luminosa existência.

Sêde bem-vindo, Dr. Satyro Benedicto de Oliveira!

Cuiabá, 14 de dezembro de 1991

LENINE DE CAMPOS PÓVOAS

ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS

CADEIRA Nº 02

**Acadêmico
SATYRO BENEDICTO DE
OLIVEIRA**

DISCURSO DE POSSE

*"La Littérature est l'expression de la Société, comme la Parole est l'expression de l'Homme".
(Visconde Louis de Bonald)*

*"A Literatura é a arte da Palavra, expressão do Homem e da Vida".
(Tristão de Athayde)*

*"De todas as artes, a mais bela, a mais expressiva, a mais difícil é, sem dúvida, a arte da Palavra, soberana universal".
(J.M. Latino Coelho).*

PROLEGÔMENOS

Da sempiterna devoção às belas-letas "hic et nunc" (aqui e agora), ingresso numa catedral imponente, rico santuário dos imortais Dom FRANCISCO DE AQUINO CORRÊA, "Príncipe das Letras Matogrossenses", e Desembargador JOSÉ BARNABÉ DE MESQUITA, "Coração e Alma da Academia", segundo LENINE POVOAS.

Venho com humildade, singela propensão que nos alteia. Reparai que não é uma das Virtudes reconhecidas pela Teologia (Fé, Esperança e Caridade, Justiça, Prudência, Temperança e Fortaleza); sem humildade, porém, não há "Virtus" - acepção **"tout court"** -, predicado-cerne, prólogo, preâmbulo, intróito, proêmio, prelúdio, "l'horizon de nos connaissances", foro do limite próprio, juízo de autocritica, discrição "ab imo et in totum", vestígio da humana fragilidade, marca indelével de genuína despreensão que não translumbra.

Sucessor imediato do antigo Centro Matogrossense de Letras, este Areópago é associação de cunho exclusivamente literário e cultural, para difusão da Arte-base, por escritores e oradores patenteada, na urdidura perpétua da estesia, límpido reflexo da Divindade sobre a Terra, espetáculo aprazível gerado através da Palavra. Daí o lema fúlvido: "Pulchritudinis studium habentes". O que fala ou escreve, acicatado por clara Ideação, é literato "ex voluntate; urbi et orbi". A Literatura, "la prima arte", pelo empíreo Dante Alighieri alçada na Divina Comédia, para o invulgar Tristão de Athayde nada mais é que

"a arte da Palavra, expressão do Homem e da Vida. Nela o interessante não é **apenas quem se exprime e o quê se exprime, mas como se exprime**".

Diligentes Acadêmicos: eleito, em Assembléia Geral, para ocupar a Cadeira nº 02, prazenteiro agradeço tão nímia cortesia, benevolência cristalina que "à outrance" me conforta. Desejo colaborar no alancamento trino da estatutária finalidade (artigo 1º, § 1º, alíneas **a, b e c**), finca-pé na precípua: "O culto do **idioma** nacional e das **literaturas** nacional e estadual". Num dos pináculos de sua magnitude, o genial Ruy Barbosa, inconcusso "primus inter pares", doutrinou "coram populo": "Uma raça, cujo espírito não defende o seu **solo** e o seu **idioma**, entrega a alma ao estrangeiro, antes de por ele ser absorvida!"

Salvante a munificência dos membros da vetusta CASA BARÃO DE MELGAÇO - título a reverenciar personagem distintíssima: o bretão Almirante AUGUSTO JOÃO MANOEL LEVERGER, três vezes Presidente da Província no 2º Reinado -, que fatores plausíveis despertaram vossa fidalga escolha? Dedicção ao **Direito** e pendor à **Palavra**, suponho, conjeturo, presumo.

NA TRILHA DO DIREITO

Da invicta ciência de Papiniano estudante na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (19 a 23 anos), labutei no Centro Acadêmico e na imprensa universitária, organizando Conferências e Debates. Renomados escritórios de advocacia frequentei; via concurso, fui Assessor da Seção Jurídica da Penitenciária Central do então Distrito Federal.

Na Uberaba de meus avoengos, advocacia geral exerci; com parecer, "nemine discrepante", do Conselho Nacional de Educação, nas Faculdades de Direito e de Filosofia ensinei, quase dois quinquênios, a começar da fundamental disciplina - Introdução à Ciência do Direito -, à época eliminatória. Da Ordem dos Advogados do Brasil, Seção de Minas Gerais, Subseção triangulina, Presidente (biênio 1965/1967). Na Câmara Municipal (02 mandatos: 1959/1967), a Comissão basilar (de Constituição e Justiça) presidi, exceto em 1960 - famoso pela inauguração de Brasília -, porque da Edilidade o múnus de Presidente desempenhei.

Advogado, para o Triângulo Mineiro, do Banco do Estado de Minas Gerais (BEMGE), operei ainda como Assessor Jurídico e Conselheiro da Fundação do Bem-Estar do Menor (FEBEM/MG) - Belo Horizonte - 1970/1972.

Para Mato Grosso deslocando-me - fez dezenove anos - concitado pelo caro irmão, aqui presente, o Engenheiro Antônio Lage de Oliveira, dinâmico Chefe, à ocasião, do 11º Distrito Rodoviário Federal do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, habilittei-me no concurso público - janeiro de 1973 - para Promotor de Justiça (1º lugar nas provas e nos títulos). Destaco, feliz, que o Dr. Antonio Lage de Oliveira é hoje o representante de nossas famílias - Oliveira e Lage -, respectivamente fundadoras de Uberaba e Juiz de Fora, em especial dos quatro manos estimados (Dr. Adolfo, Srtas. Delminda e Haydée Aparecida e José Alberto), domiciliados em Belo Horizonte, e da querida tia Leleta (Julieta Lage Pedreira), moradora no Rio, viúva sem filhos, com a qual residi, usufruando imenso desvelo.

A dois Governos hipotequei resoluta contribuição na esfera jurídica: Procurador Geral do Departamento Estadual de Estradas de Rodagem - DERMAT (Administração José Fragelli), Assessor Especial (Assuntos Parlamentares) do Governador José Garcia Neto.

Antes de à militância do Ministério Público volver, fui o 1º Professor de Direito Agrário do Estado (Universidade Federal de Mato Grosso), Procurador Regional do Serviço Social da Indústria - SESI/MT - e Assessor Especial da Federação das Indústrias no Estado de Mato Grosso - FIEMT.

Promotor de Justiça, em Comarcas diversas officiei (Alto Garças, Dom Aquino, Poxoréo, Jaciara, Guiratinga, Rondonópolis, Cuiabá), periodicamente requisitado para Reuniões do Júri da metrópole (fartas vezes acumulando encargos na Capital e no interior).

Representei o Ministério Público perante Tribunais do Júri, Varas Cíveis e Criminais, Juízo de Direito das Execuções, Auditoria da Justiça Militar do Estado, etc.

Lecionei Direito Penal, inclusive na Escola Superior da Magistratura, e proferi palestras e alocações de jurídico teor.

Durante oito anos, Auditor do Tribunal de Justiça Desportiva (TJD) da Federação Matogrossense de Futebol (FMF), do pretório Vice-presidente e Presidente (reeleito). Por dois biênios, Consultor Jurídico e Orador Oficial do Circulo Militar de Cuiabá.

Eis uma sincera dedicação ao Direito.

O NÉCTAR DA PALAVRA

De adolescência longínqua emana o ardoroso pendor à Palavra. 14 anos - Niterói (Colégio Salesiano Santa Rosa - 3º ginásial) - dia da Arvore (21/09/1945) - de júri simulado participei triunfante, acusando aquele que lenhoso vegetal destruíra.

O tempo, rio denso, de fio longo e furiosa corrente, gravura móvel da imóvel perpetuidade, "tecido invisível em que se pode bordar tudo", na opinião do impar Joaquim Maria Machado de Assis, tempo que não perdoa o que se cumpre sem ele, do qual é preciso dar e fazer conta, senhor da razão e titular da verdade, percurso e não mortalha, "tempo que só apaga o tempo, criando o próprio tempo, relance e substância de eternidade" (Josué Montello, **A Décima Noite** - 5ª ed., 1971, pág. 319), roborado tem a juvenil predileção. No Rio - 1952 - venci Concurso Nacional de Oratória, patrocinado pela União Nacional dos Estudantes (dezena de competidores - ali sorteio do tema) e por uma plêiade notável decidido.

O pujante Joaquim Aurélio Nabuco gizava "ex cathedra"; "Para muitos de nós, o risco da vida é um desenho de criança". Os velhos exibem nos olhos um menino que, sem dúvida, é o genitor do homem, na esteira do súpero co-fundador e 1º Presidente (20 07 1897) da Academia Brasileira de Letras, o acidulo céptico do Memorial de Aires (9. romance), de opulenta produção epílogo vitorioso.

Vinte anos - Da terra natal me convocaram políticos, do inesquecível Pai correligionários. Lá discurssei, ao cabo de comício empolgante.

Preferido por colegas da Faculdade, da UME e da UNE, oratória efetuei - Rio de Janeiro e províncias outras - em vários conclaves e certames congêneres. A Uberaba regressando, na Política, no Juri, no Magistério, no Laicato Cristão, em homenagens e necrológios, pronunciando palestras e discursos, logo consolidou-se prematura inclinação para a tribuna, efetividade que, nas plagas benfazejas do impertérito Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, "voilà le vrai", assinala duplo decênio de caminhada pèrvia: Ministério Público, Rotary, Assessorias, Magistério Superior, etc., revalidando truismo em que se transfigurou, à guisa de repetida, conclusão inexorável do filosófico acervo de um campeão da Hispanidade, José Ortega y Gasset: "Eu sou eu e minha circunstância"! Uma particularidade, acidente, circunjunção ou condição pessoal, circunstância, enfim, desde os incunábulo me fascinou: a **Palavra**, com quem, "dans le fleuve de la vie", agregado persevero num consórcio jubiloso ("Toute la science des hommes: DES MOTS").

Palavra: sombra das coisas, fluido imponderável, razão apaixonada, pele do pensamento, móbil da certeza, veio de ouro das idéias, desenho do espírito, corpo da inteligência, mecanismo da Dialética e da Retórica, instrumento da Política e da Literatura, imagem do raciocínio, broquel do artista e do herói, fanal das multidões, recurso nato da mídia, privilégio dos tribunos, emblema dos oráculos, categoria mista de meio-fim, força mágica na regência do Planeta, técnica no trato cotidiano, sinal convencional maior, sem o qual não só não se comunica, mas não se reflexiona, dom celeste que o Altíssimo concede ao homem e ao animal recusou, a mais encantadora expressão da natureza! Conecta o cérebro e a fantasia, o equilíbrio e a explosão: dita da tribuna, escrita na imprensa, dramatizada no teatro, a palavra não pretere a ação; pode, ao revés, muito ensiná-la - "Nossas ferramentas não são mais que palavras" (Francesco Carnelutti); toda ação principia com a palavra pensada que desencadeia metamorfoses (grande fiat de todos os tempos!). "E a Palavra pesada abafa a Idéia leve (Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac, Titã do Parnaso). Da França o poeta maiúsculo definiu: "A Palavra é um **ser vivo**"! "Car le mot, c'est le verbe, et le verbe c'este Dieu" - Victor Hugo, "Les Contemplations" ("Reponse à une accusation") - VIII.

Com fulcro em Alves Mendes, orador e escritor português conspícuo, vou redizer:

"A Palavra tem a claridade celeste e a profundidade oceânica, é mais leve que o ar e mais iriada que a mariposa, é tão diáfana como a gaze e tão sonante como o bronze, cicia como a aura e retumba como o trovão, murmura como o arroio e ruge como a tormenta, prende como o imã e fulmina como o raio, corta como a espada, contunde como a clava..."

por isso é, a Oratória, gênero literário esplendíssimo, para lá de dois milênios, dado que a palavra falada ostenta consonância eurrítmica da voz, da postura, dos gestos, da emoção, cujo lindo zênite, na percepção aquilina do aurifulgente Ruy, é

"a evidência alada, a inspiração resplandecente, a convicção eletrizada, a verdade na erupção, em cachoeira ou em oceano, com as transparências da onda, as surpresas do vento, os reflexos do céu e os descortinos do horizonte!"

Assim, orador é aquele que diz o que pensa e pensa o que diz; no auge de vistosa elocução, retine a palavra exata, coroando veloz processo intelectual.

José Martiniano de Alencar, nordestino alcandorado de Mecejana, legítimo Patriarca da Literatura Brasileira, pontificou:

"Eis o que é a palavra: simples e delicada flor do sentimento, nota palpitante do coração; pode elevar-se até o fastígio da grandeza humana e impor leis ao mundo, do alto desse trono, que tem por degrau o coração e cúpula a inteligência. A palavra tem uma arte e uma ciência: como ciência, ela exprime o pensamento com toda sua fidelidade e singeleza; como arte, reveste a idéia de todos os relevos, de todas as graças e de todas as formas necessárias para fascinar o espírito".

Não sei se alguém, teólogo, poeta, orador, escritor, casualmente narrara que Deus, prestes a germinar Céus e Terra, engendrou a Palavra. Consta, no livro de Moisés, que a revelação inaugural da Divina Vontade transpareceu no lampejo estrito de suma eloquência: "Fiat Lux"! De vocábulos poderia o Ser Infinito prescindir para que se consumasse o estupendo milagre da Criação. Ele, todavia, falou! E pela vez primeira, no silêncio das trevas ilimitadas, uma dicção repercutiu, prolongando-se nas entranhas do abismo, para em luminosidade reverberar ("Lux facta est")! Sutil apotegma o de Plínio Salgado: "A origem do Cosmo foi um discurso de Deus"!

Arma de combate (defendendo ou atacando) é a palavra, como versejou mineiro percuciente de Itabira (Carlos Drummond de Andrade):

"Lutar com palavras
É a luta mais vã.
Entanto, lutamos
Mal rompe a manhã".

Padre Antonio Vieira predestinado, São João Crisóstomo de Portugal, do século XVII expoente máximo luso-brasileiro, discriminava perspicaz:

"O estilo há de ser muito fácil e muito natural. Nas outras partes, tudo é arte; na música tudo se faz por compasso; na arquitetura, por regra; na aritmética, por conta; na geometria, por medida. O semear não é assim... O mais antigo pregador que houve no mundo foi o céu... Suposto que o céu é pregador, deve ter sermões e deve ter palavras... E quais são estes sermões e estas palavras do céu? As palavras são as estrelas; os sermões são a composição, a ordem, a harmonia e o curso delas. Aprendamos do céu o estilo da disposição e também o das palavras. Como hão de ser as palavras? Como são as estrelas. As estrelas são muito distintas e muito claras. Assim há de ser o estilo da pregação, muito distinto e muito claro. E nem por isso temas que pareça o estilo baixo: as estrelas são muito distintas e muito claras e altíssimas. O estilo pode ser muito claro e muito alto; tão claro que entendem os que não sabem e tão alto que tenham muito que entender nele os que sabem".

José Maria Latino Coelho, do século XIX lisboeta preclaro - político, historiador e biógrafo -, na Introdução da célebre Oração da Coroa, de Demóstenes - da Antiguidade Orador número um -, ao traduzir do grego, refulgura mui soberbo:

"De todas as artes, a mais bela, a mais expressiva, a mais difícil é, sem dúvida, a arte da palavra. De todas as mais se entretetece e se compõe. São as outras como ancilas e ministras; ela, soberana universal. Da estatuária toma as formas; da arquitetura imita a regrada estrutura de suas fábricas; da pintura copia a cor e o debuxo de seus quadros; da música apreende a variada sucessão de seus compassos e melodias; e sobre todos estes predicados tem, mais do que as outras artes, a vida que anima os seus painéis, a paixão, que dá novo esplendor às suas tintas, o movimento que intima, aos que a escutam e admiram, o entusiasmo e a persuasão".

Do magnético poderio da Palavra - ímã catalisador, mirífica energia, portando, vibrátil, a plurissecular história do Homem e da Humanidade -, sem ambages confesso-me adepto fervoroso. Correm: a água para o mar e o indivíduo para seu natural.

Poeta latino afamado, Públio Virgílio, cisne de Mântua, com apuro exalçava: "Trahit sua quemque voluptas" (Éclogas, II, v. 65) - Cada qual tem um **gosto** (uma tendência) que o propele. Ávido, sôfrego, indeclinavelmente procura o que lhe agrada.

E sobre a pérola mor da Beleza, o adágio de Terêncio: "ne quid nimis"... (nada de mais...), "comme il faut"; tão ruim o sobejo quanto é o minguaço.

Eis o diletante pendor à Palavra.

O PATRONO

Da Cadeira nº 02 Patrono é o paulistano (1740/1821) JOAQUIM DA COSTA SIQUEIRA, da colonial Cuiabá cronista, seguidor da obra do prógono, advogado JOSÉ BARBOSA DE SÁ, 1º noticiarista, Padroeiro da Poltrona nº 01, porquanto pai da história matogrossense.

Chegando só, com 23 anos, cuidou continuar do antecessor as tarefas, por duas vintenas. Registrou as festas em Cuiabá (1809), comemorativas da restauração de Portugal (representação de um drama e farsas).

O teatro muito cedo interferiu nos costumes da gente autóctone, devido à influência dos portugueses, máxime da região norte (Minho e Traz-os-Montes), do mais credenciado nível na Metrópole.

Carlos Francisco Moura, pesquisador, citado por LENINE PÓVOAS (História da Cultura Matogrossense), direto clareava:

"Estudo mais aprofundado levaria logo à conclusão de que Mato Grosso foi certamente a Capitania onde o teatro teve maior importância social e cultural".

Em Cuiabá surdiu a crônica teatral brasileira.

Político, detentor de postos de realce na gestão da Província, inclusive como Vereador e Capitão de Cavalaria, JOAQUIM DA COSTA SIQUEIRA foi esquadrinhado por DR. GERVÁSIO LEITE:

"faiscante figura de nossa história",
"dono da mais sortida biblioteca do tempo",
"espírito de eleição, espécie de flor exótica perdida na lavra, onde a vida é de uma bruteza incrível, em lutas ásperas contra a terra, o selvagem e as doenças".

O bandeirante desassossegado que, ao longo de 58 anos, por Mato Grosso fez opção, legando "Compêndio Histórico Cronológico das Notícias de Cuiabá", das tradições locais preciosa fonte, recolheu de Ouvidor ilustre, Dr. Diogo de Toledo Lara Ordonhas", julgamento propício:

"É o mais capaz desta vila..., pelas luzes, critério e conhecida probidade"!

Seu trabalho exaustivo ("Crônicas de Cuiabá"), publicado no volume 4º da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Estado de São Paulo, com anotações de Toledo Pizza, refere aos pósteros a sagacidade das monções. A propósito dilucida o DR. GERVÁSIO:

"Lá está, pormenorizadamente, toda a história da cidade que Sutil plantou um dia, no sopé do Rosário, dos seus homens, de suas grandezas e misérias, de seus instantes heróicos e sombrios, com detalhes de toda ordem".

ACADÊMICO GERVÁSIO LEITE

Ocupante primário da Cadeira nº 02, o DR. GERVÁSIO LEITE nasceu em Cuiabá (19 de junho de 1916) e no Rio de Janeiro findou seus dias (10 de abril de 1990) - 74 anos incompletos.

Cabe-me a honra de suceder a vulto qualificado, imperecível, do glorioso Liceu Cuiabano emergente. Aos 22 anos - 1938 -, diplomou-se pela Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, sobressaindo-se nas porfias do Diretório.

Advogado, Professor, Jornalista, Político (deputado estadual - constituinte de 1947 - 30 anos), Desembargador e Acadêmico, denodado sob qualquer dos prismas.

Com Euricles Mota e RUBENS DE MENDONÇA impulsionou - 1939 (23 anos) - "Movimento Graça Aranha", pelo Centro-Oeste propagando modernista Ideal, no afã destemido de galvanizar os que, Inteligência e Arte, motivos básicos da Vida elegeram. Divulgou, na revista **Pindorama**, composição denominada "Mulher", onde burila:

"Trazes na glória do teu corpo jovem um poema divino.
És na graça diabólica de tua mocidade, um feixe de luz na escuridão do mundo.
A natureza escondeu mistérios nos teus olhos, sob tua pele rosada e nesses lábios que prometem revelações sutis.
És um poema de carne! És um poema de graça!
És um hino de beleza!
Deus sintetizou em ti, mulher, toda a beleza dispersa do Universo".

E culmina:

"Todos os animais da terra, todas as flores do mundo, todas as pedras do sub-solo concorreram para que fosses criada, mulher maravilhosa! E Deus te mandou à terra para enganar os homens com os segredos indecifráveis do teu corpo!"

Causídico brilhante, de visível acuidade, seu escritório de advocacia era o mais movimentado, influente, no período 1940/1960, regular ponto de convergência para vantajosas tertúlias de gama calidoscópica.

Presidiu a OAB regional: biênio frutífero (competente "batonnier").

Professor da Escola Técnica de Comércio, da Faculdade de Direito de Cuiabá (um dos edificadores) e da UFMT, lídimo arquétipo na docência construtiva, deu à estampa "Rui, o Apóstolo do Brasil", "Ciência, Técnica e Direito" (1971 - Oração de Sapiência), "O Advogado e os Direitos do Homem" (Conferência Nacional dos Advogados), "Parte Geral do Direito Civil", etc...

Jornalista, da Associação de Imprensa Mato-grossense Presidente, co-fundador, em 1939 (23) anos, de "O Estado de Mato Grosso", um feito magno do indefesso pioneiro, DR. ARCHIMEDES PEREIRA LIMA. No diário, versátil coluna manteve, de aspectos educativos referta, em cuja estréia, sem balda, poliu:

"A imprensa mato-grossense conseguiu, com o aparecimento deste jornal, sair daquela dúvida hamléctica que lhe roía as entranhas: **Ser ou não Ser**. Ela, coitada, em tempos de crise, sabia como sofria, desde a falta de público até a de material; mas arrastou-se durante cem anos para, finalmente, como a Fênix, renascer, não das cinzas, mas da própria velhice, e novinha em folha. Realizou o milagre de Fausto, rejuvenescendo depois de um centenário".

Político, deputado estadual, inscrito no PSD, o Partido Social Democrático de Juscelino Kubitschek de Oliveira, Tancredo de Almeida Neves, Benedicto Valladares Ribeiro, Fernando de Mello Viana, José Francisco Bias Fortes, José Maria de Alkmim, Gustavo Capanema, Paulo Pinheiro Chagas, Eurico Gaspar Dutra, Filinto Strubling Müller, João Ponce de Arruda, Arnaldo Estêvão de Figueiredo, Ernâni do Amaral Peixoto, Agamenon Sérgio de Godói Magalhães, Nereu de Oliveira Ramos, Antônio Balbino de Carvalho Filho, Carlos Cirilo Júnior, Pedro Ludovico Teixeira e outros, GERVÁSIO LEITE prevaleceu como nota rútila de numerosa bancada que liderava na Constituinte. Luzidio farol da Assembléia, para decisões de relevo.

Desembargador, jurista exímio, articulou magníficos votos e ao pincar ascendeu: Presidente do Egrégio Tribunal de Justiça.

No 1º volume das Ementas Exemplos - Matéria Criminal - em 1989 compiladas pelo infatigável Desembargador JOÃO ANTONIO NETO, à página 08 lêem-se acórdãos lapidares - Desembargador GERVÁSIO LEITE o Relator -, em foco: **Poder** discricionário do magistrado quanto a trajas convenientes dos advogados nas audiências e **Limitações** à capacidade, notoriamente restrita, do assistente do Ministério Público.

Integrante do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e da Academia Mato-grossense de Letras, com aptidão presidência de ambos exerceu, praticando cintilante oratória em sessões de civismo e litero-musicais.

O maranhense merencório de Miritiba, Humberto de Campos Veras, por sufrágio crismado "Príncipe dos Prosadores Brasileiros", bem descreveu a elegância: "...é, no homem ou na mulher, uma espécie de graça cristalizada". Não é que o DR. GERVÁSIO, "causeur" inebriante, primoroso tribuno, lavrou (05 07 1974), na investidura solene, a que assisti, do novel-provecto Acadêmico DEMÓSTHENES MARTINS (Cadeira nº 28), apropriado discurso exordial, epitome de uma hialina elegância:

"Este silogeu da cultura mato-grossense parece hoje mais iluminado posto que abrimos esta noite, de par em par, suas portas, para receber, por entre demonstrações de estima e apreço, uma das mais exponenciais figuras do nosso Estado, essa esplêndida criatura humana que é DEMÓSTHENES MARTINS que aqui vem **ad immortalitatem** participar dos trabalhos desta Academia, por toda a extensão de sua vida que ainda há de se alongar, na loucância dos seus **80 anos**. Aqui chega ativo, jovem, lúcido, um homem que, ao longo de sua vida pública, exercendo cargos os mais altos na administração do Estado, tem a glória de ter as mãos limpas, a alma pura, a cabeça altiva e os bolsos vazios. É, assim, o triunfo da probidade e da inteligência, da honradez e da cultura, de uma vida materialmente modesta mas enriquecida pelo saber haurido ao correr de uma existência afanosa, mas feliz, que permitiu a esta criatura excepcional ascender às culminâncias da vida cultural mato-grossense e ser recebida aqui como o triunfador, não desse triunfo vão, egoístico ou que se traduz pelo vulto da riqueza material mas aquele outro, mais nobre, o triunfo que fica, que permanece, que engrandece, que glorifica a grandeza moral, a solidez cultural e a luminosidade de uma inteligência vigorosa. E, sobretudo, é o triunfo de uma vida limpa que o permite, e que Deus assim o conserve, a olhar de frente, com coragem e sem corar, a vida e os homens do seu tempo".

No quinquagésimo aniversário da Semana de Arte Moderna (1972), o intelectual GERVÁSIO LEITE redigiu comentários perspicuos, de crítica sensibilidade, concernentes à emissão do Caderno nº 7 da Cultura, pelo estrênuo BENEDITO SANTANA DA SILVA FREIRE, presente na audiência do tempo e na moldura de nossa lembrança.

Matutino lançamento (balneário Sayonara). Moema Figueiredo Leite procedeu à leitura (doente o redator). Com o acabamento doirado pulsemos:

"A revolução que Guimarães Rosa comandou na prosa é a revolução que SILVA FREIRE chefia na poesia. Como no caso de Guimarães Rosa, é uma revolução de um soldado só. Há de ficar no tempo literário, como marco plantado em um novo Campo d'Ourique da literatura mato-grossense. E, para usar expressão camoniana, nesse 4º Centenário dos Lusíadas, um arremate a essas desencarnadas considerações: a poesia e seu poeta estão causando espanto e assombro na máquina do mundo".

Há treze anos, DR. ARCHIMEDES PEREIRA LIMA, companheiro e amigo, que a Chefia da Casa Civil resignou, para empreender ao lado de amigo comum, Engenheiro José Garcia Neto, senatorial campanha, granjeia manifestação afetiva do funcionalismo da Secretaria de Estado. Pouco antes da cerimônia, Comissão de Servidores acudiu à Assessoria Parlamentar do Governo, para me rogar fosse daquela orador. "Tout d'un trait" refleti acerca do que deveria discorrer, improvisando alocução que ressonância benigna obteve. Cumprimentado por quantos lotavam o Salão de Atos do Palácio Paiaguás, pude colher vividas congratulações do Presidente da Academia Mato-grossense de Letras, impressivo Desembargador GERVÁSIO LEITE que, lépido, espontâneo, loquaz, fagueiro, alto e bom som dirigiu-me, para ouvida global, pródigo louvor, "ex professo et corde": "Outro discurso desse quilate, providenciarei sua entrada na Academia".

Sortilégio puro do Destino irrevogável que, na machadiana fórmula, **não anuncia as peripécias nem o desfecho** e vós me atraístes para o assento vazio com o desenlace de colendo cuiabano, longânime autor do presságio lisonjeiro!

PERORANDO

Assumo a Poltrona nº 02 da benemérita instituição septuagenária, em pulquíssima noite do Dia Nacional do Ministério Público e de hosana férvido à centúria do acrisolado Professor NILO PÓVOAS.

Grato à multimoda frequência de convidados, autoridades, acadêmicos, amigos, companheiros, adultos e jovens que obsequiosamente prestigiaram festiva reunião, pelo novel Presidente, DR. CLOVIS DE MELLO, conduzida.

Reconhecimento fidedigno exteriorizo a quem generosamente me recepcionou, "avec noblesse de fiance", o Acadêmico modelar, DR. LENINE DE CAMPOS PÓVOAS, Presidente por inapagável década de lutas e sucessos. Vênia requeiro ao DR. CLOVIS para enunciar - olhos fixos em DR. LENINE - que, na perene "Civitas Dei", majestoso na mística e no virtuosismo, Santo Aurélio Agostinho, Doutor da Graça profícuo, da Igreja Latina um dos quatro admiráveis teólogos, eminente Bispo de Hipona, "ex informata conscientia" prognostica:

"O coração não canta vitória pelo que começa, mas pelo que termina"!

Comovido no âmago, cioso da honorável mercê com a qual me agraciastes, consócios magnânimos, repartir demando estuante regozigo com a esposa querida, Luzia, e as queridas filhas, Mariela e Juliana, ternuras de lar venturoso.

"À la fin" ("last but never least"), com extrema **saudade** - presença dos ausentes, crepúsculo do coração, fiandeira da distância, enlevo dorido, nevrálgia das recordações, dólido travo, fragrância etérea, puro tormento, magoado e doce, melancolia do amor, fogo não fátuo, flor suave, santelmo do espírito, palavra de outro mundo, sinete da nostalgia, expectativa do reencontro, pungir delicioso, mimosa insatisfação, resíduo aromático, afronta do tempo e do fadário, imposto sobre a renda do sentimento, íntima tortura, sumo gostoso e amargo do fruto da vida -, reservo afortunado instante à veneranda exaltação mnemônica dos Pais amantíssimos, exemplos vitais, vidas exemplares, de acendrado e supino valor: Satyro da Silva Oliveira e Haydée Lage de Oliveira.

Nobres confrades: passo a fruir, exultante, galharda parceria, oferecendo adminículo modesto, cálido, responsável. Francamente falei ("fortiter in re, suaviter in modo"), com o timbre único da Lealdade - sublime apanágio dos Acadêmicos de Mato Grosso -, até porque, numa estóica Espítola - CXV -, sábio Sêneca, o Filósofo, já denotava: "Oratio vultus animi est" (A linguagem é o semblante da alma)!

Tenho dito.

Cuiabá, 14 de dezembro de 1991.

SATYRO BENEDICTO DE OLIVEIRA

CORREIOS COMEMOROU O CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE JOSÉ DE MESQUITA



Carimbo comemorativo do centenário de nascimento de JOSÉ BARNABÉ DE MESQUITA, lançado em 10 de março de 1992 pela Empresa de Correios e Telégrafos, com patrocínio do Banco do Brasil S.A.

Integrando-se às promoções festivas concernentes ao centenário do poeta e escritor mato-grossense JOSÉ BARNABÉ DE MESQUITA (1892-1992), a Empresa de Correios e Telégrafos fez o lançamento oficial nesta Capital, em 10 de março de 1992, em sessão solene da Academia Mato-grossense de Letras, do carimbo comemorativo do histórico evento.

Naquela magna sessão, presentes as mais representativas autoridades do Estado na composição da mesa, como o vice-governador Oswaldo Roberto Sobrinho, representando o governador Jayme Veríssimo de Campos, o deputado Wilson Santos pela Assembléia Legislativa, o desembargador Onésimo Nunes Rocha como representante do Tribunal de Justiça do Estado, do qual o homenageado foi presidente durante dez anos, o arcebispo metropolitano Dom Bonifácio Piccinini, o prefeito Frederico Carlos Soares de Campos, de Cuiabá, e o diretor regional da Empresa de Correios e Telégrafos, Carlos Roberto Samartini Dias, o carimbo comemorativo do centenário do fundador da Academia Mato-grossense de Letras - JOSÉ DE MESQUITA -, cujo patrocínio foi concedido pelo Banco do Brasil S.A., que nesse ano completou setenta anos da instalação da primeira agência em Cuiabá, foi apostado em papel especial da ECT com timbre "olho de boi", selado com estampilhas da série "Literatura Brasileira".

Na ocasião, o presidente da Academia e o vice-governador do Estado, conjuntamente, apuseram no documento a marca postal que emoldurou, também, os exemplares da nova edição da obra mesquitiana GENEALOGIA MATOGROSSENSE, lançada de igual naquela solenidade.

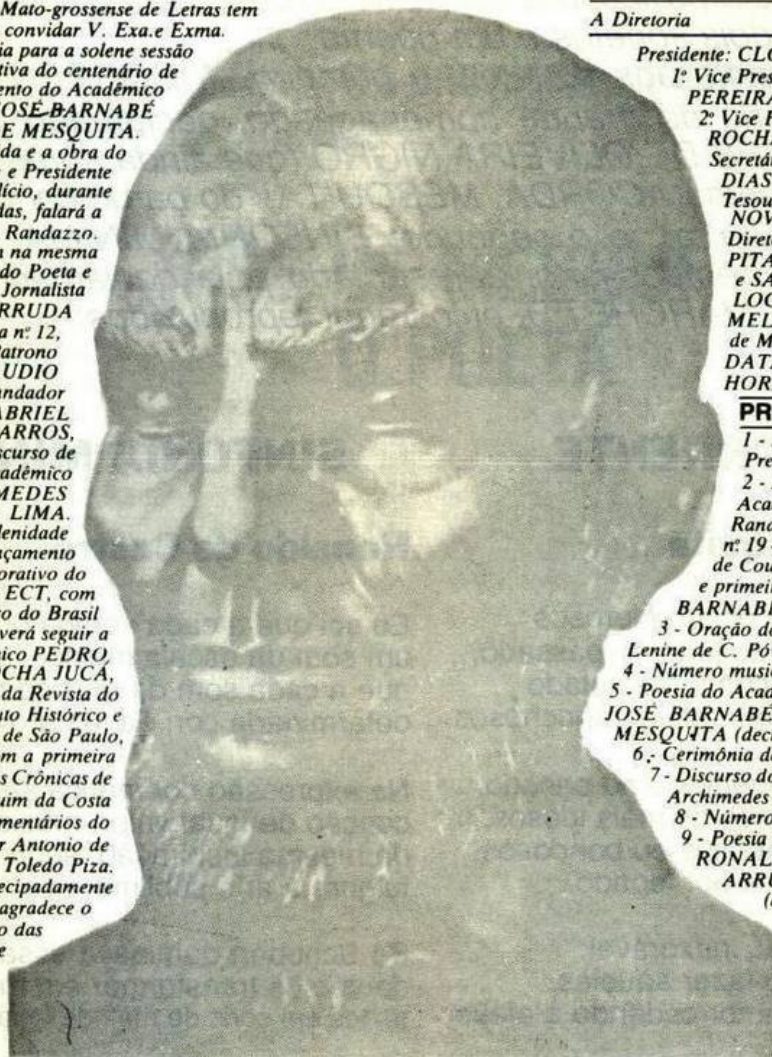
O documento com a marca postal alusiva ao centenário de nascimento de JOSÉ DE MESQUITA será conservado na sede da Academia Mato-grossense de Letras em quadro com moldura especial, devidamente protegido.

CONVITE

CENTENÁRIO DO DES. JOSÉ BARNABÉ DE MESQUITA FUNDADOR DA ACADEMIA — 1892/1992 — E POSSE DO ACADÊMICO RONALDO DE ARRUDA CASTRO



A Academia Mato-grossense de Letras tem a honra de convidar V. Exa. e Exma. Família para a solene sessão comemorativa do centenário de nascimento do Acadêmico Desembargador **JOSÉ BARNABÉ DE MESQUITA**. Sobre a vida e a obra do Fundador e Presidente do Sodalício, durante quatro décadas, falará a Acadêmica Vera Randazzo. Ocorrerá também na mesma sessão a posse do Poeta e Jornalista **RONALDO DE ARRUDA CASTRO** na Cadeira n.º 12, da qual é Patrono **ANTÔNIO CLAUDIO SOIDO** e foi fundador e último ocupante **GABRIEL VANDONI DE BARROS**, pronunciando o discurso de recepção o Acadêmico **ARCHIMEDES PEREIRA LIMA**. Durante a solenidade haverá também o lançamento do carimbo comemorativo do Centenário, da ECT, com patrocínio do Banco do Brasil S.A., a que deverá seguir a doação, pelo Acadêmico **PEDRO ROCHA JUCA**, de um exemplar da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, edição de 1890, com a primeira publicação das Crônicas de Cuiabá, de Joaquim da Costa Siqueira e comentários do historiador Antonio de Toledo Piza. Antecipadamente agradece o prestígio das presenças de V. Exa. e Exma Família.



A Diretoria

Presidente: **CLÓVIS DE MELLO**
1.º Vice Presidente: **ARCHIMEDES PEREIRA LIMA**
2.º Vice Presidente: **PEDRO ROCHA JUCA**
Secretário Geral: **ADAUTO DIAS DE ALENCAR**
Tesoureiro: **JOÃO ALBERTO NOVIS G. MONTEIRO**
Diretoria de Eventos: **CLÓVIS PITALUGA DE MOURA** e **SATYRO B. DE OLIVEIRA**
LOCAL: "CASA BARÃO DE MELGAÇO" - Rua Barão de Melgaço, n.º 3.869
DATA: 10 de março de 1992
HORÁRIO 20:00 horas

PROGRAMA

- 1 - Abertura pelo Presidente Clóvis de Mello
- 2 - Alocução da Acadêmica Vera Randazzo, titular da Cadeira n.º 19 - Patrono José Vieira de Couto Magalhães e primeiro ocupante **JOSÉ BARNABÉ DE MESQUITA**
- 3 - Oração do Acadêmico Lenine de C. Póvoas
- 4 - Número musical
- 5 - Poesia do Acadêmico **JOSE BARNABÉ DE MESQUITA** (declamação)
- 6.º - Cerimônia de posse
- 7 - Discurso do Acadêmico Archimedes Pereira Lima
- 8 - Número musical
- 9 - Poesia do Acadêmico **RONALDO DE ARRUDA CASTRO** (declamação)
- 10 - Oração do recipiendário **RONALDO DE ARRUDA CASTRO**
- 11 - Encerramento

Reprodução do convite para a sessão solene comemorativa do centenário de nascimento do Acadêmico **JOSÉ BARNABÉ DE MESQUITA**, conjugada à cerimônia de posse do Acadêmico **RONALDO DE ARRUDA CASTRO**.

DOIS SONETOS

No transcorrer da sessão solene de 10 de março de 1992, dedicada às comemorações do centenário de nascimento do Acadêmico JOSÉ BARNABÉ DE MESQUITA, fundador e presidente da instituição por quarenta anos, e à posse do Acadêmico RONALDO DE ARRUDA CASTRO, a Academia Mato-grossense de Letras, na movimentada programação estabelecida, estremeou os diversos pronunciamentos daquela noite memorável com números musicais ao piano, executados pela professora MÁRCIA STORTI, e a declamação de dois sonetos e um poema.

Quanto aos sonetos, o primeiro, A CORRENTE, de autoria do grande homenageado, declamado por LOURDES DE OLIVEIRA NIGRO (que ainda apresentou o poema ACORDA, MESQUITA!, do bardo carioca Matos Serva), e o segundo, SINFONIA MÍNIMA, da lavra do empossado, apresentado pela declamadora VANDA MARCHETTI, ei-los aqui reproduzidos:

A CORRENTE

José de Mesquita

Não há fugir aos elos poderosos
 que te prendem ao jugo do passado,
 e que te trazem como manietado,
 do destino ante os rumos caprichosos.

No que és, na virtude ou no pecado,
 repetes o ancestral, os mais idosos,
 que foram depravados ou bondosos,
 e cuja diretriz tens por legado.

É a corrente fatal, inexorável:
 o que fazes, irão fazer aqueles
 que criaste, do amor cedendo à afável

força... Mas, fica certo, que a vontade
 pode o instinto domar, em ti ou neles,
 vencendo as leis da hereditariedade!

SINFONIA MÍNIMA

Ronaldo de Castro

Eu sei que a cada verso corresponde
 um som da escala musical e, ainda,
 que a cada som da música responde
 determinada cor, da luz provinda.

Na expressão poemática se esconde
 canção de igual valor, música vinda
 da mesma inspiração, sonho por onde
 fulgura a arte sublime, rica, infinda.

Só Schubert dominava essa aventura
 de versos transformar em melodia,
 textos em sons de mel, de igual leitura...

Incapaz de forjar essa alquimia,
 poetizo a palavra, a escrita pura
 - mínima e breve, leve sinfonia.

ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS

**JOSÉ DE MESQUITA
- O POETA**

(Discurso do Acadêmico JOÃO ANTONIO NETO junto ao jazigo do Acadêmico JOSÉ BARNABÉ DE MESQUITA, no Cemitério da Piedade, em Cuiabá-MT, por ocasião da visita solene que ali fizeram Acadêmicos e familiares do grande escritor no dia do centenário de seu nascimento).

VERDADEIRAMENTE, os vivos é que partem e nos deixam sozinhos. Os mortos permanecem, e ficam conosco.

E essa verdade é tanto maior, quando se trata daqueles que transcenderam seu destino individual e se projetaram na vida e na consciência comum - tecendo a teia inconsútil da perpetuidade.

Os grandes morrem, vencendo a morte e, como dizia EXUPÉRY, não são sepultados: são plantados - e, plantados, criam raízes, brotam, frondejam e continuam dando flores e frutos, em todas as estações.

E há mais: toda presença eminente, que transpõe e anula a morte, possui uma certa existência física; sentimo-la, tão viva e tão nítida, como se de sua névoa crepuscular continuasse a transfixar a sombra, para aquecer os corações esmagados pela injúria e insensibilidade do transitório.

DAÍ, o desafio, na boca do Apóstolo dos Coríntios: "- Onde está, ó Morte, a tua vitória?!"

REALMENTE, onde está?...

MESQUITA é um desses que se privilegiaram pela constância de uma vida feita de ação dirigida para a plenitude - e aqui, neste encontro matinal, não desejaria vê-lo e conversá-lo, como aquele que o insuspeito D. AQUINO, na Oração Fúnebre, apontou como o portador "dos dotes que lhe deram a superioridade nas letras matogrossenses".

NÃO queremos dialogar, por ora, com o jurista e orador, o historiador, o cronista, o romancista, o contista, o sociólogo... Preferimos, para esta oportunidade, ouvir o grande poeta - o lírico dos poemas do Amor, da Natureza, do Sonho e da Arte, em alguns dos momentos inesquecíveis da poética de Mato Grosso.

O AMOR! Que tem a nos dizer do Amor?

*"O nosso coração anseia e clama
pelo amor, luz do céu na terra acesa,
raio de sol, transverberando a lama,
sopro de Deus, que anima a natureza".*

Ou então:

*"A vida se condensa no que amamos,
seja realidade ou quimera esse amor,
seja um ente real ou sonho que ideamos,
seja um pouco de céu, seja um ninho entre ramos,
seja um rio, uma planta, uma estrela, uma flor..."*

E a Natureza:

*"Ouve o rumor que faz a água correr sonora
a casquinhar veloz pela campina a fora;
sente o olor virginal dos lírios mal abertos..."*

*Natureza! - Só tu sabes lenir as dores
e fazer vicejar todo um moital de flores
nos sombrios jardins dos corações desertos...*

E o Sonho e a Arte:

*"Ainda hoje acordei muito tristonho
e murmurei numa fatal saudade:*

*" - antes a realidade fosse um sonho...
antes o sonho fosse a realidade..."*

*"Sê forte na bondade e firme na doçura.
Que te importa, a esbater no seu brejal medonho,
dos batráquios a multidão refece a escura,*

*Se tens, para abrigar tua alma dolorida,
esse mirante azul da Poesia e do Sonho,
donde se vê mais bela a paisagem da vida!"*

MAS - a meu parecer - onde o poeta Mesquita alcançou altitudes mais vastas e penetração mais profunda, foi na difícil poesia de releção filosófica, onde aparece o homem empenhado em abrir veredas à compreensão superior do Bem e do Amor - como demanda e fim do homem glorificado.

PRIMEIRAMENTE, mostra que o Bem - apesar dos desconcertos do mundo - é a verdadeira força que leva ao amor universal:

*"Ressurge, alma dolente e álgida, que sentias
a morte dentro em ti: acorda para a Vida.
Observa, a cada instante, a mutação dos dias.
Foge à acédia letal, com a infrene corrida.*

*Verás, após a noite, as róseas ardentias
e celegam doirar, agora enegrecida,
e suceder ao rijo uivar das invernias
o hino da primavera esplêndida e garrida.*

*Caduco é o mal. O Bem, somente, eterno dura.
Vive o teu ideal de justiça e bondade,
e, entregue ao teu constante e discreto labor,*

*emergirás da treva à luz serena e pura,
que, defronte do mal, se converte em piedade,
e, ao influxo do bem, se transforma em amor."*

MAS, sem Humildade, o Bem cede ao Orgulho, e este não passa de uma coroa de cera que o menor raio-de-sol pode derreter. Na Humildade esconde-se a verdadeira grandeza:

*"Cultiva sempre essa simplicidade,
que é a flor mais bela que a alma humana ostenta,
e foge aos ouropéis, com que a vaidade
aos néscios e aos fracos alimenta.*

*Singelo, evita em tudo a fatuidade.
A filáucia valor não te acrescenta.
Sê sempre o mesmo, quer na adversidade,
quer na fortuna próspera e opulenta.*

*Tal nó-lo ensina a própria Natureza
que no mérito, árdua e rija frágua,
não no tamanho, põe sua grandeza.*

*Vazias amplidões enerva o vê-las,
enquanto a mais humilde póça d'água
reflete o céu com todas as estrelas".*

DA Humildade, chega-se à paz - essa aura divina que alimenta todas as aspirações redentoras:

*"Imaginas que o Bem ou a Ventura resida
no ouro, que te seduz, na glória que te ilude,
e andas a procurar, numa ânsia estulta e rude,
o teu grande ideal nas miragens da vida.*

*Tem mais calma e beleza a água azul dum açude
do que esses vagalhões de fúria desmedida.
Para que tanto afã, nessa doida corrida,
se um rei e um pária não diferem no ataúde?*

*Vais tão longe buscar o que possuis tão perto
e tendo ao teu alcance a sombra perfumada
do oásis, preferes palmilhar o agro deserto.*

*Ouve a voz que te fala, ensurdinante, a sós:
- Quem crê e ama, não precisa mais de nada...
A verdadeira paz está dentro de nós".*

TODAVIA, não haverá Paz, sem Justiça e Verdade:

*"Combater contra o mal é tarefa constante,
que a vida nos impõe, nessa dura porfia.
Forte, enfrenta o perigo, instante por instante.
Repouso não terás na peleja bravia.*

*Prossegue, sem temor, o teu caminho avante.
Na vitória final, com certeza, confia,
embora a luta seja árdua e desconcertante,
quando a perversidade à estultícia se alia.*

*Não hesites, porém: a Justiça, a Verdade
hão de sempre vencer no prélio formidando,
as fraudes da protérvia e as manhas da maldade.*

*E da consciência ao fundo hás de sentir, invicto,
que o Bem, batido sempre, acaba triunfando,
pois no tempo ele é eterno e no espaço, infinito".*

E todo esse crescendo nos leva, como num retorno salvífico, ao indefectível valor do mesmo Bem, expresso nesta jóia de arte poética e filosofia cristã:

*"Fazer o bem a quem to retribua,
nenhum merecimento, é claro, tem.
Somente é bom esse que continua,
mesmo em troca do mal, fazendo o bem.*

*Não te preocupe o estrépito da rua.
Ouve a tua consciência e mais ninguém.
A ingratidão na alma serena atua
como incentivo que do céu lhe vem.*

*Porque, fazer o bem buscando o útil,
é um torpe traficar com a caridade
a se pagar com a moeda fútil.*

*...mas fazê-lo ao ingrato e ao desleal,
isso é glória, é beleza, é heroicidade:
é, como Deus, pagar o bem por mal.*

COMO já perceberam os senhores, quis fazer desta visita e deste reencontro com Mesquita um convívio diferente, de pura emoção estética, entre tantas pedras frias e flores fanadas, para que, pelo milagre estranho da poesia, esta mesma hora se despisse de luto e da amargura, para transfigurar-se em Beleza e Alegria - únicos sentimentos capazes de redimir o peso e as aflições da Saudade e da Morte.

E esse ágape literário com Mesquita deixaria de ter o seu fecho de ouro, se não o encerrássemos com suas próprias palavras, traduzidas na "Ascensão", que é um dos mais belos cânticos à vida triunfante, que a poesia brasileira tem produzido. ASCENSÃO é a caminhada definitiva para o alto, para a comunhão com Deus e as estrelas - para a glória da imortalidade heróica:

*"Íngreme, sinuosa, aspérrima, escarpada,
sob o sol flamejante ou entre tormentas duras,
cheia de abismos maus, que abrem fauces escuras,
vai a estrada coleando, em busca da esplanada.*

*Sobes. E na ascensão, entre angústia e torturas,
trons de ira e de despeito, apodos e assuada,
vês diminuir mais as coisas na baixada
e se abrirem os céus em mais amplas alturas...*

*Hás de sempre encontrar urzes pelos caminhos,
serpes por sob a relva e, nas rosas, espinhos,
mas nunca te pareça o teu esforço vão.*

*Lá bem no alto cintila a estrela da bonança,
e além, teu coração, mais do que a vista, alcança,
límpido e claro, o azul da eterna Perfeição".*

Cuiabá, 10/03/92

JOÃO ANTONIO NETO

ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS

**Centenário de nascimento do Acadêmico
JOSÉ BARNABÉ DE MESQUITA
e
Posse do Acadêmico
RONALDO DE ARRUDA CASTRO**

CADEIRA Nº 12

Patrono: ANTONIO CLÁUDIO SOÍDO

(Proferido pelo Acadêmico CLÓVIS DE MELLO, presidente da Academia Mato-grossense de Letras, discurso de abertura da sessão solene comemorativa do centenário de nascimento do Acadêmico JOSÉ BARNABÉ DE MESQUITA, fundador da entidade, evento conjugado ao do empossamento do Acadêmico RONALDO DE ARRUDA CASTRO na Cadeira nº 12).

- Caríssimos confrades:
- Distintas congreiras:

A Academia Mato-grossense de Letras - templo augusto da cultura mato-grossense - engalana-se hoje, recepcionando as personalidades mais ilustres da sociedade mato-grossense, tendo à frente o eminente Governador Jayme Veríssimo de Campos, representado pelo Vice-Governador, professor Oswaldo Roberto Sobrinho, para comemorar o centenário de nascimento do seu egrégio Fundador, Desembargador JOSÉ BARNABÉ DE MESQUITA, Presidente deste Sodalício, desde a fundação, em 1921, até a sua morte, em junho de 1961.

JOSÉ BARNABÉ DE MESQUITA é fundador da Cadeira nº 19, cujo Patrono é JOSÉ COUTO VIEIRA MAGALHÃES e atual ocupante a congreira VERA RANDAZZO, que proferirá a oração gratulatória.

A par deste memorável acontecimento, rejubila-se este Silogeu com a posse do jornalista e poeta RONALDO DE ARRUDA CASTRO na Cadeira nº 12, cujo Patrono é ANTONIO CLAUDIO SOÍDO e último ocupante GABRIEL VANDONI DE BARROS. Em nome da CASA, para o discurso de recepção, o ilustre acadêmico ARCHIMEDES PEREIRA LIMA.

Seria insincero e profundamente injusto se vos não dissesse que estes dois magnos acontecimentos se entrelaçam com o centenário de nascimento de meu saudoso pai, Bacharel VIRGÍLIO CORRÊA DE MELLO. Nascido em Cuiabá, a 1º de março de 1892, filho do Major Agostinho Dias de Mello e de Rita Corrêa de Mello, meu pai, durante quarenta anos, exerceu cargos e funções no serviço público estadual e militou, como advogado, no foro da Capital, ao longo de quase meio século.

Em recente sessão da Academia, o nosso eminente confrade Desembargador BENEDITO PEREIRA DO NASCIMENTO, referindo-se à pessoa de VIRGÍLIO CORRÊA DE MELLO, cognominou-o de

"verdadeiro advogado dos pobres e dos humildes".

Contemporâneo, amigo, discípulo e admirador de JOSÉ DE MESQUITA, meu pai teve uma atuação permanente na militância da advocacia, que exerceu, ininterruptamente, com paciência, pertinácia e obstinação até o dia de sua morte, ocorrida a 15 de novembro de 1.968.

Nesta Sessão magna em homenagem ao Des. JOSÉ DE MESQUITA, egrégio fundador deste Sodalício, seja-me permitido entrelaçar as comemorações do centenário de nascimento do nune tutelar da "CASA BARÃO DE MELGAÇO" com o centenário do genitor daquele que, pela extrema generosidade dos ilustres confrades, ocupa hoje a Presidência deste augusto Silogeu.

Ao mesmo tempo, rogo vossa permissão para dizer ao novel confrade que hoje se empossa, o poeta e jornalista RONALDO DE ARRUDA CASTRO, sobrinho do nosso Funda-

dor, o "Tio BARNABÉ", filho do consagrado poeta Rubens Mendes de Castro e da Professora Teté - Antonia de Arruda Castro -, que a amizade e admiração que sempre uniram o seu e o meu pai hão de perdurar na admiração e amizade que o atual Presidente da "CASA BARÃO DE MELGAÇO" devota ao grande vate mato-grossense RONALDO DE ARRUDA CASTRO.

Ilustres Confrades
Nobres Confreiras:

A Academia Mato-grossense de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, entidades co-irmãs que hoje homenageiam seu Fundador, Des. JOSÉ BARNABÉ DE MESQUITA, têm outras razões de goáudio e regozijo nesta Magna Sessão:

Em primeiro lugar, destacamos a presença do Professor Oswaldo Roberto Sobrinho, Vice-Governador do Estado, representando o Governador Jayme Veríssimo de Campos.

A presença do Vice-Governador do Estado nesta Sessão Magna não é meramente simbólica. Ela tem um significado muito mais alto e efetivamente concreto. Sua Exa. vem demonstrar sua adesão à produção cultural de nosso Estado e sua vontade política de buscar a integração histórico-cultural de todos os mato-grossenses, nos 117 Municípios que formam esta unidade da Federação, no processo histórico de formação da nacionalidade e de preservação do nosso patrimônio histórico e cultural.

Para obter este **desideratum**, o ilustre Governador Jayme Campos, através de Órgãos da Administração, conforme convênio a ser firmado, incentivará a publicação das Revistas da Academia e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, bem como de obras fundamentais da História e da Literatura de Mato Grosso, para levar a todos os quadrantes do Estado, notadamente às Escolas de I e II Graus, o conhecimento dos fatos históricos e culturais que constituem o patrimônio espiritual da gente mato-grossense.

Como exemplo desta preocupação com a cultura, a Imprensa Oficial do Estado vem prestando à nossa entidade sua preciosa colaboração, e o Banco do Estado de Mato Grosso S/A - BEMAT -, em convênio com a Academia, já iniciou obras de reparo e conservação deste imóvel que constitui a "CASA BARÃO DE MELGAÇO", onde residiu e faleceu o Almirante Augusto Leverger - Barão de Melgaço -, Patrono da Academia que hoje recebe seu trineto - RONALDO DE ARRUDA CASTRO - para conferir-lhe as honras da consagração acadêmica.

Estamos seguros de que a atuação do Governo do Estado, através do patrocínio de seus órgãos, notadamente da Secretaria de Educação e Cultura, incentivará a participação das entidades privadas, como a Federação das Indústrias e a Federação do Comércio, cabendo destacar que a Federação das Indústrias - FIEMT - se responsabilizou pela reedição da obra de JOSÉ BARNABÉ DE MESQUITA - "Genealogia Matogrossense", sob a coordenação do preclaro acadêmico Lenine de Campos Póvoas, nosso ilustre antecessor na presidência desta CASA. A obra será colocada à venda, ao término desta solenidade.

Queremos consignar nossos efusivos agradecimentos ao Exmo. Sr. Dr. Frederico Carlos Soares de Campos, Digníssimo Prefeito da Capital, pela cessão, mediante contrato de comodato, do equipamento de som que está sendo utilizado nesta solenidade. Estes agradecimentos são extensivos aos Drs. Carlos Avelino de Souza Vieira e Pedro Rocha Jucá, Secretários Municipais de Administração e da Cultura, respectivamente.

Digníssimas Autoridades:
Seleto Auditório:

Nesta noite memorável, sob o patrocínio do Banco do Brasil S.A., que comemora a 15 do corrente 70 anos de instalação, nesta Capital, de sua 1ª agência, - a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos lança o carimbo comemorativo do centenário de JOSÉ BARNABÉ DE MESQUITA.

Nesta mesma sessão solene, o Acadêmico Pedro Rocha Jucá transfere à Academia, por doação, um precioso exemplar de 1890 da Revista do Instituto Histórico e Geográfico

de São Paulo, que publicou as "Crônicas de Cuiabá", de autoria de Joaquim da Costa Siqueira, Patrono da Cadeira nº 2, hoje ocupada pelo ilustre acadêmico SATYRO BENEDICTO DE OLIVEIRA.

A obra de COSTA SIQUEIRA deverá ser reeditada, porque constitui um dos alicerces da história e da literatura mato-grossense.

Por outro lado e não menos importante é a presença aqui, nesta noite de luzes e de espiritualidade, dos ilustres acadêmicos que honram e dignificam a "CASA BARÃO DE MELGAÇO": - MARIA DE ARRUDA MULLER; ARCHIMEDES PEREIRA LIMA; LENINE DE CAMPOS PÓVOAS; JOÃO ANTONIO NETO; CORSÍNDIO MONTEIRO DA SILVA; ADAUTO DIAS DE ALENCAR; UBALDO MONTEIRO DA SILVA; PEDRO ROCHA JUCÁ; CLÓVIS PITALUGA DE MOURA; VERA RANDAZZO; BENEDITO PEDRO DORILÊO; DUNGA RODRIGUES; SEBASTIÃO CARLOS GOMES DE CARVALHO; TERTULIANO AMARILHA; SATYRO BENEDICTO DE OLIVEIRA; NATALINO FERREIRA MENDES; JOSÉ FERREIRA DE FREITAS; BENEDITO PEREIRA DO NASCIMENTO; Pe. PEDRO COMETTI.

Considero, também, presentes os acadêmicos: -

Pe. RAIMUNDO POMBO; LUIS-PHILIPPE PEREIRA LEITE; BENJAMIN DUARTE MONTEIRO; LÉCIO GOMES DE SOUZA; ERNESTO PEREIRA BORGES; ANTONIO DE ARRUDA; VIRGÍLIO ALVES CORRÊA NETO; HÉLIO SEREJO; JARY GOMES; DEMÓSTHENES MARTINS; FRANCISCO LEAL DE QUEIROZ; JOSÉ COUTO VIEIRA PONTES; BERNARDO ELIAS LAHDO e JOÃO ALBERTO NOVIS GOMES MONTEIRO.

Invoco, num preito de saudade, os nomes de BENEDITO SANT'ANA DA SILVA FREIRE; OCTAYDE JORGE DA SILVA; HÉLIO JACOB; JOAQUIM JUSTINO ALVES BASTOS e ANTONIO LOPES LINS, cujas poltronas acadêmicas se encontram vagas.

Quero saudar o novel acadêmico - poeta da vida, da beleza e da inquietude - com os versos de sua "Evocação aos Jovens":

"Vinde reaprender a vida
no silêncio gráfico das bibliotecas".

E vou repetir com JOSÉ BARNABÉ DE MESQUITA os tercetos do soneto ASCENSÃO:

"- Hás de sempre encontrar urzes pelos caminhos,
serpes por sob a relva e, nas rosas, espinhos
Mas nunca te pareça o teu esforço vão.

- Lá, bem no alto cintila a estrela da bonança,
e além, teu coração, mais do que a vista, alcança,
límpido e claro, o azul da eterna Perfeição".

Seja bem-vindo acadêmico RONALDO DE ARRUDA CASTRO!

Está aberta a sessão.

Cuiabá, 10 de março de 1922

CLÓVIS DE MELLO

ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS

Centenário de nascimento de JOSÉ BARNABÉ DE MESQUITA

Relançamento de GENEALOGIA MATOGROSSENSE

(Na sessão comemorativa do centenário de nascimento do Acadêmico JOSÉ BARNABÉ DE MESQUITA e de posse do Acadêmico RONALDO DE ARRUDA CASTRO, pronunciamento com que o Acadêmico LENINE DE CAMPOS PÓVOAS, ex-Presidente da Academia Mato-grossense de Letras e afilhado do homenageado, fez o lançamento oficial naquele dia, 10 de março de 1992, de nova edição da valiosa obra mesquitiana GENEALOGIA MATOGROSSENSE, em homenagem ao primoroso escritor).

Há cem anos, nesta data, vinha ao mundo, nesta cidade de Cuiabá, José Barnabé de Mesquita, que se tornaria figura exponencial das letras mato-grossenses e que seria, durante os 40 anos em que presidiu este sodalício, coração e alma da Academia Mato-grossense de Letras.

Palmilhando em várias direções os campos da cultura, produziu uma obra polimorfa, a mais fecunda da nossa literatura: foi poeta, historiador, contista, romancista, orador, genealogista, jurista, jornalista, folclorista, legando-nos uma bagagem literária que pode ser confrontada, com vantagem, às dos maiores nomes do panorama cultural de vários outros Estados.

Filho do intelectual José Barnabé de Mesquita Senior, patrono de uma das Cadeiras desta Academia, José de Mesquita realizou seu curso de humanidades no Liceu Salesiano São Gonçalo, indo fazer o seu curso de Direito na já famosa Faculdade de Direito de São Paulo, pela qual se diplomou, em 1913, aos 21 anos de idade, sendo o orador de sua turma, numa justa homenagem de seus colegas à sua inteligência e ao seu talento.

Vivendo na Paulicéia os anos dos seus estudos superiores, todavia a Capital paulista, àquela época ainda uma cidade provinciana, não chegou a seduzir o jovem cuiabano, atormentado pelas saudades, que o machucavam, da sua Cuiabá querida.

Suas manifestas preferências, fóra de Mato Grosso, eram pelo Rio de Janeiro, cujas belezas naturais o encantavam.

Certa feita, quando conversávamos sobre as duas maiores metrópoles brasileiras, perguntei-lhe:

- "E que acha de São Paulo?". Ao que ele prontamente respondeu:

- "Cidade boa para se dormir..."

Nos começos de 1914 retorna o jovem advogado a Cuiabá, iniciando-se na advocacia e exercendo cargos públicos como o de Professor de Português da Escola Normal, o de Procurador Geral do Estado, o de Diretor da Secretaria do Governo, o de Juiz de Direito da Comarca de Registro do Araguaia, alcançando, por fim, como Desembargador, o Tribunal de Justiça do Estado, que presidiu durante dez anos, de 1930 a 1940.

Enquanto o jovem advogado e professor de língua portuguesa desempenhava suas atribuições, o amor brotava-lhe no coração. Em 1914 conhecia a jovem Ana Jacintho, de tradicional família mato-grossense, - a família Pereira Leite -, com a qual se consorciou em 1915.

Por certo era ela a musa a quem Mesquita oferecia seus líricos versos.

Muito cedo revelou José de Mesquita que herdara do pai as inclinações para as letras.

Aos 27 anos de idade lançava, em 1919, o seu livro de estréia intitulado "POESIAS", dividido em quatro partes: "Do amor"; "Da natureza", "Do sonho" e "Da arte", uma obra de fôlego compendiando nada menos de 102 sonetos e poemas, a começar dos que escrevera na sua juventude.

Nessa quadra da existência é claro que o seu tema favorito seria o amor e sua pena traduzia as vibrações de sua alma e de seu coração. O lirismo era a característica dessa fase de sua vida literária.

O seu retorno a Mato Grosso marca o início de uma nova fase na sua produção literária.

O tema de amor, que era a constante de sua poesia, cede lugar aos apelos telúricos da terra natal, por cujos encantos sua alma se empolga.

Sua poesia passa a cantar, então, as belezas das nossas tradições, com uma percepção que só a sua sensibilidade de esteta poderia interpretar.

E então que Mesquita lança, em 1927, o seu segundo livro de versos intitulado "TERRA DO BERÇO", que enfeixa 43 poesias focalizando, entres partes, o "Mato Grosso heróico", o "Mato Grosso evocativo" e o "Mato Grosso pinturesco".

Como bem disse o eminente Dom Aquino, ao prefaciá-lo a "TERRA DO BERÇO",

- "Não há duvidar: José de Mesquita é o poeta das evocações melancólicas e suaves do passado. Nunca ele vive e canta melhor, nunca nos impressiona mais do que celebrando as "cousas antigas", "a velha Catedral", "a alma das casas velhas", "negro velho", ou revivendo o romance colonial de Sinhá Violante".

Em 1930 edita Mesquita o seu terceiro livro de versos, "DA EPOPEIA MATO-GROSSENSE". São 26 sonetos grupados em sete sub-títulos: "A terra virgem", "A Colônia", "A era das fundações", "O ciclo imperial", "A guerra", "O sul" e "A era nova".

Constituem belas páginas da história de Mato Grosso que ele exalta em versos impregnados de amor à terra natal.

Alçado à magistratura estadual, José de Mesquita passou a sofrer as agruras da vida de Juiz. Julgar é, sem dúvida, uma das mais árduas missões que se possa confiar a um homem.

Católico praticante, cumpridor dos ensinamentos bíblicos, foi ele sempre o Juiz que decidiu com os olhos voltados para a dureza da lei e com o coração embalado pelos nobres sentimentos de humanidade.

Deve ter sofrido muitas vezes, ao decidir, com a incoerência que não raro existe entre a lei e a justiça.

Já em 1934 começa Mesquita a escrever os cinquenta sonetos que reuniria em volume subordinado ao título "ESCADA DE JACÓ", que só seriam editados em 1946 pela Escola Industrial Salesiana. São poesias em que prega a humildade, a justiça e o perdão, ensinamentos que hauria na límpida fonte da sabedoria cristã.

Em maio de 1942 sofre ele o rude golpe da perda da esposa Donana, que lhe dera cinco filhos: Guy, Maria Amélia, Amadeu, Maria de Lourdes e Fernando.

As poesias que então escreve revelam o vácuo que se abriu em sua vida.

Um homem sentimental como ele não poderia viver sem amor.

E foi por isso que em 1945 contraiu novas núpcias com sua ex-cunhada, D. Laura, de cujo enlace nasceu o seu sexto filho, José Carlos.

São deste período os românticos versos do "ROTEIRO DA FELICIDADE", nova coletânea de poesias editada em 1946, que ele dedica "Para a Lauri, este roteiro do caminho que, há um ano, juntos iniciamos" (2.6.1946).

Poeta parnasiano, fiel às normas da época em que se iniciou na literatura, aderiu depois ao movimento modernista deflagrado em 1922 em São Paulo, publicando os "Ritmos Novos".

Aposentando-se em 1945, após mais de 30 anos de inestimáveis serviços prestados à Justiça de Mato Grosso, foi a convite de seu amigo Coronel Joaquim Vicente Rondon, então Governador do Território Federal de Guaporé, exercer o cargo de Secretário Geral daquela unidade da Federação, temporada essa que lhe ensejou a publicação de mais um trabalho poético, os "POEMAS DO GUAPORÉ", editados em 1949.

Mas José de Mesquita não foi apenas o poeta que todos aplaudiam e admiravam.

No campos dos ensaios históricos escreveu as seguintes obras de alto valor para a bibliografia mato-grossense: "Um paladino do nacionalismo" (Elogio de Couto Magalhães - 1929); "O Taumaturgo do Sertão" (biografia de Frei Macerata - 1931); "João Poupino Caldas" (ensaio bibliográfico, 1934); "Manoel Alves Ribeiro" (biografia, 1938); "A Chapada Cuiabana" (1940); "A Academia Mato-grossense de Letras" (notícia histórica - 1941); "Bibliografia Mato-grossense", em colaboração com Firmo José Rodrigues, em 1944; "Gente e Cousas de Antanho" foi uma série de 38 artigos publicados na imprensa local e produzidos em sete volumes da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, no período de 1954 a 1961.

No terreno dos contos, ensaios literários e romances, publicou - "A Cavallhada", contos.

1928; "Espelho de Almas", contos, premiado pela Academia Brasileira de Letras em 1932; "O sentido da literatura mato-grossense", conferência, 1937; "No tempo da Cadeirinha", contos regionais, 1946; e "Piedade", romance, 1937.

Orador dos mais notáveis que Mato Grosso conheceu, foi Mesquita também jornalista, sendo imensa a sua colaboração em jornais e revistas de Cuiabá, Campo Grande, São Paulo e Rio de Janeiro, tendo sido um dos esteios da redação do semanário católico "A Cruz", e um dos mais assíduos colaboradores de "O Estado de Mato Grosso", com as suas "Domingueiras".

O reconhecimento aos seus méritos culturais foi comprovado pelas homenagens que recebeu de entidades de quase todos os Estados do Brasil e de países estrangeiros, que seria fastidioso enumerar.

Permitir que essa obra imorredoura de Mesquita desaparecesse na névoa do tempo e que fosse tragada pelo esquecimento, como já aconteceu com a de outras figuras da intelectualidade mato-grossense, seria um crime que cometeríamos contra o patrimônio cultural de Mato Grosso e do Brasil, que as futuras gerações jamais nos perdoariam.

Assim pensando decidimos, quando ainda exercíamos a presidência desta Casa, e em consonância com todos os demais confrades, fossem quais fossem as barreiras e o custo da aventura, iniciarmos a reedição das obras de José de Mesquita, como já havíamos feito com as do nosso imortal Dom Aquino Corrêa, por ocasião do centenário de seu nascimento.

Só que àquela época contamos com o apoio, no Senado Federal, dos ilustres Senadores Gastão de Mattos Muller, Moacir Dalla e José Fragelli, que nos franquearam a gráfica daquela Câmara Alta do País, e ainda tivemos a ventura de contar com a colaboração preciosíssima e dedicada do Acadêmico Corsindio Monteiro da Silva, residente em Brasília, que nos dá a honra de sua presença nesta solenidade, e que supervisionou os trabalhos, organizando e preparando textos e acrescentando-lhes anotações, do que resultou que Dom Aquino não teve, em vida, uma publicação tão perfeita de suas obras como a que foi lançada ao ensejo de seu centenário de nascimento.

Felizmente encontramos o mais decidido apoio por parte da Federação das Indústrias de Mato Grosso, na pessoa de seu ilustre Presidente, o empresário Ary Wojcik, para a reedição da primeira das obras de José de Mesquita, gentileza que mais uma vez publicamente agradecemos.

Para início desse trabalho foram escolhidas as produções do ínclito ex-Presidente da Academia que maior interesse despertaram, através dos tempos, no seio da sociedade mato-grossense: as suas pesquisas genealógicas.

Em 1926 publicou Mesquita, na Revista do Instituto Histórico de Mato Grosso, o "NOBILIÁRIO MATO-GROSSENSE", no qual traça a genealogia das famílias dos Barões que existiram em nossa então Província, durante o Império, a saber:

- Manoel Nunes da Cunha, Barão de Poconé;
- Joaquim José Gomes da Silva, Barão de Vila Maria;
- João Batista de Oliveira, Barão de Aguapéi;
- João Augusto Manoel Leverger, Barão de Melgaço;
- Antônio de Cerqueira Caldas, Barão de Diamantino;
- Hermenegildo de Albuquerque Portocarrero, Barão do Forte de Coimbra;
- Firmo José de Mattos, Barão de Casalvasco; e
- Antonio Maria Coelho, Barão de Amambaí.

Em 1930 publicou, na mesma Revista, a "GENEALOGIA CUIABANA", que ele inicia com os títulos PRADOS e FIGUEIREDOS, ponto de partida para estudos genealógicos de outras famílias mato-grossenses.

Esses dois trabalhos do eminente historiador, o "Nobiliário Mato-grossense" e a "Genealogia Cuiabana", foram agora reunidos num só volume, ao qual tomamos a liberdade de denominar "GENEALOGIA MATOGROSSENSE", uma das mais brilhantes obras do nosso saudoso ex-Presidente.

Esperamos que não nos falte, para a frente, o apoio dos poderes públicos e das entidades particulares para que continuemos nessa empreitada que hoje iniciamos e que ha de receber, por certo, o reconhecimento das futuras gerações de mato-grossenses.

Tenho dito!

Cuiabá, 10 de março de 1992.

LENINE DE CAMPOS PÓVOAS

ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS

O centenário de JOSÉ BARNABÉ DE MESQUITA

(Discurso em homenagem ao Acadêmico JOSÉ BARNABÉ DE MESQUITA no centenário de seu nascimento, proferido pela Acadêmica VERA RANDAZZO, segunda ocupante da Cadeira n. 19, fundada pelo homenageado).

EXCELENTÍSSIMO SENHOR PRESIDENTE DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS!

DIGNÍSSIMAS AUTORIDADES CIVIS, MILITARES E ECLESIÁSTICAS!

EXCELENTÍSSIMA FAMÍLIA MESQUITA!

PREZADOS CONFRADES E QUERIDA CONFREIRA!

SENHORAS E SENHORES!

SENHORAS E SENHORES! Quisera ter uma parcela da sabedoria rutilante do luminoso e inclito vulto que me coube homenagear, no dia do centenário de seu nascimento!

Quisera ter o verbo inflamado de um poeta condoreiro, para tecer as loas de uma figura impar no cenário das letras e da magistratura mato-grossenses!

Quisera... oh, quanto eu quisera, traduzir com a magia de palavras altissonantes minha admiração pelo grande gênio chamado JOSÉ DE MESQUITA!

No entanto, se não tenho os dons de um Aquino Corrêa, ou as vozes de um Cícero, sera com a alegria de minha pequenez que vou exaltar o fundador desta Academia Mato-grossense de Letras, da qual foi o Presidente por 40 anos, sendo também o titular da cadeira n. 19, cujo patrono é o também imortal Couto de Magalhães, cadeira que hoje, modestamente ocupo.

José de Mesquita, que nasceu no dia 10 de março de 1.892 e cujo centênio de vida completa-se nesta noite de gala em meio às emoções de todos nós, era filho do diamantinense e seu homônimo José Barnabé de Mesquita e de D. Maria de Cerqueira Caldas, sendo neto pelo lado paterno do Capitão Barnabé de Mesquita Muniz e de D. Maria Rita de Mesquita. O Capitão morreu muito cedo, deixando ao filho, ainda adolescente, a sagrada tarefa de cuidar da mãe viúva e três irmãs: Isabel Perpétua, Ana e Daria. Pouco tempo depois, os Mesquitas mudam-se para Cuiabá, devido principalmente à então decadência de Diamantino. Emprega-se o jovem chefe de família numa casa comercial, onde pela sua capacidade logo chega a guarda-livros. Além de sustentar decentemente os seus, estuda com afinco e, dotado de invulgar inteligência, habilita-se e conquista o cargo de advogado provisionado da Comarca de Cuiabá.

Progredindo, exerce vários cargos como Auditor de Guerra, ainda no tempo do Império, e professor de Latim no Liceu Cuiabano e, já na República, foi diretor da Tipografia Oficial. Político liberal, foi jornalista e era ardente abolicionista. Casou-se com D. Maria de Cerqueira Caldas em 1.891 e um ano depois, com apenas 37 anos, faleceu, deixando ao seu único filho de apenas cinco meses, além de seu próprio nome, uma herança prenhe de exemplos dignificantes, tanto de vida profissional como da familiar.

É patrono da cadeira n. 27 desta Academia, hoje ocupada pelo ilustre historiador Ubaldo Monteiro da Silva.

Alguns anos mais tarde, a jovem viúva uniu-se em segundas núpcias ao comendador Antonio Tomaz de Aquino Corrêa, viúvo de D. Maria d'Aleluia Gaudie Ley, com quem tivera vários filhos, um dos quais, Francisco de Aquino, seria o imortal e brilhante Príncipe da igreja de Mato Grosso, que governou e pacificou nosso Estado de 1.918 a 1.922, e que é também luminar das letras mato-grossenses de renome internacional.

O menino José encontraria no seio do novo lar muito carinho e dedicação, embora continuasse sendo o enlevo das três tias paternas, duas das quais morreriam solteiras e centenárias na casa do querido sobrinho.

Estudou no Liceu Salesiano São Gonçalo e completou seu curso de Ciências e Letras (que corresponde hoje ao 2. Grau) em 1907, o que fazia sua tia Dadá dizer feliz:

“- Quinze anos e já formado em Belas Letras”

Viaja então o jovem estudante para São Paulo, ingressando na famosa Faculdade de Direito do Largo São Francisco, onde teria como colega, dentre outros, Menotti Del Picchia, que seria o autor de "Juca Mulato", "As Máscaras" e outros belos poemas e de quem seria amigo por toda a vida.

Inicia então José de Mesquita sua carreira literária, mandando para o Jornal "O Comércio", de Cuiabá, sob a direção de Estevão de Mendonça, deliciosas crônicas, num português primoroso, intituladas "Notas Paulistas" e é interessante ver a São Paulo do inverno de 1.910 com os olhos do moço cuiabano de 18 anos:

"Por vêzes, se a noite eu me ponho a perambular ociosamente pelas ruas e praças desertas, minha imaginação me faz ver, passando sob a garôa, embuçado numa longa capa romântica, o vulto de Álvares de Azevedo ou Castro Alves, ou qualquer outra alma como a deles que andou a amar e sonhar nesta paulicéia formosa. É então que São Paulo me aparece como sempre imaginei: a grande e tradicional Cidade Universitária, cheia de dia, de estudantes que não estudam, e de noite de românticos sonhadores que passeiam o seu amor e as suas tristezas sob a garôa que desce suavemente do alto..."

Pensando nas moças e senhoras daqui, conta algo sobre a moda:

"Sob os abafados trajes de lã, enluvadas e de ricos chapéus, vejo passar famílias para o cinema. Os chapéus de inverno são em forma de um turbante mourisco, e sobre certos rostinhos são de um efeito encantador".

Mas dá também, o nosso estudante de Direito, notícias das personalidades estrangeiras que visitam o Brasil e faz comentários quanto às idéias dos visitantes e certas manifestações contra:

"É preciso deixar de vez esses hábitos e acostumarmos a ver nas convicções dos outros, o direito de existir que não queremos negado às nossas convicções. Quando andou por aqui Anatole France, falou-se muito em protesto, em manifestações contra a estada e visita do velho literato da simpática nação francesa. Agora com George Clemenceau. Felizmente esses protestos não têm eco fora de casa. Ao contrário, fariam péssima recomendação aos nossos costumes nacionais, à nossa apregoada hospitalidade".

Numa crônica fala sobre a recepção a João do Rio, na Academia Brasileira de Letras. Em outra, rejubila-se com a queda da monarquia em Portugal e quando Olavo Bilac esteve no Teatro Sant'Ana, José de Mesquita está e conta para Cuiabá:

"...o poeta discorreu adoravelmente, encaloradamente sobre as mulheres de Shakespeare, entremeando a conferência de trechos do grande bardo inglês, traduzidos por ele mesmo em admiráveis versos e ao sair cada espectador trouxe, como eu, trechos encantadores de frases, belas figuras e mais belas idéias, inda a lhes cantar no ouvido, como a magia inefável de uma verdadeira sinfonia!"

Em junho, acha sem graça as festas juninas de São Paulo, atribuindo o fato ao temperamento retraído, mais familiar que social, que caracterizava o paulista. Ai, então, a saudade aparece e escreve:

"Entre nós, nessas boas terras de Mato Grosso, e principalmente em Cuiabá, as festas de São João, como todas as festas populares, têm outro atrativo. As nossas noites de São João, com as fogueiras, as sortes, os jogos de prenda e as danças, são noites que fazem a gente, no meio desta vida prosáica, acreditar por um momento na existência da Poesia".

E termina, cheio de melancolia, desejando que:

"Deus queira que a civilização custe muito a penetrar em Mato Grosso, e que possamos ainda ver por mais de 50 anos o São João festejado com roqueiras e cantigas suaves que se perdem na doçura da noite límpida e estrelada, quando começa o amanhecer"

Em 1913, com apenas vinte e um anos, conclue o Curso de Ciências Jurídicas e Sociais, sendo ele, o jovem cuiabano, neto do Capitão Mesquita de Diamantino, escolhido pelos seus dotes excepcionais para ser o orador da turma.

—ooo— —o— —o—

Quando muito jovem, José de Mesquita aproximou-se da doutrina do filósofo francês Ernesto Renan e de outros livres-pensadores, afastando-se da religião de seus maiores, causando certo constrangimento à sua família profundamente católica. Mas este afastamento foi breve, causado pela juventude, em geral contestadora, tanto que, alguns anos mais tarde, diria no seu magnífico soneto intitulado "Jesus":

"O mundo quis viver sem ti e viu que a vida,
sem a Tua palavra eterna que conforta,
É uma gleba daninha, estéril, ressequida..."

Em 1915, recebe como esposa Ana Jacintha, de dezessete anos, filha do Desembargador João Carlos Pereira Leite e de D. Amélia de Cerqueira Pereira Leite.

Foi um casamento feliz e ao lembrá-lo diria no ocaso da vida:

"Encontrei a mulher que me servia. Amorosa, fiel, meiga e, sobretudo, pura, virgem de corpo e alma. Desfrutei o amor em todas as suas modalidades, em toda plenitude. Se morresse ao cabo de uns dias de casado, poderia dizer: Gozei a vida em toda a sua essência, do amor o capítulo sumo".

Nasceram-lhes oito filhos, três falecidos na primeira infância, mas criaram Guy, Ama-deu, Maria Amélia, Maria de Lourdes e Fernando.

Perdendo sua dedicada esposa em 1.942, desposou três anos depois sua cunhada Laura Pereira Leite, reconstituindo novamente um lar feliz, onde nasceria José Carlos, o que o faria dedicar à esposa o soneto "Maternidade", do qual extraímos estas estrofes:

"Faltava à tua meiga formosura,
Ao teu encanto, à tua mocidade,
O que à mulher completa e transfigura,
O halo sublime da maternidade.

E, hoje, ao ver-te a feição mais doce e pura,
Toda a exalar paz e felicidade,
Teu filho ao colo, a mim se me afigura
Que atinges a integral maturidade".

JOSÉ DE MESQUITA (que não gostava do Barnabé), iniciou sua vida profissional como professor de Português na Escola Normal, nomeado pelo Dr. Costa Marques, em 1.914. Pede exoneração no ano seguinte, pois é nomeado Procurador Geral do Estado.

Jovem, formado em faculdade de renome, conhecido e admirado pelo que escrevia para a imprensa cuiabana, José de Mesquita é cotejado e convidado para os mais altos cargos, principalmente pela sua idoneidade moral, mas submete-se a concurso público para o Tribunal de Relação (hoje Tribunal de Justiça), e sendo aprovado é nomeado, em abril de 1920, como Juiz de Direito da Comarca de Araguaia. Diria mais tarde:

"Araguaia, saudosa estância que marca para mim, o início da minha carreira judiciária, e as impressões desse período jamais se me apagarão da mente".

Foi professor de Direito Constitucional da Antiga Faculdade de Direito de Cuiabá e Desembargador do Tribunal de Justiça, do qual foi Presidente de 1.930 a 1.940.

Disse, dele, o Desembargador Antonio de Arruda, seu insigne colega na Magistratura, nas Letras e também membro deste sodalício:

"Era de ver, por exemplo, o orgulho com que se referia à sua profissão de advogado - não por ela em si, mas porque o ligava ao progenitor que também o fora. Ingressando na magistratura, fez dela a parte mais fecunda de sua carreira, e suponho que das maiores satisfações que teve foi quando um dos filhos e um genro o acompanharam neste setor, e ao saber estar o caçula recém-formado, preparando-se para seguir-lhe as pegadas".

Como não tive a felicidade de conhecer tão extraordinária personalidade que foi José de Mesquita e ocupando hoje a cadeira que foi dele, nesta Academia Mato-grossense de Letras, procuro ansiosamente conhecê-lo através de depoimentos dos que tiveram a ventura de privar de sua intimidade ou foram seus contemporâneos. Procuro, também, conhecê-lo através de seus artigos publicados em jornais ou revistas, ler suas biografias de vultos históricos, seus estudos genealógicos, discursos, poemas, seus contos e romances, alguns difíceis de serem encontrados, outros ainda inéditos. Pois vasta, variada e fecunda foi a obra deixada por este escritor invulgar, grande em todos os gêneros literários:

Mas é também como pessoa que José de Mesquita me fascina. Foi um homem especial e novamente busco em Antonio de Arruda dados para traçar-lhe o perfil:

"Ninguém levaria como ele tão a sério as obrigações sociais; datas natalícias de amigos, colegas e confrades, momentos de alegria e de dor, tudo era motivo para as suas expansões oportunas e cordiais..."

Como presidente desta Academia Mato-grossense de Letras e orador perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, do qual foi também membro fundador em 1918, José de Mesquita falou sobre esta Casa Barão de Melgaço em 1930, quando foi doada pelo governo do Estado para todo o sempre nela funcionarem estas duas, sem dúvida, mais importantes entidades culturais de Mato Grosso:

"Mais nobre, mais coerente finalidade lhe não poderia ser dada. Que lhe seja, pois, doravante, o seio fagueiro da intelectualidade patricia, o remanso sereno onde, ao abrigo das procelas que se agitam no torvelim das paixões, possam expandir-se em fecunda atividade criadora, os pendores humanitários da ciência e as puras elocubrações do sonho!"

JOSÉ DE MESQUITA passou quatro décadas de sua vida fazendo pesquisas em arquivos públicos e eclesiásticos, decifrando cartas régias e documentos coloniais, estudando processos criminais, inventários ou sesmarias, lendo as memórias das viagens setecentistas ou relatórios provinciais, folheando velhíssimos livros de batismo, os registros de necrópoles, de onde desencavava fatos históricos esquecidos e personagens ainda estuantes de vida, para reuni-los sob a epigrafe "Gente e Coisas de Antanho". Publicados inicialmente em jornais cuiabanos e depois nas revistas da Academia Mato-grossense de Letras e do Instituto Histórico de Mato Grosso, no período de 1925 a 1954, foram reeditados pela Prefeitura da Capital em 1985, quando era prefeito o agora Deputado Federal, Dr. Manoel Antônio Rodrigues Palma, sob a coordenação do historiador Carlos Rosa.

Nestas exaustivas excursões aos poeirentos alfarrábios, levantou a origem das principais famílias daqui e a dos aristocráticos barões e seus descendentes, deixando para a posteridade as sempre consultadas obras, **Genealogia Cuiabana** e **Nobiliário Mato-grossense**.

Grande orador, seus discursos são lembrados como verdadeiras peças literárias de valor imperecível, como o que disse em Campo Grande ao paranimfar uma turma de normalistas. Publicado em 1940, esse discurso de José de Mesquita poderia ter sido repetido neste último domingo, Dia Internacional da Mulher, dia que, há 50 anos atrás, não era comemorado. Lerei apenas dois parágrafos:

"O século XX é o século da Mulher. Nunca vosso sexo, senhoras professoras, gozou de maiores prerrogativas e, por isso mesmo, nunca lhe pesaram sobre os ombros mais árduas responsabilidades. As conquistas feministas valem, sem dúvida, pela aquisição de maiores direitos, mas importa, paralelamente, no investimento de mais graves deveres".

"O homem sempre se outorgou, egoisticamente, todos os direitos, dando à mulher, na comunhão do lar, tão somente as obrigações. A mulher moderna é a colaboradora do seu companheiro do outro sexo. Trabalha e lida, atira-se como ele ao vórtice da vida, e sofre junto dele, nessa luta áspera que é a existência, luta na sua essência, no seu desenvolvimento e na sua finalidade. Mas para isso há que entrar blindada do aço da sua resistência moral, armada como a clássica Minerva, da sua couraça de inteligência e, ao mesmo tempo, aureolada como as madonas da nossa crença, desse halo sobrenatural da virtude - que é força, e da Graça -, que é beleza. Só assim a mulher realiza o verdadeiro sentido do feminismo".

E quanta delicadeza, quanto respeito, quanto bem querer deixa transparecer o poeta, quando fala sobre a Mulher e, se às vezes vai além, às regiões perdidas da alma e busca os frêmitos mais íntimos, o faz de tal forma que mesmo a sensualidade que se evola dos seus poemas e sonetos não aviltam nunca a imagem feminina. pois que o seu sentimento é grande, é verdadeiramente cósmico e é assim que ele vê a Musa Amada: "Na Canção da Inquieta Procura":

"Tu me esperaste...
E quando eu vim de todas essas distâncias
No tempo e no espaço,
dos longes do Passado, dos combates ásperos
com monstros, feras, dragões e gnomos,
vendo-me vencedor de todas as batalhas,
Bandeirante, Cavaleiro, Herói, Marujo ou Cruzado.
Tu, que me esperavas,
Não olhaste as prêas, o ouro, as laureas e os trofeus...

"Abriste-me apenas,
Num gesto manso e bom, suave e enternecido,
Teus braços que me esperavam
E me estreitaste docemente de encontro à tua alma..."

É também o poeta ecológico que canta as belezas naturais de sua terra e que conhece os meandros das suas serras e paredões, da chuva e do vento e que ao ouvir o murmúrio das águas, diz ao rio Coxipó:

"Vi-te a nascente, a linfa clara e pura,
e o curso cheio de sinuosidade,
te acompanhei, no serro ou na planura
cheio de graça ou de impetuosidade!"

E à cachoeira:

"E eis que tombas, sóbria, da alta serra,
mostrando aos que o cair assombra e aterra,
que até na queda pode haver grandeza".

E a uma ave do Pantanal:

"Sob o céu rosicler, na manhã cor de rosa,
Passa, rufando o ar, suas alas rosadas,
o róseo coelheiro, a voar sobre a barrosa
e plácida extensão das imensas aquadas"

E comovido fala para uma árvore centenária:

"Mas eu te quero mais e te amo quando,
na tristeza das tardes de janeiro,
te vejo as folhas secas revoando
ao vento frio, oh! velho tarumeiro!"

Ligado desde seus tempos de estudante a instituições culturais de São Paulo, como ao Clube Minerva, ao Grêmio Olavo Bilac e ao Grêmio Onze de Agosto, continuaria JOSE DE MESQUITA a manter estreito relacionamento com a intelectualidade paulista, por toda a vida, sendo membro atuante do Instituto Heráldico e Genealógico de São Paulo e da Academia de Ciências e Letras de São Paulo. Em Campinas, era membro do Centro de Ciências, Letras e Artes e do Centro de Cultura Intelectual.

Em Maranhão, era membro da Casa Humberto de Campos e, no Estado do Espírito Santo, do Grêmio Literário Rui Barbosa, do Centro de Cultura Humberto de Campos, do Círculo dos Amigos de Marden e do Grêmio Literário Euclides da Cunha.

Correspondia-se e fazia parte, no Pará, da Academia Paraense de Letras e, no Rio Grande do Sul, era membro do Instituto Rio-grandense de Letras, do Círculo Rio-grandense de Difusão Literária e da Academia Rio-grandense de Letras.

Em Minas, era correspondente da Academia Mineira de Letras; no Ceará, do Instituto do Ceará, e, no Rio, era membro da Academia Carioca de Letras e da Academia Pedro II.

Em seu Estado natal, JOSÉ DE MESQUITA foi do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, seu sócio fundador e orador perpétuo; da Academia Mato-grossense de Letras, também sócio fundador e seu presidente desde a fundação em 1921, até sua morte em 1961 - por quarenta anos, onde ocupava a cadeira nº 19, cujo patrono é o inolvidável presidente provincial e escritor Gal. Couto Magalhães.

Era também sócio benemérito da Sociedade Literária Rui Barbosa e do Grêmio Castro Alves, ambas em Cuiabá. Em Guiratinga, era membro efetivo do Intercâmbio Cultural.

Além desses, era JOSÉ DE MESQUITA membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do Instituto Genealógico Brasileiro e da Federação das Academias de Letras do Brasil.

Suas atividades epistolares e culturais estendiam-se ao exterior, como por exemplo, nos Estados Unidos, era membro honorário do International Institute Of American Ideals, em Los Angeles e, na Europa, era Comendador da Grand Prix Humanitaire de Belgique, em Bruxelas.

Na América do Sul, era sócio honorário, na Argentina, do Instituto de La Cultura Americana e, no Uruguai, membro correspondente do Confraternité Universelle Balzacienne, cuja sede era em Montevidéu.

UM POUCO DA EXTENSA BIBLIOGRAFIA MESQUITIANA

Por três décadas, a literatura de Mato Grosso foi enriquecida com sete livros de poemas de JOSÉ DE MESQUITA:

POESIAS	- 1919
TERRA DO BERÇO	- 1927
EPOPEIA MATO-GROSSENSE	- 1930
TRÊS POEMAS DA SAUDADE	- 1943
ESCADA DE JACÓ (sonetos)	- 1945
ROTEIRO DA FELICIDADE	- 1946
OS POEMAS DO GUAPORÉ	- 1949

Constam também de sua bibliografia:

- UM PALADINO DO NACIONALISMO - sobre o Brig. José Vieira Couto Magalhães - 1929.
- O TAUMATURGO DO SERTÃO - sobre o Frei José Maria Macerata - 1931.
- O ATENTADO CONTRA A JUSTIÇA - Tese de Direito - 1932.
- O SENTIDO DA LITERATURA MATO-GROSSENSE - 1937.
- PELA BOA CAUSA - 1937.
- RELATÓRIO DA ADMINISTRAÇÃO DA JUSTIÇA - 1937.
- O SENTIDO DA BRASILIDADE NA HISTÓRIA DE MATO GROSSO - discurso de posse no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - 1939.
- NOS JARDINS DE SÃO JOÃO BOSCO - 1941.
- O EXÉRCITO, FATOR DE BRASILIDADE - 1941.
- A ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS - 1941.
- BIBLIOGRAFIA MATO-GROSSENSE - 1941.
- AS METRÓPOLES CUIABANAS -
- OS JESUÍTAS EM MATO GROSSO

E sobre a MULHER:

- O CATOLICISMO E A MULHER - 1921.
- SEMEADORAS DO FUTURO - 1930.
- DE LÍVIA A DONA CARMO - mulheres na obra de Machado de Assis - 1939.
- PROFESSORAS NOVAS PARA UM MUNDO NOVO - 1940.

Colaborador assíduo da imprensa mato-grossense, suas crônicas, artigos ou poesias eram estampadas pelos jornais "O Povo", "O Mato Grosso", o "Correio do Estado", o "Correio Mato-grossense", "O Democrata", "A Cruz", jornal da Arquidiocese que dirigiu por mais de 20 anos, "O Estado de Mato Grosso", este enriquecido com as suas famosas crônicas "Domingueiras".

Seus trabalhos podem também ser encontrados pelos pesquisadores da literatura mato-grossense em revistas como a hoje extinta "O Cruzeiro", de Cuiabá, a "Revista da Academia Mato-grossense de Letras", a "Revista do Instituto Histórico de Mato Grosso" e os "Anais Forenses", que fundou e dirigiu por muitos anos.

Escrevia também para a "Revista da Faculdade de Direito de São Paulo", para a "Revista do Brasil" e a "Revista Nova", ambas também de São Paulo. No Rio de Janeiro sua produção era publicada pelo "O Malho", pela "Ilustração Brasileira", pela "Aspectos e Cultura Política" e pela "Revista das Academias de Letras". Em Campo Grande, na Revista "Civilização".

Em agosto de 1940, JOSÉ DE MESQUITA apresentou ao IX Congresso Brasileiro de Geografia "A Chapada Cuiabana", ensaio que focaliza as condições sócio-econômicas do grande planalto mato-grossense. Este importante trabalho foi reeditado em 1977, pela Fundação Cultural de Mato Grosso, graças à sensibilidade do seu então presidente, o insigne historiador Dr. Lenine de Campos Póvoas.

Aliás sobre a Chapada, JOSÉ DE MESQUITA publicou na revista do IHMT, volume XXV, uma monografia intitulada "Grandeza e Decadência da Serra-Acima".

Mestre na arte do conto, retratava, através deles, os costumes e as lendas de nossa terra, com grande realidade e fino humor. Publicou, em 1928, "A Cavalhada", em 1932 "Espelho d'Almas", coletânea premiada pela Academia Brasileira de Letras e, em 1942, saiu a lume "No Tempo da Cadeirinha". Publicou o romance "Piedade" e, em 1958, concluiu "Imagem de Jaci", também romance, que entretanto permanece inédito.

E, por fim, destacamos as biografias de personalidades históricas, escritas ora através de discursos, ora de ensaios, como os de João Poupino Caldas, Antônio Corrêa da Costa, Caetano Manoel de Farias e Albuquerque, Manoel Alves Ribeiro, Couto de Magalhães, Frei José Maria Macerata e outros ainda, que se encontram dispersos nas revistas e jornais já citados.

José de Mesquita foi condecorado, em 1933, pelo Papa Pio XI, com a comenda da ordem de São Silvestre, pelos serviços prestados à ação católica.

Em 1936, representou o Tribunal de Justiça no Congresso Nacional de Direito Judiciário e na Conferência Brasileira de Criminologia.

No mesmo ano, representou a Academia Mato-grossense de Letras no 1º Congresso das Academias Brasileiras e, em 1938, representou o Instituto Histórico de Mato Grosso e o Estado, no Congresso Histórico Nacional.

Em 1960, recebeu a Medalha de Pacificador, do ministro da Guerra, pelos serviços prestados à Pátria.

Faleceu nesta capital a 22 de junho de 1961 e dele disse, em conferência no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o Dr. Virgílio Corrêa Filho:

"Difícilmente encontrarão quem o substitua, com equivalentes credenciais, de cultura embebida de humanismo, capacidade rara de trabalho e vontade resoluta de bem servir a coletividade, a que se irradiava a sua simpatia envolvente".

Há alguns anos um dos filhos de José de Mesquita, o também jurista Dr. Fernando de Mesquita, ofereceu-me a cópia de um documento inédito, escrito talvez num momento de comunhão com Deus e que foi por ele lido, quando o governador Cássio Leite de Barros inaugurou, no Palácio da Justiça, o busto do inesquecível Desembargador, concretizando no bronze a idéia lançada pelos doutores Luiz Philippe Pereira Leite, Gervásio Leite e Rubens de Mendonça.

Esse depoimento, intitulado "Confissões", comoveu a todos os presentes e ao mundo intelectual cuiabano, pois de todos era desconhecido, mesmo dos amigos mais íntimos, mesmo dos parentes mais próximos.

Peço permissão à família Mesquita para lê-lo:

CONFISSÕES

"Vou-me de contas pagas com a vida. Capital e juros. Pago e satisfeito. Que mais queria eu? Tive tudo. Perdi cedo o meu pai, mas tive quatro mães carinhosas. Minha mãe e três tias, uma destas professora, que me ensinou com carinho maternal.

Recursos, nem pouco para passar privações, nem tanto que me envaidecesse ou levasse à pândega. Em tudo moderado, abastado, meio terno.

Cedo me formei, bacharelado em Letras aos 15 anos e em Direito aos 21. Fiz todo o meu curso sem reprovação, com algumas distinções. Nunca tive atrito com um mestre, posto jamais os edulasse.

Gozei muita saúde. Nunca tive doenças dessas que a gente se vexa. Nunca joguei a dinheiro, nem me embriaguei. Não tive amásias. Casei-me cedo, que ainda é o melhor. Encontrei a mulher que me servia. Amorosa, fiel, meiga e, sobretudo, pura, virgem de corpo e de alma. Desfrutei o amor em todas as suas modalidades e em toda plenitude. Se morresse ao cabo de uns dias de casado, poderia dizer: gozei a vida em toda sua essência, do amor o **capítulo sumo**, na expressão de Bilac.

Feliz na carreira. Alcancei o pináculo aos vinte e nove anos, nomeado desembargador, sem que jamais fosse preciso agachar-me para galgar as posições.

Feliz com os filhos. Todos são fortes e sadios. Passei pela dor de perder três deles, que reputo, entretanto, uma felicidade para eles.

Nas letras, conquanto não conseguisse até agora o que sempre almejei quando moço, fui além do que devia esperar. Nunca tive grandes decepções, nem fui jamais desastrado por amor à literatura. Ao contrário, os meus trabalhos sempre mereceram boas referências dos mestres. Tenho conseguido tudo sem jamais perder a fé, minha força e a esperança, meu sustento.

Os meus maiores prazeres na vida - o convívio com a família, as leituras e as viagens, tenho conseguido realizar plenamente.

Nunca pratiquei uma indignidade de que tenha que me envergonhar diante do meu ego sum. Encontrei na segunda mulher uma irmã gêmea da primeira. Não tenho inimigos. Não guardo ódios nem ressentimentos, pois cultivei sempre a ventura suprema de saber perdoar sem, todavia, esquecer as ofensas.

E, por isso tudo e por não me ter faltado a Graça de Deus, julgo-me feliz, por ter vivido e sereno se a morte, a qualquer momento, me quiser..."

Senhores: esse foi o grande vulto que hoje festejamos nesta comemoração, à qual com profunda emoção me associei.

Procuramos manter bem viva e gloriosa essa figura ilustre, que engrandeceu nossa terra, esse grande bardo mato-grossense, esse gigante talentoso que brilhou em tão variadas formas literárias.

Saúdo, enfim, o nobre JOSÉ DE MESQUITA, com os olhos úmidos de emoção, vendo nele a imperecível beleza dos vultos imortais de nossa pátria, que lampejam para sempre em nossa terra livre e pujante de brasilidade!

E quero encerrar com estes versos, lema da própria vida de José de Mesquita:

"Vive
Como se cada dia
fosse o primeiro de uma vida nova
- da tua vida construtiva e boa,
mas vive, igualmente,
como se todo o dia
fosse o final da tua vida,
o último dia aproveitado
para fazer o bem, embora apenas colhas
ingratidões, aleives e injúrias!"

Muito obrigada!

Cuiabá, 10 de março de 1992

VERA RANDAZZO

ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS

CADEIRA Nº 12

Patrono: ANTONIO CLÁUDIO SOÍDO

**Posse do Acadêmico
RONALDO DE ARRUDA CASTRO**

(Discurso de recepção ao Acadêmico RONALDO DE ARRUDA CASTRO, que tomou posse na Cadeira n.º 12 da Academia Mato-grossense de Letras, proferido pelo Acadêmico ARCHIMIDES PEREIRA LIMA).

RONALDO DE CASTRO

Não caberia, não fosse um detalhe impostergável do protocolo de todas as Academias, esta apresentação do jornalista, poeta e escritor Ronaldo de Castro, portador de densa e extensa bagagem cultural, que hoje ingressa em nossa Academia.

Escritor notório, com antecedentes que o tornaram conhecido nacionalmente, como hábil e completo editorialista, Ronaldo dedica-se, por vocação, ao exercício do jornalismo, que Tristão de Athayde considera o mais perigoso e o mais explosivo dos tipos de literatura.

A minúcia descritiva e a propriedade vocabular ressaltam da leitura de tudo quanto escreve, em prosa ou verso, o novo acadêmico.

Sem ser cansativo, exaure a curiosidade de seus leitores sempre que a pena escorreita desliza sobre o papel, seja no trato de assuntos que não vão além do mero coloquialismo, seja daqueles que exigem um estudo mais profundo.

Sua singular sensibilidade afirma-se na visualização do que nos comunica, abrangendo acontecimentos na órbita local, nacional ou internacional, que constituem, normalmente, o seu repertório antológico.

Ronaldo, como o classifica o jornalista João Bosquo, "é um inovador, um poeta telúrico como Silva Freire e seu discurso poético é também ideológico", com o que concordamos plenamente.

Personalidade complexa, atuando no plano dos fatos concretos, inclusive políticos, está, por isso mesmo, exposto a juízos contraditórios, mas das contravérsias surgidas, vez por outra, em torno de sua pessoa, emerge, sempre, a imagem definitiva, indestrutível, do incansável lidador.

Escrever, para ele, é como se fosse uma necessidade intrínseca, orgânica, sem a qual considerar-se-ia um inválido.

Considerando que o mundo é feito de acontecimentos, recusa-se ele a, por conveniência ou comodismo, deixar de opinar ou participar quando as coisas acontecem. É um polêmico, um pensador, um homem de princípios. Nunca foi indeciso ou titubeante.

Para atingir, agora, a precária imortalidade, apresenta-se-nos com a titulação que conseguiu durante uma vida inteira dedicada ao jornalismo, à poética e à historiografia.

O novo acadêmico apresenta-se para a posse na cadeira em que sucede a Gabriel Vandoni de Barros, grande nome, notável cultura, ídolo dos corumbaenses, cedo chamado a se incorporar às nossas sentidas lembranças ou condolências.

O ingresso de Ronaldo em nossa velha e sofrida Academia, fundada por José de Mesquita, cujo centenário de nascimento se comemora hoje, é bastante significativo, pois alguns ádvenas, felizmente poucos, acusam-nos de nada fazer pela cultura. Na opinião desses **parvenus**, que são exceção, está a nossa instituição desatualizada e irrecuperável, motivo pelo qual torna-se significativo o ingresso de Ronaldo, justamente agora, na casa de José de Mesquita e Dom Aquino Corrêa. Ele significa renovação e fortalecimento do propósito básico da instituição de total recuperação iniciada por Lenine Póvoas em sua acidentada e dificultosa gestão, agora sob a responsabilidade do Presidente Clóvis de Mello, figura prestigiosa, professor, advogado e ex-magistrado, que redobra, com os mesmos esforços renovadores, as gestões de Lenine, fortalecidas agora com a compreensão patriótica e apoio do eminente Governador Jayme Campos, a quem são, por isso, gratas as duas instituições da Casa Barão de Melgaço, Academia Mato-grossense de Letras e Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

Não sendo nossa intenção fazer, como seria cabível, uma digressão didática sobre o jornalismo, pois o tempo de que dispomos não comportaria, dedicaremos algumas linhas

à poesia de Ronaldo, pois ele afirma, e nós acreditamos, que no fundo ele é mesmo, como seu ilustre pai, Rubens Mendes de Castro, um poeta.

Vasta e versátil, como ele demonstra, sua poesia, exposta já em **Cuiabanália**, tem no fundo aspectos folclóricos, prevalecendo nos temas a Cuiabá telúrica, a Cuiabá erudita, a Cuiabanália...

Outra característica da poesia de Ronaldo pode ser a torrencialidade, atestada pelas numerosas pastas contendo amostras antológicas expressivas da sua inspiração poética. Com minha homenagem ao bardo, aqui eu paro pois me falta competência: não sou poeta.

Ronaldo, provocado, teria muito o que contar, pois sua vida é uma saga, um baú, diríamos, de onde tem muito o que tirar, não com aquele odor característico das coisas longamente guardadas, mas ao contrário, exibindo as armas ainda quentes dos prêmios memoráveis - e foram tantos - onde se consagrou o mais pugnaz lutador que conheceu nossa imprensa.

Tenho com ele uma dívida e descubro-me ante a graça que recebo de poder, tardiamente e já octogenário, resgatá-la.

Trata-se de detalhe que já passou para a história e se refere a incidente que tivemos, os dois, em razão de nosso ofício, envolvidos:

Foi no Governo Garcia Neto, de que fui Chefe da Casa Civil, e tive, no estrito dever de lealdade para com o Governador que em mim confiou, de divergir do confrade ilustre quanto a conceitos expendidos a respeito do Governo a que eu servia.

Posta a questão limitada a essa divergência que extrapolava para as manchetes, ocorreu fato novo e grave: foi assassinado em Campo Grande, na noite de Natal de 1977, o Dr. Levy Campanhã, meu amigo e que comigo trabalhava na chefia do serviço de imprensa. O GLOBO, este mesmo que o Sr. Brizola gostaria de ver fechado, relacionou o fato, numa interpretação absurda, ao escabroso tráfico de drogas, aparecendo aí o nome de um dos meus irmãos, Acir Pereira Lima, ex-Prefeito de Corumbá e fazendeiro no Pantanal. Meu nome foi também aí arrolado. E foi então que a revoltante maquinação foi denunciada justamente por Ronaldo, através do jornal de que era o principal redator, "Correio da Imprensa", em sua edição de 16 de abril de 1978 e o fez, em artigo sob o título "Uma injustiça e uma indignidade", como um profissional digno e homem de bem. Não se esquecendo de que vivíamos em campos opostos, politicamente, Ronaldo escreveu: "a acusação a Archimedes é simplesmente inaceitável, por falsa e malévola; é flagrantemente injusta, por infamante e caluniosa; é ostensivamente deplorável por maledicente e vazia. Enfim, uma lástima, demonstrando a que extremos de baixeza pode descambar a imprensa quando não dirigida dentro dos rígidos critérios de vigilância e lisura".

Como meu nome fora, também, citado e arrolado como suspeito pela caluniosa publicação, Ronaldo, que estava do lado de lá da trincheira, foi exemplarmente digno, ético, decente, quando a mim se referiu, como segue na publicação do dia 16 de abril de 1978 do "Correio da Imprensa": "Quanto a Archimedes Pereira Lima, também nenhuma restrição, mas devem recordar-se todos do entrevero em que por razões de ordem estritamente política nos envolvêramos não faz muito tempo, mas com todas as nossas divergências adstritas ao âmbito exclusivo das estocadas jornalísticas, que nossa única arma - tanto a nossa como a dele - é a pena da qual fazemos o nosso escudo e a nossa espada. E nossas divergências continuarão não com o homem, mas com o Chefe da Casa Civil. Os que privam da nossa intimidade, frequentando o ambiente democrático desta redação, sabem que jamais preferimos uma palavra contra o homem Archimedes Pereira Lima, chefe de família exemplar, empresário valoroso, jornalista emérito, cultura vasta, homem probo e trabalhador".

O recorte deste artigo, publicado na edição de 16 de abril de 1978, pertence, portanto, à nossa história. Guardei-o carinhosamente e hoje resgato a dívida que tinha para com o Ronaldo, que mostrou aí quanto é digno, sincero, competente e ético.

Considere-se empossado, seja bem-vindo!

Como jornalista, não poderia encerrar esta mensagem sem uma palavra de saudade, uma sentida lembrança de José de Mesquita, colaborador efetivo do meu jornal "O Estado de Mato Grosso", desde o seu primeiro número, através da sua lida "Domingueira", disputada nos meios jurídicos. Solidário com todas as homenagens que lhe são prestadas hoje, reverencio aqui a memória do jurista, do jornalista, do cidadão e pai de família, que pranteamos inconsoláveis na data do centenário de seu nascimento.

Cuiabá, 10 de março de 1992

ARCHIMEDES PEREIRA LIMA

ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS

CADEIRA Nº 12

**Acadêmico
RONALDO DE ARRUDA CASTRO**

DISCURSO DE POSSE

Digníssimas autoridades!
Minhas senhoras!
Meus senhores!
Jovens da minha terra natal!

Minhas primeiras palavras, dirijo-as ao seletor público que veio prestigiar esta dupla solenidade - a comemoração magnificante do centenário de nascimento de José Barnabé de Mesquita imbricada à cerimônia singela da minha posse como novo membro da augusta Academia Matogrossense de Letras -, agradecendo a todos a gentileza da presença e a todos, da mesma forma, rogando desculpas antecipadas pela tortura de terem que ouvir meu pronunciamento. De minha parte, eu os pouparia de bom grado deste sacrifício, mas é norma tradicional desta Casa a proferição de um discurso pelo recipiendário e não seria eu, acadêmico neófito, a quebrá-la ou distorcê-la, sobretudo quando todos os que se academizam ou são academizados têm o dever compulsório, que pretendo cumprir e fazer cumprir, do acatamento e do respeito às regras disciplinadoras deste areópago, das mais simples às mais austeras e abrangentes - esse conjunto de preceitos regimentais que, ao invés de tolher e constrangir, fecunda e dinamiza a instituição, conferindo-lhe caráter de permanência e atualização.

Ora, toda sociedade organizada tem seu cânon, sua liturgia, seu arcabouço ritualístico e a Academia - justamente a Academia! - não iria fazer exceção. Mas sublinho que as regras acadêmicas não têm cunho coercitivo, praticando a Academia, como toda entidade cultural digna dessa conotação, o culto às formas democráticas mais depuradas de convivência e relacionamento. A Academia não me exigiu, por exemplo, atestado ideológico ou carteirinha de congregado mariano para admitir-me entre os seus, que os critérios de avaliação foram bem outros, rigorosamente literários.

Mas insisto nas escusas, que sou homem da palavra escrita, ou melhor, do verbo rabiscado, os dons prodigiosos de Cícero na oratória nem ao de leve pude ter eu a graça de possuí-los - Polímnia virou-me as costas -, afigurando-se-me a tribuna, ao contrário do que representa aos grandes oradores, não o templo radioso da oração, mas o senáculo patibular da palavra apenas sonhada. Neste contexto, fui beneficiado pela norma acadêmica consagrada da leitura do discurso de posse e já começo a me dar bem nesta cerimônia de iniciação em que a douta Academia, por força normativa, abdica de ser tão má para comigo. Quer dizer, começamos entendendo-nos bem, eu e a Academia.

Poeta menor e modesto escriba de jornais, devo à comovedora generosidade dos companheiros acadêmicos o ser admitido nesta instituição, aos quais agradeço a deferência e a honra concedidas, sabedor de que outros, com maiores créditos, poderiam avocar a escolha para si. Quero desculpar-me, ainda, pela demora na formulação da inscrição, mas os fatos só ocorrem quando devem, tal como os frutos que, para cair, exigem maturação. Não se trata, portanto, de decisão serôdia, pois veio no tempo certo e por isso foi fácil, natural, metabólica, até porque a Academia nunca me foi de todo estranha, como verão mais à frente.

À magnanimidade do honorável presidente Clóvis de Mello e de Archimedes Pereira Lima devo as consoladoras palavras de encorajamento e estímulo com que fui apresentado a recepcionado. Agradeço a bondade.

Mas insensato e inócuo seria continuar falando sobre a minha humlílima pessoa, quando há uma personalidade a focar da grandeza de José de Mesquita, sem dúvida o mais brilhante, operoso e fecundo intelectual em toda a história da literatura matogrossense. E se há mais que discorrer sobre a eminente figura do poeta-marinheiro Antonio Cláudio Soído, patrono da Cadeira Nº 12, e o seu primeiro ocupante, o esteta e pensador corumbaense Gabriel Vandoni de Barros. Peço vênia para me deter sobre eles.

JOSÉ BARNABÉ DE MESQUITA

Não bastasse a emoção de adentrar, agora em definitivo, o histórico casarão de Augusto João Manoel Leverger, meu nobilíssimo ancestral na progênie do meu avô materno, Joaquim Corrêa, considero privilégio o tomar assento nesta egrégia assembléia cultural no dia emblemático do centenário de nascimento de José Barnabé de Mesquita, a quem estou ligado por laços sentimentais e de quem pude desfrutar, menino ainda, do convívio senhoril.

Assim, por desnecessário, escuso-me de retratar o intelectual e produtor cultural José de Mesquita, sua obra e realizações, até porque não conseguiria analisar-lhe os trabalhos com exclusão dos vínculos afetivos. Por que negar o óbvio? Mesquita é meu tio por afinidade e outros falem de sua obra, que a mim me bastam as ternas recordações do homem José de Mesquita, excepcional ser humano, compreensivo e amável, que para mim foi e sempre será apenasmente o tio Barnabé.

Com efeito, convolou núpcias o grande escritor com duas de minhas tias-avós, primeiro com Anna Jacintha e, falecida esta, depois com sua irmã Laura, filhas do valoroso homem público desembargador João Carlos Pereira Leite e sua esposa Amélia Cerqueira Pereira Leite, filha de Antonio Cerqueira Caldas, barão de Diamantino. E aí estão os fundamentos de minha relação com Mesquita.

No que me diz respeito, morando meu avô em fazenda no rio abaixo, empenhado na agro-indústria canavieira na boca do Guató, minha mãe, para estudar em Cuiabá, foi recebida e protegida pelo casal Mesquita-Anna Jacintha, morando com eles no antigo solar da Rua 13 de Junho, ela e a irmã Maria Augusta (Mary), ao depois - e ainda - esposa do Sr. Luis Arnaud de Aguiar, o paradigmático "seo" Arnô, incorporado para sempre ao clã Corrêa de Arruda e logo convertido em filho mais velho dadas as suas qualidades de homem correto e bom. Só mais tarde, com a mudança do meu avô para Cuiabá, voltou minha mãe - filha mais velha - a viver com os pais, mas os vínculos com a casa dos Mesquita estavam consolidados para sempre.

Não bastasse esse fato é de observar-se que, com a morte do desembargador João Carlos em 1933, Mesquita, seu genro e amigo, foi transformado de natural no guia, conselheiro e espírito tutelar da família.

Aqui, um parêntesis: o desembargador, sobrinho do poderoso major João Carlos Pereira Leite, senhor de Jacobina, foi à época expoente exemplar da polfca, que está a merecer a atenção dos nossos historiôgrafos. Homem austero, mas bondoso, idealista, culto, esteve à frente dos principais acontecimentos políticos de seu tempo, foi deputado por três legislaturas e da política vieram todos os seus dissabores e desencantos. Foi perseguido, injustiçado, obrigado a exilar-se de Mato Grosso, quando foi albergado pelo amigo Lauro Muller em Santa Catarina, lá ocupando cargo de secretário de Estado. Homem de firmes convicções morais e espirituais, exigiu fosse sepultado em caixão de indigente e conduzido ao jazigo por praças de pré da nossa Polícia. Para ele escrevi um soneto, que sei José de Mesquita ficará feliz nos páramos da espiritualidade ao ver lembrado, no dia do seu centenário, o sogro que tanto admirava:

MEU BISAVÔ

Meu bisavô materno, que figura
de político sério e respeitado...
Foi simples como a chuva, a fonte pura.
perfil moral sublime, iluminado.

O poder, exerceu-o com brandura,
soube se impor ao rico e ao deserdado...
Forte nas horas lúgubres, de agrura,
quando foi perseguido e desterrado.

Que bela alma a do meu bisavô...
Probo, leal, correto, franco, estóico,
mesmo imolado à sanha de um complô.

Ele, que tudo teve, descendente
de um clã brioso de passado heróico,
impôs-se, à morte, o enterro de indigente.

E são daquela época as minhas recordações: a mansão dos Mesquita na Rua 13 de Junho, onde, infante, ficava horas a conversar com Dadá e seu papagaio, cercado das atenções de Batica, testemunhando no dia-a-dia o quanto foi benevolente e humano o homem José de Mesquita, de que nunca vi ou ouvi um gesto de irritação, uma palavra áspera, qualquer imprecação, tratando a todos com amabilidade, sempre sorridente, inclusive a nós, crianças. Foi o que se pode designar como um homem afável, educado e cortês, virtudes, aliás, que foram herdadas pelo seu filho Fernando Mesquita, modelo de educação e lhaneza de trato.

Grudados indelevelmente na minha memória estão os eventos na Chácara Paraná, solar dos meus avós maternos, nos conselhos de família e aniversários, aos quais Mesquita nunca deixou de comparecer, sempre alegre, prolixo, estuante de vida e entusiasmo.

E como a vida é caprichosa nos seus meandros surpreendentes: fincadas no rio abaixo as origens remotas da minha família, meu avô, ao fixar residência em Cuiabá, veio a morar em propriedade chamada Chácara Paraná, não se sabe por artes de quem ou de quê, tendo o étimo **Paraná** como sinonímia "braço de rio caudaloso ou canal que liga dois rios", com origem no tupi **para ná**, que significa "semelhante ao mar". Ou seja, mudou meu avô para a Capital, mas residindo em uma quinta cujo cognome mantinha a ligação da família com o rio Cuiabá. E é sobre a Chácara Paraná daqueles tempos, que era uma chácara mesmo, não simples topônimo - palco encantado da minha infância -, incluindo ali a presença frequente de Mesquita, que lavrei este soneto:

CHÁCARA PARANÁ

Que belo o tempo cheio de esperança,
que tive com meus pais e meus avós...
Era o mundo encantado da criança,
sonhando livre feito um albatroz.

Chácara Paraná... Era a bonança
da natureza aberta para nós...
Caça aos preás, quitutes, abastança,
árvores, fontes, bichos e cipós.

Era a infância ecológica, sadia,
curtida à luz do sol, plena, erradia,
no coração da antiga Cuiabá...

À noite, o luar, as rezas, bate-papos,
as estórias de fadas, monstros, sapos,
de vovô Quinco e de vovó Nhanhá...

Quando na casa do desembargador João Carlos ou visitava o tio Nhonhô - Antonio de Cerqueira Pereira Leite -, exatamente defronte da Academia, aqui entrávamos amiúde em plena algaravia, eu e meus primos, para chamar Mesquita para o lanche - naquele tempo, merenda - ou dar algum recado, ocasião em que brincávamos horas inteiras no jardim interno então existente e, furtivos, devassávamos todas as dependências desta casa, que conheço palmo a palmo. Daí ter eu afirmado não me ser estranha a Academia. Mas era um conhecimento físico, tátil, visual, olfativo, que não autorizava o sonho de aqui voltar mais tarde como acadêmico.

Pouco depois, foi ainda nesta casa que entrei pra a vida artística - vamos dizer assim -, declamando, aos doze, treze anos, versos de Cassimiro de Abreu e José de Mesquita nas reuniões lítero-musicais regulares que aqui se faziam. Portanto, sinto-me à vontade nesta casa, ou melhor, não só me sinto, mas estou em casa na Casa Barão de Melgaço, objeto, para mim, de vivas lembranças em função dos liames que me prendiam e prendem a José de Mesquita, seu fundador. E qual filho pródigo, só tenho uma palavra a exclamar nesta hora da minha investidura como acadêmico: voltei!

ANTONIO CLÁUDIO SOÍDO

A Cadeira nº 12, que assumo, está imantada pela personalidade carismática do patrono Antonio Cláudio Soído e foi fundada por Gabriel Vandoni de Barros, a que venho suceder. Como segundo ocupante, tornam-se-me ainda mais intensas a satisfação e a honra da investidura por encontrá-la em estado de conservação quase virginal, intocada na sua pureza radiante em razão da excelsitude das qualidades morais, intelectuais e espirituais de seu primeiro titular, que a elevou e dignificou ainda mais, deixando-me bem mais próximo da imagem fulgurante do patrono - Soído.

De comum acordo com o presidente da Casa, limitar-me-ei às citações absolutamente necessárias, tanto no caso do patrono como no do fundador da Cadeira, que a leitura do texto completo espicharia o tempo e seria abusiva à paciência dos caros assistentes.

Poeta, escritor, militar e tradutor, nasceu Soído em Vitória, Capitania do Espírito Santo, em 26 de abril de 1822, pisando pela primeira vez o chão cuiabano em 22 de fevereiro de 1857, primeiro-tenente da Marinha Imperial no comando do navio "Maracanã". Foi hóspede oficial, em palácio, de Augusto Leverger, que pontificava pela primeira vez na presidência da Província. Sua permanência foi rápida - 26 dias - e sua missão deve ter sido de reconhecimento da situação da navegação dos rios da Bacia do Prata, pois já iam bem adiantadas as hostilidades com o Paraguai.

Enfeitado ou não pela "terra agarrativa", o certo é que, três anos depois, em 1860, regressou Soído a Cuiabá para comandar o Arsenal da Marinha e aqui permanecer quinze anos ininterruptos, só saindo em 1875 - por poucos meses - para ser inspetor do Arsenal da Marinha na Bahia. De volta em 1876, em 1878 foi comandar no Rio de Janeiro o Batalhão Naval, sendo a seguir designado inspetor do Arsenal da Marinha em Pernambuco, onde chegou a Chefe de Divisão em 1880, reformando-se em 1882 como Chefe de Esquadra, ocasião em que requereu e obteve permissão para voltar a morar em Cuiabá, em que faleceu em 1889.

Este o destalamento cronológico resumido da vida eletrizante de Soído, que, na sua longa permanência entre nós, cumpriu importantes missões navais e promoveu estudos e levantamentos geográficos, hidrográficos, geodésicos e topográficos equivalentes aos melhores que nos foram legados.

A glória maior, todavia, alcançou-a o competente marinheiro como poeta, ao se transformar no principal responsável, em Mato Grosso, pelo desencadeamento do romantismo na literatura, no qual se manteve Soído na linha dos românticos brasileiros em geral, que renovaram nos temas e sentimentos, abandonando os artifícios e recursos arcádicos, mas não romperam com a forma - o vocabulário, a sintaxe, a métrica. Neste contexto, sem restrição à sua poética, que é boa, o valor maior de Soído terá sido o de, isolado nas lonjuras destes sertões, acompanhar de perto e vibrar no mesmo diapasão do romantismo que dominou e empolgou os grandes centros culturais do mundo no século XIX.

Assim, os criteriosos textos científicos de Soído, se já justificam de pleno sua condição de patrono da Academia, a razão maior da homenagem foi sem dúvida a qualidade e o vanguardismo, à época, de sua produção poemática, que muitos, e dos mais notáveis foram os que aqui escreveram obras no campo das ciências exatas, a exemplo de Ricardo Franco e o próprio Leverger, mas apenas um deles se notabilizou no grande painel da história como prógono do romantismo entre nós - Antonio Cláudio Soído.

Desta forma, aqui reverencio o marinheiro cuja bravura e exemplaridade marcaram época, mas saúdo com redobrado calor o intelectual devotado, sério, e o poeta inspirado de A MENINA ORIENTAL, que foi o pai do romantismo entre nós.

GABRIEL VANDONI DE BARROS

A Cadeira nº 12 deste palácio acadêmico parece reservada a tugúrio exclusivo de poetas, a começar do patrono até chegar a mim, que Gabriel Vandoni de Barros, seu fundador e meu predecessor, aqui também chegou pelas mãos das musas do Hélicon - era poeta.

Além de ocorrer a minha posse no dia de Mesquita, com quem tenho vínculos de família, esta solenidade está pontilhada de outras coincidências felizes - fatos que se casam, se entrelaçam e/ou se sobrepõem como se orquestrados a propósito. Senão vejamos.

Poeta e jornalista, venho ocupar a vaga do jornalista e poeta Gabriel Vandoni de Barros, uma sobreposição que só de raro sóe ocorrer. Mas há pontos outros de identificação - e até mais significativos - entre a minha e a vida do dr. Gabi, como era chamado na intimidade, sendo o mais singular o fato de termos nós sido vítimas, ele e eu, de perseguições e restrições políticas desencadeadas por regimes ditatoriais - ele sob Getúlio Vargas; eu, durante a vigência do golpe de Estado de 64, o que reforça a conotação aforística do conceito já difuso à larga de que as ditaduras são medrosas dos políticos... e dos poetas. Porque não haverá estocada mais lancinante no lombo desses governos de força do que a representada pelo discurso político e pela poesia participativa de denúncia e protesto.

Com referência ao dr. Gabi, inobstante seu estofo de refinada intelectualidade, ou talvez até por isso, jovem ainda participou ele como combatente da Revolução Constitucionalista de 32, em São Paulo, tendo seus direitos políticos cassados no ano seguinte, quando candidato à Assembléia Nacional Constituinte pelo Partido Constitucionalista. Nesse mesmo ano de 1933, contudo, viria a eleger-se deputado à terceira Constituinte Estadual, tornando-se signatário da Constituição matogrossense de 1935. Dessa fase, mais exatamente de 1934, data a publicação do livro *A BURLA DO VOTO NA REPÚBLICA NOVA* - corajoso e arrasador libelo contra o simulacro das eleições naquele tempo. Já em 1936 editava *ORIGENS DA "COLIGAÇÃO MATOGROSSENSE"*, reproduzindo memorável conferência proferida no Teatro Santa Helena, nesta Capital. Na sua ciclópica incursão pela política, o moço Gabriel Vandoni foi líder da maioria na Assembléia e Secretário Geral do Estado de Mato Grosso no governo Mário Corrêa, fazendo jus ao reconhecimento unânime de que venceu e brilhou no múnus público.

Sua biografia como jornalista, por outro lado, não é menos rica. Egresso da imprensa estudantil, foi redator, em São Paulo, de 1927 a 1930, do *DIÁRIO DA NOITE*, fugindo ao desempenho prosaico, meramente burocrático do jornalista trivial ao produzir nesse período dois emocionantes furos nacionais de reportagem, quando entrevistou por duas vezes o valoroso militar Luiz Carlos Prestes - a primeira no lado boliviano da lagoa Gaíva, a outra em Puerto Suarez, de igual na Bolívia. Em 1931, ao lado de Alfredo Egídio de Souza Aranha, Plínio Salgado e San Thiago Dantas, fundou na Capital paulista o matutino *A RAZÃO* e na imprensa cuiabana, ao depois, colaborou com assiduidade no jornal *A CRUZ*. Publicou ainda *CUIABÁ, TERRA AGARRATIVA*, enfeixando seu discurso de posse nesta Academia, em 1949, e o livro de trovas *A ROSA E O VENTO*, em edição de luxo prefaciada por Agripino Grieco.

Poeta primoroso, de fina sensibilidade, inspirado escultor do verso perfeito, destacou-se Gabriel Vandoni como sonetista e trovador, deixando-nos produção apreciável.

Imperioso destacar também um dos traços mais incisivos da personalidade desse extraordinário dr. Gabi - o atributo de filantropo espontâneo e compulsivo. Homem aquinhoado pelos bens da fortuna, a herança paterna, ao invés de atassalhá-la na ostentação perdulária, ampliou-a para distribuição em obras benemerentes nos setores educacional e cultural, construindo em Corumbá, com recursos próprios, o majestoso Museu do Pantanal e dezenas de unidades pré-escolares à criança carente.

Esta a projeção sinóptica dos dados biográficos principais do dr. Gabi, que tive a ventura de conhecer na cálida e deliciosa Corumbá, a mais cuiabana das cidades matogrossenses ao sul, a marcar a presença - e a vigilância - da civilização cuiabense no novo Estado criado com a divisão territorial do antigo Mato Grosso uno. Na realidade foram contatos esporádicos do jovem quase imberbe, ávido de conhecimentos, com o sábio consumado - ocasião em que lhe bebia as palavras preñhes e plenas de erudição e facúndia, que era ele uma enciclopédia em pessoa, homem dotado de cultura transatlântica, além da requintada educação de berço que lhe exornava o caráter, sempre atencioso e solícito, colocando-se socialmente na linha comportamental de um Dom Aquino ou José de Mesquita. Regozijo-me de tê-lo conhecido.

EPILOGO

Quanto aos meus cometimentos nas áreas literária e jornalística, não serei eu a falar de ou sobre eles, que seria deselegante. São públicos e portanto sujeitos à apreciação e ao julgamento da sociedade.

De toda forma, meu amor pela imprensa - paixão devoradora! - está consubstanciado na escolha de Archimedes Pereira Lima para recepcionar-me neste santuário das letras, ele que é, sem embargo, o paladino estrênuo da imprensa matogrossense no século XX e cuja amizade eu a reputo preciosa herança de família, com origem no companheirismo entre ele e o meu honrado pai.

No plano profissional, tendo empenhado a vida no exercício da imprensa, se, de um lado, logrei colher algumas flores do aplauso, devo, de outra parte, ter cometido erros e injustiças circunstanciais, destituído da pretensão ridícula à infalibilidade. Neste aspecto, reconforta-me o espírito a certeza de que os prováveis erros nunca decorreram da intencionalidade maldosa, mas de comum em decorrência da rapidez de ação exigida na finalização do produto jornalístico ou até da pressa irrefreável de acertar logo. Contudo, nos momentos em que tive a graça de identificar o engano, sempre fui o primeiro a promover o resgate da verdade dos fatos em toda a sua profundidade e amplitude.

Os princípios norteadores da minha atuação no jornalismo estão, de maneira geral, sintetizados no editorial assinado de primeira página sob o título "Vinte pontos conceituais da editoria do CORREIO DA SEMANA", edição inaugural daquela publicação de que fui um dos fundadores e diretores, datada de 08 a 14 de abril de 1991. Aqui, a reprodução, **ipsis verbis**, desses conceitos pessoais:

01 - O bom jornalismo é o que veicula informação de qualidade, caracterizada não só pela objetividade em si, mas pela busca, apreensão e divulgação da verdade oculta atrás do fato objetivo.

02 - A partidarização política da notícia só é admissível, mas não palatável, em órgão informacional de partido político. A isenção político-partidária é exigência fundamental à informação de qualidade.

03 - O pluralismo tão em moda é recomendável e necessário, dando-se espaço às partes. Mas só a opinião é pluralista, não a informação. O pluralismo representa iniciativa salutar no processo de democratização do jornalismo, mas não é jornalismo e a informação não é democrática nem autoritária - é verdadeira ou falsa. Inexiste posição intermediária entre a verdade e a mentira. A informação é ou não é.

04 - Existe a informação objetiva e a objetividade pura, absoluta só é difícil, não impossível. Depende de trabalho e talento.

05 - O bom jornalismo é o destituído por completo de preconceitos e juízos apriorísticos. Há que estar sempre atento à verdade, que pode ser boa ou má, gratificante ou dolorosa. A verdade existe em si, independente do jornalismo, que pode (e deve) apenas veiculá-la.

06 - O bom jornalismo se documenta para informar. Especialmente para denunciar.

07 - O bom jornalismo não vive apenas da verdade factual. Pode e deve ter opinião, aqui entendida como a visão subjetiva do jornalismo. Para tanto existem os editoriais e matérias assinadas.

08 - A simples notícia não deve ser assinada, já que não comporta subjetividade, ou seja, a opinião pessoal e/ou da instituição jornalística.

09 - A maior qualidade do bom jornalista é a desconfiança quanto a si mesmo, é o autopolicimento (não confundir com autocensura), procurando evitar a inoculação de sua opinião pessoal na informação.

10 - O bom jornalismo é impermeável à covardia. Jornal é metralhadora impressa na luta das idéias universais, já que toda informação, na base, é ideológica. A verdade também. Até a não informação.

11 - A informatização representa formidável recurso científico e tecnológico à disposição do jornalismo. Mas o jornalista jamais poderá cometer o crime de desprezar ou secundarizar o mais sofisticado equipamento existente: o cérebro humano. Pensar é preciso.

12 - Jornal e jornalista não são notícia e a autopromoção, seja do órgão de publicação ou do profissional jornalista, é a mais condenável deformação da imprensa. Abastarda a instituição. É o antijornalismo com ranço de cretinice narcisística. Se o elogio já deprime, que jornal não existe para tal, o auto-elogio então é insuportável, causa urticária.

13 - No bom jornalismo a forma ou apresentação, aqui compreendida como a solução visual emprestada ao veículo, só é importante na medida em que reveste um conteúdo de qualidade. Jornal, basicamente, é para ser lido, tem compromisso com o código sintático, e jornal bonito mas sem conteúdo (ou de conteúdo ruim) é como fruto de casca atraente, mas podre por dentro. Ou como uma rosa que fede.

14 - O lado melhor do bom jornalismo não é a informação, é a denúncia, num país em que a corrupção foi institucionalizada, virou caldo cultural.

15 - A maior desgraça do jornalismo é o "press release". A copidescagem é a maior chaticice.

16 - Nada mais asqueroso e inútil do que a famigerada Lei de Imprensa, instrumento fascista de intimidação e amordaçamento do jornalismo, que não merece respeito nenhum. Também já não vale mais nada, é excrescência jurídica diante da nova Constituição e o jornalismo de denúncia há que estar atento, apenas, para não resvalar ao fosso condenável da calúnia, da injúria e da difamação, o que aliás já é questão de competência do Código Penal.

17 - O bom jornalismo não ameaça nem conversa. Executa sua missão.

18 - O bom jornalismo não se faz na base da amizade ou da inimizade, mas com isenção, veiculando a informação verdadeira.

19 - O bom jornalismo, no respeitante à abordagem crítica de assuntos e questões da administração pública, não deve partir do pressuposto de que toda autoridade é corrupta. Há nobilitantes exceções.

20 - A imprensa do país, que experimentou avanço vertiginoso em termos de modernização da produção industrial, sofre perda gradativa de qualidade jornalística na medida em que vem transformando o profissional jornalista em mero entrevistador, menosprezando a investigação, a pesquisa, a reportagem, notadamente a chamada grande reportagem. O bom repórter, que fuça, escarafuncha, desencava o "furo", diseca e esgota o tema (ou a pauta), esse a peça fundamental na estrutura de todo bom jornal. Aqui, no CORREIO DA SEMANA, todo o poder ao bom repórter, que sempre será mais importante que o editor, o editorialista, o dono do jornal.

No respeitante à literatura, esta a predestinação básica, inicial, que antecedeu e sobreviverá ao jornalismo, tenho certeza, e onde mais transparece meu desvelado amor por Cuiabá.

Se consagrou Aristóteles o apotegma de que o homem, antes de tudo, é um animal político, no meu caso pessoal, um animal político, sim, mas antes de tudo - e essencialmente - cuiabano. Não sem razão, portanto, toda minha escritura poemática está impregnada - e batizada, e carimbada, e registrada - de desprezioso e ingênuo cuiabanismo, em que se busca a universalidade a partir da glorificação do ser e do fazer cuiabanos. Vamos a um exemplo:

O FAZER CUIABANO

A panelada beatífica
de pacu do Cuiabá
é opípara, magnífica
ceia dos reinos de Alá!

A paculada honorífica
estocada no jacá
garante a janta mirífica,
a farinha e o guaraná.

Depois, o amor infinito
da mulher, o cururu,
a pinga boa, um bom pito,

o fresco de caju
- mas tudo depois do rito
de um bom caldo de pacu.

E mais:

O FURRUNDU

O furrundu cuiabano
- negro, fibroso, grudento -
tem cor da pele encardida
da genuína fêmea cuiabense.

O cheiro vindo do tacho
é a síntese das fragrâncias
das grotas, morros e bairros
- Rua das Trepadeiras, Beco do Urubu,
Largo da Mandioca, Travessa do Cotovelo,
Araés, Lixeira, Baú, Mundéu.
(Somando num só angu
todos os cheiros da terra
deu um doce - o furrundu).

Furrundu, doce negrume
curtido na rapadura.
Para o olfato é perfume;
ao paladar - gostosura.

O furrundu litúrgico
resulta na dignificação
do mamão nativo
(foi ensaiado o processo
com o quibebinho caseiro).

O furrundu ressuma
toda a arte esotérica
da doçaria cuiabana.
Inventaram-no as mulheres
- sutil fórmula de aromas -
destas minas de Sutil.

O **ponto**, este um segredo
só legado às cuiabanas
nascidas ao pé do tacho,
herdeiras da maestria
no usar a colher de pau.
(O **ponto** vem do tratar
o mamão com lenha pouca,
mexer muito e só parar
se prega no céu da boca).

Furrundu, filho mulato
da criatividade culinária
da doceira doméstica
- a cuiabana de chapa-e-cruz,
de pele encardida e pé rachado,
que atravessou a história
cultuando a doce alquimia
da iguaria sacral.

Furrundu - o próprio nome
é sincretismo linguístico
do cuiabano falar.
Doce caboclo e fortudo,
de sustança, esquentador
da libido dos amantes.

Furrundu, doce negrume
curtido na rapadura.
Para o olfato é perfume;
ao paladar - gostosura.

Outro exemplo:

PEDRA FURADA

São gotas de cristais descendo, limpas,
despencadas ao sol - Pedra Furada...
Águas nascendo puras pelas grimpas
das cavernas esconsas de Chapada.

Águas em catadupas, qual supimpas
expressões de beleza depurada,
que vês e tens de graça, não garimpas
- é a natureza ali glorificada.

Pedra Furada - cachoeira santa,
energia de águas revoltosas,
que o ser humano purifica, imanta.

É a água a despencar em cachoeira,
gerando sons, purificando as rosas
- líquida e bela, branca cabeleira.

Assim, neste momento, se adentro este sodalício com a alma regurgitante de cuiabandade, rogo ao Olimpo não me sirva a investidura para acender e/ou alimentar no meu espírito a chama do orgulho e da vaidade pessoais, sentimentos por mim ainda desconhecidos na juventude dos meus cinquenta anos.

Com efeito, com ingente desgaste para a família, todo o meu trabalho literário e jornalístico até aqui - e é rigorosamente tudo o que fiz na vida - foi todo ele desenvolvido numa postura infensa à doxomania, sem que eu pensasse nas refulgências do pódio, na acumulação de sestércios dourados ou até no simples reconhecimento das gerações

coetâneas. Todas as láureas com que fui galardeado não as ambicionei e a obtenção de todas elas eu a atribuo à longanimidade dos que mas concederam. Agradeço penhorado a todas as distinções, com especialidade a de hoje, que, antes do que me envaidecerem, acentuam em mim o peso da responsabilidade na execução do meu trabalho. Ou em outras palavras: se antes militava nas áreas literária e jornalística por ímpeto vocacional, agora tenho a obrigação de fazê-lo, alçado à condição de membro efetivo da mais representativa entidade cultural deste Estado. Esta investidura, honra imerecida, significa mais um compromisso - prefiro encará-la sempre assim - e transponho o portal solene da Casa Barão de Melgaço como humilde aprendiz disposto ao trabalho diligente, onde poderei por certo, com a assistência prestimosa de confrades mais ilustrados, aprender ainda mais para produzir melhor na grande seara da cultura do meu Estado natal. Não venho em busca de aplausos, que dispenso, mas espero a colaboração de todos para que, sob a proteção tranquilizadora desta egrégia instituição, possa continuar trabalhando, seja até como servente de pedreiro, na edificação permanente do grande monumento representativo da arte e da cultura em Mato Grosso. É tudo quanto ambiciono.

Os méritos, se os tenho em alguma escala, devo-os à competência e à paciência dessas almas missionárias que me encaminharam nos estudos, como a primeira mestra fora de casa, a inesquecível professora Stella, esposa do saudoso acadêmico Newton Alfredo, a legendária professora Oló, a professora Célia, esposa do pranteado acadêmico Cesário Neto, do qual mais tarde, no ginásio, viria eu a ser epígono, como também o fui de João Crisóstomo de Figueiredo, Raphael Rueda, Gastão Muller, Benedito de Figueiredo, Domingos Sávio, padre Pedro Cometti, Maria Pommot - eloquentes expressões da docência cuiabana -, aos quais, de público, manifesto comovido reconhecimento. Foram eles que começaram tudo.

A honraria, todavia, não a recebo - nem a mereço - em caráter pessoal. Entre os cuiabanos genuínos, como o primeiro de minha geração a tomar assento neste silogeu, divido as homenagens com todos os colegas de estudo na puerícia e na adolescência, tanto os que permanecem nesta vibrante festa da vida quanto os ausentes precoces, ceifados pela foice de Tanatos sem aviso prévio, como Gustavo Nunes da Cunha, João Luis Pereira, João José Craveiro Costa, João Barbuino Curvo Neto, Edmundo Curvo e Lucídio de Mello. A distinção também pertence aos anônimos e dedicados oficiais gráficos que me acompanharam e acompanham na carreira trintenária, de Quintilo, o mais velho - ao mais novo, que pode estar nascendo hoje e com quem desejo ainda trabalhar.

Não penetro sozinho, portanto, neste templo do conhecimento. Entram comigo os velhos mestres e companheiros do fazer jornalístico, entre os que se foram e os que estão entre nós, como Roberto Brunini, Samuel Wainer, Geraldo Valle, Ranulpho Paes de Barros, Vinicius Danin, Rolando Guerra, J. Maia, Batista Custódio, Roberto Gueudeville, Wladimir Dias Pino, Antero Paes de Barros, João Fortes, Weller Marcos e Marcos Antonio Moreira (Villa). De igual, academizam-se comigo os nobres companheiros de diretoria, por seis anos, do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de Mato Grosso, à frente o destacado jornalista José Eduardo do Espírito Santo, como estão aqui os dirigentes da Federação Nacional dos Jornalistas Profissionais, a cuja diretoria pertenci. Da mesma forma, torna-se acadêmico comigo esse artista talentoso das formas fotográficas, Silvio Arguello, que nos últimos vinte anos tem sido o eficiente construtor do fundo imagético das minhas reportagens e trabalhos nas áreas publicitária e das artes gráficas.

Mas não é só: também estão comigo nesta festividade cultural os carcereiros que me trataram com humanidade nas prisões políticas de que fui vítima durante a ditadura militar, quase sempre sob a alegação jocosa de ter incorrido em crime de opinião, por defender as liberdades públicas e denunciar abusos contrários aos direitos humanos. E em sendo o jornalismo talvez a profissão mais próxima dos estratos menos favorecidos e mais sofrendores da sociedade, sentindo-lhes as aflições, as injustiças, as necessidades, as amarguras da vida diária, estão comigo neste anfiteatro florido os simples e os humildes, os maltrapilhos e desesperançados, os mendigos e despossuídos, a mãe afliita e o velho discriminado, a criança abandonada e o jovem marginalizado, os entrevados e os doentes, os famintos e os favelados, que é com eles e junto deles, auscultando-lhes o drama

pungente, que aprendi a grandeza da renúncia e a beleza escondida nos escaninhos de toda vida humana. Eles, todos eles, os esquecidos e os deserdados, com eles todos divido os finos acepipes deste ágape epicureu da cultura e do espírito representado pela minha assunção na Academia.

Adentro a colenda moradia de Augusto Leverger com humildade, mas não de cabeça baixa, que humildade não sinonimiza com submissão ou famulagem - e entro pela porta da frente, à semelhança dos confrades que me antecederam, que nunca morei de favor e não será agora iria fazê-lo. Venho para sentar-me ao lado dos que se me assemelham e participar com eles da grandiosa ceia das celebrações espirituais, bebendo o capitoso vinho da beleza e do saber. Repouse em qualquer lugar meu corpo defesso, esta será para sempre, a partir de hoje, a morada alcatifada do meu espírito sédulo, onde, sob o pálio protetor destas paredes sagradas e ao lado de companheiros afetuosos, poderei confabular em aberto com as musas, essas filhas bem-amadas de Zeus e Minemósine, particularmente com Erato e Calíope, a se projetarem no meu pensamento com leveza mágica nos passos de danças evanescentes, ao som de flautas e cítaras.

Se têm os generais: os seus quartéis, este é o propugnáculo da beleza e do saber, portanto o templo da paz, onde o espírito se refocila para novas missões. Voltei, Mesquita, para ficar para sempre em sua companhia na casa de Leverger, ao lado de todos os que por aqui passaram e aqui estão - Dom Aquino e Silva Freire, Rubens de Mendonça e Leão, Newton Alfredo e Sabóia, Octávio Cunha e Gervásio.

Os louros eu os deposito no altar da família, sob a guarda criteriosa do meu genitor, o laureado poeta Rubens de Castro, que me aconselhou e guiou nos primeiros vãos no dorso de Pégaso em direção às montanhas de Parnaso, com suas fontes cristalinas povoadas de driades, náíades e sílfides. A ele, as minhas homenagens e a minha eterna gratidão.

Mais experiente e maduro, as honrarias desta noite ele as guardará melhor no escrínio sacral das devoções familiares. E saberá distribuí-las com equidade entre os duendes da nossa tribo - os guatós, daqui; e os pataxós, lá na Bahia. Como chispas de cristais macias e translúcidas, ele, com sapiência e espírito de justiça, depositará as honras nas mãos de Fátima, esposa solidária, sofredora estóica, que com certeza não haverá prova mais dura para a mulher do que a de ser esposa de um poeta, esse bípede estranho, esfingético, aéreo, vesânico, imprevisível, que não se deixa conhecer e nem ele próprio se conhece. Também os meus filhos - Marco Aurélio, Rubinho e Tutu - receberão estas honrarias como flores luminosas, à semelhança de meus netos Igor e Yuri e meus irmãos Roberto, Rogério, Rosália e Bosco - este último, o tio com quem fui criado como irmão. Enfim, o epínicio intrínseco à festividade, qual gotículas de pérolas liquefeitas cheirosas a sândalo, desabará como chuva nobilitante sobre toda a minha família em Mato Grosso - os Corrêa de Arruda e os Pereira Leite, aqui configurados na presença excelsa de Ana Amélia de Arruda Asxar, tia e madrinha - portanto segunda mãe -, e os Castro da Bahia, simbolizados no perfil alciónico de meu pai.

A ele, portanto, todos os cumprimentos da noite, que ele os encerrará em penates na edícula doméstica, incluídas aqui na família a cândida América, miúda e tatibitate amaseca livramentense que de mim cuidou enquanto criança, e Aninha, hoje a emérita profesora Ana Emília de Souza Gomes.

Entendam-me: o poeta que vos fala não está mais aqui, já sonha e vai em frente. Porque o poeta não se pertence e nem pertence a ninguém, é condor solitário que, curiosamente, nunca está só - povoa-se de silêncios, habita-se interiormente com as cintilações do sonho, que sonhar é o seu ofício. E o seu feitiço. E o poeta que não sonha é um irresponsável, descuidoso de sua missão.

Como última homenagem - e a mais ardente e enternecedora, sendo de fato a primeira - todas as flores que engrinaldam esta cerimônia eu as remeto aos planos superiores da espiritualidade para depositá-las nos braços acariciosos da inefável professora Teté, minha mãe - a amiga que ampara, o guia que orienta, o nume que aconselha, o anjo da guarda que vela e protege. Genuflexo, termino com a leitura do último soneto feito em sua memória:

SÚPLICA

Anjo liberto deste mundo rude,
como desejo, ó mãe, te reencontrar...
Meu espírito baço, sem virtude,
anseia, junto ao teu, se resgatar.

Hoje, nas regiões de angelitude
de que não posso, ímpio, me acercar,
desejo dar-te tudo o que não pude,
quando estavas na Terra, te ofertar.

Não me cegasse a luz que te incandesce,
que bom seria, ao menos, se eu pudesse
ver-te à distância, ao longe, de viés...

Não quero aborrecer-te, ó mãe querida,
mas se eu pudesse eu fugiria à vida
e iria aos céus para beijar-te os pés.

Cuiabá, 10 de março de 1.992

RONALDO DE ARRUDA CASTRO

ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS

**Bicentenário
da Inconfidência Mineira
e
Posse do Acadêmico**

MOISÉS MENDES MARTINS JÚNIOR

CADEIRA Nº 08

Patrono: LUIZ D'ALINCOURT

**JULGAMENTO DE
TIRADENTES**

(Pronunciamento do Acadêmico JOSÉ FERREIRA DE FREITAS em torno dos Autos de Devassa da Inconfidência Mineira, na sessão solene de posse do Acadêmico MOISÉS MENDES MARTINS JÚNIOR na Cadeira n.º 08, também comemorativa do bicentenário da morte gloriosa do herói nacional Joaquim José da Silva Xavier - o TIRADENTES).

Se pudesse, moveria a roda do tempo no sentido inverso. voltaria a cinco anos e começaria tudo de novo.

Foi um sonho florido, embora se transformasse em pesadelo dorido, de mais de mil dias de prisão.

Noite longa. O amanhecer tarda a chegar...
Um sequito - barão ao pescoço... mãos atadas, segurando um crucifixo... Meirinhos gritando o público pregão.

Rufar de tambores... ai o patíbulo... o CREDO que rezarei com meu assistente espiritual... o alçapão que desce... meu corpo balouçará... e entregarei minha alma a Deus.

Exmo. Sr. Dr. Clovis de Mello, DD. Presidente da Academia Mato-grossense de Letras
Exmas. Autoridades que compõem a Mesa
Exmo. Sr. Dr. Moisés Mendes Martins Jr., empossando nesta Sessão
Exmas. Senhoras e Senhores. Juventude Estudiosa.
Exmos. Srs. Acadêmicos:

Mais rápidas que o relâmpago, as digressões iniciais de Tiradentes fervilhavam na teia de neurônios e mais componentes que permitem a computação cerebral.

Ali estava, cabelos e barba raspados, envolto na comprida alva, debilitado fisicamente, porém preparado para a luta desigual que daqui a pouco travaria com a morte.

Pensava no que viu e sentiu e no que não sentirá nem verá mais...

Pensava em começar tudo de novo - se pudesse -, o que seria muito difícil explicar para ser entendido.

Pensava em seus irmãos... em sua filha... nos amigos... e também nos que depositaram em seus ombros fardo tão pesado assim!

Sobretudo, recordava-se da sentença que há poucas horas acabara de ouvir: SÉQUITO... PREGÃO... TAMBORES... PATÍBULO... ENFORCAMENTO... DECAPITAÇÃO... ESQUARTEJAMENTO... SALGAMENTO... CABEÇA ESPETADA EM VILA RICA... INFÂMIA...

A imaginária reflexão de Tiradentes é dedução de milhares de idéias, reprodução de documentos, depoimentos, re-perguntas e acareações contidos nas 3.981 fls. de 9 volumes dos AUTOS DE DEVASSA DA INCONFIDÊNCIA MINEIRA, nos quais, há tempo, fazemos pesquisa a fim de escrevermos obra - modesta que seja - a respeito de marco tão importante da história pátria.

Os pre-falados AUTOS foram recompostos com base em assentamentos dos Arquivos: Nacional (Rio) - Hist. Ultramarino (Lisboa) - Casa dos Contos (Rio) - Biblioteca Nacional (Rio) - Museu: Hist. Nac. e da Inconfid., Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Arquivo Público de Minas Gerais e outros tantos repositórios de dados d'aquém e d'além mar, em edição patrocinada pela Câmara dos Deputados e Governo do Estado de Minas Gerais.

Induvidosamente, o movimento da Inconfidência Mineira teve causas endógenas e exógenas, que o tornaram muito complexo, com induções e deduções variadas, à medida

em que se avalia o pavor que envolveu indiciados e testemunhas, as incriminações recíprocas, e, mesmo, até depoimentos embasados em insinuações, promessas ou ameaças veladas, tortura até, que levaram muitos ao desespero de violentar a verdade.

Embora façamos - pela premência do tempo - um vôo rasante sobre tantos depoimentos contidos nos AUTOS DE DEVASSA DA INCONFIDÊNCIA MINEIRA, apenas aflorará uma indiscutível **TESE**: A Conjuração teve em mira revolução de grande porte, simultânea com a Queda da Bastilha, sob inspiração - uma e outra - na Declaração de Independência das Treze Colônias Americanas.

Atinentemente a agentes, causas e efeitos que impeliram o Movimento Inconfidente, emergem somente HIPÓTESES, sendo as mais insinuantes:

- 1ª) - A Corte de Portugal estava dividida em relação a planos políticos, sobretudo com os primeiros sinais de insanidade da Rainha D. Maria I;
- 2ª) - O Vice-Rei (Vasconcelos e Souza) e o Governador de Minas (Visconde de Barbacena) - tio e sobrinho - ocupavam posições privilegiadas numa possível sociedade na partilha colonial, se efetivada a Independência;
- 3ª) - Freire de Andrada (Comandante Militar), Álvares Maciel (Secretário de Governo), Silvério dos Reis e Inácio Pamplona (contratadores e amigos de Barbacena) eram Conjurados leais, e, nesse caso, traidores de Barbacena. Ou eram espíões de Barbacena e, dolorosamente, traidores dos Inconfidentes;
- 4ª) - Barbacena sabia da Inconfidência (mantendo, lá, espíões). Cláudio Manuel da Costa sabia dessa espionagem... Seria ouvido por dois Magistrados que vinham do Rio. Seria inconveniente esse depoimento...
- 5ª) - Tiradentes era inculto e apenas executor de ordens de intelectuais OU Tiradentes era muito instruído, sagaz, conhecedor de tática e estratégia militares. Desinibido, divulgava suas idéias lusófonas, sendo os intelectuais apenas seus auxiliares;
- 6ª) - Seria declarada a República de Minas? De Minas e Rio? De Minas-Rio-São Paulo, e, nesse caso, abrangendo também Mato Grosso?
- 7ª) - O movimento poderia ter sido vitorioso se Thomas Jefferson conseguisse armas e recursos dos EE.UU. Seu País, certamente, quis evitar comprometimento, pois, se ocorresse insucesso, como os EE.UU. manteriam acordos comerciais com Portugal?

Para falarmos a respeito da DEVASSA, necessário se faz um enfoque sobre Tiradentes e as influências que sofreu no período de sua vida!

Joaquim José da Silva Xavier nascera em S. João Del Rey, em 1.746. Seu pai, agricultor, fora Vereador de S. José. Tiradentes ficara órfão materno aos nove anos e paterno aos quinze. Teve seis irmãos: os dois mais velhos (Domingos e Antônio) ordenaram-se Padres, depois de brilhantes estudos no famoso Seminário de Mariana.

Tiradentes não fez mais que o curso elementar - o único existente, na época, no Brasil-Colônia. Conhecimentos mais avançados (inclusive um pouco de francês) aprendera com o irmão Padre. No mais, foi um autodidata, na leitura sem parar no grande livro-da-vida, tropeçando, caindo, levantando-se, ouvindo, observando, comparando, concluindo...

Foi sitiante, foi minerador, exercendo, também, a atividade de mascate de cidade em cidade. Tudo sem sucesso. Ingressando na carreira militar, co-participou na tarefa de dizimar homicidas e ladrões que proliferavam naquelas regiões garimpeiras. Preterido quatro vezes nas promoções, deixou, frustrado, a milícia. E viajou para o Rio, tentando executar alguns projetos que havia delineado, dentre eles: a construção de moinhos no Catete e Laranjeiras, construção do cais do porto e canalização dos rios Andaraí e Maracanã, com que melhorar o abastecimento de água da cidade.

O Vice-Rei duvidou "das loucas idéias do Alferes". 30 anos depois, no entanto, D. João VI viria executar alguns deles. E retorna a Vila Rica. Tendo aprendido com o Pe. Francisco Ferreira da Cunha o emprego de ervas medicinais, montou uma botica na Rua da Ponte, passando a exercer a medicina prática, amenizando os sofrimentos de quantos o procuravam.

Em 1.782, Silvério dos Reis, estando doente, restabeleceu-se com uma sangria que lhe ministrara Tiradentes - conforme declarou depois.

Concomitantemente, Tiradentes aprendera com seu padrinho, Sebastião Ferreira Leitão, cirurgião licenciado, a arte de extrair dentes, fazer obturações e a de manufaturar prótese dentária, conseguindo, no dizer de alguns, "...ornar a boca de muitos", em serviço tão bem feito que os mastigadores pareciam naturais!

Não convolou núpcias. É-lhe atribuída convivência de um ano com Antônia Maria, interregno em que nasceu Joaquina, reconhecida, depois, por justificação judicial, como sua filha.

O MUNDO EM QUE VIVEU TIRADENTES era isolado, com falta de meios de comunicação, sem estradas, sem rádio, sem jornais. Nem mesmo tipografia o Brasil poderia ter, proibida que fora por Alvará de 1.785.

Uma viagem entre o Brasil e a Europa exigia 120 dias, e, de Vila Rica ao Rio, não menos que quinze. As cartas, notícias ou recados eram conduzidos por conhecidos, com bastante demora como se pode imaginar.

Dentre os acontecimentos mais marcantes, em 1.763 a sede do Vice-Reinado se transfere de Salvador para o Rio; Em 1.776 as treze Colônias Americanas declaram sua Independência; em 1.777 assume o Trono Português D. Maria I; em 1.787, Washington, Benjamin Franklin, Madison e Hamilton elaboram Constituição Democrática para os Estados Unidos, como federação, Carta Magna essa com sete artigos, que, discutida pelos 39 Constituintes, foi aprovada; em 1.788 Washington é eleito 1º Presidente dos EE.UU. Com o absolutismo já bem abalado, em 1.789, na França, ocorria a Queda da Bastilha, seguindo-se a decapitação de Luiz XVI e de Maria Antonieta, nos anos subsequentes.

Aqui na Colônia, o ciclo do ouro estava no auge, extraído, sobretudo, em Minas, Goiás, nas lavras do Sutil, localizadas no distante Arraial do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, e alhures. Nada menos que quatrocentas mil pessoas, no País, trocaram o comércio, a enxada ou o laço, pela bateia, povoando grupiarias aqui, tabuleiros ali e faisqueiros tantos acolá. Não as assustavam nem a maleita, nem as onças traçoeiras ou serpes venenosas.

Teria havido quem morresse de hidropisia, opilação ou inanição, mas deitado sobre barras de ouro...

O expressivo dístico do brasão da terra de D. Aquino e Rondon: VIRTUTE PLUSQUAM AURO (mais pela virtude do que pelo ouro), teria sido, talvez, invertido, no século XVIII, para AURO PLUSQUAM REBUS (mais pelo ouro do que por outras coisas).

Embora o ouro fosse, assim, tão abundante, havia carência de remédios, cereais, sal etc. Houve quem trocasse um escravo por um alqueire de milho; outro, dera 1/2 libra de ouro (hoje Cr\$ 5.000.000,00) por um quilo de sal. N'outro lugar, milhares de ratos atacavam uma roça. A população ficaria sem alimentos. Aparece alguém vendendo um casal de gatos. Sem mais discussão de preço, foi paga a bagatela de uma libra de ouro (hoje: Cr\$ 10.000.000,00) pelo casal de bichanos, disputados seus futuros filhotes a 20 e 30 oitavas...

Tamanha a imigração para as regiões mineradoras que, na década de 1.770/1.780, para 1.300.000 pessoas no País, Minas era o Estado mais populoso, com 320.000; Rio com 215.000; S. Paulo, 117.000; Mato Grosso com 41.000 etc. Em relação às cidades, Salvador tinha 50.000; Rio 40.000, S. Paulo, Vila Rica e S. João Del Rei 30.000 cada e Cuiabá 28.000 (Projeções in "A Inconf. Mineira", de Kenneth Maxwell).

A economia portuguesa tinha fundamento no que o Brasil produzia. Na década de 1.770 1.780, de 2.255.945 réis que Portugal exportou para a Inglaterra, 96% promanaram do Brasil; de 636.000 réis exportados para a França, 89% tinham origem em nosso País.

Se em 1.500 as reservas de ouro de toda a Europa somavam cinquenta milhões de libras esterlinas, só do Brasil, em 1.789, saíram 200 milhões de libras esterlinas, em ouro, para o Velho Mundo.

O quinto cobrado pela Coroa, de 1.714 a 1.789, era representado por vários milhares de quilos, contudo decrescentes ano a ano. Queda de produção? Ausência de fiscalização? Ou faltavam fiscais para os fiscais?

De 4.000.000 de mil réis devidos pela Colônia à Coroa, Minas respondia por 2.000.000 e, desses, 1.000.000 de responsabilidade de Macedo e Silvério dos Reis. Esse o mundo que forjou a mente de Tiradentes e seus companheiros. Assim, a Inconfidência Mineira foi uma luta oriunda de ideal político, gerada, também, por problemas econômicos.

A Independência dos EE.UU. era a alavanca que nos faltava!

Dentre os 27 brasileiros que, em 1.786, se graduavam em Portugal (Coimbra) e na França (Montpellier), Domingos Vidal Barbosa, Joaquim José Maia e José Álvares Maciel exerceram papel preponderante para a Conjuração. Maciel, numa das viagens ao Brasil (de férias) dera a Tiradentes um livro raro, denominado RECUEIL DES LOIX CONSTITUTIVES, impresso na Bélgica, em francês, reproduzindo a Declaração da Independência e a Constituição dos EE.UU. O Alferes lia-o com sofreguidão, aumentando seu ardor pela causa de nossa independência. O futuro médico Joaquim Maia entraria, pouco depois, em contato com o embaixador americano na França, solicitando apoio à nossa causa.

Em Minas, as reuniões dos conjurados ocorriam no interregno dos elegantes encontros na ARCÁDIA ULTRAMARINA (na prática, uma Academia Literária), onde se dedilhava o cravo (espécie de piano antigo) ou se realizavam requintados saraus, com récitas de

bonitos versos dos poetas Cláudio Manuel da Costa, Alvarenga Peixoto e Tomás Antônio Gonzaga.

A princípio esparsas, em Vila Rica, recrudesceram, depois, em 1788 e 1789, em várias cidades, sendo Tiradentes o mais entusiasmado de todos. Os contatos que fazia, inúmeros, não chamavam muito a atenção. Embora novamente militar, exercia, também, a medicina prática e a profissão de protético.

Ultimamente, suas viagens ao Rio eram mais frequentes. Embora o movimento tivesse nascido em Minas, pretendia-se a independência de toda a Colônia. O testemunho de Joaquim José de Freitas (Vol. I fls. 314) é taxativo, ao afirmar que soubera, no Rio, que a idéia do levante já se alastrava a outras regiões.

Os **CONJURADOS** mais proeminentes foram: Joaquim José da Silva Xavier, Francisco de Paula Freire de Andrada, Luiz Vaz Toledo Piza, Francisco Antonio de Oliveira Lopes, Vitoriano Gonçalves Veloso, José de Rezende Costa (Pai) - (MILITARES); Tomás Antônio Gonzaga (Ouvidor), CARLOS CORREIA TOLEDO, José de Oliveira Rolim, Luis Vieira da Silva, José Lopes de Oliveira, Manoel Rodrigues da Costa (SACERDOTES); Inácio José de Alvarenga Peixoto, Cláudio Manuel da Costa, José Alvares Maciel (ADVOGADOS); Domingos Vidal Barbosa (MÉDICO); Domingos de Abreu Vieira, José Aires Gomes, Vicente Vieira da Mota (CONTRATADORES); Antônio de Oliveira Lopes (AGRIMENSOR); Salvador Gurgel, José de Rezende Costa (Filho), João Dias da Mota (AGRICULTORES); João da Costa Rodrigues e Fernando José Ribeiro (COMERCIANTES).

Os **PLANOS DA CONJURAÇÃO** não eram muitos nem tão ambiciosos. Ao contrário, eram simples, práticos e elementares, embasados na liberdade e progresso, no dizer do historiador Augusto Lima Jr.: Soberania - A Capital seria S. João Del Rey - Fábricas de pólvora e de tecidos - Forja para ferro - Universidade em Vila Rica - Isenção de dízimos para a mineração de diamantes - Casa da Moeda como depósito de ouro, sendo o papel-moeda o meio circulante - Prêmio do Estado a mães com numerosos filhos - Impostos mais moderados - Abolição da escravatura (já no começo da revolução), para que, armados, defendessem a própria liberdade e o movimento - A Bandeira teria um triângulo representando a SSma. Trindade, e o dístico: LIBERTAS QUAE SERA TAMEN.

Os **CONTATOS COM THOMAS JEFFERSON** foram feitos pelo estudante de medicina, em Montpellier (França), o brasileiro José Joaquim da Maia, através de seis cartas em que nosso patricio usava o pseudônimo de Vendeck, entre outubro e novembro de 1786. Na última missiva combinam senha para o encontro em Nimes.

Do longo colóquio havido, surge um detalhado relatório datado de 4/05/1787, em que o embaixador Thomas Jefferson encaminha ao Congresso dos Estados Unidos, através do Secretário de Estado, Mr. John Jay. Nele, o embaixador comenta sobre armas e homens que os brasileiros pedem... sobre a dificuldade que Portugal teria para rechaçar o movimento... sobre a cobertura dos custos (pelos brasileiros), posteriormente, concluindo que **"...seus interesses não estão distanciados dos nossos"**.

A **TÁTICA E A ESTRATÉGIA** da Inconfidência ocorreram depois que Tiradentes conseguiu importantes adesões no Rio e os intelectuais de Vila Rica obtiveram o apoio de Freire de Andrada (Cmte. dos Dragões), em casa de quem as reuniões passaram a ser frequentes. Na última e mais decisiva reunião, avaliaram-se os seguintes componentes: quantidade de armas disponíveis - pólvora - número e localização de homens armados (aí incluídos os escravos a serem alforriados). CHEGARA A HORA, AFINAL, DE O BRASIL SER DOS BRASILEIROS!

O movimento não eclodiu, em face de **DENÚNCIAS** feitas a Barbacena. Não foi só Silvério dos Reis o denunciante. Ele foi o primeiro. Outros onze também fizeram delação, alguns depois de estarem presos há sessenta dias. É cristalino que tais denúncias não se deram por ato de ofício, porque extemporâneas. Ocorreram por covardia ou servilismo de seus autores? Ou como elo processual contra Tiradentes?

De imediato ocorreram **PRISÕES** de conjurados, algumas em Vila Rica, dando-se a de Tiradentes no dia 22/03/1789, quando tentava retornar a Minas. À medida em que eram presos os Conjurados, seus **BENS ERAM SEQUESTRADOS** para efeito de cobertura do pagamento de custas processuais, alimentação na prisão, indenização por possíveis prejuízos causados à Coroa.

O Vice-Rei, tão logo recebeu a denúncia de Silvério dos Reis, instaurou os **AUTOS DE DEVASSA**, nomeando a 5/5/1789 o Des. José P.M. TORRES, como Juiz Inquiridor, e o Ouvidor Marcelino P. CLETO, como escrivão. Posteriormente, em 1790, a Carta Régia (secreta) delineava, em tese, penalidades mais leves para quem tivesse participação secundária, mas pena bem rigorosa para quantos fossem os cabeças.

Em 1.791, foi constituído o Tribunal de Alçada, com sete membros: Vice-Rei como seu Presidente; Conselheiro Sebastião X.V. COUTINHO, Bacharéis Dinis CRUZ e Antônio

G. RIBEIRO, vindos de Lisboa, nomeados pela Rainha. Os outros três eram do Rio, nomeados pelo Vice-Rei: Des. J. VIEIRA, J. FIGUEIREDO e J. AMORIM.

O Tribunal de Alçada deveria: atuar de acordo com o Vice-Rei, evitando conflitos de jurisdição; deveria suprir qualquer falta de formalidade e sanear o processo, evitando-se nulidades jurídicas.

Desenganadamente, o movimento causara séria preocupação à Corte. Em luta ora com a Inglaterra, ora com a Espanha, sofrendo incursões ora de franceses, ora de holandeses, era preciso descobrir quais os autores, a extensão do movimento e se havia influência exógena. E punir os culpados!

Afinal, o exemplo da independência dos EE.UU. ocorrera há pouco mais de 10 anos! E o que dizer do jovem tenente Napoleão Bonaparte, que, participe da Queda da Bastilha, vinha empolgando a França?

A Coroa tinha "olhos" e "ouvidos" por todos os lados.

Já o Intendente Diogo Inácio Manrique expedira instruções ao Corregedor da Ilha da Madeira: "**Aquele que V. Mercê vir de sapatinho bicudo e mui brunhido, atilho nos calções, colarinho até meia orelha, rente ao toitiço e tufado sob a moleirinha, com suíças até os cantos da boca, agarre-m'o logo: tranque-m'o na cadeia, carregado de ferro, até que haja navio para o limoeiro: no mínimo, é um "iluminado!"**".

E o processo começou: foi extenso, intrincado e demorado. A certa altura, o Vice-Rei andava irritado com o procedimento de Barbacena: nem mandava notícias, nem encaminhava presos. E os boatos de que o Governador perseguia uns e protegia outros? Com apenas dois presos no Rio (Tiradentes e Silvério dos Reis) e sem maiores elementos, despachou os Magistrados TORRES e CLETO a Minas, a fim de que colhessem depoimentos e sanassem irregularidades. Era preciso agilizar o feito.

Ciente da vinda dos Magistrados, Barbacena abre precipitadamente a devassa em Minas, nomeando, a 15/6/1789, o Des. Pedro J. A. SALDANHA (Ouvidor de Vila Rica) como Juiz Inquiridor e o Des. José C. Manitti (Ouvidor de Sabará), como escrivão. Que agissem rápido, com prisões, inquirições, frustrando-se, assim, os dois Magistrados do Rio que já se achavam a caminho. Cláudio Manuel da Costa, preso em cela improvisada em casa de João Rodrigues Macedo, depõe a 2/7/1789. Dois dias depois, aparece morto: suicídio ou assassinato?

Chegando a Vila Rica a 6/7/1789, os dois Magistrados não encontraram o Governador, que se achava em Cachoeira do Campo, veraneando. Em lá chegando, encontraram como hóspedes de Barbacena, no Paço de Verão, justamente os que já deveriam estar presos: Freire de Andrada e Álvares Maciel. A partir daí, surgem inevitáveis conflitos entre os "Juizes de Fora" e os locais. Só no dia 15.7.1789 (onze dias após a morte de Cláudio) é que Barbacena revelou o fato aos Juizes, já de posse de um segundo atestado de óbito que declarava "suicídio" como **causa mortis**.

Os Magistrados TORRES e CLETO decidem retornar ao Rio, após cinquenta dias esperando, ao menos, ter acesso aos Autos. Antes da partida, recomendam a prisão de Freire de Andrada, Álvares Maciel e Domingos de Abreu Vieira, com o conseqüente seqüestro de seus bens. Barbacena relutava, cioso do princípio contido no **LOCUS REGIT ACTUM**, quando, por se tratar de **devassa de inconfidência** (típica de crime de lesa-majestade), a jurisdição da Comissão do Vice-Reino se estendia ao todo territorial da colônia.

O Governador simulou que cumpriria as recomendações. Além de não prender os três, não lhes sequestrou os bens e - pior que isso - mandou soltar o criminoso Alvim, Contador de Abreu Vieira, que os dois Magistrados do Rio pessoalmente prenderam em flagrante delito.

Mais tarde é que Barbacena encaminhou prisioneiros ao Vice-Rei e uma cópia da devassa instaurada em Minas, enviando a Lisboa, antes, a outra cópia.

Os Autos expõem desconfiança recíproca entre Vice-Rei e Governador, vislumbres de parcialidade por parte do escrivão Manitti em relação a alguns, sobretudo Pamplona, Silvério e João Rodrigues Macedo, que, partícipes atuantes, nem indiciados foram. Testemunharam apenas. Silvério dos Reis, de modo especial, embora preso no início, no Rio, conseguiu livrar-se. Viajou a Lisboa, conseguiu o perdão de suas dívidas. Não satisfeito, pediu (e conseguiu) o título de **fidalg**o. Em 1.808 integrou a comitiva da Família Real e, mais ainda, passou a receber uma tença (pensão) de 400\$000 anuais!

AS SENTENÇAS

Ali estava o processo - uma pilha de papéis - para o relatório, e, após, para o julgamento! Quantas verdades, meias-verdades e inverdades em 10.000 a 15.000 folhas manuscritas? O Conselheiro COUTINHO quis ouvir uma vez mais Tiradentes. E fê-lo, indo à Ilha das

Cobras, onde se achavam incomunicáveis os réus. Envelhecido precocemente para seus 46 anos de idade, o Alferes parecia diminuído em estatura física. Mas não perdera um milímetro de sua dignidade. Manteve, com altivez, os depoimentos anteriores, exculpando, mesmo, os demais companheiros.

Os Autos - parece-nos - deixavam dúvidas. Embora dotado de inteligência, perspicácia e sagacidade profissional, o Escrivão da Devassa de MG, lamentavelmente, usara de métodos pouco ortodoxos, ardilosos até, para a apuração da verdade. No cipoal intrincado do robusto processo, vários depoimentos foram prestados sob cavilosas insinuações, promessas ou ameaças veladas, além de maus tratos. O Ouvidor Gonzaga não fora conduzido preso, a pé, mãos amarradas, de Vila Rica ao Rio, por quinze dias e puxado por uma corda? E as mortes dos presos Francisco J. Melo e do Cap. Rego Fortes, por hidropisia? E a intrigante morte de Cláudio: suicídio? homicídio?

Concernentemente ao Magistrado Vasconcelos COUTINHO, a imparcialidade foi a tônica de seu judicioso procedimento, pois que pretendia que os réus **JUDICATI FUISSENT ET BENE JUDICATI**.

O **Defensor dos acusados** foi o Dr. José de Oliveira Fagundes, graduado em Coimbra, contratado pela Santa Casa de Misericórdia, mediante honorários de 200\$000. Cuidadosamente, o profissional desempenhou sua atividade perante a Comissão e junto ao Tribunal, ora minimizando a responsabilidade dos prisioneiros, ora apelando à Rainha por clemência.

O JULGAMENTO

De consciência sensível, o Cons. Vasconcelos COUTINHO levou seis meses lendo e relendo os Autos, antes de submetê-lo a julgamento. A leitura do relatório e da **SENTENÇA de 18/4/1792** exigiu **dezoito horas**, presentes, além do Vice-Rei e dos Juizes, todos os réus. Em sua conclusão, a decisão prescrevia **PENA DE MORTE** por enforcamento para: TIRADENTES, FREIRE DE ANDRADA, ÁLVARES MACIEL, ALVARENGA PEIXOTO, FRANCISCO OLIVEIRA LOPES, LUIS VAZ TOLEDO PIZA, DOMINGOS ABREU VIEIRA, SALVADOR GURGEL, JOSÉ REZENDE COSTA (pai e filho), DOMINGOS VIDAL BARBOSA, Pe. CARLOS TOLEDO, Pe. JOSÉ ROLIM e Pe. JOSÉ LOPES OLIVEIRA. Para os demais, o degredo temporário (alguns) e perpétuo (outros).

Terminada a leitura da sentença, presenciou-se cena dramática: liberados da incomunicabilidade, por quatro horas os condenados trocaram recriminações; outros pediam perdão por perjúrio cometido; aqueles se despediam e quase todos choravam. Então voltaram à prisão, incomunicáveis outra vez.

Havendo o Defensor dos réus protestado por EMBARGOS, foi-lhe dado o prazo de apenas meia hora para vista dos Autos e 48 horas para opôr os embargos. Cumpridos os prefalados prazos deferidos ao Defensor, nova Sessão ocorreu no dia 20/4/1792. Postos os réus sob corrente, amarrados às janelas da sala, o Tribunal começou por declarar o **NÃO ACOLHIMENTO DOS EMBARGOS**, opostos pelo Defensor dos réus. A seguir, foi lida a até então secreta Carta Régia da Clemência, e, com base nela, lavrada uma **SEGUNDA SENTENÇA**, pela qual foi comutada a PENA DE MORTE por DEGREDO, exceção feita ao réu JOAQUIM JOSÉ DA SILVA XAVIER, que teve mantida a pena original inserida na sentença do dia 18, mais uma vez lida:

"Portanto, condenam o réu Joaquim José da Silva Xavier, por alcunha o Tiradentes... a que, com barço e pregão, seja conduzido pelas ruas públicas ao lugar da forca e nela morra morte natural para sempre e que, depois de morto, lhe seja cortada a cabeça e levada a Vila Rica, aonde... será pregada em um poste alto, até que o tempo a consuma, e o seu corpo será dividido em quatro partes e pregado em postes pelo caminho de Minas... até que o tempo também o consuma. Declaram o réu infame e seus filhos e netos... casa arrazada e salgada... paga pelos bens confiscados... em memória à infâmia deste abominável reu".

"Infeliz o povo que precisa de heróis" - proclamou Brecht. Mil vezes mais infeliz - aduzimos - o povo que deles se esquece. Obviamente não é o nosso caso, pois esta cerimônia assinala importante momento na vida dos brasileiros, quando - retrocedendo nossas mentes há duzentos anos atrás - recordamo-nos, reverentes, da morte do Proto-Mártir da Independência e que, pela Lei 4.897, de 9/12/1965, foi considerado o PATRONO CÍVICO DA NAÇÃO BRASILEIRA.

Finalizando, o suposto solilóquio do Alferes Tiradentes, com que iniciamos essa homenagem, será respondido com versos nossos, relativos ao seu heróico feito:

Vivendo o presente bem dorido,
o pretérito às claras viste passar.
Diante da tua morte já decretada,
o futuro não poderás vislumbrar.

Louca idéia, fantástico sonho,
com que meios esperavas contar?
Tantos juraram eterna fidelidade
prá no final sozinho te deixar!

Isto foi sonho ou é realidade?
"Traição", "traição", quem não dirá?
Mas em vão não será tua morte,
a independência certamente virá.

Libertas quae sera tamen,
na bandeira tremularia então;
com Silvérios, Macedos e Pamplonas
só tristeza e amarga frustração!

Vai Tiradentes, pra força vai!
Um grande ideal se conquista assim!
O patíbulo não é fim de inglorio começo
mas, sim, começo de um glorioso fim!

Cuiabá, 21 de abril de 1992

JOSÉ FERREIRA DE FREITAS

ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS

**Bicentenário
da Inconfidência Mineira
e
Posse do Acadêmico
MOISÉS MENDES MARTINS JÚNIOR**

CADEIRA Nº 08

Patrono: LUIZ D'ALINCOURT

ANTECEDENTES E CONSEQUÊNCIAS DA CONJURAÇÃO

(Pronunciamento do Acadêmico SATYRO BENEDICTO DE OLIVEIRA relativo aos antecedentes e às consequências da Inconfidência Mineira, na sessão solene de posse do Acadêmico MOISÉS MENDES MARTINS JÚNIOR na Cadeira n.º 08, em que também se comemorou o bicentário da morte de TIRADENTES - Patrono Cívico da Nação Brasileira).

"Nada Supera o Valor de um Dia"
GOETHE

Do notável Dom Francisco de Aquino Corrêa ocupo a tribuna estética para cumprir honroso mandato com que me distingue o ilustre confrade, Presidente Clóvis de Mello, a fim de algo aduzir sobre **Antecedentes e Consequências da Conjuração Mineira**, magna cruzada patriótica de aspirante libertação colonial.

Personalidade forte, com o povo irmanado - curandeiro, dentista, tropeiro, estudioso e prático de mineralogia, mascate, militar, entranhado autodidata -, tornou-se, o mineiro da gema Joaquim José da Silva Xavier, um sobranceiro Libertador (rija têmpera de aço - inquebrantável aço de Toledo), inserido na saga prodigiosa de George Washington, Juan José de San Martín, Simón Bolívar, Pablo Benito Juárez, Giuseppe Garibaldi, etc.!

Causas múltiplas, internas e alheias, provocaram (1.789) Conspiração intrépida no sagrado solo das Gerais, que Dom Pedro I denominaria **heróica província**. O movimento audacioso de belo irredentismo hauriu vigor na emancipação das treze colônias inglesas da América do Norte (04/7/1.776), que suscitou brasileiros moços de Universidades européias. "Em Coimbra, doze estudantes, combinando declarar o Brasil independente, comprometeram-se a levar avante a idéia, quando fosse possível" (Francisco Adolfo de Vernhagen, Visconde de Porto Seguro - História Geral do Brasil, 4.ª ed., tomo IV, São Paulo, 1.952, pág. 311).

Novas concepções, políticas e filosóficas, empolgavam a Europa, desencadeando, em 1.789, a Revolução Francesa, com a destruição da Bastilha, cárcere modelo de nefando absolutismo (14 de julho).

Patricios jovens de abastadas famílias, que no Continente Velho cursavam (Paris, Londres, Bordéus, Montpellier), cedo captaram devaneios transformadores.

Na França, o Enciclopedismo, sob o império da razão, domina o Século das Luzes (1.701/1.800), reagindo ao pensamento medieval para insuflar os próceres da Revolução Francesa, primordialmente no enfoque da "Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão". Visa dignificar a Inteligência, que pode tudo esclarecer, inclusive os dados da Revelação, para serventia ou emenda.

Já o Iluminismo - filosofia das luzes -, influxo, na Alemanha, de Humanismo resultante da Renascença (séculos XV e XVI) e que, só no século XVIII, dos Países Baixos, da França e da Inglaterra oriundo, essencialmente **crítico**, veio consistir em **análise** posta sob o axioma de que toda realidade, material ou espiritual, é suscetível de sofrê-la. Importa clarear intelectos, despertando-lhes com perspicácia o hábito de **análise**, à evidência da qual se dissiparão as obscuridades da mente, responsáveis por todos os males, paixões, tiranias, ódios antiquíssimos. Eis a definição precisa do cerebral Emmanuel Kant: "Iluminismo é a emancipação do homem, egresso da menoridade intelectual, onde até então voluntariamente vivia. Chamo menoridade a incapacidade humana de usar sua inteligência, sem tutela exterior. Incapacidade, falha moral, quando procede, não de uma deficiência de discernimento, mas de uma falta, de coragem e de energia, imputável à vontade". **Ousa empregar teu juízo! É o lapidar código iluminista.**

Das luzes do século entusiastas, nutridos em cidadelas de nítida evolução democrática, os aplicados mineiros mostraram a excepcional tônica da maquinação valente. Assim,

lugares da Europa - França na vanguarda - constituíram fonte das noções políticas e os Estados Unidos, paradigma de sua concretização. Liam-se os filósofos daquela e os autônômicos fatos do hemisfério setentrional. Manuseavam-se cópias da Constituição ianque - 17 de setembro de 1.787 (lacônica: sete artigos). Estratificada rocha das instituições americanas, tarefa inestimável - quase quatro meses - dos delegados (39 signatários) à Convenção de Filadélfia, o documento presidencialista duradouro atinge 205 anos, mudando, não na essência, mas nos acidentes - resguardada terminologia escolástica —, via retoques textuais ou várias decisões da Corte Suprema.

No rol dos intestinos "leitmotiv" (motivos condutores), abrangentes, regionais, os de natureza econômica e tributária granjeiam destaque. Ao redor de 1.750, vagarosa exaustão das minas corrói a Capitania declinante; produção parca impele árdegas hostilidades a Lisboa e seus caprichos mesquinhos. Aturdem as desavenças - mineradores "versus" agentes do fisco -, à conta da modalidade vil por que se arrecada o imposto sobre o ouro.

As Casas de Fundição continuavam reclamando a quina, parte do peso do louro metal derretido. Apático aos tormentos da comunidade, o Governador de Minas, Luis Antônio Furtado de Mendonça, Visconde de Barbacena, resolve lançar **derrama** (cobrança de tributos atrasados, pelo Marquês de Pombal instituída em 1.765), prenunciativa de violência (os Dragões - oficiais do Governo lusitânico - poderiam residências invadir, saquear, prender e torturar os que se opusessem). Em 1.789, os quintos não pagos totalizavam 596 arrobas de ouro, importância que a população exangue não suportaria quitar, mesmo sob a espada de Dâmoçles (perigo iminente de outra derrama).

Imposições da geografia e razões de sangue, robustecidas pela flagrante mágoa da Metrópole glacial, juntaram-se na característica moldura de um propósito brasileiro que fina flor da sociedade viabilizava em desveladas e douradas lucubrações. À sua maneira, por exemplo, sem o saber, singularizaram-se os revoltosos: primeiros tributaristas do país.

Não se discute, outrossim, a convicção de nacionalidade que patenteava, para breve consolidar-se no Brasil, sonhando todos com a Independência e a República. Límpida emerge sublevação corajosa dos não resignados perante os falsos ditames da Coroa melévol.

Brioso espírito de auto-suficiência procura dar política exequibilidade à tendência nativista que repontava no subconsciente da população, malgrado parcelas não apoiarem: temor da repressão lusitana, que pretéritas rebeldias já punira, e descrença porque nada reverteria situação miserável.

Imediata seqüela: prisão dos envolvidos, ante a delação ignóbil dos traidores, coronel contratador Joaquim Silvério dos Reis e dois cúmplices.

Duas devassas (perto de três anos) redundaram em sentença condenatória, modificada pela Rainha D. Maria I, a **Piedosa** (punição letal só para o conjurado mais pobre, menos letrado, de família não influente, o bravo Alferes Joaquim José da Silva Xavier que, traído, em tempo nenhum atraçou, com a culpa "in totum" arcando!).

Trago a lume **consequências** de vulto:

1) Fomento para vindouros esforços de rebelião, como a Inconfidência Baiana ou Conjuração dos Alfaiates, fruto da 1ª Sociedade Secreta do Brasil, congregando eruditos - "Loja dos Cavaleiros da Luz" -, na Bahia fundada em 1.797 (como égide preceitos do Iluminismo e das Revolução e Maçonaria Francesas - liberdade, igualdade, fraternidade). Na manhã de 12 de agosto de 1.798, muros de Salvador cobertos de cartazes (concitação ao povo para insurgir-se, defendendo a "República Baiense", que poria em voga igualdade social, franquia de comércio, livre trabalho, extinção dos privilégios e preconceitos). Fernando José de Portugal e Castro, 2º Marquês de Aguiar, Governador da Bahia, de 1.801 a 1.806 penúltimo Vice-Rei, suprimiu a intentona, com a detenção dos rebeldes, aos quais diferentes penas cominadas (**de morte**, para os quatro líderes mulatos - **alfaiates** João de Deus e Manuel Faustino dos Santos Lira, de 17 anos, e soldados Lucas Dantas e Luís Gonzaga das Virgens).

2) O Príncipe D. João, adiante D. João VI, assumiu governo em 10 de fevereiro de 1.792 (impedimento da mãe - Rainha D. Maria I -, acometida de loucura) e, oficialmente, tomou a regência - 16 de julho de 1.799. Em 1807 obrigado a transferir-se, com a Corte, para o Brasil, devido à inimizade Portugal-França (luso território por tropas napoleônicas invadido: chefe o general Andoche Junot, duque de Abrantes). O último Vice-Rei, D. Marcos de Noronha e Brito (8º Conde dos Arcos), governou de 1.806 a 1.808, cabendo-lhe, a despeito de recursos exíguos, aprestar o Rio de Janeiro para receber D. João, D. Carlota Joaquina e o séquito.

A esquadra que, a 27 de novembro de 1.807, de Lisboa zarpar (a bordo régio pessoal), de quinze naus e dez mil personagens compunha-se. O soberano, exercitando vigente

direito de **aposentadoria real**, inúmeras casas requisitou, para que alojados fossem os membros de sua comitiva, nelas postas iniciais P.R. - Príncipe Regente -, que a plebe traduziu: "Ponha-se na Rua"! 08 de março de 1.808: efetuaram os cariocas recepção festiva e surge mais uma etapa em nossa História, findando a era dos Vice-Reis, mediante o princípio da congnomina **Inversão brasileira** (simples colônia para sede da Monarquia).

3) Revolução, Insurreição Pernambucana (1.817) - A economia do açúcar (numerosos engenhos) acarreava série de compromissos (impostos exorbitantes, opressora gestão militar, descontentamento coletivo).

Anseios autóctones jungiam-se, disparando Pernambuco na rota revolucionária. Entidade secreta idônea, o Areópago de Itambé, da lavra do Padre Arruda Câmara, polarizou a emissão de anticoloniais pruridos.

Análogo foco emancipacionista: o Seminário de Olinda, pelo Bispo Dom José da Cunha de Azeredo Coutinho criado em 1.800 (atividade saliente de Miguel Joaquim de Almeida Castro, Padre Miguelinho).

No estabelecimento que lhe forneceu rótulo, em 1.801 desabrochou a Conspiração dos "Suassunas" quando, para subverter, pernambucanos de gabarito se harmonizaram. Divulgação minúscula (quedou-se nos intentos). Não desvalioso germe fecundaria, contudo, 16 anos avante.

Decorosos militares, padres, maçons e políticos, num somatório profícuo se agregaram, "verbi gratia" Domingos José Martins, José Inácio de Abreu e Lima - Padre Roma -, José de Barros Lima - "Leão Coroado" -, Padre Miguelinho e Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva (Ouvidor em Olinda, irmão do Patriarca José Bonifácio).

Caetano Pinto de Miranda Montenegro, Capitão-General Governador, futuro Marquês da Praia Grande, ordenou a prisão dos insurgentes (março de 1.817). Resistiram os militares, o Governador preferiu capitular, implantando-se a Revolução (exaltado Capitão Pedro da Silva Pedrosa garantiu a vitória). Com cinco representantes de cada classe (clero, magistratura, comércio, agricultura e forças armadas), Governo interino prevaleceu, durante dois meses e meio, com adesões vizinhas (parte do Nordeste obstinada).

Por baixo do guante de D. Marcos, então Governador da Bahia, Insurreição quimérica, de cunho republicano e federativo, malogrou (mentores condenados à morte - fuzilados alguns, outros enforcados - e os restantes prisioneiros, muitos anistia ganhando em 1.820).

Das transatas diferindo, a conflagração de Pernambuco chegou a instalar governação republicana, escolher bandeira e, no romântico delírio, preparou Lei Orgânica, descortinando incipientes ângulos de potestade raquítica.

4) Independência do Brasil, em 7 de setembro de 1.822, declarada por seu Defensor Perpétuo, D. Pedro I, às margens do Ipiranga, três decênios após enforcamento e retalhadura ignominiosos.

5) Proclamação da República, fundada - 15 de novembro de 1.889 - pelo Marechal, Generalíssimo, Manuel Deodoro da Fonseca, deposto D. Pedro II, um século depois da sacrossanta rebelião nas Alterosas.

6) O estandarte formoso, para o alvitrado regime (proposta de Joaquim José da Silva Xavier: triângulo rubro - a Santíssima Trindade -, nele gravado significativo lema, sugerido por inconfiante-poeta, o graduado Inácio José de Alvarenga Peixoto - verso écloge de Virgílio escorrito: "Libertas quae sera tamen" - **Liberdade ainda que tarde!**). Não é que o Estado montanhês adotou a **dupla simbologia** (bandeira triangular e consentânea divisa), protótipo, aliás, de Governo modesto, como convém à República, e austero, qual o gosto dos mineiros!

No ducentésimo aniversário de abjeta execução da figura dramática de Tiradentes, máximo Herói da Pátria inconsútil, aquele que olvidar soube o pensamento de sua pessoa, de sua carreira e de sua vida, para unicamente abrasar-se na flama de alto e nobre anelo, doando a existência em holocausto ao veemente sonho de querer o torrão natal grande, livre, belo, soberano, justo, próspero, cioso do presente, dono do porvir, árbitro de sua sorte, reivindicado para Minas uma vocação liberal estupenda, sem descurar os graves problemas que a comunidade afligem.

O social-liberalismo palmeará, plácido, custoso trajeto rumo a modernização imposterável. Friso, porque pertine, a descomplicada lição do Chanceler atuante, renomado Professor Celso Láfer: "O **liberalismo de inovação** mescla **modernidade** com aspirações éticas de **Justiça**".

Volvamos raciocínios e corações, refletindo e vibrando, em direção a Ouro Preto, por iniciativa de Getúlio Dornelles Vargas uma Cidade-Monumento, ao insigne Presidente familiar - com 14 anos (1.897) lá estudou -, "in fine" revendo-a (visitante colhedor de sinceras homenagens do Governo e do Povo), em 21 de abril de 1.954, pouco antes do shakespeariano epílogo (24 de agosto), nota solene de um deliberado sacrifício: pelo

ferido pundonor, pessoal e político, matou-se, numa voragem vesana siderado, e tragicamente saiu da vida para entrar na História! "En passant" recordo que o meridional estadista criou, na veneranda capital da unidade mediterrânea e da Independência metrópole augusta, o Panteão do Museu da Inconfidência, para onde - gesto carinhoso e altivo - deslocou a repatriação das cinzas puras dos admiráveis nacionalistas de Vila Rica!

Em discurso rutilante (19/02/1.925), na Câmara Municipal ouro-pretense, ao entronizar do Sagrado Coração a Imagem, "o encantador, o impecável Arcebispo de Cuiabá, eclesiástico dos melhores, poeta dos maiores, nas alturas bondoso, como são os eleitos da Providência, etc..." (opinião certa de meu grande mestre, orador consumado, brilhantíssimo Acadêmico Pedro Calmon), laureado Príncipe da Igreja e da Literatura, múltiplice Dom Aquino, reluziu:

"Assim como, Senhores, atestando aquelas primitivas convulsões telúricas, ficou, no alto das vossas montanhas, o monumento eterno do Itacolomy, assim também, culminando a história das vossas reivindicações políticas, a hombrear com estas cumeadas alterosas, emergiu, um dia, por sobre a cidadela soberba dos Capitães-Generais, a coluna granítica de Tiradentes.

Ao influxo divino destas bênçãos, há de sempre mais expandir-se o fluido misterioso e irradiante dessas energias imponderáveis, que fizeram de Ouro Preto, destronada embora das galas do seu principado político, a metrópole espiritual de Minas.

E ao sairmos desta casa e desta solenidade, uma impressão se nos grava, indelével, na alma, em contraste com a palidez mortal dos horizontes das capitais decaídas: é a de que Ouro Preto não morre, Ouro Preto revive sempre das próprias cinzas, Ouro Preto, a Vila Rica de antanho, nunca deixará de ser a cidade rica de fé, rica de liberdade, rica de tradições gloriosas, que transfiguram o seu ocaso, nos esplendores de uma apoteose perene".

Autoridades, consócios, distinto público:

Povo sem fé, sem crença, é o mesmo que povo desenraizado, errante, flutuante, aciganado, infixo, voltívolo, infirme, nômade. Reverenciemos todos, em concorrida cerimônia lítero-cívica, o mais extraordinário vulto de homem de convicção íntima, no Brasil nascido. Sua impressionante fé não conheceu meio termo, nunca lobrigou incertezas e limitações. Tiradentes acreditou na Pátria que alvorejava. Conduzido ao suplício, demonstrou irreprochável confiança em Deus e fé apostólica na vida eterna (Campo de São Domingos ou Lampadosa - Rio de Janeiro: sábado bonito, sol a pino, meio-dia; olhos no céu, lábios em prece, voz plangente, vago sorriso na boca, mãos algemadas envolvendo crucifixo, magra, cerácea, sobrenatural criatura, tocada de santidade, serenamente sobe 24 degraus do cadafalso maligno - espessas e grisalhas, barbas longas e largas no peito agitando-e, ao fatal empuxo do verdugo Capitania - melancolia silente, na perplexa multidão, metamorfoseia-se num global grito de pavor -, estrangulado sucumbe!).

Não titubeou em compreender que poderia o sacrifício **valer a pena**, extremo ato de fé na humanidade plausível! Projetou que merecia, o Brasil póster, a luta, o sofrimento, a morte, até no patíbulo, por sua independência: marcante sinal, traço inequívoco, de fé alcandorada! Porquanto "**Morrer** é também um dos atos da **vida** (Marco Aurélio, de Roma "sapiens et probus Imperator"), "**Uma vida** bem empregada conduz a uma **morte** tranquila" (Leonardo da Vinci, universal gênio da escola florentina)!

O predestinado lisboês Fernando Antonio Nogueira Pessoa (13 6 1.888 - 30 11 1.935), da derradeira flor do Lácio maior poeta moderno, super-Pessoa heterônimo, enfatizou: "Morrer é a curva da estrada, morrer é só não ser visto" e "A vida é breve, a alma é vasta"! Como Tiradentes (12/11/1.746 - 21/4/1.792), não inteirou cinquentenário (45 anos, o libertário-mor, 47, o bardo-geômetra)!

"**Valeu a pena?**" Indaga Fernando Pessoa, para logo aclarar:

"**Tudo vale a pena, se a alma não é pequena!**"

21 de abril - Aniversários da inauguração de Brasília (1960), pelo intemorato contemporâneo do futuro, ágil Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, e da morte (1.985), paulatina e confrangedora, de provector brasileiro de São João del Rei, Presidente Tancredo de Almeida Neves.

21 de abril - Pródromo de alforria; majestoso panegírico do imaculado Tiradentes - adepto insopitável do Bem, da Inconfidência guru, Patrono cívico da Nação, das Polícias Militares padroeiro, precursor da Cidadania, de Vila Rica orago, líder dos prosélitos, da República peregrino, paladino da Independência, da Liberdade arauto, nume de Causa ímpar, de brasilidade fiel pregoeiro!

Salvadorense cósmico, uma cabeça de mapa-múndi, referta da erudição dos continentes, poliédrico e superno, Ruy Barbosa fulge oracular: "Toda a civilização se encerra

na liberdade, toda a liberdade na segurança dos direitos. Parte mais grave da realidade humana, o **Ideal** é o espírito, órgão da vida eterna!"

A força esgana o indivíduo, não suas **Idéias**, que nunca morrem. No Sapiencial pedagógico Livro dos Provérbios, anexim linear de Salomão (15,3) adverte: "Os olhos do **Senhor** estão em todo lugar, os **bons** e os **maus** contemplando!"

Cada Pátria possui **homens-semente** ou **sementes-homem**, com espartana lealdade a ímpetos nobilíssimos! Atreito à magnitude homérica de **Tiradentes**, titã brasileiro, especial **homem-semente** ou **semente-homem** fértil, que por **Ideal** estóico se martirizou, e ao ínsito **valor de um dia que nada supera (sinóptica data)**, "expressis verbis et in terminis" asseguro: "Laus est in **bonitate causae** et non in acerbitate poenae" (O louvor está na **qualidade da causa** e não na crueza da pena)!

Cuiabá, 21 de abril de 1992

SATYRO BENEDICTO DE OLIVEIRA

ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS

CADEIRA Nº08

Patrono: LUIZ D'ALICOURT

**Posse do Acadêmico
MOISÉS MENDES MARTINS JÚNIOR**

(Discurso de recepção ao Acadêmico MOISÉS MENDES MARTINS JÚNIOR, proferido pelo Acadêmico CLÓVIS PITALUGA DE MOURA na sessão solene de posse realizada em 21.04.1992).

Meu ofício de hoje, nesta engalanada noite de festas e de evocações cívicas envolvendo a figura invulgar do MÁRTIR DÁ INDEPENDÊNCIA, decorre, mais uma vez, de honrosa convocação para cumprimento de um dever acadêmico, por consequência, aceitação de um convite honroso e indeclinável: recepção em nome da Academia Mato-grossense de Letras e apresentação de um novo IMORTAL a esta laureada Instituição.

Para um velho guerreiro de tantos e tão bons combates, bastaria quedar-me eu à cata das folhas soltas e murchas do meu outono. Todavia, a generosidade de meus excelsos pares e a aquiescência amistosa do novel acadêmico, levam-me de retorno à minha primavera longínqua... perdida no tempo.

Redescubro, então, o encantamento de sentir acariciado os pés de tantas e inesquecíveis jornadas, sobre a relva macia e verdejante. Estou sob a magia de ter-me parecido em muito com ELE no paralelismo de nossas vidas, que não tiveram um transe vulgar, e isto é-me profundamente lisonjeiro... Penetra-me, assim, o inebriante aroma das flores recém desabrochadas. Sinto singular vigor nas forças de natureza renascente. Vislumbro que algo novo e alvissareiro está se nos achegando e aqui estou eu, privilegiadamente, para testemunhá-lo, apresentando e reverenciando um personagem de escol.

Ei-lo, para nossos aplausos premonitórios, MOISÉS MENDES MARTINS JÚNIOR, transpondo os umbrais desta veneranda e festejada casa, prenhe de tradições e de glórias, morada e cenáculo de tantos vultos ilustres que por aqui passaram ou cá mourejam.

Meu ofício, tão honroso como agradável, é saudar o recém chegado, estender-lhe as mãos convidativamente, chamá-lo porque aceito ao nosso convívio salutar, aconchegante, estimulante.

Vale destacar o comportamento fidalgo e nobre do meu "afilhado". O encaminhamento formal das providências que me proporcionaram esta tribuna privilegiada, fez-se através de rigoroso, porém recatado processo protocolar, onde não faltou a intermediação de um chanceler de qualificação pessoal, por si só, altíssima, ainda mais relevante e estimulante, por envolver a pessoa de uma das mais fulgurantes expressões da medicina mato-grossense, um dos colegas que mais estimo e mais respeito.

Foi o Dr. Benedito Canavarros que intermediou nosso contato pessoal. Por conta dessa interveniência honrosa, no dia seguinte experimentava eu o prazer e a honra de receber eu em meu lar, para um diálogo que se fez inesquecível, aquele que logo viria cobrir-se com o manto da IMORTALIDADE.

Só foi para registro histórico e protocolar, eis que o Dr. MOISÉS tornou-se conhecido e aclamado, perante a sociedade mato-grossense, por conta de suas peregrinas virtudes e méritos pessoais. Num mergulho muito superficial, ensejarei sucinta garimpagem pelos ricos grotões de sua lavra literária, enquanto que, com a parcimônia recomendada pelo protocolo, procurarei destacar os traços fortes e mais marcantes de sua personalidade invulgar, na vida pessoal, familiar, profissional, religiosa, educacional e política, particularmente em Cuiabá e Goiânia, palcos mais significativos de suas penosas caminhadas, de suas vitórias compensadoras e de sua consagração, afinal.

Ei-lo aqui, de corpo inteiro: MOISÉS MENDES MARTINS JÚNIOR. Nascido a 06 de agosto de 1941, em Campo Grande-MS.

Pai - Moisés M. Martins, saudável octogenário, aqui presente.

Mãe - Noêmia Martins, já falecida, presente em espírito, para nossas silenciosas homenagens.

Esposa - Maria Martins, compondo e inspirando a harmonia de um lar feliz, santificado pelo amor e temor de Deus.

Filhos - Éber, Ellen e Ely Esteves, herdeiros e guardiães da pureza cristalina de uma fonte límpida, copiosa e benfazeja.

Neste depoimento, que deve ser sucinto, procurarei delinear o multifário perfil humano do novel acadêmico. Ei-lo aqui, diante desta excelsa assembléia da sociedade que o reverencia e que aqui acorre para solenizar a sua consagração acadêmica, na sua costumeira postura de firmeza, convicção e tranquilidade, própria daqueles que sabem querer e que não hesitam na assunção com responsabilidade. Entrevê-se que aqui lhe começa uma outra dimensão de novos compromissos ora assumidos e que a seiva estimulante, que lhe admirará do solo ubérrimo desta colenda ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS, será metabolizada e frutificará para a glória da nossa instituição comum.

Altaneiro, não se despoja nunca ele da humildade que lhe veio do berço. Eis um vencedor que não se deslumbra, jamais, com os lauréis alcançados - e muitos os tem - e sabe que haverá sempre urzes nos caminhos - e tantas feriram seus pés de arrojadas e abençoadas jornadas. É como se vivesse Ele sob a exortação e a inspiração do poeta de "Lâmpada Acesa": "Não maldigas a terra ingrata. Não maldigas nada/Talvez um dia o preço das canseiras/brote do sulco da robusta enxada". É sim, alegórica, a expressão do poeta mas, bem o sei, aquele primitivo e rústico instrumento "na lavra da terra esteve manejado por este homen singular, que não nasceu para ser vulgar ... Volte, pois, às origens, Dr. Moisés! Empunhe com mais vigor agora a enxada-pena e lavre agora sob a inspiração desse chão dadivoso que lhe vem de oferenda, da agora sua, ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS.

De Campo Grande, onde nasceu, veio o nosso personagem para Cuiabá e adjacências, onde a família estabeleceu-se, ele sempre envolvido com o trabalho a que se dedicou com humildade e tenacidade e com os estudos que cumpria com dificuldades financeiras extremas.

Seu reverendo Pai, posso ter-lhe cruzado os passos despercebidamente.

Sua Santa Mãe foi minha colaboradora, era Auxiliar de Enfermagem no antigo Departamento de Saúde do Estado de Mato Grosso, que administrei eu em vários escalões e por longos anos. Ali, e nos nossos eventuais encontros fora do trabalho, a amizade e o respeito recíproco eram a tônica. Em seguida, voltaria ela ao magistério primário, que professava com amor ... Depois ... perderíamos-nos nas malhas cruéis de uma cidade antropofágica, como soem ser aquelas em processo de enganoso crescimento e desenvolvimento. Assim está se tornando Cuiabá ... "As cidades são como as feras. Se não conseguirmos domá-las, elas nos devorarão". Assim teria escrito Javier Peres de Cuellar, então, Presidente do Banco Mundial, depois Secretário Geral da Organização das Nações Unidas.

Volvamos ao nosso Dr. Moisés:

- Coursou ele o primário, o ginásial e o colegial em Cuiabá, cujos professores e colegas configuram-lhe uma lembrança que, confessa, marcou seus tempos de juventude. Em seguida, voluntariamente - assim ele tem se comportado em todos os lances de sua vida -, ruma para Goiânia à busca de trabalho e perspectivas de inserção em curso superior. Na Universidade Federal de Goiás graduou-se em Odontologia, a cujo exercício dedicaria a maior parte de seu esforço laborativo.

Para suprir eternas dificuldades financeiras, ingressou através de seleção competitiva no jornalismo goiano, como repórter de rua - seu batismo, então, na imprensa, onde destacou-se depois como colaborador assíduo e apreciado pelos leitores. Do seu vasto currículo constam, resumidamente:

- Vários cursos de pós-graduação, em diversas modalidades, inclusive no exterior.
- Proferiu inúmeras palestras sobre temas como o Menor Abandonado. Educação e Orientação Profissional e Vocacional.
- Parainfou várias turmas de formandos.
- Ministrou vários cursos, inclusive sobre Relacionamento Interpessoal.
- Foi orador oficial de sua turma de odontólogos.
- Escreveu e vem pregando sobre temas religiosos e teológicos, como praticante do credo evangélico presbiteriano.

- Foi vereador por Cuiabá, como o candidato mais votado.

No exercício da vereança, em decisão singular, recusou prorrogação de seu mandato, embora ela referendada por decisão judicial. O fato inusitado, teve, aliás, repercussão nacional.

- Foi suplente de deputado estadual.
- Nas últimas eleições estaduais (1.986) conseguiu consagrada votação, que, todavia e lamentavelmente, não lhe garantiu eleição para o Senado Federal.
- Seus livros escritos têm sido de valiosa contribuição para a história de nossa terra, o linguajar e costumes de nossa gente.

Assim o são:

- FRAGMENTOS, uma coletânea de poesias, contos e relatos regionais.
- A FORÇA DA FALA NO DIZER CUIABANO, páginas evocativas dos traços linguísticos do dialeto regional, relembra e revive personagens e episódios de um passado que, desventuradamente, está morrendo.

- SANTUÁRIO PANTANAL é um precioso documento escrito desse singular componente ambiental erigido à condição de Patrimônio Nacional, como reconhecimento de seu imenso valor cênico, hidrológico, faunístico, florístico, étnico e antropológico.

Como Pantaneiro que sou, crioulo dos exuberantes vales dos rios Cuiabá e São Lourenço, não perderei esta oportunidade para manifestar a minha profunda inquietação, face, entre outras ameaças, ao pelo menos açodado projeto hidrelétrico do Rio Manso. Quando há outras alternativas mais brandas em seu inevitável impacto ambiental e mais econômicas, para conjurar a séria crise energética em que nos debatemos, até hoje sem solução técnica adequada, uma grande suspeita nos assalta ... Com o respeito que devo aos propósitos circunstanciais deste evento e às decorrentes restrições que me acometem, e apesar disto, devo alertar para a, pelo menos, insegurança da ELETRONORTE, que vem fazendo substanciais mudanças técnicas no Projeto inicial, o que insinua, fortemente, o reconhecimento, embora não confissão pública e clara, de erro e/ou impropriedades.

Nas páginas do Dr. Moisés, presente sempre um descompromisso com o clássico e permanente fidelidade à verdade e a si mesmo.

Sou daqueles que entendem a poesia como um estado de espírito, traduzido ou não pela rima ortodoxa e pela fluidez metrificada das idéias.

Poetar é monologar. É ruminar pensamentos próprios, convencionalmente ou não reprimidos, fazer aflorar conflitos e exaltação cerceados pela vivência convencional. Ser poeta é ser "livre como o vôo dos pássaros", na exaltação lírica de Menotti del Picchia.

A poesia pode vender a idéia minúscula do óbvio, e a grandiosidade do abstrato. É esse estado de espírito que perscrutei nos escritos do novel IMORTAL, igual aquilo que lhe ouvi atento no decurso de uma deliciosa entrevista, inesquecível, marcada pela espontaneidade. Gostei-o pois entendi-o. Tal assim, ouvi-o e entendi-o, de uma feita, a sutileza espontânea de Tote Garcia, o Tote, como ternamente era chamado por nós, o saudoso sogro do nosso consagrado confrade Benedito Pedro Dorilêo. Tote, na sua simplicidade cabocla, certa vez, no recesso da mata exuberante, plena noite, sob o pátio de estrelas luminosas em esconde-esconde entre as frestas da ramagem docemente balançada pela brisa acariciante, saiu-se com esta antológica expressão: "Estava tudo tão quieto que a gente podia ouvir o barulho do silêncio". Quanta beleza, simplicidade e tamanha força impressionista! Tote não sabia que era poeta. Mas ele sentia e vivia a vida, o bastante para poetar sem se aperceber de que estava fazendo poesia ... Moisés, também por igual.

As poesias, as trovas, os contos deste novo IMORTAL são multifários no empenho de contar e fazer versos, com a pena na mão, o próprio coração palpitante. Escrevendo e contando é ele versatilmente lírico e místico, jocoso e galhofeiro. Metafórico. Sutil, cético e crente. Compassivo e impulsivo. Poderia eu, se oportuno e adequado à ocasião, traçar as tintas fortes de seu poder literário variado e cambiante, transcrevendo trechos de sua apreciável lavra.

Confessara-me ele, naquela entrevista, que ansiara por praticar música. Piano seria a sua opção. Frustrado pelos mesmos e eternos obstáculos, deve ter-se sentido ele agora enlevado e realizado, vendo e ouvindo das mãos de ninfa de sua filha Ellen Regina a maviosa docilidade do teclado que lhe fora embargado ...

O amor à arte transfere-se, também, pela força da mente. O poeta-Pai deve ter-se sentido personagem participativo na deliciosa e envolvente musicalidade que ouvimos agora.

Sincero e puro, confessara-me este novo IMORTAL que era seu sonho ascender à ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS. Ela tornou-se sua, de fato e de direito, por assentimento unânime de seus pares, Ad Imortalitate.

Abrem-se-lhe, de par a par, estas venerandas portas.

Seja bem-vindo à ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS de seus anelados sonhos, Dr. MOISÉS MENDES MARTINS JÚNIOR.

Cuiabá, 21 de abril de 1.992

CLÓVIS PITALUGA DE MOURA

ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS

CADEIRA Nº 08

Acadêmico
MOISÉS MENDES MARTINS JUNIOR
DISCURSO DE POSSE

“ Um povo que no rebuscar do seu processo histórico encontra motivações para homenagear seus filhos, é um povo que não morre, mas que vive eternamente plasmado qual cicatriz tenaz, nos gametas da hereditariedade, nos gens dos seus D.N.As e banha-se nos líquidos salutareos dos seus ácidos desoxiribo nucléicos.”

Senhor PresidenteSenhores Acadêmicos

Se a honra transborda, a emoção promove burburinho nesta alma que tem sabido esperar o momento certo da colheita dos frutos sazonados das árvores frutíferas, que na esperança sempre as plantou.

A minha presença nesta colenda Casa Barão de Melgaço, ocupando uma cadeira, não fôra previsível, haja vista que, acostumado aos ambientes simples e a poucas honrarias, nunca pude pensar que um dia o Homen menino, filho, de um motorista e uma professora auxiliar de enfermagem, viesse a galgar o gáudio deste ágape dos Deuses, onde o espírito se amalgama e burila-se na enlevação e elevação, onde somente os privilegiados adentram.

Solar daqueles que intrinsecamete possuem a luz, o desejo de perscrutar, burilar, esculpir na ortoepia da palavra ou na heráldica da escrita, qual Phanteon dos Deuses da beleza da cultura, a força da sua História, o culto a seus símbolos pátrios, a imortalidade da sua língua. Privilegiados, também, aqueles convidados para este salutar ágape da cultura

Há pois, entretanto, que sair-se do estado sinestésico do mentevismo e de expectativa, acordando-se para o chamamento da “praxis” da prática, que constroe sob a égide da filosofia, que edifica.

Há pois que lançar mão do maior intrumento à disposição, qual seja, a genuflexão ante o altar da sapiência, enebriando-se do incenso das turíbulos que, em espargindo seus odores, penetram alma adentro, qual lavagem da pureza, na pressuposição da possível divindade que só a cultura propicia. Há que se elevar nos vôos altíssimos qual condores que rasgam o infinito, para os mergulhos vertiginosos em busca dos alimentos, visto que somente dos píncaros da altura conseguem visualizar os mesmos.

De maneira similar, o Acadêmico há que elevar-se para poder descobrir e pinçar o maior e melhor nutriente para sua alma, o néctar da cultura. Há que se comprometer com a comunidade, como artesão da palavra, caminhos sonoros dos conceitos vivos; **guardião da justiça para a preservação da liberdade; guerreiro imbatível transformando a pena numa lança como a do Paiaguá, contra os inimigos construtores das masmorras.**

Há que sair-se dos sarcófagos que engessam e aprisionam, buscando um espaço, transformando-se no jovem com a performance e perfil traçados pelo General Mac Arthur: “A juventude não é um período de vida, ela é um estado de espírito, um efeito da vontade, uma qualidade de imaginação, uma intensidade emotiva, uma vitória da coragem sobre a timidez, do gosto da aventura sobre o amor ao conforto”.

“Não é por vivermos um certo número de anos que envelhecemos; envelhecemos porque abandonamos o nosso ideal. Os anos enrugam a face; renunciar ao ideal enruga a alma. As preocupações, as dúvidas, os temores e os desesperos são os inimigos que lentamente nos inclinam para a terra e nos tornam pó antes da morte.

“Jovem é aquele que se admira, que se maravilha e pergunta, como a criança insaciável: e depois? Que desafia os acontecimentos e encontra alegria no jogo da vida. És tão jovem quanto a tua fé, tão velho quanto a tua descrença, tão jovem quanto a tua desconfiância em ti e tua esperança, tão velho quanto o teu desânimo. Serás jovem enquanto conservares receptivo ao que é belo, bom e grande. Receptivo às mensagens da natureza, do homem, do infinito.

“E se um dia teu coração for atacado pelo pessimismo e corroído pelo cinismo, que Deus então se compadeça de tua alma de velho”.

Eis minha visão cósmica deste Silogeu!

A nobilitante inteligência do Presidente desta colenda Casa, o confrade Clóvis de Mello, sugeriu a data do Bicentenário da Independência, o dia do Protomártir da Independência, Joaquim José da Silva Xavier - Tiradentes, como forma de homenagear não só o Acadêmico que vos fala, como, principalmente, a Classe de Cirurgiões Dentistas, que também têm como maior, a figura impoluta de TIRADENTES. Que força indômita o propulsionava, como catapulta cívica? Que amor acendrado à pátria, a qual assistia vilipendiada e hediondamente tripudiada pelas forças coercitivas das oligarquias da Corte? Que insatisfação o motivou a deixar a profissão, enveredando-se no labirinto da Creta, ávido de matar o Minotauro, representado pelos déspotas? Mas esqueceste, imortal "Tiradentes", olvidastes, colega de profissão, o cordão orientador que possibilitava o vosso retorno após o embate? Ou foste consciente da fatídica missão? Acredito mais na segunda alternativa!

Ensinai-me, Protomártir e paladino da liberdade, a guardar no recôndito da minha alma esse seu divino amor à PÁTRIA! Mostrai-me como adquirir e preservar essa coragem cívica exarada na insígnia do "Libertas quae sera tamen" e suportar as dores físicas e atrozes dores do sofrimento moral nas Lampadosas da Vida; e a ignomínia de um gólgota sem cruz!?

Declinai-me o "Vade Mecum" que transformou-se no vosso Salmo diário de resistência. Perdoai-nos, querido paladino da liberdade desta Pátria, ainda agrilhoada, desculpai-nos, guardião arauto da moralidade cívica, pois o látego - o chicote apenas mudou de braço e a coroa de dono, os Joaquins Silvérios dos Reis pululam ainda nesta pátria, como pústulas necrosantes e fétidas a contaminar o organismo nacional

Ensinai-me a coser e remover as nódoas que impregnam o nosso Pavilhão auri-verde, que insiste em drapejar, para nunca "servir a um povo de mortalha", no dizer do poeta condoreiro Castro Alves. Teria sido inútil vosso sacrifício, mártir no holocausto da Pátria?

Querido Protomártir na Independência!. Vosso grito do "LIBERTAS QUAE SERA TAMEN" ainda ressoa pelos campos das Gerais e todo o território nacional; explode no grito silente do seu Povo, ávido do Direito da cidadania; nas faces esqueléticas dos menores de rua, sem educação, doentes e com fome; ressoa ainda pelos varandões da Pátria, contra a corrupção dos néscios e dos malversadores do erário público; ressoa por fim no eco das injustiças sociais que cassam as cidadanias dos jovens, dos aposentados e de tantos que sofrem pela omissão ou dolo da própria Justiça, que, mexendo com os meus brios, levou-me a aprisionar na grafia os conceitos-sínteses nos dizeres deste meu poema JUSTIÇA:

Pressuposta sensora dos Seres,
uma mulher de olhos vendados a simbolizar,
de um lado a balança e dizeres,
de outro a espada a despedaçar.

Ávida e peremptoriamente por todos buscada,
encontrada por alguns, outros a perseguir,
qual palha solta ao vento levada,
qual vento forte que sopra sem demolir.

Não sabemos se assim és; por natureza, por sua essência, enfim ou porque,
ou se os Homens que a manuseiam com destreza,
aviltando, procrastinando, adulteram-te.

Se és assim bela Justiça,
como no retro referido, tu te conjectura,
se és assim virtuosa Justiça,
melhor seria, desvendar-te, deixar cair a balança
e quebrar a espada da tua armadura.

Mas sabemos que divina tu, Justiça, és,
o erro está naqueles que te aplicam,
em que pese, togas negras cabeleiras brancas sob a tez,
em que pese a aparência séria dos que em ti militam.

Nossa esperança ainda persiste.
sabemos que um resquício de amor à Justiça,
na coragem e tenacidade se encontra, daqueles que
mesmo fazendo Justiça, recebem crítica, recebem afronta.

E ao escrever este poema sobre a Justiça, evoco os dizeres do eminente jurista Miguel Reale: "que não me exijam outra linguagem se não a de jurista, quando me dirijo a juristas".

A nossa alternativa, Protomártir da Independência, perdura no vislumbrar do porvir, apesar da profecia vaticinada pelo grande Águia de Haia, Rui Barbosa: "de tanto ver triunfar as nulidades, de tanto ver crescer as injustiças, de tanto ver agigantarem-se os poderes nas mãos dos maus, o Homem chega a desanimar-se da virtude, a rir-se da honra, a ter vergonha de ser honesto". Mas ... enquanto houver abnegados patriotas, dispostos a lutar para: "Não arrancarem os teus pendões dos ares nem fecharem as portas dos teus mares", esta Pátria renovar-se-á sempre dos escombros e rescaldos impostos pelos traidores da res-pública (coisa pública).

"Só esta liberdade nos concedem nos Deuses: submetendo-nos ao seu domínio por vontade nossa. Mais vale assim fazermos porque só na Liberdade a Liberdade existe". (Fernando Pessoa).

O PATRONO DA CADEIRA Nº 08

Luiz d'Alincourt. (1707). Ninguém soube retratar com tanta maestria a figura impoluta do militar-cientista Luiz D'Alincourt como Antônio Fernandes de Souza, o primeiro ocupante da cadeira nº 08, através da sua obra literária **Elogio a Luiz D'Alincourt**.

Esta obra representa o grito altissonante de verdadeiro amor a Mato Grosso e ao Brasil.

Os anais desta egrégia Academia de Letras, através da **Revista do Centro Mato-grossense de Letras**, aprisionam com algemas de ouro a rica peça literária elaborada por Antônio Fernandez de Souza intitulada "Elogio a Luiz D'Alincourt", onde o perfil, as características e os feitos do Patrono da Cadeira nº 08 são exaltados.

O contar narrativo da inédita peça literária tem o cantarolado mesclado de ciência, poesia e heroísmo, que penetram profundamente a alma de quem a lê. Enebria-se ao penetrar no âmago da literatura pura, com o português castiço colonial, onde o **é** era com **h**, o **comemorar** com dois emes, Cuiabá com ípsilon e Mato Grosso com dois tês.

Referindo-se ao Patrono da Cadeira nº 08, Luiz D'Alincourt, assim se expressa Antônio Fernandez de Souza: "a história, luz da verdade e mestra da vida, no-lo aponta como um dos mais dignos de nossa gratidão, pelo muito que fez para o bem do Estado de Mato Grosso".

Luiz D'Alincourt teve por berço Portugal, jardim da Europa à beria-mar plantado, na suave expressão dos maiores poetas lusitanos.

Nasceu na Vila de Oeiras, distrito de Lisboa, aos dezessete de fevereiro de 1787, perto de famosa quinta de Pombal, onde residia o poderoso Ministro de D. José I, Sebastião José de Carvalho e Mello, Conde de Oeiras, depois Marquês de Pombal.

Abraçou carreira das armas, transportando-se muito jovem para o Brasil, desenvolveu seus estudos na Academia Militar do Rio de Janeiro e, por outro lado, nas comissões importantes que desempenhara na Bahia, em Mato Grosso, em Pernambuco e Espírito Santo.

Como se vê, o espírito irrequieto de Luiz D'Alincourt é denunciado através das suas andanças.

Com doze anos alistou-se na Brigada Real, aos 16 de julho de 1799. Promovido a cabo-de-esquadra em 10 de abril de 1801, em 11 de julho de 1809 fora recebido como adido ao Regimento de Artilharia do Rio de Janeiro.

Passou a Primeiro Tenente por decreto de 13 de maio de 1810. Após participar de comissões na cidade da Bahia e em Pernambuco, regressou ao Rio de Janeiro. Foi promovido a Capitão graduado de Engenheiros por decreto 06 de fevereiro de 1818, sendo efetivado neste cargo a 31 de março do mesmo ano.

Visitou a Província de Mato Grosso pela primeira vez em 1818, fazendo a extensa travessia do Porto de Santos à cidade de Cuiabá em companhia do Governador, Tenente General Francisco de Paula Magessi Tavares de Carvalho, depois Barão de Vila-Bela, que tomou posse do seu elevado cargo 06 de janeiro de 1819.

Nesta ocasião, a Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá foi elevada à categoria de cidade, por carta regimental de 17 de setembro de 1818, passando por alvará de D. João VI, de 1820, a ser a cidade de Cuiabá, capital da Província, levando-se em consideração a insalubridade de Vila Bela.

Cuiabá, no dizer de D. Luiz D'Alincourt, era um primoroso Eden. No seu relato, a população da cidade e o porto geral era de 3.918 almas. A sensibilidade do Patrono da Cadeira nº 08, Luiz D'Alincourt, induzia-o a dizer: "os cuiabanos são geralmente polidos,

sensíveis, afáveis, generosos, de boa estatura e robustos, gentis, amigos do bem fazer, fervorosos apaixonados do governo monárquico constitucional, amantes da sagrada pessoa do Imperador". Impressionavam-lhe os dotes culturais dos cuiabanos, achando que muitos deles foram adquiridos fora do País.

A respeito das artes, confessa Luiz D'Alincourt que "é com efeito assaz medíocre e em toda província existia apenas um piano forte e ninguém que pudesse tocá-lo".

Noutro ponto, observa Luiz D'Alincourt de coração aberto que "os habitantes desta província são dotados de boa moral, caritativos e tratáveis. As festas são cheias de pompas, principalmente em Cuiabá, que a população é mais opulenta: no palácio do Presidente da Província, onde é costume haver baile, praticando-se com garbo a contra-dança, ril, gavota, minuete afandangado etc. O jogo é um dos principais entretenimentos". Luiz D'Alincourt participou do processo político da Província, ocupando o cargo de Secretário, sob a Presidência de D. Luiz de Castro Pereira, bispo e prelado de Cuiabá, após a deposição do governador Magessi. E nesta remota região do País, Luiz D'Alincourt colaborou para que se propiciasse na Nação o grito da Independência no memorável 7 de setembro de 1822.

Promovido a Major em março de 1823, Luiz D'Alincourt retorna a Mato Grosso, efetuando minucioso questionário sobre a estatística geral do Brasil, demorando aqui seis longos anos

Perlustrou os sertões mato-grossenses desde os campos de Camapuã até as ribanceiras do Guaporé. Observou as enchentes do Paraguai e os pântanos do baixo São Lourenço.

Voltando ao Rio de Janeiro, apresentou o major Luiz D'Alincourt o resultado de suas pacientes indagações ao Ministro e Secretário de Estado dos Negócios de Guerra, Conde do Rio Pardo, encontrando-se nos anais da Biblioteca Nacional sob o título: "Resultado dos trabalhos e indagações estatísticas da província de Mato Grosso".

Dividido em duas sessões, tratando a primeira de estatística geográfica e natural e a segunda da estatística civil e política.

Neste momento em que se discute a navegabilidade do Rio Paraguai, nada mais prudente que aurir os ensinamentos de Luiz D'Alincourt.

Tratando dos meios de comunicação, Luiz D'Alincourt já vislumbrava a ocupação das imensas terras banhadas pelos rios Taquari e São Lourenço, propícias para a criação de gado vacum e cavalar.

O tirocinio do administrador científico !

O entusiasmo e verdadeira admiração de Luiz D'Alincourt pelas riquezas naturais do nosso opulento País, traduziam-se nas suas palavras quando exclamava: "Não posso deixar de lastimar o quão pouco temos aproveitado dos meios naturais com que a natureza mimoseou o Brasil para fazê-lo grande e independente em tudo". Visão do verdadeiro cientista patriota !

Como militar experiente, exortava o preparo das forças militares para a preservação da soberania Nacional, tantas vezes ameaçada na época do Império, principalmente na fronteira Oeste, onde a ameaça dos espanhóis frente ao tratado de Tordesilhas era eminente, sendo que no governo de D. Antônio Rolim De Moura e no de João Pedro da Câmara esta hostilidade se fez presente, sendo rechaçada pela nossa gente, bem como o ataque ao Forte Coimbra no ano de 1801 pelas forças espanholas sob o comando de D. Lázaro de Ribera, governador do Paraguai, repudiado pela bravura do benemérito Coronel Ricardo Franco de Almeida Serra, cognominado o Leverger dos tempos coloniais.

Pela larga experiência militar e sabedor da débil vigilância das fronteiras, Luiz D'Alincourt fez previsão sobre a guerra do Paraguai e assim dizia: "É um axioma, a Nação que quiser ser respeitada e permanecer em paz sem praticar servis sacrifícios, prepara-se bem para a guerra durante a mesma paz".

O grito de alerta do paldino da paz, conhecedor do Ser Humano,

"que a fronteira do Paraguai se conserve sempre em estado de impor-se aos vizinhos", ecoou nos cerrados de Mato Grosso!

Tivesse o País atendido às ponderações expendidas por Luiz D'Alincourt e ter-se-ia deste modo evitado o massacre e o êxodo das populações do Sul, o abandono de Coimbra, o sacrifício de Corumbá e a perda de tantas vidas, fazendo custar ao inimigo, a pretensão de querer tomar Cuiabá, que não só teve idêntico fim, devido a antemural oposta aos brios nacionais pelos cuiabanos comandados por Leverger, na colina histórica de Melgaço.

Os notáveis trabalhos de Luiz D'Alincourt: "Documentos sobre o Rio Doce"; "Ofício sobre a parte meridional de Mato Grosso"; "Resumo das explorações desde o registro de Camapuã até a cidade de Cuiabá"; "Paraguai e Diamantino"; "Reflexões sobre o sistema

de defesa militar na fronteira do Paraguai"; "Ofício sobre a estatística, defesa, administração da Província de Mato Grosso oferecido ao Exmo. Sr. José Bonifácio de Andrada e Silva (1823)"; "Trabalhos relativos a Espírito Santo e Bahia."

Depois deste relato histórico que nos propiciou Antônio Fernandez de Souza, desnecessário se faz dizer a honra e orgulho salutar de ocupar a Cadeira nº 08, cujo Patrono é uma instituição de cultura, instituição esta na qual mergulhei para emergir e espargir a trajetória deste luso-brasileiro-cuiabano.

O primeiro ocupante da Cadeira nº08 fora o imortal Antônio Fernandez de Souza. Contador emérito, funcionário da Fazenda Estadual, nascido em Cuiabá a 15 de janeiro de 1879. Filho de Sabino de Souza e D.Maria Inocência de Souza. Membro fundador do Instituto Histórico de Mato Grosso, jornalista colaborador assíduo da imprensa local, sobretudo no jornal "Mato Grosso" e na revista "O Arquivo", da qual fora fundador.

Publicou as seguintes obras literárias: "A invasão paraguaia em Mato-Grosso" e "Elogio a Luiz D'Alincourt".

O segundo ocupante desta Cadeira nº08, fora o humanitário médico Luis Sabóia Ribeiro. Nascido no Ceará, em Fortaleza, a 23 de outubro de 1906, faleceu no Rio de Janeiro. Durante muitos anos exerceu a sua nobre profissão nos longínquos garimpos do leste mato-grossense, emprestando o seu auxílio, como médico caridoso que era, aos menos favorecidos. Exerceu ainda a medicina em Cuiabá, sendo estimado e respeitado no âmbito da sociedade.

Escreveu "Caçadores de Diamante", livro de 270 páginas, lançado em 1959 e que se encontra na 2ª edição. O livro é um vasto repositório de pesquisa histórica dos garimpos mato-grossenses, abordando o aspecto social, antropológico e político-cultural dos bandeirantes do diamante. Deixou viúva D.Ana Sabóia Ribeiro e uma prole de seis filhos: Irani Sabóia Paes de Barros; Dr. Luis Felipe Sabóia Ribeiro; Bernadete Sabóia Ribeiro; Beatriz Meira Sabóia Ribeiro; Kátia Luzia Meira Sabóia Ribeiro e Marcos Meira Sabóia Ribeiro, poemas maiores do saudoso imortal.

O meu antecessor imediato na Cadeira nº08 foi Antônio Lopes Lins. Nasceu no Ceará, em 08 de junho de 1912 e faleceu em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, em 05 de setembro de 1990. Primo do famoso escritor José Lins do Rêgo. Exerceu com maestria o jornalismo e a publicidade, foi chefe do Serviço de Publicidade da Secretaria de Agricultura. Diplomou-se pelas Faculdades do Comércio e de Ciências Econômicas e, ainda, diplomou-se em Odontologia.

Em 1970 elegeram-se deputado estadual em Mato Grosso.

Foi na tribuna da egrégia Assembléia Legislativa, a qual transformara em cátedra cívica, que trabalhou intensamente em prol do povo. Professor de Geografia, História e Economia na Faculdade do Mato Grosso do Sul. Poeta, conferencista da Escola Superior de Guerra. Escritor brilhante, imortalizando-se com as obras literárias "Incesto"; Caminhos de lama"; "O velho maquinista"; "Janina"; "A canção do minuano"; "Eduardo Olímpio Machado"; "Crônicas dos tempos"; "Sinais de Ramaiana"; "Celestina"; "Histórias proibidas" e "Antescências".

Deixou numerosa prole de oito filhos e a viúva D.Maria José Lins.

Antônio Lopes Lins era membro fundador da Academia Sul Matogrossense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul.

Ele não morreu, a morte física apenas o imortalizou, através das suas obras.

Minha alma se regozija ao ser recepcionado neste silogeu pelo médico acadêmico, titular de inúmeros lauréis, tanto a nível regional quanto a nível nacional. Um dos poucos médicos de Mato Grosso a receber a Ordem do Mérito Nacional. Secretário de Estado, por duas vezes, sendo entretanto, sua maior titulação aquela outorgada pelo seu povo, advinda do seu prodígio no ato de curar, como cirurgião.

Sensibilidade à flor da pele, própria dos que muito tiveram e vieram a perder, mas recuperaram-se na arena da vida por meios próprios.

Ser recebido por figura tão ilustre, aureola e completa plenamente o meu adentramento neste colendo sodalício.

Ilustre confrade Clóvis Pitaluga de Moura, não me conheces tanto quanto eu o conheço na sua celebridade, ostracionada na sua humildade e autenticidade, sem serventilismo. que poder-se-ia perquerir: "o que seria da pérola se nos assustasse a forma grotesca da ostra?".

Seu porte de caráter, sua inteligência revestida de humildade, seu amor à natureza extravasado no movimento ecológico e das raças indígenas e no somatório maior, informações que nos foram passadas pela auxiliar de enfermagem Noêmia Martins, a minha genitora, no exercício humanitário da sua função como médico, estas informações somadas a outros lauréis de caráter que possuí, induziram-me a usufruir do direito a mim outorgado

pela Presidência, quanto à escolha do acadêmico que faria a minha recepção neste areópago do saber.

Confesso-vos que não fora fácil, ante tantas celebridades que pululam neste sodalício, fora como retirar de um "sapiquá" de diamantes o mais puro dos puros.

As palavras de exortação, que tive a ventura de ouvir do nobre confrade, são muito mais fruto da sua elevada benevolência, esculpida na planura da sua autenticidade.

Sou ciente do sacrifício físico que por momento passas, ilustre Dr. Clóvis Pitaluga de Moura. Entretanto, pela têmpera do aço do seu novel espírito, poder-se-ia indagar: seria dado ao luxo esta linhagem rara de Homem, curvar-se ante o sofrimento físico, quando dentro de si explode o gigantismo do seu caráter e a força hercúlea do seu espírito?.

Ao que eu responderia: "Vini. Vidi. Veci.", vim, vi, e venci, jamais prescindiríamos da sua augusta participação!

O Homem, este eterno desconhecido, capaz de suplantar os umbrais das dores, promoveu no recôndito do meu Ser, a seguinte introspecção:

"Possuimos o infinito dentro de nós,
qual laboratório produzindo veloz,
sinfonias de cores, odores e calor,
tempestades de ódio e bonanças de amor.

Místico do Demônio e do Divino,
viajor de guerra, atalaia da paz,
habitando a Terra, mas em busca indo,
de outros mundos, galáxias, estrela fugaz".

(Fragmentos)

Senhoras e Senhores Acadêmicos, diletos convidados:

Permito-me convidar-vos a tomarem a garupa da minha montaria e partirmos para as andanças da vida, ouvindo as clarinadas de ensinamentos do filósofo Hesíodo: "ótimo é aquele que de si mesmo comeece todas as coisas".

Nasci em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Rua Maracaju, em plena década de guerra, quando o "Enolagay" vomitava suas bombas atômicas sobre as cidades japonesas de Nagasaki e Hiroshima. Vim para Cuiabá em tenra idade, e daqui jamais saí, a não ser para minha formação cultural e profissional.

Meu pai, um humilde motorista, e minha mãe, uma professora, que depois formou-se em auxiliar de enfermagem.

Fui alfabetizado com cinco anos, tendo como mestra primeira a minha querida mãe. Comecei meu estudo primário na escola de primeiro grau do Bairro do Bosque, transferindo-me em seguida para a Escola Barão de Melgaço, onde concluí o **primário e admissão** ao ginásio. Recebi aulas de religião do jovem pároco da Igreja Boa Morte, Frei Quirino. Tive como mestras, professoras Diva Hugueney; Miloca; Adalgisa; Amélia Vieira (professora Miluca); Antônia Tita Maciel de Campos; Yone Monteiro; Regina Miranda.

A minha formação ginásial se dera no Ginásio Brasil, sendo colega do novel acadêmico Ronaldo de Castro, entre tantos outros.

Verdadeira constelação de Mestres, formaram o meu caráter e moldaram a minha personalidade cultural, tentando os mesmos adestrarem-me ao contato do buril, no dizer de Olavo Bilac.

Cesário Neto, Célia Nunes de Barros, João Crisóstomo, Benedito Figueiredo, Gastão Müller, Leda Thomem, Enzo Ricci, Flores de Lima, professora Yara, Maria Pomot, Demétrio de Souza, João Bem Dias de Moura, Domingos Sávio Brandão de Lima.

Tempos dourados, linha limitrofe entre o querer, o poder e a frustração.

O velho livro do Professor Cesário Neto e Célia Nunes de Barros. "Trechos Seleccionados", transformou-se no meu livro predileto, ensinando-me as próclises, ênclises e mesoclises, a redação, a estilística, a análise léxica e sintática, a posposição do verbo nas orações gerundiais. Enfim, a literatura, forjava seu ninho para o acasalamento futuro.

O colegial ou científico da época, fizera no Colégio Estadual de Mato Grosso, antigo Liceu Cuiabano.

Novamente uma plêiade de ilustrados mestres poliram o meu caráter e deram importantes retoques na minha personalidade, plasmaram-me o acendrado amor à Pátria, lavando-me como os viajores se lavavam no Tanque de Siloé, embebedando-me no ensino puro, através das aulas magistrais de Francisval de Brito, Moacir Gratidiano Dorilêo, Paulo Vilá, Enzo Ricci e professora Aída Siqueira, e vejam os Senhores, que era uma escola pública, com excelente qualificação de ensino, que proporcionou-me adentrar na Univer-

sidade Federal de Goiás, com uma honrosa quarta colocação, num Universo de quatrocentos e oitenta candidatos, sem frequentar cursinho, visto que a pobreza econômica não me permitia. Este laurel, dedico aos meus prezados mestres.

Na vossa galopada, ilustres viajores, permitai-me falar-vos da minha primeira Universidade, a Universidade da vida, vivida na universidade das peladas de futebol, onde o hoje respeitado e probo desembargador, coluna mestra do edifício da Justiça, Dr. Benedito Pereira do Nascimento, era goleiro, "frangueiro", mas o era. Dr. Benedito de Almeida (Pererinha), hoje Magnífico Reitor da Universidade Fluminense, médico renomado, era o nosso ponta direita. Colegas de lazer na antiga Praça de Touros, Campo D'Ourique, hoje ocupada pela nossa Assembléia Legislativa. No exercício da brincadeira, quando os meninos brincavam, lá se viam João Barbuíno Curvo Neto, José Vieira de Mello, Lucídio de Mello, João Bosco de Almeida e tantos outros distintos colegas, hoje no exercício das mais variadas profissões, prestando relevantes serviços à comunidade.

Na Universidade Federal de Goiás, novamente os mestres, sempre os abnegados mestres não reconhecidos devidamente, que possuem o hálito dos Deuses, embalam os berços, burilam o caráter e dirigem o destino do mundo, lá estavam dando-me os últimos retoques para a viagem da vida.

Aquela altura, a literatura, os poemas, as poesias, a oratória, oxigenavam o meu Ser, impregnando-o, levando-me a disputar e ganhar o exercício da oratória, para orador oficial da Universidade Federal de Goiás no ano de 1962, deixando "comendo poeira" na galopada da oratória sete acadêmicos de Direito e dois de Medicina. Conquistei o exercício da oratória naquele ano!

Nesta época dei os primeiros passos nos caminhos límpidos, lépidos e belos dos sonhos da ação poética:

"Galopei no dorso do tempo andarilho,
entre as brisas, roçando as folhagens,
ferindo-me com os espinhos da Rosa perfumada e bem vestida,
sujando-me com o humo, acre, maltrapilho.

Na galopada, muitas das vezes quase cai,
segurando-me nas crinas da esperança,
chibatando com os talos dos Lírios,
sugando o vento qual Colibri"

(Fragmentos)

Formado em Odontologia, retornei a Cuiabá. Como os elefantes sempre retornam à trilha. Novamente a pobreza econômica impedia-me de iniciar minha carreira profissional, começando praticamente minhas funções de luta pela subsistência como professor de **Noções de Física e Química na Escola Normal Pedro Celestino, lecionando ainda no Colégio Evangélico de Buriti, vindo a ser Presidente do Conselho Deliberativo deste mesmo colégio.**

No exercício profissional fora Presidente do Conselho Regional de Odontologia, diretor do Departamento Científico da Associação Brasileira de Odontologia, seção de Mato Grosso. Pós-graduado em Ortopedia Funcional dos Maxilares (Buenos Aires-Argentina) e, ainda, em Saúde Pública e Administração dos Serviços de Saúde Pública, estando atualmente prestando serviços como professor na nossa Universidade Federal de Mato Grosso, na área de Saúde Coletiva.

O tempo urge e nossa montaria já começa a estropiar.

Adentrei o antro putrefato dos escombros políticos, verdadeira andança tétrica!

Não calcei as luvas protetoras para operar aquele organismo mórbido e, não fora a proteção Divina, poderia ter-me contaminado e, como maior sintoma de que não me contaminei, fora o exemplo cívico que dera em não aceitando a ingnomínia do mandato biônico, que retirava dos patriotas o direito sacrossanto do voto livre, democrático e soberano.

Nunca vi tanta putrefação de caráter, tanta miséria e mesquinha em busca do poder pelo poder, como no processo político. Matam, roubam, aviltam, indignificam, urdem tramas nos porões da democracia, preterem os sábios e exaltam os néscios. Guindam ao poder os despreparados, implantam oligarquias em nome do povo, amordaçam a boca dos arautos da liberdade, constroem patíbulos, onde enforcam a Nação nas Lampadas da vida.

Ponto final da nossa galopada, espero não ser traído por este coração remendado, pois vou falar da minha família.

Aqui está o velho pai, minha mãe já se fora para os páramos celestiais e na sua perda tentei esconder-me nos parêntesis das orações, sob o til de uma palavra, no albergue da ação poética e no estertor da dor, escrevi:

Que audácia do poeta,
querer extravasar, através da semântica das palavras,
o amor de mãe!
Que estultice do poeta,
querer, nas premissas dos conceitos,
dizer realmente sobre o amor de mãe!
Que loucura do poeta,
querer aprisionar, nas dobras das linhas do Universo,
o amor de mãe!
Que desespero do poeta,
querer exprimir numa gota de lágrima, que da face sofrida rola.

o amor de mãe
Que petulância do poeta,
compor com notas musicais o amor de mãe!
Há que ser Divino,
para roubar as palavras dos anjos,
há que ser ungido para conceituar,
há que ser paradisiaco,
para saber sofrer,
há que ser querubim,
para compor,
na alegria que teve,
na tristeza de perder,
na esperança da dor,
na expressão mais pura, a indetificar a mãe,
dom de Deus. expressão cósmica do amor!
(Dimensões - a ser publicado).

A honradez do meu pai, a fibra da minha mãe e a ternura da minha esposa e filhos me bastam. Louvores à minha esposa Maria Capistrano Martins, companheira, de todo momento, graças por nossos filhos, o economista Eber Luis Capistrano Martins, Ellen Regina Capistrano Martins, artista por natureza e acadêmica de engenharia civil, Eli Esteves Capistrano Martins, universitário em potencial, raspa tacho do resumo sumo do meu DNA. Meus agradecimentos aos parentes e a todos os convidados que me honram nesta noite de gala.

Permitai-me, Senhoras e Senhores acadêmicos, tomar assento na cadeira nº 08 desta casa de Dom Aquino, de Augusto Leverger e Barnabé de Mesquita, ombrear convosco a alta responsabilidade de guardiães da nossa cultura, de guerreiros da nossa paz e de paladinos da nossa história!

EBENEZÉR, que em hebraico quer dizer:
"Até aqui nos ajudou o Senhor"

Muito Obrigado

Cuiabá, 21 de abril de 1.992.

MOISÉS MENDES MARTINS JÚNIOR

Cavalcanti Proença: anotações para um esboço de biografia

A primeira coisa que se deve fazer é estabelecer o contexto histórico e social em que viveu Cavalcanti Proença. É importante considerar o período da República Velha e o papel da imprensa e da literatura da época. O autor deve explorar as influências culturais e políticas que moldaram a obra do escritor.

Em seguida, é necessário analisar a trajetória literária de Cavalcanti Proença, desde suas primeiras publicações até suas obras mais importantes. Deve-se destacar o estilo narrativo e os temas recorrentes em sua obra, bem como o impacto que ela teve na literatura brasileira.

RESUMO
Este trabalho apresenta as anotações para um esboço de biografia de Cavalcanti Proença, abordando o contexto histórico e literário de sua época.

MOISÉS MENDONÇA

(Pronunciamento do Acadêmico S. CARLOS GOMES DE CARVALHO na cerimônia de inauguração, nesta Capital, da Biblioteca M. Cavalcanti Proença).

Em memória de D: DULCE, professora e admiradora do irmão, pelas informações sobre a infância e a juventude de nosso escritor.

"Há muito que a mata vem sofrendo a investida do caboclo e só a escassa densidade demográfica pode explicar por que ainda não são notados os prejuízos que esse procedimento acarreta. Já Severiano da Fonseca reclamava contra a destruição das matas do Paraguai, citando mesmo a proibição da Lei, encarnada numa circular da Marinha de 1.858. Hoje existem Leis proibitivas e melhores, só que ninguém toma conhecimento delas. Fumo gosta de chão de barranco e o milho também? Então, toca a derrubar.

"O homem percorre a mata, olhando as madeiras com dois objetivos: saber se as espécies florestais indicam boa terra e verificar se a derrubada será fácil. Escolhido o eito, quando o serviço é grande, promove um muchirão. Vem gente de longe, convidado para o serviço festivo.

"Certa manhã se ouve o baque do machado, mordendo a carne das piuveiras de flores lilás, das canafístulas de flores rosa-maravilha, difíceis de rachar. Voam lascas aos golpes cadenciados, cujo compasso o machadeiro vai marcando com gemidos! - hum... hum...!"

("Devastação das Matas", in NO TERMO DE CUIABÁ).

Manuel Cavalcante Proença nasceu em Cuiabá em 15 de julho de 1905, filho de Alexandre Proença e Esmeralda Dechamps Proença.

Fez o curso primário na Escola Barão de Melgaço e em 1918 ingressou no Liceu Cuiabano, passando no ano seguinte para o Colégio Militar do Rio de Janeiro, como aluno gratuito. Daí passou em 1923 para a Escola Militar do Realengo, de que saiu com a Revolução de 1924, indo servir no IV Regimento de Cavalaria Divisionária, em Três Corações, MG. Meses depois era deslocado para o Nordeste, nas tropas que perseguiram a Coluna Prestes. Em 1927, como sargento de cavalaria, fez concurso para a Escola de Veterinária do Exército. Nesse curso obteve sempre o primeiro lugar, conseguindo ao seu término, em 1930, a medalha de ouro "Muniz de Aragão". Nesse mesmo ano, após ser declarado oficial, casa-se com D. Esmeralda Bechara. A partir de 1930, cursando Biologia no Instituto Osvaldo Cruz, em Manguinhos, fez diversas pesquisas no campo da Zoologia, daí resultando vários trabalhos, publicados inclusive no exterior. Por essa época foi reputado como um dos grandes conhecedores da fisiologia dos morcegos. Pouco depois é designado, pelo Ministro das Relações Exteriores, para servir no Instituto de Higiene de Assunción, do Paraguai.

É em 1945, quando nomeado Professor interino de Português no Colégio Militar, onde havia sido aluno, que Cavalcanti Proença começa a demonstrar sua crescente, acentuada e respeitada produção literária. A par disso, contudo, nosso conterrâneo exercia importantes tarefas administrativas no exercício da coisa pública. Ao tempo do Governo de Eurico Dutra foi Diretor do antigo SAPS (Serviço de Alimentação da Previdência Social) e Diretor do Internamento de Menores da Prefeitura do então Distrito Federal, tendo sido posteriormente Assessor Cultural do Presidente Juscelino Kubitschek.

Mas voltemos ao Cavalcanti Proença, intelectual, produtor cultural e sobretudo ficcionista crescentemente respeitado. Em 1953 publica seu primeiro livro de contos - **Uniforme de Gala**. São contos irreverentes sobre a vida em quartel, no qual **O Alferes**; uma novela

publicada postumamente, é o melhor exemplo de um estilo apuradamente irônico, gozativo. Já em 1950 havia vencido um concurso de ensaios promovido pela Prefeitura do Rio de Janeiro, com o livro - **Roteiro de Macunaíma** - mas que só seria publicado em 1955. Tratava-se de um importante estudo sobre a conhecida obra de Mário de Andrade. Nesse profícuo caminho da crítica literária, nosso Cavalcanti Proença haveria de se aprofundar, trazendo a cada passo importantes contribuições na exegese de obras e autores nacionais. Ao lado de Francisco de Assis Barbosa e Antonio Houaiss, publica, em 1956, as obras completas de Lima Barreto e nos anos seguintes contribuiria para o estabelecimento dos textos da Comissão Machado de Assis, bem como para a edição do centenário de Iracema, de José de Alencar. As pesquisas de Cavalcanti Proença, feitas para a Casa Rui Barbosa, sobre o estabelecimento de textos da literatura de cordel dos cantadores nordestinos, foram de grande importância. Em 1956, saiu "**Ritmo e Poesias**"; em 1958, "**No Termo de Cuiabá**"; em 1959, "**Augusto dos Anjos e outros ensaios**", ainda nesse ano é publicado o seu romance - rapsódia "**O Manuscrito Holandês ou a peleja do caboclo Mitavaí com o Monstro Macobeba**". Nos anos seguintes, Proença publica diversos estudos como introdução de várias obras, tanto do ensino da língua quanto da literatura.

Antonio Houaiss, grande estudioso e colaborador de M. Cavalcanti Proença em vários estudos, classifica a obra de Proença dentro dos seguintes aspectos:

- a) **Estudos Zoológicos;**
- b) **Trabalhos estritamente didáticos para o ensino da língua portuguesa, na qual demonstra a sua alta competência como filólogo;**
- c) **Estudos de crítica literária, estilística e artística sobre autores brasileiros;**
- d) **A obra de ficção, romanesca, novelística e contística;**
- e) **Edições críticas de autores brasileiros, nas quais se destaca a sua colaboração na Comissão Machado de Assis e na Casa Rui Barbosa;**
- f) **Finalmente, a ensaística de circunstância, a jornalística, a conferencística, nas quais aparecem os estudos filológicos, numa amplitude que envolve a geografia, a história, as instituições, a demopsicologia.**

Eu acrescentaria ainda a Antonio Houaiss o enfoque ecológico no qual "**No Termo de Cuiabá**" é trabalho dos mais expressivos e significativos de sua vasta produção.

É esta a obra vária, multifacetada e rica de Manuel Cavalcanti Proença, que faleceu no Rio de Janeiro, como General reformado, em 16 de dezembro de 1966.

Quero ressaltar igualmente a figura exemplar de homem público, correto e coerente. Nestes tempos raros de bons exemplos e em que a Nação, como o vem demonstrando crescentemente, sobretudo através de sua juventude, anseia por um novo horizonte, a figura humana de nosso co-estaduano ressalta não só na área intelectual como reluz ainda no estrito campo da vida pessoal, marcada pela seriedade, pela humildade, pela honestidade e pelo patriotismo.

Desta forma, a denominação desta Biblioteca não só é o reconhecimento saudosos dos méritos de um mato-grossense, dos mais ilustres, mas é, igualmente, a referência a Manuel Cavalcanti Proença, uma homenagem forte e marcante a um homem que espelha grandezas e virtudes as quais, por se tornarem escassas, esta homenagem torna-se igualmente num farol a iluminar caminhos de nossa gente, e particularmente dos jovens estudantes.

A Academia Mato-grossense de Letras congratula-se com a Prefeitura Municipal e aspira a que mais Bibliotecas sejam criadas, e espalhadas pelos nossos bairros, homenageando os nossos homens de letras e abrindo promissoras perspectivas no futuro da gente desta terra generosa a que tanto amamos.

S. CARLOS GOMES DE CARVALHO

ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS

O QUINTO CENTENÁRIO E A REDESCOBERTA DE COLOMBO

(Conferência do Acadêmico JOÃO ANTONIO NETO no salão nobre da Academia Mato-grossense de Letras, que abriu suas portas para comemorar o quinto centenário do descobrimento da América, registrando-se grande afluência de seleta platéia).

"Se um grego tivesse descoberto a América, seria um deus para seus contemporâneos! Cristóvam Colombo e seu irmão Bartolomeu por certo não receberam esse tratamento. Sua coragem foi igual ou superior ao seu gênio, pois ele se defrontou com o preconceito geral dos seus contemporâneos e com a recusa dos Príncipes" - VOLTAIRE, "Ensaio sobre os Costumes e o Espírito das Nações".

O quinentésimo aniversário da chegada de Colombo ao Continente Americano, como todos já devem ter percebido, ultimamente tem dado margem a intermináveis discussões, especialmente no que diz respeito não propriamente à descoberta, mas a suas consequências.

Vários, ditos estudiosos desses eventos, estão mais interessados em discutir o que a América passou a ser (de ruim), depois da chegada dos espanhóis, do que, verdadeiramente, como aqui chegaram eles; do imenso trabalho que dispensaram para isso e o que o fato representou de significativo para o desenvolvimento da civilização.

Quer-se reavaliar os méritos dos descobridores, agora postos em dúvida, e chega-se mesmo a pretender que fôra melhor nunca houvesse acontecido descobrimento algum!...

São aspectos que iremos abordar, no lugar oportuno, ou lado de vários outros ângulos que as comemorações suscitam, principalmente procurando situar dentro dos acontecimentos, sua figura central: CRISTOVÃO COLOMBO, que merece ser redescoberto.

Está também nos nossos cálculos levar aos leitores algumas reflexões que não devem ser desprezadas e que, inquestionavelmente, são parte importante da grande epopéia das navegações dos séculos XV e XVI, quando o eurocentrismo saiu do seu casulo limitado para, finalmente, estender seus conhecimentos a todos os continentes.

PRIMEIRAMENTE, perguntamos: Foi mesmo Colombo o descobridor da América, como aprendemos, desde o curso primário - ou outros navegadores o precederam?

Para começo de história, um dos primeiros que teria tentado penetrar o Atlântico foi, nada mais, nada menos, do que o semi-deus, Hércules, cujo nome se perpetuou na "AS COLUNAS DE HÉRCULES" (Gibraltar). Segundo a lenda, a décima primeira missão do herói, que era trazer a Micenas os frutos de ouro do Jardim das Hespérides, foi feita às ilhas de Cabo Verde, a oeste do Oceano Atlântico, distante 540 quilômetros da costa africana.

Arrius Montanus publicou, de 1569 a 1573, em Antuérpia, uma Bíblia multilíngue onde expunha as origens adâmicas do homem americano. Para Arrius, os primeiros descobridores da América foram OFIS e JOBAL, filhos de JECTAN, sendo este, por sua vez, bisneto de SEM, filho de NOÉ.

Ofis e Jobal atingiram simplesmente o Peru - sendo aqui lugar para esclarecer que o próprio Colombo considerava os haitianos como descendentes de Noé. Mencione-se ainda que o erudito mexicano Sigüenza Y Góngora, identificou os habitantes do seu país como descendentes de Possêidon e, portanto, como tetranetos de Noé. O pesquisador Gerd von Hassler, por seu lado mostrou-se surpreso por descobrir que aquele mesmo Sem, filho de Noé, apareça na mitologia do Brasil, como SAMÉ. (in "Os Sobreviventes do Dilúvio". Record. Rio. 1979, pgs. 91, 92).

Em 1907, o dominicano, Gregório Garcia, tenta demonstrar a todo custo a origem judaica de certas tribos ameríndias.

Ao lado de Arrius, ainda no século XIV, inúmeros especialistas indicam outros povos, que aqui teriam chegado, muito antes do piloto genovês, podendo-se indicar navegantes cananeus, que teriam atingido a Argentina; cartagineses, fenícios e bretões, que tocaram o Brasil - além de outras terras americanas que foram visitadas, e até colonizadas, por Celtas, Romanos, Irlandeses, Vikings, Ingleses, Noroegueses, Suecos, Venezianos, Bascos e muitos outros...

Para tais conclusões, os autores apontaram as mais diversas "provas e indícios", desde profecias, antecipações bíblicas, correspondências linguísticas, achados arqueológicos, lendas ameríndias e até registros de filósofos como Sêneca. Este escreveu em um dos atos da sua tragédia, MEDEÁ (cerca de 50 d.C.) a espantosa previsão da descoberta. Ei-la: "Virá um tempo, nos últimos anos do mundo, em que o oceano desfará os laços das coisas. Uma terra imensa se revelará, pois sobrevirá um navegador tal como aquele que teve o nome de Tíflis e foi guia de Jasão; e ele descobrirá um novo mundo..."

Segundo Prescott, esta predição é talvez a mais notável profecia causal de que se tem notícia, porque não é uma simples extensão dos limites das regiões conhecidas do globo, que confiantemente se anuncia - mas a existência de um novo mundo, situado além-mar e a ser revelado às gerações vindouras. ("História da Conquista do Peru": Pongetti. Rio. 1946. p. 123).

Também Aristóteles, antes de Sêneca, escreveu no "Tratado do Céu e Terra", que "a região das Colunas de Hércules e a Índia são banhadas pelo mesmo oceano" - o que era também a idéia de Plínio, o Velho e, na Idade Média, a de Alberto Magno e Rogério Bacon.

Ao demais, Esdras, em texto, então considerado canônico, e hoje apócrifo, escreveu que Deus, na criação do mundo, secara seis partes do mundo; apenas a sétima permanecia coberta pelas águas. Havia, pois, muitas terras emersas, e alcançá-las seria apenas uma questão de tempo, coragem e auxílio divino.

Eis o texto de Esdras, Capítulo 42: "No terceiro dia ordenastes que as águas se reunissem **na sétima** e deixastes a seco as outras partes, e destinastes algumas delas a serem cultivadas por vossas próprias mãos."

Também outras **aproximações** indicavam a existência possível de conquistadores, muito antigos, que teriam antecedido Colombo, no pisar e apossar-se das terras americanas. Nesse sentido, as estradas dos Incas, com seus 7.000 quilômetros de pavimentação foram assimiladas às redes viárias romanas. No antigo México não existia a CASA DAS VIRGENS, em tudo igual à instituição romana das Vestais? Depois, não foi o próprio Pai da Pátria, Cícero, quem afirmou que o Império Romano não passava de uma "pequena ilha", se comparado com o CONTINENTE OCIDENTAL? Por que o Sol, no Egito e na Ilha da Páscoa, tem o mesmo nome, RA? O fato é que encontramos pirâmides tanto lá como cá. Adorou-se, de ambos os lados, uma serpente divina. Encontramos o processo de mumificação - que implica na crença de uma vida após a morte - nos dois lados do Atlântico. Os estudiosos, convictos de que esse intercâmbio cultural existiu, podem citar incontáveis **documentos** comprobatórios de práticas e símbolos idênticos. E que dizer dos Fenícios? Consoante vários estudiosos, os Fenícios deixaram inúmeros vestígios na América precolombiana, inclusive no Brasil. Aqui, são famosas as inscrições da Gávea, descobertas em 1836, a 480 metros de altura. Aparentemente, tais inscrições são redigidas em caracteres cuneiformes, e datariam de 2.800 anos. Ainda na América outros vestígios fenícios teriam sido verificados no Tennessee, no sul da Flórida, na Bahamas e em Bimini, nas Antilhas.

Um autor uruguaio de renome sustenta que o nome "Solimões", dado à parte superior do Amazonas, vem do nome do rei Salomão, que tinha aqui mesmo na América aquela terra de Ofir, que o Livro dos Reis diz produzia 20 toneladas de ouro por ano! (Reis IX.28).

Certo também é que a chegada dos Vikings à América, por volta do ano mil, é, hoje, aceita regularmente. Entre diferentes outros, nosso historiador, Roberto Pereira de Andrade, sustenta que "Colombo, na verdade, não descobriu a América. Oficializou-a. Os vikings, foram realmente os primeiros europeus **modernos** que chegaram ao Novo Mundo. Quatro séculos antes de Colombo, e viajando em navios muito menores, eles atingiram o Canadá", passando ao que hoje se chamam os Estados Unidos. ("Vikings, Os Senhores do Mar". Vozes. Rio. 1970. p. 79). "Tem-se hoje como indiscutível - escreveu recentemente a autorizadíssima Marianne Mahn-Lot - que a Groenlândia fora descoberta, no século X, pelo escandinavo Eric o Vermelho, vindo da Islândia; que uma colônia de povoamento e um bispado ali se estabeleceram; que Leif, filho de Eric, segundo uma

saga islandesa, explorou as costas do Labrador e estabeleceu-se, mais ao sul, numa região onde cresciam uvas selvagens, e que ele denominou VINLAND..." ("Retrato Histórico de Cristóvão Colombo". Zahar. Rio. 1992. p. 23).

Pouco mais de um século antes de Colombo, ou seja, de 1354 a 1362, o sueco Knutsson, percorreu cerca de 1.500 quilômetros de terra americana, dando um eco tardio das grandes navegações escandinavas, iniciadas pelos Vikings.

Por outro lado, nem o problema da distância, dos perigos do mar e de outras dificuldades de percurso, podem ser levantadas, para impossibilitar tais viagens. A possibilidade de gentes da Europa e África chegarem as Américas, pelo Pacífico ou pelo Atlântico, em séculos passados, antes da descoberta, é fato hoje considerado possível, notadamente depois das viagens de Thor Heyerdahl. Este navegante e cientista norueguês, em 1947, na balsa KON-TIKI, viajou 8.000 quilômetros pelo Pacífico, para provar que a América povoou a Polinésia, e não o contrário - e, depois, em 1970, partiu de Marrocos, chegando a Barbados, numa viagem de 57 dias, através do Atlântico, num barco de junco, do tipo dos usados pelos antigos egípcios, percorrendo mais de 3.000 milhas (mais ou menos 6.000 kms).

Aliás, para encerrar a questão dos predecessores de Colombo, nada nos parece melhor do que aquela afirmação, por demais sintomática, de um dos primeiros cronistas da descoberta. Referimo-nos a Diego de Porras, contemporâneo de Colombo, que epigrafou seu relato com o título, muito esclarecedor de: "Relación del viaje e de la tierra **agora nuevamente descubierta** por el Almirante Don Cristóbal Colón"...

EXAMINADA, assim, a querela sobre quem por primeiro veio, procuremos, agora, aproximar-nos da principal personagem dos acontecimentos: CRISTÓVÃO COLOMBO.

COLOMBO, já sabemos o que significa: é o grego CHRISTOPHÓROS, que traz ou que leva (phoros) Cristo, no sentido espiritual, como está em São Mateus: "Tomai sobre vós o meu jugo (...) pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve" (11:29-30). O nome é também explicado porque São Cristóvão, que terminou mártir em 250 dC, teria atravessado um rio, levando o Menino Jesus. É hoje o patrono dos motoristas, celebrado em 25 de julho. Quanto a COLOMBO, é o vulgar COLUMBUS latino, ou seja, o POMBO...

Tudo bem, mas o CRISTÓVÃO COLOMBO do descobrimento, quem foi? De onde veio, onde nasceu, onde estão suas cinzas? - Até hoje (passados mais de 500 anos) estas perguntas não foram suficientemente respondidas. O Colombo da América é uma questão viva, ainda em aberto!

O romeno, Pierre Carnac, em "A Atlântida de Cristóvão Colombo", (Difel. Rio-São Paulo. 1978), escreveu que a biografia de Colombo é um "labirinto incrível"!

Para começar, ainda se mantêm dúvidas a respeito do lugar do seu nascimento. Qual a cidade - Gênova, Nervi, Coguréo, Bujiasco, Plascência? Seria espanhol, em vez de italiano?

Segundo uma contagem, referida por um autor recente (KIRKPATRICK SALE), foram publicados, no século XIX, nada menos que 253 artigos e livros fundamentados sobre **a questão específica** da origem de Colombo, com reivindicações rivais, feitas pela Córsega, Grécia, Chios, Majorca, Aragão, Galícia e Portugal, para nada dizer da França e até da Polônia!

OVIEDO (nascido em 1478), o grande historiador, 80 anos depois da descoberta, diz que o almirante era da província da Ligúria, onde ficava a cidade de Gênova. Também assim pensava Torquato Tasso, que, na "Jerusalém Libertada", fala de "um homem natural da Ligúria ousará ser o primeiro a sondar o curso não mapeado...". Outros historiadores de nomeada, contemporâneos de Colombo, como Pedro Mártir e o Padre Las Casas, não esclarecem bem a questão e nem o primeiro biógrafo de Colombo, seu próprio filho, Fernando, trata do assunto com detalhes.

No caso, parece, entretanto, que a maior culpa cabe ao mesmo Colombo, que, nem sempre, deu maiores explicações sobre o local do seu nascimento.

Mas a questão, parece-nos até de simples solução: cremos que devem ser deixadas de lado especulações inúteis, e dar como fato definitivo a naturalidade genovesa do almirante; pois o fato mais positivo a respeito se encontra no primeiro testamento do navegador, datado de 22 de fevereiro de 1498. Ali, no décimo parágrafo está claramente exposto: "... e da mesma forma imploro ao Rei e à Rainha, Nossos Soberanos, e ao príncipe D. João, seu primogênito, Nosso Soberano, e aos que lhes sucederem, pelos serviços que lhes prestei; que, **sendo eu nascido em Gênova**, lhes vim a servir aqui em Castela e lhes descobri ao Poente de terra firme as Índias e as referidas ilhas supracitadas" (in "Diários da Descoberta". L & PM. Porto Alegre. 1984. p. 163.).

Aliás, é possível explicar o aparente descaso de Colombo pela sua naturalidade,

porque o sentido de origem para ele se relacionava com sua família, e não com qualquer lugar específico. Para ele, ser genovês, ou não, talvez pouco importasse. A propósito, ao tempo, ainda não existia a **nação italiana**, que só viria a surgir 400 anos depois. A Itália de então era um complexo de principados e cidades-estado.

MAS não pensem que o debate se reduz à questão do lugar de nascimento que, embora declarado pelo próprio interessado, continua a ser explorado sob os mais diversos rumos.

Há também que se discutir o nome. Já vimos atrás o Cristóvão Colombo, nas suas raízes gregas e latinas. Mas o nosso navegador, como se chamava, exatamente? Graças aos reis católicos, Fernando e Isabel, o Almirante tornou-se nobre, ganhando um "don" - Don Cristóbal Colón. Mas, acontece que em Gênova, em dialeto genovês, nunca houve um "Colón". O homem que nasceu em Gênova, chamava-se COLOMBO, CHRISTOFORO COLOMBO. Além disso, autores da época, como Gonzalo Fernandes de OVIEDO y VALDÉS, e o português João de Barros, chamavam-lhe exclusivamente COLON. Deste último nome, o grande biógrafo moderno de Colombo, Salvador de Madariaga, cita a forma italianizada, COLOMO. Temos, assim, quatro nomes, para um só indivíduo: COLÓN, COLOMBO, COLOM e COLOMO. Para seu filho, Fernando, parece-lhe haver algum mistério em torno do nome do pai e Bartolomé de Las Casas, na sua "História das Índias", deixou escrito que "para cumprir o desígnio divino, o Almirante usa um nome que basta para indicar sua missão", - e explica: "Christoforo — Christos — foros: aquele que carrega o Cristo, por conseguinte, o introdutor do Cristianismo em novas terras - e COLÓN, o colonizador. Aliás, Colombo assinava-se, em latim, como "Christum ferens", nome este que fabricou para si "mesmo antes de partir, antes mesmo de tomar contato com os soberanos espanhóis, revelando, com isto, uma fé inabalável em si mesmo e na sua missão" (CARNAC, op. cit. p. 300).

MAS as incertezas não param por aí, pois há pelo menos 15 datas possíveis para o seu nascimento, sendo a preferível, segundo a maioria dos autores, a de 1451. Dessa forma, teria morrido aos 55 anos de idade, em 1506, e descoberto a América em 1492, aos 41 anos de idade.

Porém, como era Colombo em seu especto exterior? - Também, não se sabe, exatamente. Os vários retratos existentes foram todos feitos depois da sua morte. O mais comum, é um retrato do século XVI, que o apresenta atarracado, parecendo uma matrona de 50 anos; o mais bonito é o de Lorenzo Lotto, de 1515, e o mais sofisticado é o de Mariano Maella, de 1700. Existem mais de 80 retratos de Colombo, e nenhum autenticado. Seu filho e biógrafo, Fernando, o dá com penetrantes olhos azuis e estatura distinta - mas, lembra HANS KONING, uma armadura que teria sido sua e está no museu de Santo Domingo, na República Dominicana, indica que ele era baixo, mesmo para sua época, quando a altura média era de cerca de 30 centímetros menos que a atual. (Apud, "Colombo, o Mito Desvendado". Zahar. Rio. 1992. p. 17).

E veja-se ainda: se se discute a respeito do lugar do seu nascimento, também não se tem certeza onde repousam os seus ossos.

Primeiramente, sabe-se que foi sepultado em Valadolid. Depois, seus despojos e os de seu filho, Diego, teriam sido reinterrados sob o altar-mor da catedral de Santo Domingo, em 1540; e, ainda uma vez, em 1898, retornaram à Espanha, para a catedral de Sevilha. Mas na República Dominicana tem-se como certo que o caixão de Colombo é o que foi descoberto em 1877 e que ainda se encontra em Santo Domingo.

E como curiosidade - e mais uma ironia ao destino complexo do Almirante - em 1892, no 4º centenário, o Presidente de Santo Domingo, HEUREAUX, ofereceu ao Governo Americano vender por 100.000 dólares, os restos de Colombo... ("O Estado de São Paulo", 20/11/1892).

O fato é que, na dúvida sobre quais os restos autênticos, tem-se de admitir que há incerteza quanto ao lugar onde nasceu e igualmente quanto ao lugar onde está enterrado! Um destino realmente singular!

SUA VIDA E SUA HISTÓRIA é, pois, entremeada de enigmas e, por isto mesmo, exuberantemente fascinante. Por exemplo: Colombo se dizia impelido por forças divinas. Toda a sua existência e atos mais típicos, estão impregnados de impulsos alucinatorios. Quando empreende sua viagem, não sabia para onde estava indo, e quando topou com as terras do oeste não sabia exatamente onde havia chegado. Morreu achando que tinha aportado às Índias, o que não era verdade. Daí a frase irreverente de Winston Churchill: Colombo partiu sem saber para onde ia e chegou aonde pensou que não estava...

O providencialismo de sua missão recheia o seu diário, e as 2.125 anotações ou apostilhas que fez nos livros que leu e que lhe serviram de guia e conselho.

E só mesmo um indivíduo certo de sua predestinação, se aventuraria a uma viagem precedida de dificuldades ingentes e realizada com elementos tão pouco significativos. Com efeito, os navios, já muito usados, eram quase ridículos para empreendimento tão arrojado, qual o de enfrentar o tenebroso Mar Oceano e o ainda mais escuro Desconhecido. O NIÑA possuía irrisórios 14 metros de comprimento; o PINTA media 16 e o SANTA MARIA, o maior, não excedia 17 metros e deslocava 100 toneladas. Dentro dessas verdadeiras barcaças, aglomeravam-se 90 marujos, muitos deles pouco recomendáveis. Não havia homens de armas, nem padres, nem diplomatas para tratar com outros governos, nem naturalistas para estudar a flora e a fauna, e segundo se sabe, nem mesmo cozinheiros! A promiscuidade era terrível! E todos, com exceção do comandante, dormiam no convés, ao relento!

Entretanto, Colombo, à frente desses aventureiros, estava certo de que demandando o ignoto, indo sempre para onde o sol se põe, chegaria a terras ainda não conhecidas - terras que guardavam surpresas extraordinárias, riquezas inauditas, em ouro, pérolas e prata - além de conduzir àquele sítio fantástico que, há tanto tempo, os santos e sábios procuravam localizar, ou seja - o PARAÍSO TERRESTRE! E ele, Colombo, estava talhado para tal, desde o seu nascimento. Era um arauto de Deus, para revelar os últimos segredos da Terra. Sempre fazia preceder o que escrevia de uma cruz, como para indicar o sinal que recebera da Divindade. Alguns seus contemporâneos achavam-no dotado da mais viva imaginação, e o cronista de D. João II de Portugal, Ruy de Pina, o apresenta como um sujeito que "ia sempre além dos limites da realidade, no relato dos seus próprios negócios". Petulantemente, escreveu a respeito de sua origem humilde: "Que me chamem como quiserem, pois, afinal, David começou por guardar carneiros, antes de se tornar rei de Jerusalém. Ora, sou o servidor do mesmo Senhor que elevou David a esse estado". Era sua auto-perspectiva providencialista. Para qualificar seu projeto, proclamou: "Foi a mim que Deus escolheu como seu mensageiro, mostrando-me de que lado se encontravam o novo céu e a terra nova dos quais o Senhor havia falado através da boca de São João, no seu Apocalipse". (Ap. 21.1 e Is. 65.17 - 66-22).

Colombo sempre acreditou piamente que o próprio Deus lhe inspirou aquela viagem e que, se a rainha Isabel aderiu a seu plano, foi graças à luz do Espírito Santo. No seu intento está, em primeiro lugar, completar a obra do Cristianismo, levando a palavra de Cristo, **ao resto do mundo**. Era uma verdadeira cruzada marítima, como aquelas terrestres que a Cristandade levava a cabo nos séculos XII e XIII. Só em um segundo plano vinha a sede do ouro, a riqueza inumerável que os novos mundos prometiam e poderiam proporcionar, como estava descrito na "Historia Rerum", de Pio II e no "Imago Mundi", do Cardeal Pierre D'Ailly, e até no Livro dos Reis e no das Crônicas, na Bíblia, onde havia referências à opulência de Társis e Ofir. Colombo cumpria determinação do céu e, assim, tudo que se lhe opusesse, haveria de ser levado de vencida. E num dos seus desabaços, escreve: "Suportei seis ou sete anos de dificuldades, expondo o melhor que podia, o grande serviço que se podia prestar a Nosso Senhor, fazendo conhecer seu Santo Nome e a Fé a tantos povos"... E conclui: "Mas apesar do cansaço que suportava, tinha certeza de que tudo se realizaria, pois em verdade, "tudo passará, mas a palavra de Deus não passará!".

Em 1486 começou oficialmente sua luta em prol da viagem, que só se realizaria em 1492. E nada o dissuadiu de que isso seria possível.

FALAMOS, acima, da pretensão de Colombo em revelar uma nova terra e um novo céu. Claro que essa nova terra é o que ele também chamou de Novo Mundo, cuja designação permanece até hoje.

Pois bem, identificada a Nova Terra, que desejou ele dizer, quando falou em **novo céu?** - Simplesmente, ele quer significar que também procurava o local do Paraíso Terrestre. Isto mesmo. E o fato é que ficou convencido de que alcançara também esse desiderato.

Na 3ª viagem - iniciada a 3 de maio de 1498 -, finalmente, Colombo alcançou o Paraíso! Como sempre obstinado e desafiador, o Almirante teve a coragem de localizá-lo no Ocidente, contrariando os mais doutos teólogos e sábios, como Santo Izidoro, Beda o Venerável, Estrabão, Santo Ambrósio, Duns Scott, e até o maior de todos, Santo Tomás de Aquino. Estes, unanimemente, colocavam o Paraíso no Oriente. "Era, pois, no norte da América Meridional - explica Taunay - na bacia do Orenoco, que havia vivido o casal progenitor da humanidade!" ("Zoologia Fantástica do Brasil". Melhoramentos. São Paulo. 1934). E Colombo assevera que "há grandes indicações de ser este o Paraíso Terrestre, pois a sua localização coincide com a opinião de santos e sábios teólogos e, ademais,

as antigas evidências coincidem com a suposição, pois nunca li nem ouvi falar de água doce vinda em tão grande quantidade em estreita conjunção com a água do mar" (Apud DANIEL J. BOORTIN. "Os Descobridores". Civ. Brasileira. Rio. 1989. p. 228).

E nem é para admirar que àquela altura da História da humanidade, mil e quinhentos anos depois de Cristo, ou 5.496 da Criação do mundo, de acordo com o douto reverendo JOHN LIGHTFOOT, ainda se acreditasse fosse possível localizar o Edem Terreal em alguma parte do planeta - pois desde o início da era cristã, os autores religiosos garantiam que o Jardim subsistira em nosso globo, apesar da queda de Adão - sendo que até meados do século XVI eram considerados heréticos os que negavam a presença de tão delicioso lugar, em nosso pequeno planeta.

Segundo Mahn-Lot, "nas descrições do mundo, entre as quais a IMAGO MUNDI, cara a Colombo, e até nos mapas, tinha ele (o paraíso) uma localização precisa: geralmente na extremidade do Oriente, sobre uma montanha elevada, que as águas do dilúvio não puderam atingir, numa região quente, um pouco ao sul do Equador; quatro grandes rios o banhavam". (in "Retrato Histórico de Cristóvão Colombo". Zahar. Rio. 1992. p. 98.).

A terceira viagem de Colombo, em 1498, além de revelar a existência efetiva e localização certa do Paraíso, em pleno século XV, tem, também, uma importância toda particular: foi a viagem da verdadeira descoberta do **continente americano**.

Neste ponto, seria interessante referir que há autores que, em vez de quatro, lhe atribuem (a Colombo) mais uma grande navegação, ou seja, a realizada em 1477, à Groenlândia, passando pela Islândia - viagem essa, por sinal, mais longa do que as três clássicas conhecidas de todos, pois se estendeu por 6.500 quilômetros.

O ponto exato do primeiro desembarque, em 1492, está cercado de dúvidas. Até agora, já se apontaram 12 ilhas a que teria chegado o navegador: San Salvador (antiga Watlings), Grand Turk, Caicos, Cat, Mayaguana, Crooked, Conception, Eleuthera, Egg, Plana Cay, Rum Cay e Samana Cay. Até 1826, ninguém se preocupou com a localização do desembarque. Só a partir desse ano, com a publicação do "Diário" de Colombo, é que se passou a especular sobre o assunto. Hoje - como esclarece KIRKPATRICK SALE - é provavelmente seguro dizer que o desembarque se deu na ilha, outrora conhecida por WATLINGS, cujo nome foi mudado, em 1926, para SAN SALVADOR, na atual República Dominicana - nome esse dado por Colombo. ("A Conquista do Paraíso - Cristóvão Colombo e seu Legado". Zahar. Rio. 1992. p. 356. N.2).

A segunda viagem, com uma frota de 17 navios e 1.200 homens, também não tocou o continente, que só foi alcançado na 3ª, com seis barcos, que partiram da Espanha em 30 de maio de 1498. Aí, sim, deu-se o primeiro contato com o continente americano, a 1ª de agosto, quando Colombo chegou ao delta do rio Orenoco. Antes disso só contactara ilhas, semeadas pelo Mar das Antilhas. Na verdade, o Almirante, tomou o continente, também, por uma ilha, que batizou de Ilha Santa. Para ele o Orenoco era um dos quatro rios do Paraíso, identificado ao Ganges.

Mas, como estamos tratando de Colombo, é claro que não podem faltar considerações inesperadas, e uma dessas considerações é a de Pierre Carnac, já citado anteriormente. Para o historiador romeno "é preciso mais uma vez, procurar alhures a verdadeira descoberta de Colombo. O que ele descobriu - e esse mérito foi todo seu - **foi o caminho de volta** que, somado ao itinerário das Canárias às Lucaias, representa **a chave da navegação atlântica**" (Op. Cit. pags. 315-316). Sem o almirante, as Índias não teriam sido descobertas; foi ele quem encontrou o caminho de retorno pelo Norte. O Almirante realizou em poucas semanas aquilo que os espanhóis levaram 45 anos a fazer, com relação ao Pacífico. E M. Nuum assevera: Colombo não fez uma descoberta, e sim três. A descoberta das duas rotas oceânicas passou, entretanto, despercebida, por ter sido eclipsada pela descoberta da terra. (Apud Carnac, Op. Cit. p. 316).

E como foi recebida a descoberta, fora da Espanha? - Parece impertinente a pergunta, tratando-se de fato relevantíssimo para a história humana, mas não é. A descoberta foi, a princípio, solenemente ignorada, no resto da Europa.

Quem esclarece a questão é Boorstin, no "Os Navegadores": "A Europa setentrional só muito lentamente foi tendo notícias da proeza de Colombo. A famosa "Crônica de Nuremberg", uma história mundial ilustrada, desde a criação até ao presente (foi impressa em 12 de julho de 1493), não fazia qualquer menção à viagem de Colombo. Só em fins de março de 1496 encontramos notícias dele em Inglaterra, e a primeira tradução alemã de sua carta (sobre o descobrimento), foi impressa em Estrasburgo, em 1497". (pg. 222).

O fato é que, além do extraordinário feito da descoberta do novo caminho marítimo e da terra desconhecida, não houve mesmo, na primeira viagem coisas espetaculares.

Aconteceram os primeiros contatos com os naturais da terra; alguma notícia de riquezas minerais; reconhecimento de algumas espécies da fauna e da flora. (E aqui é momento para se dar notícia de uma descoberta que vai ter considerável importância na história posterior do mundo: o primeiro registro que existe do encontro dos europeus com o fumo, o que se deu em fins de outubro de 1492). Evidentemente esse primeiro contato com a terra foi uma espécie de experimento e revelação, com todas as suas surpresas e ações apressadas. Três meses, depois da descoberta, estava Colombo de volta à Espanha, para logo depois retomar o seu drama, que terminaria com sua morte em Valadolid, em 1506.

Acrescente-se que não é verdade que tenha acabado na miséria e abandonado: tinha renda regular dos seus negócios nas Antilhas; depósitos bancários em Gênova, e no final dos seus dias foi acompanhado dos seus filhos e de amigos leais como Bartolomeu Fieschi e Juan Spinola, e ainda possuía servos e modormos.

POUCAS figuras da História teriam sido tão únicas, tendo atravessado momentos de suprema glorificação e horas de amargura, desesperação e reveses.

Também poucos tiveram sua coragem, persistência e radical obstinação. Jamais recuou do programa que se traçou, por maiores que tenham sido as desilusões e obstáculos. Daí dizer WASHINGTON IRVING, em sua biografia de Colombo e do descobrimento: "Ele foi um daqueles homens que vencem por conta própria, com brilho e pertinácia; que alcançam o sucesso na mocidade, apesar de grandes desvantagens, que foram capazes de sobrenadar às adversidades o resto de suas vidas com uma coragem indomável".

Para uns, navegador medíocre e aventureiro inescrupuloso e oportunista; para outros, autêntico herói, gênio e verdadeiro criador de vertentes da História - Colombo é, de qualquer forma, uma figura obrigatória da crônica do gênero humano, e está envolvido numa configuração de poder nunca antes conhecida.

A partir de sua descoberta é que se formaram "nos cinco séculos seguintes - diz Kirkpatrick - através de um longo processo de engrandecimento e absorção, essa cultura que veio a prevalecer virtualmente em toda a terra e nos países onde se firmou mais ou menos intacta, sobretudo na América do Norte, como também nos países em que se impõe pelo imperialismo e o industrialismo, suas prioridades e visões, suas percepções e poderes, que determinaram os destinos do mundo" (Op. cit. p. 47).

Ignaro Colombo não era. Sabia o seu latim. Era versado em Cosmografia e Cartografia. Conhecia a fundo as obras básicas sobre suas especialidades e inclinações, como o *IMAGO MUNDI*, do Cardeal Pierre D'Ailly, em que deixou a bagatela de 848 notas marginais e cálculos. Conhecia bem a Geografia de Ptolomeu. Sabia muito sobre a HISTÓRIA RERUM, do futuro papa, Pio II, Enea Silvio de Piccolomini. Além disso, leu os navegadores da época e os viajantes, como Marco Polo e, por fim, tinha a Bíblia como seu livro preferido, a qual era citada constantemente em seu diário e cartas. Recentemente, o sábio brasileiro, Ronaldo Rogério de Freitas Mourão, em interessante estudo, publicado em 10.10.92, no "Jornal de Sábado", do *Jornal da Tarde*, de São Paulo, dissertou sobre a desconcertante exatidão dos cálculos de Colombo, a respeito de vários fatos astronômicos registrados em seu "Diário". Não era Colombo um estilista de méritos excepcionais, entretanto, escrevia agradavelmente bem e é o douto Francisco Esteve Barba, autor da monumental "Historiografia Indiana" quem faz o seguinte julgamento do "Diário": "O que temos do Diário da primeira viagem, do ponto de vista literário, é um dos mais belos fragmentos de prosa que seja dado ler; sensível expressão de uma incomensurável aventura; admirável relato de uma maravilha não imaginada, mas vivida e real: feixes de fogo sobre o horizonte, pássaros cruzando o céu como esperança constante de uma terra que tarda a apresentar-se; incertezas e temores por uma travessia demasiado feliz - não sopraria vento contrário, para impedir a volta à Espanha -, e ao final, a novidade de uma terra verde, luminosa e virgem, com homens e mulheres desnudos; tudo isto sem enfeites literários, sem retórica nem entorpecimentos, contado com a mesma nitidez com que foi visto" (E. Gredos. Madrid. 1964. p. 22).

Não. Colombo não é esse qualquer alguém, a cabecear pelas esquinas da História! E, para nós, talvez, tenha a particular importância de ter contribuído, de alguma forma, para a grandeza territorial do Brasil, visto que, segundo o esclarecedor Daniel Boostin, a Linha de Tordesilhas teria sido, originariamente, proposta por ele. (Op. cit. p. 233).

E que falar na pertinácia do Almirante? Em 1486, começou, oficialmente, sua luta em prol da viagem, que só realizaria em 1492. Sua insistência em conseguir meios para encontrar terras novas, viajando para oeste - ao contrário dos portugueses que as demandavam velejando para o sul e o oriente - tornou-se legendária.

À procura de financiamentos, perambulou pelos principais países da Europa, ora sendo

recebido, no máximo com discrição e, no mais das vezes, com ceticismo, indiferença ou rejeição - nunca desanimou; ao contrário, sua persistência crescia com o tempo e as recusas.

Bateu às portas do Reino de Portugal e D. João II, em 1484, condescendeu em que seus "sábios" examinassem as propostas de Colombo que, afinal, não foram levadas a sério - embora se saiba que, clandestinamente - louvando-se nas informações do Almirante, o rei português tenha procurado verificá-las, não as aprofundando porque preferia continuar todo o esforço dos seus navegadores em contornar, por mar, a África e abrir, assim, uma nova rota para as Índias.

E o fato é que os portugueses estavam quase a atingir o seu alvo: em 1482, Diogo Cão ultrapassou o Equador e descobriu a foz do rio Congo - e não está longe o momento em que Bartolomeu Dias, iria dobrar, em 1487, o Cabo da Boa Esperança, dilatando, cada vez mais "a fé e o império", de que fala Camões.

De Portugal, como se sabe, Colombo passou à Espanha, onde sofreu grandes contrariedades e reveses, zombarias de sábios e especialmente de teólogos carcomidos. Mas não desistiu.

Tendo presentes as ordens de sua Bíblia, estava convicto de que tinha recebido de Deus a missão contida em Mateus (28, 19-20): "Ide e fazei discípulos todos os povos, batizando-os (...) e ensinando-os a guardar tudo quanto vos mandei".

E Colombo não teve que enfrentar e vencer somente a incompreensão e o anacronismo dos eruditos de Salamanca, Sevilha ou Barcelona, alimentados por séculos de ciência dirigida e dogmatismos absurdos e cegos, como aquele de que não poderia haver gente abaixo do Equador ou que era absurdo pensar na existência de antípodas que, segundo Santo Agostinho, não existiam porque não era possível viver de cabeça para baixo...

Colombo teve ainda que arrostar a ira e o ciúme dos competidores; as negações de Portugal e da Inglaterra e a resistência da própria Espanha, pois o rei Fernando era adversário dos seus planos. Sem a decisão da rainha Isabel - que era quem realmente mandava - não teria logrado êxito na sua empreitada. A decisão se deveu, também, ao cardeal Mendonça, chamado o 3º rei, a milionário Santangel, a Gabriel Sanchez e ao legado papal, Alexandre Geraldini, seu compatriota e amigo legal. Estes quatro homens foram a verdadeira instância favorável a Colombo, junto à rainha. No mais, o navegador só encontrou entraves, ignorância, insensibilidade e desdêns.

E, para cúmulo de todas as contrariedades, dos obstáculos verdadeiros e da luta contra os paradigmas próximos e perceptíveis, ainda teve que enfrentar este fantasma terrível: O DESCÔNHECIDO. O Atlântico era o Mar Tenebroso, onde se entrava e donde não se retornava. Além do que chamamos hoje Gibraltar, e antes Colunas de Hércules, era o mistério, o sumidouro medonho, um mundo povoado de insídias que as credices criaram e os aventureiros alimentavam. Mas a fé teimosa de Colombo queria enfrentar tais incertezas, como ele enfrentou os sábios de Salamanca, segundo os quais o mundo era reto e chato e terminava num abismo onde monstros metuendos devoravam caravelas como quem engole casquinhas de sorvete.

As abusões, aliás, vinham até do insigne ARISTÓTELES e do não menos notório Santo AGOSTINHO e passaram por viajantes famosos, como MARCO POLO, MANDEVILLE, PIGAFFETA e nosso adorável FERNÃO MENDES PINTO. Desde PLÍNIO, o Velho, se falava de aves ornadas de belas dentaduras; de ovelhas que concebiam leões e éguas que eram fecundadas pelo vento... Numa viagem como a de Colombo, era bem possível ter que enfrentar dragões que vomitavam fogo, serpentes de dezenas de metros, baleias de meio quilômetro de comprimento, capazes de tragar cem marinheiros numa vez! Eram prodígios de meter medo e horror! Alguns fenômenos eram menos mortais, mas não deixavam de ser assustadores e de aumentar as desconfianças provocadas pelo inusitado. Aves que voavam tão alto, que os ovos ao caírem, acabavam sendo chocados no longo percurso... Homens de pés tão grandes que lhes serviam de cobertura, quando virados para cima... Formigas do tamanho de cães e que devoravam uma pessoa num minuto... A Manticora tinha cara de homem, olhos de cabra, corpo de leão e cauda de escorpião... A hidra deixava-se engolir pelo crocodilo, para mais facilmente devorá-lo de dentro para fora... Os monstros eram tão estranhos, como os seus nomes. JÚLIO SALINO (230 a.C.) na sua "COLECTANEA RERUM MEMORABILIUM", nos fala de gigantes e pigmeus, arimáspis, cinocéfalos e fénixs, gimnofistas e ciapôdos, blêmios de olhos no peito, e por aí a fora... (Ápud GUILLERMO CIUCI, in "Viajantes do Maravilhoso". Cia. das Letras. São Paulo, 1992).

E Colombo enfrentou tudo isso - e até mesmo alucinações, pois não foi ele mesmo quem sustentou ter visto belíssimas sereias?...

Mas o homem era inflexível, o que não impediu de ser também muito infeliz, e numa

das viagens chegou acorrentado à Espanha. Não que fosse um poço de virtudes. Tinha imensos defeitos, como a sede insaciável de poder e o fascínio da riqueza, o que, todavia, não era feito somente seu, ao tempo dos grandes conquistadores de mundos. Mas foi, inegavelmente, um herói sofrido - e talvez tivesse razão o conde francês, ROSELLY DE LORGUES que, em 1892, pediu ao Papa LEÃO XIII a canonização do navegador, que passaria a ser SÃO COLOMBO, na agiologia cristã - e tudo isso porque, segundo a Ordem dos Cavaleiros de Colombo, então criada, o propósito declarado do descobridor era "converter os índios ateus à nossa santa fé", e voltar com o ouro suficiente para financiar o resgate da Terra Santa, em poder dos Muçulmanos.

O genovês foi um valente e um idealista determinado, e sempre teve uma saída pronta para seus opositores, simbolizada no episódio do "ovo de Colombo", o qual, se realmente aconteceu, foi bem depois, tendo sido contado pela primeira vez, 80 anos depois, por GIORGIO VASARI, tendo como protagonista o arquiteto BRUNELLESCHI. Quando lhe chamavam de charlatão e iletrado, respondia com as palavras de S. MATEUS, da sua Bíblia: "Senhor, escondestes essas coisas aos doutos e as revelastes aos ignorantes".

Injustiçado, até o seu nome à América lhe foi negado, embora ninguém mais do que ele o merecesse. Este fato é ao mesmo tempo um equívoco monumental e o produto de azares quase inevitáveis. Mas, acima de tudo, é mais uma injustiça a Colombo. Aí, quem levou vantagem foi AMÉRICO VESPÚCIO, que nada teve com a descoberta e ganhou o prêmio imerecido, a ponto de o distinto EMERSON ter escrito com exagero, mas com certa justeza, que "é estranho que a grande América tenha de usar o nome de um ladrão (...). AMÉRICO VESPÚCIO - continua o filósofo - o negociante de "pickles" de Sevilha, (...) cujo posto naval mais elevado foi o de contra-mestre de uma expedição que nunca navegou, conseguiu neste mundo mentiroso suplantar Colombo e batizar metade da terra com seu próprio e desonesto nome". (Apud "Os Conquistadores", p. 230).

Mas o que RALPH WALDO EMERSON não disse foi que o erro não se deveu a AMÉRICO VESPÚCIO, como já o demonstrara o grande ALEXANDRE von HUMBOLDT. O autor da descortesia e do descalabro histórico foi MARTIN WALDSEEMULER (1470-1518), clérigo e tipógrafo de Friburg, que pretendia lançar uma nova edição da "Geografia" de PTOLOMEU - plano abandonado com o lançamento de um pequeno livro - a COSMOGRAPHIAE INTRODUCTIO, onde entre outros dados vinha uma divisão das partes do mundo, com a inclusão, de uma quarta, além de Europa, Ásia e África. O trecho nevrálgico da obra é o seguinte: "... Ora, essas partes da Terra (Europa, África e Ásia) foram mais extensivamente exploradas, e uma quarta parte foi descoberta por AMÉRICO VESPÚCIO. Na medida em que tanto a Europa como a Ásia receberam nomes de mulheres, não vejo nenhuma razão para alguém justamente se opor a chamar essa parte de "Ameri-ge" (do grego "ge", que significa "terra de" - isto é, terra de AMÉRICO, ou AMÉRICA, derivado de AMÉRICO, o seu descobridor..." (OS DESCOBRIDORES", p. 237.).

O livrinho é de 1505 e, desde então, a impropriedade e inexatidão permaneceram, apesar de, mais tarde, o próprio WALDSEEMULER haver reconhecido o engano e mudado de idéia. Trinta anos depois, entretanto, o famoso GERARDUS MERCATOR (1512-1544), quando publicou o pai dos mapas modernos, em 1538, onde pela primeira vez se falou de AMÉRICA DO NORTE e AMÉRICA DO SUL, persistiu no desacerto e o consagrou definitivamente. Quando da incorreção aqui assinalada, na verdade, somente BARTOLOMÉ DE LAS CASAS condenou a nova nomenclatura, sustentando que a terra descoberta devia "por razões morais ser chamada de COLUMBA".

O caso serve para avaliar a precariedade dos meios de informação daquele tempo e, por outro lado, para representar a má sorte de Colombo, que já ficara esquecido, quatro décadas depois do seu feito extraordinário.

Mas não pára aí a trágica demolição do grande navegador.

AGORA mesmo quer-se revirar tudo, e se armou uma briga infernal, em torno da ética do descobrimento e até mesmo da designação do acontecimento, de permeio com outras elocubrações que nos parecem extremamente pueris e destinadas a por no comércio histórico palavras ocas e idéias mais ou menos vazias.

Primeiramente, apreciemos a batalha das designações do fato histórico que aprendemos a ver como "descoberta" da América, como também "descoberta" do Brasil, e outras infinitudes de "descobertas". Pois bem, já agora não seria mais "descoberta", mas apenas "conquista" cruelíssima e massacre puro e simples das indefesas e pacíficas populações ameríndias. Porém, obtemperam outros: não foi descoberta ou conquista, mas "encontro de povos" e, por último, nem de "encontros" se trata, mas, isto sim, de "invenção", como quer CARLOS FUENTES, o grande escritor mexicano, inspirado na linha histórico-

gráfica de EDUARDO OCORNA. De acordo com esta óptica, Colombo teve que "inventar" um mundo que, na realidade não encontrou, para continuar a merecer os favores dos seus amos reais - e essa "invenção" avançou tanto que, além de proclamar riquezas fabulosas, ainda apontou para a existência de, nada menos, que o Paraíso Terrestre, situado nas novas terras que, assim, realizavam o sonho dourado da Utopia, sempre perseguida pela já exausta e limitada Idade Média. Parece, contudo, que os partidários da "invenção", algo abstrata e simplista, se esquecem de que sua concepção, se choca com o fato concreto das revelações do Novo Mundo e que houve mesmo foi encontro, conquista e descobertas, que resultaram num dos grandes acontecimentos da história humana, num feito que em si mesmo anunciou o advento da Idade Moderna e a unidade geográfica do planeta.

Quanto a ter sido a descoberta e o encontro, e até a invenção, uma crônica de horrores contra o indígena, é preciso que se leve em conta que sem desconsiderar a violência - também se assinalem os aspectos positivos dos fatos - positivos, no sentido do útil e também do real. Que houve excessos, é de toda a evidência - mas é também evidente que não se conquista sem avançar sobre a resistência do conquistado e que, no caso da América, temos que ter em vista o espírito da época, e não nossa pura capacidade atual de refletir e julgar os aspectos morais dos eventos passados.

Criou-se, por parte de alguns, já ao tempo de Colombo, tendo à frente LAS CASAS, a chamada Legenda Negra, ou seja, a transformação da história descoberta em fato inteiramente negativo, do ponto de vista de um processo civilizatório ético. A descoberta seria pura e simplesmente a crônica da chacina sistemática dos povos originários deste continente. A Legenda Negra, segundo o doutíssimo JULIAN MARIAS, "consiste em que, partindo-se de um ponto concreto, que podemos supor certo, estende-se a condenação e desqualificação a todo o país, sua história, incluindo a futura". E o escritor argentino e erudito, ERNESTO SÁBATO, afirma: "Essa Legenda Negra, foi criada pelas nações que aspiravam a suplantam o mais moderno império da época, entre elas a Inglaterra, que cometeu, no mundo inteiro, atrocidades tão graves quanto às espanholas, e ainda agravadas pelo seu clássico racismo" (Apud "Palavra", agosto-setembro, 1992, pgs.25-27.). Recentemente a legenda adquiriu alento, especialmente insuflado pelos movimentos ecológicos e de revivescência da "volta à natureza".

Para KIRKPATRIK SALE, no "A Conquista do Paraíso", Colombo foi um intruso entre os nativos das Bahamas que viviam - como o nobre selvagem de ROUSSEAU - num edílico estado natural. Já HANS KONING, em o "Colombo" - o mito desvendado", diz que "é quase obsceno festejar o homem que, de fato, sob o ponto de vista indígena, era pior que Átila".

Os judeus, também, vêem poucos motivos para comemorar o Almirante, alegando que sua viagem coincidiu com a expulsão deles pela Inquisição espanhola. Porém, mais interessante é a alegação das feministas, para amaldiçoarem Colombo: criticam-no por não haver levado mulheres em suas quatro viagens e por permitir que suas tripulações se deixassem seduzir pelas belezas indígenas...

A crueldade era, na época, a marca comum do poder, entre as nações européias, e também entre as grandes nações indígenas, que não se caracterizavam propriamente por sua nobreza, no tratamento com os estranhos. No México, os primitivos Chichimecas e Otomies, foram dizimados pelos Anávacs e estes pelos Mexicanos. Em 1555, o franciscano TORÍBIO MOTOLÍNIA, em carta a CARLOS V, dizia que ABICOCI, antecessor de MOTEZUMA, só num sacrifício, fez morrerem, durante 4 dias, 85.000 homens, diante dos seus ídolos. Os Maias eram guerreiros impenitentes, torturando, decapitando e saqueando os seus vizinhos, e sua extinção é atribuída, precisamente, à devastação florestal, que acabou com sua agricultura de sobrevivência. Os Astecas também eram bárbaros, que arrastavam seus prisioneiros até a grande pirâmide para arrancar-lhes, ao vivo, os corações palpantes. Vários dos nossos índios da bacia amazônica eram canibais, viviam em guerras permanentes, se espoliavam e praticavam a escravidão. Ainda na década de 30, ali no vale do Araguaia, os Carajá, além de se matarem, acabaram com os Cherente e Tapirapé, enquanto eram caçados pelos Chavantes... E as mulheres indígenas? - Sempre foram escravas de tração, bestas de carga.

É claro que tudo isto não justifica a matança infligida às populações nativas, desde a descoberta - mas dá a medida da arbitrariedade com que o assunto é tratado. É falso que os ameríndios viviam uma vida paradisíaca. Ao contrário, normalmente destruíam-se uns aos outros, numa guerra permanente, onde a atrocidade sempre esteve presente.

DIAS atrás, o eminente ROQUE SPENCER MACIEL DE BARROS ("Jornal da Tarde", 5.

9.92.pg.3) assinalava certa tendência, especialmente encontrada nas chamadas esquerdas, para ver a História com uma espécie de desencanto. "Desencanto com a civilização e com a História, que se pode perceber nos movimentos de contestação do mundo moderno, tal como este se tornou, e que, nos anos setenta, desaguaria em ondas de protesto, em geral, ou em decididas rejeições do modo de vida civilizado, do conforto e da higiene, à moda, por exemplo, dos hippies".

São certas formas de totalitarismo evidente. Totalitarismo da própria ética e esse novo e assanhado totalitarismo da Ecologia, mandando-nos regressar ao seio da Mãe Natureza, e que retoma o culto do Bom Selvagem. E, daí, a condenação da civilização, que teria massacrado os índios e terminado com a vida edênica dos mesmos.

E é ainda o mesmo pensador patricio que identifica entre nós um novo indianismo, filho dileto do totalitarismo ecológico, que o transforma Colombo e os descobridores - uma saga que conduziu o Novo Mundo a ingressar na Civilização e na História - em bandidos e réprobos, sem qualquer consideração.

Aliás, essa querela, a bem dizer - como já referimos - teve início ainda nos dias próximos da descoberta, opondo humanitarismo e política global. De um lado, se procurou atacar os métodos violentos da colonização e doutro lado se buscou justificar os fatos, como situações inevitáveis, graças ao caráter dos governantes e dos homens daquele tempo. Resumindo a polémica, que então se estabeleceu, pode-se colocar em posições conflitantes o frei BARTOLOMÉ DE LAS CASAS e os historiadores OVIDEO e GÓMORA.

DE LAS CASAS viveu de 1474 a 1566. Foi, pois, contemporâneo de Colombo e personagem diretamente implicado na colonização, como também o serão OVIDEIO e GÓMORA. Bartolomé tinha 18 anos, quando da descoberta. Em nome da teologia atacou duramente o procedimento dos espanhóis, em relação à conquista e foi o criador da famígera Legenda Negra, a que já fizemos referência. Armado da sua radical paixão caritativa, LAS CASAS propugnava por "uma conquista cristã, e ao fazê-lo, defendia os direitos dos índios e negava aos espanhóis tudo o que se afastasse do seu dever de cristianizá-los. No fundo de toda a obra de LAS CASAS existe uma aspiração ao justo, como ideal que exige a contínua revisão e crítica do justo como humana possibilidade" (ESTEVE BARBA, Op. Cita. p.76). Todavia, o mesmo LAS CASAS predicou a escravidão dos negros!

Em confronto com LAS CASAS está GONZALO FERNANDEZ DE OVIDEO, o maior historiador espanhol da época, além de notável naturalista e etnólogo. Estava com 14 anos, quando Colombo fez a sua primeira viagem e teve papel relevantíssimo na colonização. Opôs-se à Legenda Negra, pondo em relevo as inclinações viciosas dos indígenas, como a sodomia, a antropofagia e os sacrifícios humanos.

Porém o mais decidido defensor da descoberta foi o frade FRANCISCO LOPEZ DE GÓMORA, nascido em 1511, cinco anos depois da morte de Colombo e quando já estava em plena atividade missionária o padre LAS CASAS; para GÓMORA a maior coisa depois da criação do mundo e da encarnação e morte de Cristo foi a descoberta da América.

...

É claro que não se podem opor restrições às razões humanitárias de LAS CASAS, desde que as relativizemos. Ele postulava três princípios que deveriam nortear a conduta dos colonizadores, dois dos quais são irrepreensíveis e têm valor permanente:

1º, sustentava que todas as sociedades são compostas de seres humanos, sendo os índios dessa espécie de seres;

2º, que a conquista espanhola, para evangelização dos índios, deveria ser feita pela doçura e pela persuasão.

Já o 3º princípio não encontra respaldo na realidade histórica. Com efeito, LAS CASAS exigia que a Espanha, ao conquistar novas terras, teria que fazê-lo como missão evangelizadora, com o propósito de levar o Cristianismo aos índios.

Ora, é evidente que tal pretensão - se até se justifica do ponto de vista da pura caridade cristã - não tem a mínima possibilidade de ser levada a cabo, diante do que sempre foi (e será) a história da humanidade.

Seria quase absurdo pensar que FERNANDO e ISABEL (apesar de muito devotos), ou depois, e sobretudo, CARLOS V e seus sucessores, iriam contentar-se em colonizar as Américas para exclusivamente cristianizar os aborígenes!

A verdade é outra: a colonização, em qualquer tempo, sob qualquer forma, sempre foi conquista muito mais de riquezas e poder, do que de homens, sejam índios ou outros quaisquer.

Não adianta brigar com a História, especialmente quando ela já aconteceu. O mais que se pode fazer, é tomá-la como exemplo, como aquela Mestra, de que fala CÍCERO,

para não repetir descaminhos que constituem nódoas nas páginas dos acontecimentos. E querer julgar, com as medidas de hoje, os fatos de 1500, é o mesmo que tentar fazer-nos usar roletas de madeira, em vez de rodas de metal ou fechar os gabinetes da Física, porque esta ciência inventou a bomba atômica.

Já dizia o recentemente falecido sábio, MIRCÊA ELÍADE, que "o homem, enquanto ser histórico, concreto, autêntico, é situado. Sua existência concretiza-se na História, no tempo, no seu tempo" (in "Imagens e Símbolos". Martins Fontes. S.Paulo.1991.p.28). Pretender que os fatos sejam julgados, não no mundo em que se deram, mas com base nos valores que hoje o mundo liberal alega praticar, é quase uma insensatez. Não há como julgar a descoberta pelos padrões atuais, pois, em muitíssimos sentidos a perspectiva do século XV, é tão distante e diferente da nossa, quando aquela do Império Romano. Em vez de julgar, agora, a descoberta, temos é que configurá-la no quadro histórico do seu tempo.

...

DEPOIS, pode ser feita a pergunta incômoda: será que temos alguma autoridade moral, para profligar os espanhóis do tempo da descoberta e da conquista? Será que os autores das duas últimas guerras e das milhares de guerras intermediárias e das que estão acontecendo, podem lançar a primeira pedra sobre alguma personagem ou fato menos abonador da História? Têm os protagonistas do Holocausto, da Indochina, do Laos e do Vietnã, alguma isenção para condenar massacres e hecatombes? Que dizer do **aparteid**, dos extermínios, por omissão, de Biafra, da Etiópia, da Somália? E os expurgos estanilistas e a coletivização da agricultura na Rússia? E as recentíssimas guerras das Malvinas, do Golfo? E a Bósnia?

Ora, sejamos sensatos e não levantemos a mão, para esbofetear Colombo, porque ela pode cair podre, na mesma abjeção que pretende condenar!

Razão para o novel historiador paraguaio, HELIO VERA, que recentemente escreveu: "Em 1.492 começou um novo modelo de civilização, cuja influência, da arte à gastronomia, se projetou sobre todo o gênero humano. Sem excluir suas sombras, um alto ideal de justiça foi também parte dessa empresa (...). Sem esse ideal de justiça não se explicam muitos marcos da história americana(...). Por isso será legítima a liturgia do Quinto Centenário, e também legítima a derrubada da retórica que havia sepultado o fato fundamental: sobre os apetites dos soldados e os interesses das nações, houve também, como nunca no passado, altos e formosos sonhos, que merecem ser enaltecidos" ("Caderno de Sábado", **Jornal da Tarde**, 25.07.92).

Cuiabá, 21 de outubro de 1992.

JOÃO ANTÔNIO NETO

ANTE A QUEIMADA

MARIA DE ARRUDA MULLER

Em julho, a mata toma a cor dolente
da ágata sombria e misteriosa.
Sua vida intensa torna-se latente,
desde que falta a chuva generosa.

A macega ontem verde, perfilada,
quais colunas de pórfiro e metal,
dobra-se triste, desclorofilada,
espectro da ardente vida vegetal.

O chão tão ressequido, atormentado,
nos meses de verão impiedoso,
desfaz-se em leve pó, imponderado,
que o vento remoinha, descuidoso.

Escuta-se uma súplica, um lamento,
até as entranhas profundas do solo...
De sede ou angústia, martírio incruento,
a mata e os seres pungem sem consolo.

Nessa fase aflitiva, dolorosa,
em esgares de monstro, estralejando,
os ramos contorcendo, pavorosa,
a queimada este horror vem sublimando

sobre a macega, como um mar de fogo,
num gesto doido, impetuoso, pando,
mordendo os galhos nus, em desafogo,
qual se do Apocalipse escapando.

O calor traz a flux toda a humildade
que a terra guarda sob os seus arcanos
e em consequência a exala. Mas o que há-de
produzir este mal, anos e anos?

Tornará a terra sáfara e calvosa,
também nas cinzas levará o vento,
para dotar região mais venturosa
do rico húmus, que hoje é o seu alento.

Terra! Gleba fecunda! Tanto susto
sinto e estremeço ao ver-te comburida,
presa das chamas, como o solo adusto
da Líbia pelo atroz simum despida.

Crianças! Homens de amanhã! Ouvi:
transmitam-vos meus versos esta dor
da terra castigada, que senti,
clamai para cessar tamanho horror!

AML mantém stands de obras de autores mato-grossenses

A Academia Mato-grossense de Letras, na sua sede à Rua Barão de Melgaço, nº 3.869, em Cuiabá-MT, mantém vários *stands* para exposição e vendagem de valiosas e numerosas obras de autores mato-grossenses.

Os interessados na aquisição desses livros poderão fazê-lo no local por preços reduzidos, bem abaixo dos praticados no mercado, exornando-se ainda com o mérito da participação na tarefa nobilitante de apoio à Casa Barão de Melgaço - o mais importante templo da cultura e das letras neste Estado.

AMJ mantém stands de obras de autores Mato-grossenses

A Academia Mato-grossense de Letras, na sua sede a Rua Paraná de Melgaço, nº 3.589, em Curitiba-MT, mantém vários stands para exposições e venda de obras de autores Mato-grossenses.

Os interessados na aquisição dessas obras poderão fazê-lo no local, por preços reduzidos, bem como nos pontos de venda, bem como em outras cidades do Estado. Exatamente no mês de maio, a Academia de Letras de Melgaço - o mais importante templo da cultura e das letras deste Estado.

 **GRÁFICA** 
GENUS

Sempre causando boa impressão